

Celda Maria Gonçalves Morgado Choupina

Regência, transitividade e intransitividade: noções e critérios

Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE

Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em *Linguística*, realizada sob orientação da Professora Doutora Ana Maria Brito.

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2013

Ao Raul,
Ao João Pedro,
Ao Messias
e
Aos meus pais.

O sonho do Pai Natal. O Pai Natal *sonhou um sonho* lindo, tão lindo que não queria acordar. (*corpus: v100; c768*)

Tipo eu *joguei um jogo* e ele não foi adicionado aos meus rankings... (*corpus: v44; c512*)

De repente ele viu-a e *acenou um aceno* de amigo. Mas não era amizade que ela sentia por ele. (*corpus: v1; c4*)

Curiosamente, quando regressava a casa depois de um longo passeio o meu nariz *cheirou um cheiro* que lembrou de quando era pequena... (*corpus: v17; c268*)

Agradecimentos

Caminhar um caminho longo não é tarefa fácil, mas *amanhecer uma manhã diferente* ainda se reveste de maior complexidade. Assim, o trabalho que a seguir se apresenta, bem como o trilhar da *caminhada* e o alcançar a *manhã* não seriam, com certeza, os mesmos se não tivesse podido contar com a colaboração e o incentivo de especialistas da Linguística, de amigos e familiares. Como tal, este é o momento de expressar os meus profundos agradecimentos a todos os que de forma direta ou indireta me ajudaram a crescer científica e profissionalmente, a *pensar um pensamento* melhor e a *desenhar o desenho*.

Não posso iniciar estes agradecimentos sem referir, em primeiro lugar, a Professora Doutora Ana Maria Brito, uma docente exímia, uma investigadora ativa e apaixonada a quem devo, desde muito cedo, o meu fascínio pela Linguística e, em particular, a afeição pela Sintaxe. Em todos os momentos deste processo, a Doutora Ana Maria revelou-se uma orientadora singular, o que se traduziu na elevada competência da orientação prestada, sempre presente e disponível, de grande frontalidade e rigor científico e profissional. À Doutora Ana Maria devo ainda um agradecimento especial pela leitura crítica e exaustiva dos meus textos, verdadeiras “maratonas”, pela sinceridade e clareza das sugestões daí decorrentes, pelos nossos imediatos encontros e pelas empolgantes conversas sintáticas.

Agradeço igualmente a todos os docentes da Faculdade de Letras que têm sido corresponsáveis pela minha formação académica e profissional, em particular aos que me acompanharam nos seminários de doutoramento.

Alguns amigos especiais têm e tiveram também um lugar importante no desenvolvimento desta dissertação e na minha vida. Agradeço à Adriana Baptista, grande amiga e colega, por sempre ter acreditado em mim e me ter apoiado, o que passou por um forte incentivo à participação em congressos e em encontros científicos, pela leitura atenta e crítica de alguns textos deste trabalho, bem como pelos conselhos, sempre imprescindíveis, transmitidos ao longo da elaboração desta tese. Agradeço igualmente à minha companheira de aventuras luso-timorenses Isabel Ribeiro, grande amiga, a quem devo muito do estímulo para o avanço e remate deste trabalho, quer na leitura de literatura em Inglês, quer na indispensável ajuda no momento final de revisão dos textos da tese. Agradeço também ao José António Costa, amigo e colega, por ser um dos interlocutores principais das minhas reflexões sobre os tipos de objetos cognatos e os meus, muito

comprometidos, por vezes, juízos de gramaticalidade, assim como pela discussão de diversos temas de Linguística Descritiva. A sua imprescindível colaboração na tradução de vários textos e resumos para Francês merece, também, o meu profundo agradecimento. Agradeço à colega Joana Querido pela sua constante disponibilidade, que se traduziu na coleção de algumas disciplinas e no auxílio prestado, numa primeira fase, na organização da bibliografia geral da presente dissertação e de alguns dados dos anexos. Agradeço, ainda, à minha amiga Carla Guedes pelo companheirismo durante os anos do Curso de Doutoramento e ao arquiteto Gil Maia pelos interessantes conselhos gráficos dados.

Terminar estes agradecimentos sem referir aqueles que me acompanharam dia e noite, desde o início deste e de outros percursos seria, no mínimo, muito injusto. Ao Raul, o mais novinho, agradeço a sua “pequenina paciência”, a quem devo algumas horas de brincadeira e de leitura. Ao João Pedro, o mais velho, agradeço a “grande paciência” e a compreensão pelo adiamento constante do apoio, que lhe era devido, na preparação das tarefas escolares; a responsabilidade demonstrada, tanto no cumprimento de horários como no acompanhamento prestado ao irmão nas tarefas extraescolares tornou-se numa colaboração preciosa. Ao Messias, companheiro de todos os momentos, de uma inesgotável paciência e compreensão, dirijo um agradecimento sentido pelo encorajamento e força transmitidos ao longo de todo este processo, apesar da privação constante de fins-de-semana, de férias e do adiar sistemático de planos de lazer. A atenção dispensada, e que passou pelo acompanhamento, tantas vezes em períodos inoportunos, a encontros, congressos e a outras atividades de caráter científico-profissional, revelou-se determinante na concretização deste projeto.

Não quero terminar esta página sem dedicar uma palavra de carinho aos meus Pais e Irmã, a quem agradeço a compreensão pelo apoio prestado em alguns dias de “férias atribulados”. À minha Irmã e família, o meu agradecimento estende-se à forma calorosa como receberam o Raul e o João Pedro durante as férias escolares e a afeição que imprimiram em todos os momentos passados.

Agradeço ao Instituto Politécnico do Porto e à Escola Superior de Educação a bolsa para despesas com propinas que me foi concedida nos últimos dois anos do Curso, ao abrigo do Programa de Formação Avançada de Docentes 2012/2013.

Termino reforçando o quão agradável é *dobrar uma dobra* sobre a outra e *sentir um sentimento agradável...*

Índice

Lista de Quadros	iv
Lista de Tabelas	v
Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos.....	vii
Resumo	ix
Abstract.....	x
Résumé.....	xi

Introdução	13
1. Apresentação geral	15
2. Objeto de estudo e objetivos	17
3. Motivação para o estudo	19
4. Estrutura interna da dissertação.....	28

Capítulo I	31
-------------------------	-----------

Regência, transitividade e intransitividade: da gramática tradicional ao funcionalismo do século XX	31
1. Considerações introdutórias.....	33
2. Dos latinos às gramáticas tradicionais	35
3. Outras abordagens de transitividade	40
3.1. Gramática de Valências	40
3.2. Visão funcionalista: a transitividade como <i>continuum</i>	41
4. Síntese do capítulo	49

Capítulo II	51
--------------------------	-----------

Modelos formais de abordagem das estruturas argumental e eventiva dos predicados verbais	51
1. Considerações introdutórias.....	53
2. Modelos formais na abordagem das estruturas argumental e eventiva.....	54
2.1. Modelos lexicalistas.....	54
2.1.1. Chomsky (1965, 1970, 1981, 1982).....	54

2.1.2. Pustejovsky (1995)	60
2.1.3. Hale & Keyser (1993, 1997).....	63
2.1.4. Chomsky (1995, 2000)	68
2.1.5. Hale & Keyser (2002).....	72
2.2. Modelos não-lexicalistas	77
2.2.1. Morfologia Distribuída.....	77
2.3. Modelos intermédios	80
2.3.1. Reinhart & Siloni (2003).....	80
3. Síntese do Capítulo.....	82
Capítulo III	85
Os objetos cognatos na literatura fundamental	85
1. Considerações introdutórias	87
2. Tratamentos principais dos objetos cognatos	88
2.1. Vilela (1992)	88
2.2. Hale & Keyser (1993, 2002)	91
2.3. Ramchand (2008)	94
2.4. Gallego (2008, 2012).....	99
2.5. Real-Puigdollers (2008)	102
2.6. Haugen (2008, 2009).....	105
3. Tipos de OC considerados na literatura	107
4. Síntese de testes/critérios sintático-semânticos aplicados aos OC.....	111
5. Estatuto argumental/não argumental dos OC	116
5.1. Objetos cognatos como adjuntos.....	117
5.2. Objetos cognatos como argumentos.....	121
5.3. Diferente estatuto argumental para diferentes tipos de objetos cognatos	123
6. Síntese do Capítulo.....	128
Capítulo IV	131
Propriedades sintático-semânticas dos objetos cognatos em Português Europeu ..	131
1. Considerações introdutórias	133
2. Constituição e organização do <i>corpus</i>	135
2.1. Metodologia para a recolha e organização do <i>corpus</i>	135

2.2. Critérios linguísticos de base à recolha.....	141
3. Organização, análise e discussão dos dados.....	142
3.1. Contextos específicos de ocorrência.....	142
3.2. Tipos de verbos que admitem objeto cognato.....	145
3.3. Distribuição dos objetos cognatos na frase.....	149
3.4. Categoria do sintagma cognato.....	155
3.5. Determinação.....	155
3.6. Modificação.....	157
3.7. Natureza da relação V-N.....	159
3.8. Síntese da secção.....	162
4. Para uma proposta de tipologia de construções cognatas e hipónimas.....	164
5. Propriedades sintático-semânticas das construções cognatas e hipónimas.....	171
5.1. Os objetos cognatos verdadeiros.....	171
5.2. Os objetos cognatos aparentados e os objetos hipónimos.....	187
5.3. Os OC preposicionais e outros tipos de objetos.....	197
5.4. Os objetos cognatos predicativos.....	205
5.5. Os objetos cognatos e outras construções.....	211
5.6. Síntese da secção.....	212
6. Os objetos cognatos e as expressões lexicalizadas.....	215
7. Análise sintática das construções cognatas e hipónimas.....	221
7.1. Proposta de análise sintática dos objetos cognatos verdadeiros.....	232
7.2. Proposta de análise sintática dos OC aparentados e dos OH.....	249
8. Síntese do capítulo.....	252
Conclusão Geral.....	257
Bibliografia.....	267
Anexos.....	283
Anexo I - Classificações sintática e semântica dos verbos do <i>corpus</i>	285
Anexo II – Lista total das construções.....	288

Lista de Quadros

Capítulo I

Quadro I – Componentes da transitividade apontadas por Hopper & Thompson (1980)

Quadro II – Propriedades determinantes dos objetos (não)individualizados

Capítulo IV

Quadro I – Lista de pares V + N cognato pesquisados

Quadro II – Exemplos de instruções específicas dadas aos motores de busca

Quadro III – Lista de pares V + N sem exemplos no *corpus*

Quadro IV – Pares de V - N que admitem expressões nominais cognatas em aposição

Quadro V – Distribuição dos verbos por tipo de relação V-N

Quadro VI – Propriedades e/ou critérios distintivos dos OC verdadeiros em PE

Quadro VII – Propriedades típicas e/ou critérios distintivos dos OC aparentados e dos OH

Quadro VIII – Propriedades dos vários objetos preposicionais com os verbos *morrer* e *caminhar*

Quadro IX – Construções com objetos cognatos predicativos

Quadro X – Exemplos de OC aparentados com o verbo *sonhar*

Quadro XI – Exemplos de expressões lexicalizadas e/ou variações em PE

Quadro XII – Propriedades e/ou critérios distintivos dos diferentes tipos de objetos analisados

Conclusão geral

Quadro I – Síntese das principais propriedades dos diferentes tipos de construções cognatas e hipónimas

Lista de Tabelas

Capítulo III

Tabela 1 - Testes sintático-semânticos aplicados por Massam (1990)

Capítulo IV

Tabela 1 - Comparação dos dados obtidos nas duas fases de recolha

Tabela 2 - Frequência de ocorrências das construções por contextos específicos de ocorrência

Tabela 3 - Frequência de ocorrências das construções por classe semântica do verbo

Tabela 4 - Frequência de ocorrências das construções por tipo sintático de verbo

Tabela 5 - Frequência de ocorrências das construções nos verbos inergativos, semanticamente de atividade/reação corporal

Tabela 6 - Frequência e percentagem de ocorrências das construções nos 10 verbos com frequência superior

Tabela 7 - Frequência e percentagem de ocorrências das construções por tipo de distribuição

Tabela 8 - Frequência de ocorrências das construções por tipos de distribuição e por tipos de verbo

Tabela 9 - Frequência e percentagem de ocorrências das construções por categoria do sintagma cognato

Tabela 10 - Frequência e percentagem de ocorrências das construções por tipo de determinante

Tabela 11 - Frequência de ocorrências de tipos de determinantes por tipos de verbos

Tabela 12 - Frequência de ocorrências das construções por tipos de modificador

Tabela 13 – Frequência de ocorrências das construções por tipos de determinante e por tipos de modificador

Tabela 14- Frequência e percentagem de ocorrências das construções por tipos de relação V – N

Tabela 15 - Frequência de ocorrências de OC verdadeiros nos 12 verbos com frequência superior

Tabela 16 - Frequência de ocorrências de OC verdadeiros nos 12 verbos com frequência inferior

Tabela 17- Frequência de ocorrências de OC aparentados nos 10 verbos com frequência superior

Tabela 18 - Frequência de ocorrências de OC aparentados nos 10 verbos com frequência inferior

Tabela 19 - Frequência de ocorrências de OC com o verbo *cantar*

Tabela 20 – Frequência de ocorrências de objetos preposicionais nos verbos do *corpus*

Tabela 21 – Frequência de ocorrências de OC de tipo predicativo por verbo

Tabela 22 – Frequência da ocorrência dos diferentes tipos de construções no *corpus*

Tabela 23 – Frequência de ocorrências de expressões lexicalizadas por verbo

Lista de abreviaturas, siglas e acrónimos

A – adjetivo	N – nome
AgrO – concordância de objeto	N _{cog} – nome cognato
AgrOP – sintagma concordância de objeto	OC – objeto cognato
AgrS – concordância de sujeito	OD – objeto direto
AgrSP – sintagma concordância de sujeito	OH – objeto hipónimo
A-P sistema Articulatorio - Percetual	OI – objeto indireto
Asp - aspeto	OR – oração relativa
C – complementador	P – preposição
CCR – relação de coincidência central	PB – Português do Brasil
C-I – sistema Concetual-Intencional	PE – Português Europeu
D – determinante	PM – Programa Minimalista
def - definido	<i>p</i> -signature – matriz fonológica
E – espanhol	R e Root – raiz
Estrutura-P – estrutura sintática profunda	RootP – sintagma raiz
Estrutura-S – estrutura sintática de superfície	SA – sintagma adjetival (=AP)
F - Francês	SC – sintagma complementador (=CP)
FF – Forma Fonológica	SD – sintagma determinante (=DP)
FL – Forma Lógica	SFLEX – sintagma flexão
FLEX – flexão	SN – sintagma nominal (=NP)
GG – Gramática Generativa	Spec – especificador
GU – Gramática Universal	Sprep – sintagma preposicional (=PP)
I – Inglês	ST – sintagma tempo (=TP)
indef - indefinido	SV – sintagma verbal (=VP)
LCP – paradigma concetual lexical	T – tempo
LCS – estrutura lexical concetual	TCR – relação terminal de coincidência
LRS – estrutura lexical relacional	Trans – transitividade
<i>l-sintaxe</i> – sintaxe lexical	TransP – sintagma transitividade
MD – Morfologia Distribuída	V – verbo

V_{lev} – verbo leve

Voice – voz

VoiceP – sintagma voz

Resumo

Nesta dissertação são analisadas construções com objetos cognatos (OC) e objetos hipónimos (OH), em Português Europeu. Os OC formam uma família bastante alargada, sendo uns verdadeiros (*chorar – choro*) e outros aparentados (*cantar – cantiga*). Os OC são, tipicamente, um SN que surge na posição de um complemento direto, em adjacência verbal, podendo, em número mais reduzido, ser um Sprep (*morrer de uma morte...*). A presença de um determinante indefinido e de um modificador restritivo parece delimitar os tipos de OC; porém, diversos critérios e propriedades serão apresentados como evidências das diferenças entre eles.

Sendo as construções cognatas um tipo de construção que põe em causa as clássicas noções de transitividade/intransitividade, reflete-se sobre estas noções e a sua pertinência para a classificação dos verbos que acolhem os diferentes tipos de OC. Neste âmbito, faz-se uma apresentação de pontos centrais de alguns modelos formais no que se refere às estruturas argumental e eventiva dos predicadores verbais, percorrendo modelos lexicalistas (Chomsky, 1995; Pustejovsky, 1995; Hale & Keyser, 1993, 2002), não-lexicalistas, como a Morfologia Distribuída (Marantz, 1993, 1997; Harley & Noyer, 1999; Haugen, 2009), e modelos mistos (Reinhart & Siloni, 2003).

Além de se descreverem as propriedades sintático-semânticas dos OC e de se organizarem por tipos e subtipos, faz-se uma abordagem sintática de algumas dessas construções, no quadro da Morfologia Distribuída e de algumas ideias do Programa Minimalista. Dado que uma teoria estritamente lexicalista como a desenvolvida por Hale & Keyser (1993, 2002), para o Inglês, não permite dar conta de todas as particularidades levantadas pelas construções em PE, propôs-se uma análise que concilia os contributos de Haugen (2009), a propósito dos OC no Inglês e em línguas aglutinantes, de Marantz (1993) e de Alexiadou (2001, 2006), pela proposta de núcleos funcionais verbais, e a ideia de movimento por cópia (Chomsky, 1995). A inserção de raízes acategoriais, em núcleos terminais da sintaxe, que se fundem com morfemas funcionais categorizadores (Embick & Noyer, 2001) e que, por movimento por cópia, ascendem na estrutura sintática, a par da noção de inserção tardia, permite explicar algumas particularidades dos tipos de OC, nomeadamente a coindexação e a interpretação de evento dos OC verdadeiros.

Palavras-chave: verbos; transitividade; intransitividade; objetos cognatos; indefinidade; modificação; Morfologia Distribuída; movimento por cópia; núcleos funcionais verbais; raízes acategoriais; inserção tardia; coindexação; interpretação de evento do OC.

Abstract

In this dissertation we analyse constructions with cognate objects (CO) and hyponym objects (HO) in European Portuguese. The CO form a very extended family, being some of them true (*to cry – a cry*) and others similar ones (*to sing – a song*). The CO are typically a NP that occur in a direct object position, in verbal adjacency although they can appear as a PP (*to die of a death ...*). The presence of an indefinite determiner and of a restrictive modifier seems to limit the different types of OC. However, we'll present several criteria and properties as evidence of their differences.

The cognate constructions problematize the classical notions of transitivity / intransitivity; it is why we reflect on these concepts and their relevance for classification of verbs that receive the different types of CO. In this context, we'll present the central points of some formal models concerning the argument and event structures of verbal predicates, according to Lexicalist models (Chomsky,1995; Pustejovsky,1995; Hale & Keyser, 1993, 2002), non-lexicalist models – such as the Distributed Morphology (Marantz,1993,1997; Harley & Noyer,1999; Haugen, 2009), and mixed models (Reinhart & Shiloni, 2003).

Beyond the description of the syntactic-semantic properties of the CO as well as their organization into types and subtypes, we'll focus on a syntactic approach of some of these constructions, in the framework of the Distributed Morphology and of some ideas of the Minimalist Programme. Since a strictly lexicalist theory as the one of Hale & Keyser (1993, 2002) in English doesn't allow an answer for all the particularities raised by the constructions in EP, we propose an analysis that combines the principles of Haugen (2009), regarding the CO in English and in agglutinative languages, of Marantz (1993) and Alexiadou (2001, 2006), by proposing the verbal functional heads and the idea of movement by copy (Chomsky, 1995). The insertion of non-categorical roots in syntactic terminal heads that merge with categorizer functional morphemes (Embick & Noyer, 2001) and that, by movement by copy, comes up in the syntactic structure, along with the notion of late insertion, allows the explanation of some particularities of the CO types, namely the co-indexing and the event interpretation of the true CO.

Keywords: verbs; transitivity; intransitivity; cognate objects; definiteness; modification; Distributed Morphology; movement of copy; verbal functional heads; non-categorical roots; late insertion; co-indexing; event interpretation of the CO.

Résumé

Dans cette thèse on fait l'analyse des constructions avec des objets cognats (OC) et des objets hyponymes (OH), en portugais européen (PE). Les OC constituent une famille très étendue, les uns de vrais cognats (*chorar-choro* [pleurer-pleur]), les autres des cognats apparentés (*cantar-canção* [chanter-chanson]). Les OC sont typiquement un SN qui apparaît dans une position d'objet direct, en contiguïté verbale, et qui peut être, dans un nombre réduit de cas, un SPrep (*morrer de uma morte...* [mourir d'une morte...]). La présence d'un déterminant indéfini et d'un modificateur restrictif semble délimiter les types d'OC, mais plusieurs critères et propriétés seront présentés en tant que preuves des différences entre eux.

Les constructions cognates étant un type de construction qui remet en cause les notions classiques de transitivité/intransitivité, on mène une réflexion sur ces notions, ainsi que sur leur pertinence pour la classification des verbes qui reçoivent les différents types d'OC. À ce sujet, on propose une présentation des points de repère de certains modèles formels en ce qui concerne les structures argumentale et éventive des prédicateurs verbales, en parcourant les modèles lexicalistes (Chomsky, 1995; Pustejovsky, 1995; Hale & Keyser, 1993, 2002), non lexicalistes, tels que la Morphologie Distribuée (Marantz, 1993, 1997; Harley & Noyer, 1999; Haugen, 2009), et des modèles mixtes (Reinhart & Siloni, 2003).

Outre la description des propriétés syntaxiques et sémantiques des OC, en plus organisés par types et sous-types, on propose une approche syntaxique de certaines de ces constructions, dans le cadre de la Morphologie Distribuée et de quelques idées du Programme Minimaliste. Étant donné qu'une théorie strictement lexicaliste, telle que la proposition développée par Hale et Keyser (1993, 2002) pour l'anglais, ne permet pas de rendre compte de toutes les particularités soulevées par les constructions en PE, on propose une analyse qui combine les contributions de Haugen (2009), à propos des OC en anglais et dans des langues agglutinantes; de Marantz (1993) et Alexiadou (2001, 2006), à travers la proposition de noyaux fonctionnels verbaux; et l'idée de mouvement par copie (Chomsky, 1995). L'insertion de racines non catégorielles, dans des noyaux terminaux de la syntaxe, qui fusionnent avec des morphèmes catégorisateurs (Embick & Noyer, 2001) et qui, par le mouvement par copie, montent dans la structure syntaxique, de pair avec la notion d'insertion tardive, permet d'expliquer certaines particularités des types d'OC, notamment les cas de co-indexation et l'interprétation d'événement des vrais OC.

Mots-clés: verbes; transitivité; intransitivité; objets cognats; indéfinitude; modification; Morphologie Distribuée; mouvement par copie; noyaux fonctionnels verbaux; racines non catégorielles; insertion tardive; co-indexation; interprétation d'événement.

Introdução

1. Apresentação geral
2. Objeto de estudo e objetivos
3. Motivação para o estudo
4. Estrutura interna da dissertação

1. Apresentação geral

Inscrito no âmbito da Linguística Descritiva, este estudo apresenta uma análise sintática de construções com objetos cognatos (*chorar – choro; dormir – sono; cantar – canção; morrer – morte*), em Português Europeu.

O termo *cognação* (do Latim, *cognatio, -onis*, relação de parentesco pelo lado feminino; vínculo entre pessoas sujeitas ao mesmo *pater*), por extensão semântica, tem designado, no âmbito da Linguística, relações lexicais e morfológicas entre palavras e expressões de uma língua e entre línguas diferentes; mais recentemente, está a ser aplicado aos estudos sobre o redobro linguístico de raízes, palavras ou estruturas linguísticas, numa mesma construção.

Neste sentido, o termo *cognato* aplica-se, *stricto sensu*, a palavras que têm, etimologicamente, uma origem comum (Cintra, 1998). Cognato, enquanto adjetivo, não se limita, porém, a modificar o vocábulo *palavra* (*palavra cognata*), e, significando, de uma forma geral, *da mesma origem*, pode combinar-se com expressão (*expressão cognata*) e com objeto (*objeto cognato*)¹. Advindo dos estudos etimológicos e morfológicos do léxico, aplicaremos o termo *objeto cognato* a um constituinte (argumento ou não argumento) distribucionalmente adjacente ao verbo, cujo nome-núcleo estabelece com o

¹ O termo *cognato* é frequentemente utilizado nos estudos léxico-comparativos das várias línguas do mundo, aplicado aos chamados *cognatos verdadeiros* e aos *cognatos enganosos* (também falsos amigos). Nos primeiros, o termo é utilizado para destacar pares de palavras de duas (ou mais) línguas que têm origem comum, grafias idênticas ou semelhantes, e com o mesmo significado, como é o caso de *clima* e *combate*, no PE e no Espanhol. Nos segundos, cognatos aplica-se a palavras que têm a mesma origem, mas que evoluíram de forma distinta e apresentam, na atualidade, significados diferentes nas línguas em questão – como *balcão* e *cadeira* do PE (*mostrador* e *silla*, respetivamente, no Espanhol) e *balcón* e *caderra* do Espanhol (*varanda* e *anca*, respetivamente, no PE). A designação *cognato enganoso* é muitas vezes substituída, erradamente, por *falsos cognatos*, sendo este último mais adequado para nomear pares de palavras que aparentam origem comum, mas que na realidade evoluíram de étimos distintos, como em *burro* de *butyrum* (Latim) no Italiano (*manteiga*, no PE) e *burro* de *burrus* (Latim) no PE (cf. Cintra, 1998; Sabino, 2006).

verbo uma relação morfológica, derivacional ou léxico-semântica. Esta noção sintática de *objeto* complementa-se com a noção semântica de que o *objeto* é interno à significação verbal (Pereira, 2007; 2009). Neste sentido, *objeto cognato* será entendido como um constituinte interno a SV que estabelece com o verbo relações morfológicas (etimológicas ou não) e/ou semânticas, sejam transparentes, opacas ou aparentes. Assim, designaremos de *objeto cognato* os SN cujo núcleo estabeleça com o verbo relações etimológicas e morfológicas (*chorar – choro*), apenas morfológicas (*dançar – dança*) ou semânticas (*dormir – sono*), estas últimas como uma relação semanticamente pleonástica².

Embora a cognação seja uma preocupação de gramáticos de várias épocas e objeto de estudo de linguistas de diversos quadros teóricos, os estudos sobre os objetos cognatos em posição de complemento direto, são, na sua grande maioria, sobre o Inglês. Neste sentido, justifica-se uma investigação sobre o fenómeno para o Português Europeu, que, como veremos, coloca problemas novos e interessantes neste campo.

Considerando que a análise dos objetos cognatos se insere na problemática geral sobre transitividade/intransitividade verbal, um dos objetivos desta investigação é problematizar os conceitos de regência, transitividade e intransitividade, a partir dos verbos ditos intransitivos, inergativos (*tossir* e *dormir*) e inacusativos (*morrer*). Comumente se considera que estes dois tipos de verbos são intransitivos por não apresentarem complementos; no entanto, e à luz da análise de produções verbais em diversas línguas e da revisão da bibliografia específica, pretende-se mostrar que as noções tradicionais de transitividade e intransitividade são questionáveis e que os verbos intransitivos são passíveis de uma análise mais fina, podendo surgir com complemento - como é o caso das construções com objeto cognato.

Nesta perspetiva, refletiremos também sobre as noções de estrutura argumental e estrutura de evento, bem como sobre a sua relação com as componentes da Gramática - Léxico, Morfologia, Sintaxe e Semântica - a partir de modelos formais de base distinta: lexicalistas (cf. Chomsky, 1986, 1995, 2000; Hale & Keyser, 1993, 2002), não-

² Qualquer relação cognata é pleonástica, no sentido em que um dos termos da relação é redundante, tautológico, expletivo ou com sentido igual (ou próximo). Assim, nesta investigação, entendemos a *cognação* também como uma relação semanticamente pleonástica – como em *subir para cima* e *entrar para dentro* (na esteira de Mateu & Rigau, 2010, e Gallego, 2012). O alargamento do termo cognato a esta aceção permite-nos considerar, neste estudo, nomes como *sono/sueño/sommeil* cognatos de *dormir* (semanticamente cognatos mas sem relação morfológica à superfície).

lexicalistas (cf. Marantz, 1997; Harley & Noyer, 1999) e de interface (Reinhart & Siloni, 2003).

A análise sintática dos OC que iremos desenvolver tem uma orientação não-lexicalista, muito influenciada pelas abordagens da Morfologia Distribuída e os autores que as seguiram (em particular, Haugen, 2009). Valorizaremos, então, as noções de raiz acategorial e de morfemas funcionais, assim como as operações de *Inserção Tardia* e de *Spell-out* ao longo do percurso da derivação. Capitalizaremos, porém, nesta análise, algumas noções e operações claramente filiadas no Programa Minimalista (Chomsky, 1995), como a teoria do Movimento por Cópia e as operações sintáticas fundir (*merge*) e concordar (*agree*).

Assim, é nossa convicção que a investigação que nos propomos realizar contribuirá positivamente para a investigação teórica e formal sobre a cognação, em geral, e sobre as construções com objetos cognatos, em particular, e também para a nossa própria formação científica e profissional, assim como para a de outros investigadores e docentes, já que este trabalho se apresenta não como um fim em si mesmo, mas como uma orientação para o desenvolvimento de saberes e práticas.

2. Objeto de estudo e objetivos

Este trabalho tem como objeto de estudo os objetos cognatos, distribucionalmente adjacentes ao verbo, em posição típica de um complemento direto, como os apresentados em (1) a (5).

(1) a) (...) Amália **cantou** *uma cantiga italiana* para ser amável com eles.

(*corpus*: v15; c116)³

(2) A mãe **chorou** *um choro manso*. (...) (*corpus*: v18; c288)

(3) **Chovia** *uma chuva que não me molhava*. (...) (*corpus*: v19; c323)

³ Os exemplos que contêm esta referência fazem parte do *corpus* da dissertação: “v” significa verbo e é seguido do código do verbo; “c” significa construção e é seguido do número dessa construção, no total dos exemplos do *corpus*.

(4) (...) **Dormi** *um sono agitado*. (corpus: v32; c426)

(5) (...) Paz à alma do indivíduo que **morreu** *de uma morte extremamente estúpida*. (corpus: v49; c564)

Os constituintes em itálico nos exemplos são comumente denominados objetos cognatos (doravante OC) (Hale & Keyser, 1993; 2003), objetos internos (Vilela, 1992) ou argumentos sombra (Pustejovsky, 1995). Os OC são constituintes que apresentam propriedades sintáticas e semânticas específicas, as quais permitem individualizá-los como objeto de estudo linguístico: são acolhidos por verbos considerados intransitivos ou de alternância (in)transitiva; ocorrem dentro do sintagma verbal, pospostos ao verbo, em adjacência; têm um núcleo nominal cognato do verbo; normalmente, o nome é antecedido de artigo indefinido e seguido de modificador restritivo.

Nos estudos sintáticos disponíveis sobre o PE tem sido dado o mesmo tratamento aos OC do tipo *chorar um choro...*; *chover uma chuva...*; *dormir um sono...* e aos OC do tipo *cantar uma cantiga* e *dançar uma dança*, razão pela qual não estão ainda definidas claramente as propriedades que os distinguem. Estas últimas construções são muitas vezes confundidas com as primeiras porque, por um lado, são pleonásticas (no sentido em que os verbos têm uma variante intransitiva / inergativa, que podem surgir sem qualquer objeto) e, por outro, porque ambos os tipos de construções podem integrar, no SN, um artigo indefinido e um modificador restritivo.

Em síntese, são objeto de análise desta dissertação as seguintes construções: OC *verdadeiros* (*chorar – choro*; *dormir – sono*), OC *aparentados* (*cantar – cantiga/canção*), OC *preposicionais* (*morrer de uma morte*; *caminhar por um caminho*), OC de tipo *predicativo* (*tossir a tosse dos asmáticos*), objetos *hipónimos* (*cantar – fado*).

Nesta perspetiva, com a presente investigação, propomos-nos concretizar os seguintes objetivos específicos:

- (i) problematizar os conceitos de *regência*, *transitividade* e *intransitividade*, refletindo criticamente sobre as múltiplas e heterogêneas noções que encerram, desde os gramáticos latinos às perspetivas atuais;

- (ii) mostrar que aquelas noções não são uniformes nem óbvias perante a existência de verbos inergativos e alguns inacusativos, nomeadamente quando ocorrem com objetos cognatos;
- (iii) contribuir para um esclarecimento das noções de regência, transitividade e intransitividade, explorando em particular as noções de estrutura argumental e estrutura de evento, quer a nível da estrutura lexical quer a nível da estrutura sintática, à luz de desenvolvimentos recentes de alguns modelos formais – lexicalistas, não-lexicalistas e de interface;
- (iv) aplicar alguns dos critérios sintático - semânticos a construções com o “composto” cognato (verbo + N_{cog}), a fim de identificar e descrever os diferentes tipos de OC;
- (v) evidenciar as diferenças e semelhanças existentes entre os diferentes tipos e subtipos de OC e organizá-los numa tipologia;
- (vi) determinar as propriedades dos OC e distingui-los de expressões lexicalizadas e de construções com verbos leves;
- (vii) fazer uma proposta de análise sintática que dê conta da formação de frases com o “composto” cognato (verbo + N_{cog}) de várias subclasses de OC em PE, mas não perdendo de vista uma perspectiva comparativa.

3. Motivação para o estudo

Como docentes de Português e de Linguística Descritiva, na formação inicial de professores, e como formadores de docentes, na formação contínua, sempre constatámos a dificuldade dos alunos e dos docentes em compreenderem e lidarem com certos aspetos de transitividade/intransitividade e com a classificação sintática dos verbos enquanto predicadores, pelo que nos propomos aprofundar o seu estudo, investigando as noções

implicadas e refletindo sobre a possibilidade de certos verbos tidos como intransitivos transitivizarem. Com efeito, existem em Português diversas construções com verbos de alternância transitiva/intransitiva, que põem em causa as noções clássicas de transitividade/intransitividade.

A ideia de verbo nocionalmente absoluto ou completo perpassou pela tradição gramatical, por oposição à ideia de “passagem” da ação a um objeto direto (OD), como se apresenta no §1. do Capítulo I. No entanto, a partir de uma breve análise dos verbos considerados pelas gramáticas tradicionais como transitivos verificamos que nem sempre há a passagem de uma ação e, por vezes, a “ação” é sofrida pelo sujeito, como é o caso dos verbos *temer*, *recear*, *amar* e *aproveitar* (verbos psicológicos, numa classificação semântica). Vejam-se os exemplos de (6) por oposição aos de (7).

- (6) a) O João comeu o bolo.
b) O João feriu a Maria.
c) O cão mordeu o menino.
d) A mãe apertou o filho.
- (7) a) O menino temeu a tempestade.
b) O filho receia o pai.
c) Os rapazes aproveitam o sol.
d) O João ama a Maria.

Em (6) a ação é “transferida” para o OD, enquanto em (7) “fica” no sujeito. Se analisarmos os exemplos de (6) ao nível dos papéis temáticos dos argumentos dos respetivos predicadores, verificamos que o objeto sintático apresenta diferentes papéis: Objeto em (6a), Paciente em (6b) e (6c) e Experienciador em (6d). Em (7), são Tema ou Causa em (7a) e b)) e Tema em (7 c) e d)).

A “ação” pode também ser transferida para um OI, sendo que é o OD que passa de um participante (sujeito sintático e agente semântico) para outro (o OI). Esse objeto, que é transferido, pode ser semanticamente um Objeto, como *um brinquedo* em (8a), ou um Tema, como *uma boa notícia* em (8b).

- (8) a) A mãe deu um brinquedo ao filho.
b) A mãe deu uma boa notícia ao filho.

Parece-nos, então, ser necessário encontrar critérios que nos permitam agrupar os verbos segundo outras propriedades que ultrapassem a noção de passagem ou não de “ação”. Verbos considerados pela tradição gramatical como intransitivos podem aparecer em construções com um objeto expresso, como em (9), e verbos classificados como transitivos, como *chocar* e *ver*, podem não ter objetos realizados, (10).

- (9) a) O pai trabalha a madeira em cima da mesa./O pai trabalha em cima da mesa./O pai trabalha.
b) O filho escreve uma carta à mãe./ O filho escreve à mãe. O filho escreve.
c) O João dançou uma dança alegre./ O João dançou um *slow*. O João dançou.
- (10) a) Há coisas que chocam. /Há coisas que chocam as pessoas./Há coisas que nos chocam.
b) Viste o programa?/Sim, estou a ver.

Tradicionalmente, os verbos *trabalhar* e *escrever* são considerados intransitivos; porém, é também frequentemente o seu uso transitivo, como se verifica em (9a) e (9b). As alternâncias ilustradas dizem respeito ao número de argumentos presentes nas grelhas argumentais dos predicadores: em (9a), o verbo *trabalhar* aparece em construções com duas grelhas argumentais distintas, ora com dois argumentos (um externo e um interno) ora com apenas um argumento (externo); o verbo *escrever* revela, pelos dados de (9b), poder estar associado a três grelhas argumentais ou, pelo menos, a três variantes bem distintas: com três argumentos (um externo e dois internos), com dois (um externo e um interno) ou com apenas um argumento (externo).

A mesma situação é encontrada em (9c), com o verbo *dançar*; todavia, nestas construções a alternância transitiva/intransitiva está associada à problemática que é o tema central desta dissertação, a dos objetos cognatos, *dançar-dança* ou *dançar – tipo de dança*. A esta questão voltaremos, por isso, nos capítulos seguintes. No entanto, nem todos os verbos ditos intransitivos ou de alternância aceitam facilmente as várias

construções. Vejam-se, mais à frente, os resultados quando aplicados os testes tradicionais de transitividade.

Os dois exemplos de (10) apresentam situações contrárias às descritas anteriormente, sendo que há uma redução do número de argumentos previstos. Em (10a), o verbo *chocar* aparece sem um complemento em *Há coisas que chocam*, não causando, no entanto, agramaticalidade, devido ao valor genérico que a estrutura encerra. Assim, o complemento de *chocam* é recuperado pelo conhecimento enciclopédico dos falantes. Em (10b) é a situação discursiva que permite recuperar o argumento do verbo *ver* em falta na estrutura *Sim, estou a ver*.⁴

A premissa de que se parte, tradicionalmente, quando se pretende relevar os critérios de transitividade, é a de que o verbo transitivo seleciona um argumento interno, fundamentalmente um OD, sintática e semanticamente. Alguns dos critérios que se podem usar para determinar a transitividade e nomeadamente a existência de um OD são:

- (i) substituição pela forma acusativa do pronome pessoal (11b), se for nominal, e pelo demonstrativo *isso* ou *-o* (12b), se for de natureza frásica;
- (ii) formulação de interrogativa segundo o esquema *quem/o que é que SU V?* (13), para OD [+humano] ou [-humano] respetivamente;
- (iii) transformação da frase ativa em passiva, passando o OD da ativa a Sujeito da passiva (14);
- (iv) construção com participio absoluto (15) (cf. Duarte, 2003: 288).

(11) a) O pai abriu *a prenda*.

b) O pai abriu-*a*.

(12) a) O pai disse *que gostou da prenda*.

b) O pai disse *-o /isso*.

⁴ Poderíamos enunciar várias situações de objetos nulos, nomeadamente de objetos nulos anafóricos, correferenciais de antecedentes discursivos, como em (i) a (iii).

(i) Ele foi às compras;_i? Sim, foi ___i.

(ii) O meu filho não gosta mesmo nada de peixe_i, mas tem de comer ___i.

(iii) Adoro __. /Conheço __. /Sei muito bem __.

- (13) a) P: O que é que o pai abriu?
R: *A prenda.*
- (14) *A prenda* foi aberta pelo pai.
- (15) Aberta *a prenda*, cantaram-se os parabéns.

No entanto, estes critérios não funcionam uniformemente com todos os predicados, como já notado por diversos autores⁵ (Campos, 1999; Duarte & Brito, 2003). Não há, portanto, critérios universais que possam ser aplicados a todos os predicados, com todos os tipos de verbos e objetos, o que nos leva a repensar as noções e mesmo a pôr em causa a sua pertinência.

Se, por exemplo, aplicarmos o critério da presença/ausência de OD e da respetiva pronominalização, não fica completamente clara a distinção entre transitividade e intransitividade, pela diversidade de situações:

(i) uns verbos admitem coocorrência com OD com facilidade e aceitam a sua pronominalização, (16) a (19):

- (16) a) O menino come.
b) O menino come a maçã.
c) O menino come-a.
- (17) a) A secretária escreve.
b) A secretária escreve a carta.
c) A secretária escreve-a.
- (18) a) O aluno estuda.
b) O aluno estuda a lição.
c) O aluno estuda-a.
- (19) a) O homem fumou.
b) O homem fumou um charuto cubano.

⁵ “Si se define como verbo transitivo a aquel verbo que puede regir tanto sintáctica como semánticamente a un complemento directo, sería deseable encontrar criterios que nos permitan reconocer un complemento directo. Desafortunadamente, las pruebas o criterios sintácticos que se han propuesto para tal efecto carecen de generalidad.” (Campos, 1999: 1529).

c) O homem fumou-o.

(ii) outros verbos não podem ocorrer com OD expresso, pelo que também aceitam a pronominalização com reservas, (20) e (21); ou então pode acontecer que um verbo tenha duas “variantes” com sentidos ligeiramente diferentes (uma transitiva e uma intransitiva), como *trabalhar* (cf. (20b) e (20c)).

(20) a) O pai trabalha.
b) *O pai trabalha um trabalho muito bem. / *O pai trabalha-o muito bem.
c) O pai trabalha a madeira muito bem. / O pai trabalha-a muito bem.

(21) a) O homem viaja.
b) *O homem viaja a viagem belíssima.
c) *O homem viaja-a.

(iii) outros verbos só podem ocorrer em construções com OD expresso (22);

(22) a) *O pai perguntou.
b) *O bebé pôs na mesa.

(iv) e outros ainda podem ocorrer em construções com ou sem OD expresso, dependendo das propriedades semânticas dos OD e de condições contextuais, como no par pergunta/resposta, em (23).

(23) a) P: Tens livros?
R: Sim, tenho.
b) P: Tens os livros de história?
R: ?Sim, tenho./Sim, tenho-os.

A possibilidade de usar um verbo supostamente transitivo com ou sem OD expresso, em construções do tipo dos exemplos (23), parece depender de propriedades semântico-discursivas, como a indefinidade do objecto e as estruturas pergunta/resposta, (23a). Em (23b), a menor aceitabilidade de ?*Sim, tenho* é justificada por Campos (1999)

pela definitude do OD (*os livros de história*), pois “cuando el complemento directo es indefinido, sempre es posible usar intransitivamente el verbo” (Campos, 1999: 1527).

Outras alternâncias, largamente estudadas, põem em causa os conceitos de regência e (in)transitividade. É o caso da alternância entre construções causativas e não causativas, em (24).

- (24) a) O vento partiu o vidro da janela. (Duarte & Brito, 2003:197)
b) O vidro da janela partiu.

A construção (24a) é transitiva causativa e a (24b) é inacusativa não causativa (ou *anticausativa*), operando-se as seguintes alterações na passagem de uma para a outra variante: em (24b) omitiu-se a Causa ou Fonte em termos de papel temático, e o sujeito sintático, *o vidro da janela*, deslocou-se da posição de objeto, na construção transitiva (24a), para a posição de sujeito, em (24b), embora se mantenha a interpretação semântica de Objeto/Tema. Houve, portanto, uma redução argumental em (24b), passando-se de uma construção de dois argumentos (24a) para uma de um argumento (24b).⁶ Esta alternância também gera alterações aspetuais: em (24a) temos um processo culminado e na construção intransitiva, (24b), passamos a ter uma leitura de culminação⁷.

As estruturas de alternância causativa/não causativa são também estudadas na literatura em comparação com diversas construções de *Se*: anafórico, decausativo, impessoal e reflexo⁸. Em Ribeiro (2011), é feita uma distinção entre três tipos de estruturas de *Se* para o PE: *Se* anafórico reflexo (25), *Se* decausativo (26) e *Se* impessoal (27).

- (25) A criança mascarou-se na escola. (Ribeiro, 2011: 100)
(26) A Maria angustiou-se (com aquela notícia). (Ribeiro, 2011: 227)

⁶ Esta alternância é comum aos verbos ditos transitivos causativos, como *quebrar*, *afundar* e *derreter*, e integra-se na discussão mais alargada sobre a distinção entre informações presentes no Léxico e informações da componente Sintaxe, assim como na busca das propriedades originais dos predicadores, se estruturas de evento ou se um número determinado de papéis temáticos. Veja-se uma síntese em Brito (2012).

⁷ Para um desenvolvimento da tipologia de classes aspetuais veja-se Vendler (1967). O filósofo distingue estados, atividades e processos e, na última classe, delimita ainda processos culminados e culminações, baseado em propriedades como mudança, telicidade e extensão temporal. Vejam-se, entre outras, as reformulações de Dowty (1972) e Moens (1987). Para o estudo das classes aspetuais a partir de dados do Português Europeu, vejam-se os trabalhos de Oliveira (2003) e Leal (2009).

⁸ Ver Ribeiro (2011) para uma caracterização e distinção das diferentes estruturas de *Se* em PE.

(27) Compra-se joias usadas. (Ribeiro, 2011: 159)

Tendo em conta uma conceção escalar de transitividade, a autora reflete sobre a atenuação ou mitigação da transitividade em diferentes graus nas três construções: “as estruturas de SE anafórico congregam as construções a que tradicionalmente chamamos reflexas e recíprocas [...] Estamos perante estruturas cuja transitividade, por razões semântico-ontológicas, se vê mitigada ou minimizada [...] as estruturas de SE impessoal são construções de transitividade mitigada, neste caso por motivos pragmático-discursivos [...] Nas estruturas decausativas de SE, intransitivas em resultado de motivações pragmático-discursivas, o clítico não revela comportamento argumental, nem se assume como operador diatésico, funcionando apenas como marcador que assinala a reestruturação argumental inerente a estas construções” (Ribeiro, 2001: 3-4).

Vejamos ainda os exemplos (28) e (29), com estruturas de *Se* reflexo.

(28) O João elogiou-se em frente de toda a família. (Ribeiro, 2011: 86)

(29) O João perguntou-se se valeria a pena assistir à palestra. (Ribeiro, 2011: 86)

Existem duas perspetivas possíveis para a interpretação destes exemplos: (i) para alguns autores, as construções são estruturas transitivas, por haver manifestação de um sujeito e um objeto direto, como em (28), ou um objeto indireto, (29), com manifestação de papéis temáticos, Agente, Tema ou Meta, ainda que o Tema seja projetado na forma de um clítico anafórico reflexo, como é o caso de (29) (Brito, Duarte & Matos, 2003; Alencar *et al.*, 2005, entre outros); (ii) para outros, as construções são estruturas intransitivas, uma vez que resultam de profundas alterações na estrutura temático-argumental dos respetivos predicadores em virtude da presença de *Se* (Grimshaw (1990) e Marantz (1984), interpretando-as como estruturas inacusativas; Chierchia (2004); Reinhart & Siloni (2003) considerando-as inergativas).⁹

⁹ Para uma apresentação aprofundada e fundamentada destas perspetivas de análise consulte-se Ribeiro (2011: 47-52).

Estruturas como as de (30) ilustram uma outra alternância comum que, não sendo propriamente uma redução ou acrescento de argumentos à estrutura argumental do verbo¹⁰, é uma reorganização ao nível da ordem e da forma dos constituintes.

- (30) a) O lavrador carregou trigo no caminhão.
b) O lavrador carregou o caminhão com trigo.

No exemplo (30a), o Locativo (*no caminhão*) surge com uma preposição adequada, enquanto em (30b) é o objeto direto do verbo, portanto sem preposição (*o caminhão*). Segundo Levin e Rappaport Hovav (1988), autoras que estudaram o fenómeno em Inglês, estaremos perante uma variante locativa e uma variante não locativa deste tipo de verbos, respetivamente (30a) e (30b)¹¹. Neste estudo e em obras seguintes, as autoras propõem que os verbos, em cada variante, apresentam Estruturas Lexicais Concetuais (ELC) diferentes, assim como variantes de estruturas argumentais (denominadas estruturas de predicado-argumentos – EPA)¹².

Uma alternância semelhante, de reatribuição de papéis temáticos, muito comum em línguas como o Inglês, é a questão da alternância dativa: duas construções alternativas para denotarem a mesma situação de transferência de posse – uma preposicional (31) e outra de duplo objeto (32) (cf. Brito, 2012).

- (31) John gave the book to Mary.
(32) John gave Mary a book.

¹⁰ Exemplos de estruturas com argumentos acrescentados ou incorporados à grelha argumental do verbo são os dativos éticos/interesse (i) e de posse (ii).

(i) João, come-*me* essa sopa rápido!

(ii) Doem-*lhe* as costas.

A relação entre os OI e os predicadores verbais nem sempre é a mesma, podendo ou não haver uma relação de predador-argumento selecionado. Para um desenvolvimento da natureza argumental do OI em PE veja-se Brito (2008) e para uma síntese Choupina, Guedes & Brito (2010).

¹¹ Maia (1996) e Duarte (1998) estudam os verbos de alternância locativa para o Português Europeu.

¹² A existência de duas variantes para um mesmo verbo (sendo ele causativo do tipo *carregar*) permite a Levin e Rappaport Hovav (1988) deslocarem a sua análise para um nível mais abstrato, as Estruturas Lexicais Concetuais, fazendo depender deste nível de representação a estrutura argumental dos predicados. Para um desenvolvimento da análise das estruturas de alternância locativa consulte-se Levin & Rappaport Hovav (1988) e Brito (2012).

Os exemplos seguintes inscrevem-se igualmente no campo das alternâncias de transitividade e revelam variantes de estruturas argumentais (e semânticas) dos verbos tradicionalmente considerados intransitivos.

- (33) a) Chovia *uma chuva miudinha*. (Duarte & Brito, 2003: 185)
b) A vítima chorou *lágrima de raiva*. (Duarte & Brito, 2003: 185)
c) Dormimos *um sono reparador*. (Duarte & Brito, 2003: 185)
d) Os guerreiros dançam *uma dança frenética* à volta de um totem. (Duarte & Brito, 2003: 185)

Os objetos em itálico, em (33), são considerados por Duarte e Brito (2003), na sequência de Pustejovsky (1995), argumentos por defeito ou *argumentos sombra*. Esta problemática é conhecida na literatura como o paradoxo¹³ dos objetos cognatos, sendo uma referência central e incontornável, neste âmbito, a de Hale & Keyser (1993), para o Inglês e todos os seus os trabalhos seguintes¹⁴.

É apenas desta última alternância que nos ocuparemos neste estudo.

De notar, desde já, que os exemplos em (33) integram construções diferentes, consideradas, por nós, como tipos distintos de objetos, como descreveremos no Capítulo IV.

4. Estrutura interna da dissertação

Além desta introdução, a dissertação é composta por quatro capítulos nucleares, o capítulo de conclusão geral, a bibliografia e os anexos.

No **capítulo I**, intitulado *Regência, transitividade e intransitividade: da gramática tradicional ao funcionalismo do século XX*, faremos uma reflexão em torno das noções de regência, transitividade e intransitividade, problematizando os múltiplos sentidos que foram tendo ao longo dos tempos, desde a matriz latina (§2., Capítulo I) até à Gramática de Valências (§3.1., Capítulo I), passando também pelos gramáticos funcionalistas (§3.2., Capítulo I).

¹³ O termo *paradoxo* para referenciar os objetos cognatos deve-se a Gallego (2008; 2012), autor que abordou o tema dos objetos cognatos no âmbito do Programa Minimalista, integrando-o num fenómeno mais amplo, o de estruturas de redobro.

¹⁴ Hale & Keyser (1993, 1997, 2002), entre outros. Para uma síntese leiam-se os §§ 2.1.3. e 2.1.5. do Capítulo II desta dissertação.

Como estas noções clássicas se relacionam com as noções de *Estrutura argumental e estrutura eventiva* dos predicados verbais, desenvolvê-las-emos no **capítulo II**, intitulado *Modelos formais de abordagem das estruturas argumental e eventiva dos predicadores verbais*. Neste capítulo, faremos uma abordagem a alguns modelos formais que deram corpo a estas noções – os lexicalistas, com Chomsky (1965; 1981; 1986; 1995; 2000) e Hale & Keyser (1993; 2002); os não lexicalistas, com Marantz (1993), Halle & Marantz (1994) e Harley & Noyer (1999); e os mistos ou de interface, com Reinhart & Siloni (2003).

O **capítulo III** - *Os objetos cognatos na literatura fundamental* - está reservado à apresentação das abordagens existentes na literatura essencial sobre cognatos. Neste sentido, integram o capítulo uma proposta funcionalista, a de Vilela (1992), as propostas mais lexicalistas, como são as de Hale & Keyser (1993, 2002), Ramchand (2008), Gallego (2008, 2012) e Real-Puigdollers (2008), bem como as propostas no âmbito da Morfologia Distribuída, como é o caso de Haugen (2008, 2009). Neste capítulo, são ilustrados, além da explanação das análises destes autores (§§2. e 3., Capítulo III), vários testes/critérios sintático-semânticos já referidos na literatura para distinguir os tipos de OC (cf. §4., Capítulo III). Será apresentada, ainda neste capítulo (no §5., Capítulo III), a discussão teórica desenvolvida durante décadas acerca do estatuto argumental dos OC.

No **capítulo IV**, denominado *Propriedades sintático-semânticas dos objetos cognatos em Português Europeu*, faremos a descrição das características sintático-semânticas dos vários subtipos considerados e apresentaremos uma tipologia de OC, a partir do Português (cf. §§4. e 5.).

Os exemplos de Português Europeu utilizados neste capítulo fazem parte de um *corpus* constituído no âmbito desta dissertação. Daremos conta das etapas de recolha e dos critérios linguísticos considerados no §2. e no §3. do capítulo IV apresentaremos os dados e faremos a análise e discussão dos mesmos.

Terminaremos a dissertação com a conclusão e a listagem da bibliografia geral.

Finalmente, nos anexos, integraremos uma classificação sintático-semântica dos verbos das construções do *corpus* (Anexo I) e uma listagem geral das construções recolhidas (Anexo II).

Capítulo I

Regência, transitividade e intransitividade: da gramática tradicional ao funcionalismo do século XX

1. Considerações introdutórias
2. Dos latinos às gramáticas tradicionais
3. Outras abordagens de transitividade
4. Síntese do capítulo

Comprendemos o pensamento anterior ao nosso, mas *pensamos o pensamento do nosso tempo* e é com esse que temos acesso aos tempos precedentes. (*corpus*: v58;c608)

La notion d'objet (...) est liée à celle de transitivité: l'objet d'un verbe est, par définition, extérieur à l'action même du verbe. Mais, en fait, certains verbes intransitifs peuvent avoir un objet. L'objet est alors soit l'action verbale elle-même précisée (...): *il vit une vie agréable*; soit le produit de l'action intransitive: *il a pleuré plus d'une larme*.

Dans les deux cas, l'objet n'est pas extérieur à l'action verbale, il est impliqué dans l'action verbale elle-même. D'où son nom d'*objet interne*. (Gougenheim, 1964 : 271)

1. Considerações introdutórias

As noções de *regência*, *transitividade* e *intransitividade* encerram múltiplos significados, desde os gramáticos latinos às perspectivas atuais. Tentaremos, neste primeiro capítulo, dar conta dessa multiplicidade, problematizando as várias noções implicadas.

A definição de transitividade, problemática transversal aos diferentes tempos e teorias linguísticas, é marcada por vários pontos de vista, desde a gramática à filosofia. Em lógica, o conceito define-se como uma propriedade de certas relações associadas a predicados. Nesta ótica, os predicados podem ser de um, dois, três ou mais lugares, isto é, podem ser monádicos ou poliádicos, lugares esses que são preenchidos (saturados) por elementos nominais e que, em geral, são ordenados de acordo com uma hierarquia pré-definida. No âmbito da Gramática de Valências, os elementos que preenchem esses lugares denominam-se *actantes*, sendo que o número de actantes selecionado pelo verbo corresponde à sua *valência* (cf. Vilela, 1992). Na Gramática Generativa, os constituintes selecionados pelo verbo, considerado uma categoria nuclear, uma classe de palavras e um predicador semântico, fazem parte da sua estrutura argumental, podendo ser externo ou

internos, e os constituintes acrescentados à grelha argumental são adjuntos (cf. Chomsky, 1995).

Para fazer uma apresentação desta problemática, dividimos o capítulo em duas partes, além das considerações introdutórias e da síntese do capítulo. Na primeira parte, §2., intitulada *Dos latinos às gramáticas tradicionais*, apresentamos uma brevíssima evolução histórica dos termos em discussão. Na segunda parte, §3., refletiremos sobre outras abordagens às noções de regência e transitividade: no §3.1. discutimos as noções do ponto de vista da Gramática de Valências; no §3.2. apresentamos propostas de abordagem funcionalistas. Terminamos com uma síntese das abordagens e com algumas considerações que motivam o trabalho desenvolvido nesta dissertação.

2. Dos latinos às gramáticas tradicionais

Nas gramáticas latinas, a transitividade era vista como propriedade da oração, sendo que as orações transitivas eram aquelas que podiam passar (do latim *trans* + *ire*) de ativas a passivas. Esta noção é adotada pelas gramáticas descritivas tradicionais durante muito tempo¹⁵. Segundo Ernout & Thomas (1964), e tendo o Latim como enquadramento, “il n’y a pas entre verbes transitifs et verbes intransitifs une distinction absolue. Et le passage d’une catégorie à l’autre était fréquent” (Ernout & Thomas, 1964: 211). No Latim, numerosos verbos passam de intransitivos a transitivos e vice-versa: (i) verbos que isolados são considerados intransitivos, mas se tornam transitivos, como *ire/adire aliquem*; (ii) verbos transitivos tornam-se intransitivos em certas construções, *differre/ferre*, *sufficere/facere*. Neste sentido, vários verbos transitivos usados absolutamente, sem complemento expresso, praticamente não se distinguem dos intransitivos.

Do mesmo modo, nos gramáticos portugueses renascentistas, encontra-se a noção de verbo ativo como capaz de passivizar, por oposição aos intransitivos. Em João de Barros (1539-40), adiciona-se à origem da divisão dos verbos entre transitivos e intransitivos a noção de passagem ou transferência. Assim, os verbos pessoais “ou pássa a sua auçám em outra cousa ou nam. Ôs que pássam, chamam-lhe os Latinos transitivos, que quér dizer pa[s]adores, como: Eu amo a çiência; a auçám do qual vérbo, amo, pássa na çiência. Estes transitivos tem diverso regimento, porque uns regem genitivo outros dativo, outros acusativo, outros dativo e acusativo. [...] Os vérbos pessoaes, cuja auçám nam pássa em outra cousa, sam ôs que pròpriamente se pódem chamár neutros e que depois de si nam quérem caso [...]” (Barros 1539-40 [1971]: 352-353).¹⁶

Esta conceção de transitividade como passagem encontra-se também em Jerónimo Soares Barbosa (1822 [2004]: 296), na *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*: “[se a significação do verbo] exprime huma qualidade, estado, ou acção, que fica no mesmo

¹⁵ Cf. Ernout & Thomas (1964).

¹⁶ Também para o espanhol se encontra a noção de transitivo como o verbo que é capaz de “passar” a sua ação ao complemento. Na Real Academia Española (1931: 81) *Gramática de la Lengua Española*, transitivo “es el verbo cuya acción recae o puede recaer en la persona o cosa que es término o complemento de oración”, e intransitivo é un verbo “cuya acción no passa de una persona o cosa a otra”. Nesta perspetiva, verbos como *temer* e *ver* não poderiam ser transitivos, dado que não passam as propriedades para o OD (cf. §3. da Introdução desta dissertação).

sujeito do verbo, sem pedir objecto algum ou termo, em que passe; o verbo adjectivo chama-se então *Intransitivo* [...]. Se porêm a significação do verbo he relativa, ou porque exprime huma acção, que pede depois de si hum objecto, em que se exercite, ou huma qualidade, que pede hum termo a que se dirija; chama-se então *Transitivo*, que póde ser ou *Activo so*, ou *Relativo so*, ou *Activo e Relativo* ao mesmo tempo.” Esta última divisão de Barbosa está na base da classificação das gramáticas tradicionais em verbo transitivo direto, indireto e ditransitivo.

No entanto, e como se pode constatar pela citação anterior, Jerónimo Barbosa convoca mais uma noção, a de significação do verbo. Assim, o verbo adjectivo¹⁷ pode ter uma significação relativa ou absoluta, sendo a primeira a transitiva e a segunda a intransitiva. O verbo tem uma significação absoluta quando exprime uma qualidade, estado ou acção que fica no sujeito do verbo. Ora, não passando essas propriedades para um objeto, o verbo chama-se intransitivo, como os usados por Luís de Camões (1) e os usados por António Ferreira (2), citados por Barbosa:

(1) *salta, corre, sibila, acena, e brada, / Arde, morre, blasfema, e desatina.*

(2) *Se ris, se estudas, velas, andas, dormes; / Não receba do corpo o espirito dano,
/ Nem todo em puro espirito te transformes.*

Por outro lado, o verbo tem uma significação relativa, quando exprime uma acção e selecciona um objeto em que se exercita ou quando exprime uma qualidade e selecciona um termo a que se dirige. Neste caso, estamos perante um verbo transitivo porque passa as propriedades expressas a um objeto (e não ficam no próprio sujeito), dividindo-se ainda em Ativo, Relativo ou Ativo e Relativo, “Assim *Amo* he hum verbo transitivo activo so; *Dependo* he transitivo relativo so, e *Dou* he transitivo activo, e ao mesmo tempo relativo” (p. 297). Ainda segundo este gramático, a distinção entre intransitivo e transitivo seria fácil de fazer, “porque aos primeiros nunca se póde ajuntar a pergunta *A quem*; ou *O que*? E os segundo não só a soffrem, mas pedem-a. Por exemplo: *Amo. A quem? A Deos. Estimo. O que? A virtude. Pertence. A quem? A mim. Dou. O que? Hum livro. A quem? A Pedro.* Quando porêm digo: *Brinco, Salto, Corro*; ninguém tem direito para me perguntar *O que? Ou A quem?*” (p. 297).

¹⁷ Barbosa (1822 [2004]: 248) divide o verbo em três tipos: verbo substantivo (*ser*), verbo auxiliar (*haver, estar e ter*) e verbo adjectivo (todos os restantes).

No dizer de Barbosa (1822 [2004]), a noção de transitividade latina não é adequada, porque a divisão dos verbos em ativos, passivos e neutros não faria sentido para o Português: “Esta divisão geral do verbo adjectivo he mais conforme á razão Grammatical, e usos de nossa Língua, do que a vulgar adoptada sem maior exame das Grammaticas Latinas, que dividem o verbo adjectivo em *Activo*, *Passivo* e *Neutro*. A Língua Portuguesa não tem verbos passivos para poderem entrar nesta divisão: e onde não há verbos passivos, não póde haver também verbos neutros, que são os que nem são activos, nem passivos.” (Barbosa, 1822: 241).

Assim, transitividade, segundo a noção apresentada por Jerónimo Barbosa, é considerada como um fenómeno sintagmático, aplicada às orações com OD, e como um fenómeno paradigmático, porque se aplica a todos os verbos que podem ter OD (cf. Fiéis, 2002).

Já no século XX, Cunha & Cintra (1984) parecem considerar como noções básicas, no âmbito da transitividade, a noção de regência, que definem como um movimento “lógico irreversível” de um termo regente a um regido. Assim, geralmente, “as palavras de uma oração são interdependentes, isto é, relacionam-se entre si para formar um todo significativo. Essa relação necessária que se estabelece entre duas palavras, uma das quais serve de complemento a outra, é o que se chama regência.” (Cunha & Cintra, 1984: 512). Estes autores consideram ainda que os verbos nocionais, quanto à predicação, se dividem em intransitivos e transitivos: “Os intransitivos expressam uma ideia completa: [*correr, dormir, morrer, viajar*]; os transitivos (...) exigem sempre o acompanhamento de uma palavra de valor substantivo (objecto directo ou indirecto) para integrar-lhes o sentido: [*comprar, carecer, dar*].” (Cunha & Cintra, 1984: 513).

Segundo os autores, é a ligação do verbo com o seu complemento que se denomina regência verbal e pode fazer-se diretamente, sem uma preposição intermédia, quando o complemento é objeto direto; e indiretamente, mediante o emprego de uma preposição, quando o complemento é objeto indireto. Neste sentido, agrupam-se os verbos com base na sua capacidade de combinação com complementos e segundo a sua função sintática (OD ou OI).

Com base na tradição luso-brasileira, estabelecem-se, assim, duas classes de verbos principais, com subclasses internas: os transitivos e os intransitivos, (3).

- (3) (i) verbos transitivos
 - a) diretos
 - b) indiretos
 - c) ditransitivos
- (ii) verbos intransitivos

Este agrupamento dos verbos, assente apenas no contexto frásico (em particular, no constituinte que antecede o verbo e número e categoria dos constituintes seguintes), leva à classificação dos membros da frase em: (i) sujeito e complemento (s); (ii) adjuntos adverbiais. Na tradição luso-brasileira, o verbo não tem, sintaticamente, “uma função que lhe seja primitiva” (Cunha & Cintra, 1984: 377); porém, individualiza-se pela função obrigatória de predicado, a única que desempenha na estrutura da frase. Os predicados verbais, contrariamente aos nominais e aos verbo-nominais, têm como núcleo um verbo principal, significativo¹⁸ (por trazerem uma ideia nova ao sujeito) nas palavras de Cunha e Cintra.

Importante notar é que já em 1984 Cunha e Cintra são sensíveis a possíveis casos de alternância transitiva, conforme o número de complementos que o verbo tem, fazendo a seguinte afirmação: “a análise da transitividade verbal é feita de acordo com o texto e não isoladamente.” (Cunha & Cintra, 1984: 139). Assim, o mesmo verbo pode surgir em construções diferentes, com um número variável de complementos; todavia, o que os gramáticos não resolvem é como integrar um verbo com variantes distintas numa das classes propostas (transitivo vs. intransitivo). Vejamos os exemplos dos autores e, entre parênteses, a solução por eles encontrada para a classificação deste tipo de verbos alternantes.

- (4) Perdoai sempre. (uso intransitivo)
- (5) Perdoai as ofensas. (uso transitivo direto)
- (6) Perdoai aos inimigos. (uso transitivo indireto)
- (7) Perdoai as ofensas aos inimigos. (uso transitivo direto e indireto)
- (8) Por que sonhas, ó jovem poeta? (uso intransitivo)
- (9) Sonhei um sonho guinholesco. (uso transitivo direto)

¹⁸ Absoluto nos gramáticos renascentistas.

Assim, os autores resolvem a questão recorrendo à noção de “uso transitivo” e “uso intransitivo”.

Atentando no exemplo (9), os autores consideravam já que verbos tradicionalmente intransitivos (como *sonhar*) podem ser construídos com um objeto direto, assumindo que o verbo, nesta realização textual, é de uso transitivo direto. O que Cunha e Cintra não fazem é a distinção entre este objeto, futuramente designado por nós cognato morfológico, e um objeto direto comum (cf. exemplo (5)). Na perspectiva adotada por estes autores, o tipo de estrutura sintática está, pois, dependente da presença ou não de complemento, do significado das palavras que compõem a construção e da posição que ocupam, pelo que aqueles complementos não são distinguidos de outros. Tal como Brito (2012) afirma, [na tradição gramatical] “não havia propriamente meios de estabelecer essa relação forma-significado a não ser através de noções ambíguas e por vezes mal definidas de funções sintáticas, em que se misturavam critérios” (Brito, 2012: 2).

Um exemplo de heterogeneidade de critérios é a função atribuída aos constituintes adverbiais e preposicionais, que, por vezes, eram considerados adjuntos apenas pelo facto de terem núcleo adverbial ou preposicional. Os exemplos (10) e (11) mostram precisamente a necessária distinção entre sintagmas adverbiais argumentais (10) e sintagmas adverbiais adjuntos (11). Aqueles são obrigatórios para preencher a estrutura argumental do verbo (*portar-se*) e estes são modificadores, podendo ser suprimidos (cf. (10b) e (11b)). Ambos os constituintes eram rotulados, quanto à função sintática, com a mesma designação: *Complementos Circunstanciais (de modo)*. Atualmente, no Dicionário Terminológico e a partir de diversas áreas da Linguística Descritiva, faz-se a distinção entre complemento oblíquo (10) e adjunto ou modificador (11).

(10) a) O rapaz portou-se bem.

b) *O rapaz portou-se.

(11) a) O rapaz falou bem.

b) O rapaz falou.

3. Outras abordagens de transitividade

Em rotura com a gramática tradicional, os modelos valenciais e funcionalistas do século XX tentaram definir transitividade de forma mais rigorosa.

3.1. Gramática de Valências

A Gramática de Valências, nascida com o linguista francês Lucien Tesnière (Tesnière, 1959), foi desenvolvida para o Português por Winfried Busse e Mário Vilela (Busse & Vilela, 1986; Vilela, 1986 e 1992). O termo *valência* era, inicialmente, sinónimo de *regime*, permitindo determinar o regime das palavras nucleares (verbos, nomes, adjetivos e advérbios). Por razões de limite de espaço e amplitude do assunto em discussão, restringir-nos-emos apenas ao regime verbal. Durante algum tempo, valências e dependências eram indistintas; no entanto, ‘valência’ é apenas um submódulo da gramática de ‘dependências’, sendo ‘dependência’ um termo utilizado para descrever as relações de dependência no interior da frase. Busse & Vilela (1986) consideram a ‘valência’ como «o número de lugares vazios previstos e implicados pelo (significado do) lexema» (Busse & Vilela, 1986: 13).

A valência apresentou-se, assim, como uma proposta de explicação sistematizada dos constituintes frásicos, enquanto dependências se refere à frase no seu todo.

A Gramática de Valências estuda a estrutura relacional dos lexemas nucleares, considerando o número de lugares vazios que apresentam. Designa-se lugar vazio o termo que preenche o(s) lugar(es) da estrutura relacional expressa pela significação de outro lexema, isto é, contido na sua estrutura. O verbo é a categoria que mais estruturas relacionais apresenta, sendo o elemento a partir do qual se determina a estrutura da frase¹⁹ e os seus restantes elementos, por apresentarem «de modo mais evidente estruturas relacionais de tipo valencial» (Busse & Vilela, 1986: 13).

Os elementos que preenchem os lugares vazios denominam-se actantes, sendo «les êtres ou les choses qui, à un titre quelconque et de quelque façon que ce soit, même au titre de simple figurants et de la façon la plus passive, participent au procès» (Tesnière,

¹⁹ «É o verbo como predicado que assume a função central da frase e determina a estrutura frásica de base, quer do ponto de vista sintáctico quer semântico. [...] A função predicado na frase exige, como realização, elementos da classe *verbo*, de tal maneira que os elementos pertencentes a outras classes, no caso de serem utilizados como predicados, precisam de um verbo copulativo (*ser, estar...*) para poderem desempenhar essa função.» (Busse & Vilela, 1986: 17).

1959 [1969] : 102). Existem actantes de natureza distinta e com diferentes relações na estrutura relacional da frase, podendo determinar-se uma tipologia de actantes a partir de alguns critérios: (i) posição que ocupam em relação ao verbo; (ii) marcas morfológicas que exibem; (iii) possibilidade de pronominalização e (iv) tipo de interrogação que motivam. A aplicação destes critérios permitiu distinguir dez actantes diferentes, os quais encontram, mais ou menos diretamente, correspondência na gramática tradicional. Para uma descrição das propriedades dos actantes veja-se Busse & Vilela (1986: 35-42) e para uma visualização sintetizada desses critérios consulte-se Silva (2001: 93).

O número e a natureza dos actantes determinam a valência do verbo e o tipo de predicado. Assim, os verbos podem classificar-se em: aivalentes, sem qualquer lugar vazio/actante (correspondem aos verbos intransitivos impessoais da gramática tradicional, como *chover, trovejar, nevar...*); monovalentes, de um lugar vazio/actante (correspondem aos verbos intransitivos da gramática tradicional, como *dormir, tossir...*); bivalentes, de dois lugares vazios/ actantes (correspondem aos verbos transitivos com um complemento, como *comer, comprar, obedecer*); trivalentes, de três lugares vazios/ actantes (equivalem aos bitransitivos, como *dar* e *oferecer*); tetravalentes, de quatro lugares vazios/ actantes (como *traduzir*).

Os actantes, correspondentes ao sujeito e aos complementos na Gramática Tradicional e aos argumentos na Gramática Generativa, apresentam estatuto obrigatório na estrutura argumental, podendo, no entanto, estar ou não expressos lexicalmente.

A par dos actantes, do processo verbal podem também participar circunstâncias, definidos por Tesnière como exprimindo «les circonstances dans lesquelles se déroule le procès» (Tesnière, 1959: 125).

3.2. Visão funcionalista: a transitividade como *continuum*

A visão funcionalista de transitividade está muito marcada pela proposta de Hopper e Thompson. Hopper & Thompson (1980) tornou-se um marco na revisão das noções em estudo, pela interdependência das componentes sintática, semântica e pragmática na definição de transitividade e intransitividade, sendo que os autores consideram as noções não como duas propriedades opostas e descontínuas, mas como inseridas num contínuo gradativo e escalar. A transitividade é vista como a propriedade central do uso da linguagem.

Nesta perspetiva, a transitividade envolve um considerável número de componentes, das quais uma é a presença de um objeto do verbo. Estas componentes estão interligadas, embora centradas em três parâmetros: o número de participantes, o tipo de ação e a presença/tipo de objeto.

A proeminência de transitividade numa construção deriva do número de critérios de cada um dos planos: alta transitividade ou baixa transitividade. Estes planos permitem, então, determinar o grau ou nível de transitividade da construção, não havendo, portanto, e mais uma vez, lugar para a intransitividade. Veja-se o Quadro I, a seguir, para uma síntese das referidas componentes.

	Alta Transitividade	Baixa Transitividade
A. Participantes	2 ou mais participantes	1 participante
B. Ação	ação [+ ação]	não-ação [- ação]
C. Aspeto	télico [+ tel]	atélico [- tel]
D. Pontualidade	pontual [+ pont]	não-pontual [- pont]
E. Volição	volitivo [+ vol]	não-volitivo [- vol]
F. Afirmção	afirmativo [+ afirm]	negativo [- afirm]
G. Modo	real [+ real]	irreal [- real]
H. Agentividade	alta agentividade [+ agen]	baixa agentividade [- agen]
I. Afetação do Objeto	totalmente afetado [+ afet]	não afetado [- afet]
J. Individualidade de Objeto	altamente individual [+ ind]	não individual [- ind]

Quadro I - Componentes da transitividade apontadas por Hopper & Thompson (1980)

Uma das inovações desta visão de transitividade prende-se com o tipo de propriedades da transitividade, sendo determinadas no discurso e não pré-determinadas por uma qualquer estrutura (argumental, eventiva ou temática) de palavra, normalmente o verbo. Os autores propõem, assim, isolar as partes/componentes da noção de transitividade e estudar as formas como são codificadas pelas línguas. Identificam os parâmetros da transitividade (cf. Quadro I) e sugerem uma escala, com a qual as frases são classificadas.

Foquemo-nos mais atentamente nos critérios da expressão ou não da ação e nas propriedades do objeto. Em frases como (12) e (13), o grau com que uma acção é transferida para um objeto implica o quanto esse mesmo objeto é afetado. Em (12) o

objeto é mais afetado do que em (13), pelo que a primeira construção é mais transitiva que a segunda.

(12) I drank up *the milk*. (Hopper & Thompson, 1980: 253)
[Bebi o leite.]

(13) I drank some of *the milk*. (Hopper & Thompson, 1980: 253)
[Bebi algum do leite.]

Por outro lado, uma ação pode ser mais efetivamente transferida a um objeto individual [+ ind] do que a um não individual [- ind]; um objeto definido é afetado mais completamente do que um objeto indefinido. Assim, a componente da individuação refere-se tanto à distinção entre o Paciente/Objeto e o Agente, como à distinção entre eles e o conhecimento do mundo. Os referentes dos nomes com as propriedades contidas na coluna da esquerda do Quadro II são mais altamente individualizados do que aqueles que contenham os seus equivalentes do lado direito (cf. Hopper & Thompson, 1980: 253).

nomes [+ ind]	nomes [- ind]
próprio	comum
humano, animado	inanimado
concreto	abstracto
singular	plural
contável	não contável
referencial, definido	não-referencial

Quadro II – Propriedades determinantes dos objetos (não)individualizados

A noção de transitividade, vista por uma perspectiva funcionalista, é uma propriedade de toda a oração e pode ser analisada segundo diferentes partes da mesma. As orações podem ser mais ou menos transitivas segundo o número de traços presentes na coluna da alta transitividade ou da baixa transitividade (cf. Quadro I acima). Desta forma, e como os autores notaram, este entendimento de transitividade como um *continuum* pode ter consequências decisivas no grau de transitividade atribuído à oração: uma frase com dois participantes pode ser, facilmente, mais baixa em transitividade que uma com um apenas, a contar com o número de traços que possui, indicativos de alta transitividade. Assim, a frase (14), com apenas um participante, tem mais traços de alta transitividade do que a (15), com dois participantes.

(14) Susan left. (Hopper & Thompson, 1980: 253)
[Susana saiu.]

- (15) Jerry likes beer. (Hopper & Thompson, 1980: 253)
[Jerry gosta de cerveja.]

Na gramática de todas as línguas analisadas pelos autores, os traços da transitividade variam em extensão e sistematicidade (Hopper & Thompson, 1980: 254). A variação notada revela que a relação de transitividade é uma relação central na gramática das línguas humanas e sempre que um par de traços de transitividade ocorre obrigatoriamente na morfologia e na semântica das orações, os pares de traços são sempre colocados numa escala de alta ou baixa transitividade. Tal observação leva os autores a convocar as propriedades universais da gramática, para a formulação da Hipótese de Transitividade (16).

- (16) Hipótese de Transitividade: se duas orações (a) e (b) numa língua diferem em que (a) é mais alta em transitividade de acordo com qualquer uma das características A-J, então, se a diferença gramatical ou semântica estiver simultaneamente em outros lugares na oração, essa diferença mostra que (a) será também mais alta em transitividade.²⁰ (Hopper & Thompson, 1980: 255)

A hipótese de transitividade refere-se apenas a marcas morfossintáticas obrigatórias ou interpretações semânticas, em situações em que a covariação dá lugar a dois valores. Assim, se uma língua tem uma oposição, marcada morfologicamente, entre verbos télicos e atélicos, por exemplo, um objeto, na presença de um verbo télico, é obrigatoriamente assinalado na morfologia como possuindo traços de alta transitividade, [+ind] e, conseqüentemente, referencial [+refer], ideia que é esquematicamente representada em (17).

- (17) a) A V O
 [télico] [x]

The businessman **wrote** a letter to the committee.
[O homem de negócios escreveu uma carta ao comité.]

20 No original "If two clauses (a) and (b) in a language differ in that (a) is higher in Transitivity according to any of the features 1 A-J, then, if a concomitant grammatical or semantic difference appears elsewhere in the clause, that difference will also show (a) to be higher in Transitivity." (Hopper & Thompson, 1980: 255)

b) A V O
[atélico] [y]

The businessman **was writing** a letter to the committee.
[O homem de negócios estava a escrever uma carta ao comité.]

(Hopper & Thompson, 1980: 262)

Nesta língua, dado que os traços de [x] e [y] são ambos [+ ind] e que o objeto deve receber uma marca para estes traços, então a hipótese de transitividade prevê que [x] sinalizará o objeto como referencial, [+ ref], e o [y] como não referencial, [- ref]²¹.

Veja-se ainda que, segundo esta hipótese, os traços de alta ou baixa transitividade podem ser manifestados morfossintática ou semanticamente. Os autores apresentam exemplos de correlação entre certas marcas morfossintáticas, mas também de correlações entre marcas morfossintáticas e interpretações semânticas, nomeadamente em línguas Bantu. De salientar, por exemplo, que frases com objeto incorporado codificam orações em que existe baixa transitividade, sendo consideradas pela tradição gramatical como “intransitivas”. As marcas morfossintáticas são sensíveis à presença ou ausência do segundo participante (objeto).

Esta perspetiva escalar de transitividade reflete-se nos estudos de diversos autores funcionalistas (Moreno Cabrera, 1991; Givón, 1980, 2001).

Moreno Cabrera (1991), ao refletir sobre a definição de transitividade e as suas propriedades, apresenta várias conceções e perspetivas de abordagem. À conceção da tradição gramatical, Moreno Cabrera (1991) acrescenta que os verbos transitivos não só podem envolver a passagem de um objeto ou indivíduo de um sítio para outro, como também de um estado para outro. Vejam-se os exemplos (18) para o Castelhana e (19) para o Português.

- (18) a) Juan puso todos los sellos en la carta. (Moreno Cabrera, 1991: 489)
b) Juan puso toda su atención en la carta. (*idem*)

- (19) a) A Maria pôs o livro na mesa.
b) A Maria pôs toda a sua atenção no doutoramento.

²¹ Este princípio não prevê que o objeto seja obrigatoriamente marcado (ou mesmo interpretado) com o traço [x] ou [y], mas apenas que, se é marcado, esta marca refletirá o lado alto ou baixo da componente relevante da Transitividade respetiva. Assim, segundo os autores, a hipótese de transitividade prevê que em nenhuma língua será encontrado um objeto de um verbo télico marcado como [- ref] ou um objeto de um verbo atélico obrigatoriamente [+ ref].

Em (18a) e (19a) há um movimento físico e em (18b) e (19b) há um movimento intelectual, a atenção de *Juan/Maria* deixa de se concentrar num assunto e passa a concentrar-se noutra.

Na linha de análise de Hopper e Thompson, Moreno Cabrera entende a transitividade não como uma propriedade exclusiva dos verbos (presente no léxico), mas sim dos predicados e, às vezes, de toda a oração: “Aunque [...] los verbos puedan clasificarse en transitivos e intransitivos, es más bien el predicado entero que tiene la propiedad de la transitividad entendida desde el punto de vista estrictamente sintáctica.” (Moreno Cabrera, 1991: 489)

Neste sentido, a transitividade é também entendida como graduável, na medida em que se pode afirmar que dois predicados têm graus de transitividade diferente, ainda que contendo o mesmo verbo, como em (20).

- (20) a) O João come.
- b) O João come o bolo.

Estas duas frases têm predicados verbais com graus de transitividade distintos, sendo que (20b) é um predicado mais transitivo do que (20a), uma vez que apresenta mais marcas de transitividade: coesão verbo-objeto; possibilidade de pronominalização (21a); permite pergunta/resposta pelo objeto (21b); e possibilidade de passivização (21c).

- (21) a) O João come-o.
- b) O que o João come? O bolo.
- c) O bolo foi comido pelo João.

Segundo Moreno Cabrera (1991: 490), na linha de Hopper & Thompson (1980) e Cano Aguilar (1981), existem, pelo menos, cinco formas de expressar os graus de transitividade: (i) indeterminação semântica do verbo quando aparece sem objeto; (ii) coesão verbo-objeto; (iii) pronominalização nos casos de anteposição do objeto (em Castelhana) (*a tu padre; lo vi ayer*); (iv) pergunta para apresentar o objeto (*o quê?; a quem?*); (v) possibilidade de admissão da passiva.

Se pensarmos no verbo *comer*, este pode cumprir todas as propriedades apontadas exceto a primeira, porque, quando está sem objeto, este não está determinado semanticamente. Vejamos o que ocorre com estruturas com os verbos *tossir* e *dançar*, respectivamente (22) e (23).

- (22) a) A Maria tossiu.
b) A Maria tossiu sangue.
c) A Maria tossiu uma tosse seca.
- (23) a) Os finalistas dançaram.
b) Os finalistas dançaram hip-hop.
c) Os finalistas dançaram uma dança enérgica.

Na conceção escalar de transitividade, claramente (22a) e (23a) encerram predicados menos transitivos que os restantes exemplos, desde logo pela inexistência de objeto sintático. Porém, será que não há igualmente diferenças de transitividade entre (22b) e (23b), por um lado, e (22c) e (23c), por outro? Desde logo, há que analisar a relação de interdependência processo-objeto: em *tossir sangue*, (22b), o objeto é totalmente independente do processo e subsiste após o seu fim; em *tossir uma tosse seca*, (23c), o objeto resulta do processo e não tem uma existência anterior ou posterior independente, pelo que cessa a sua existência quando o processo termina. Vejamos a gramaticalidade das construções quando aplicados alguns critérios de transitividade enunciados antes.

- (24) a) A Maria tossiu-o. (o=sangue) (pronominalização)
b) A Maria tossiu o quê? (sangue) (interrogativa Q)
c) ?Sangue foi tossido pela Maria. (passiva)
- (25) a) */?A Maria tossiu-a. (a=uma tosse seca) (pronominalização)
b) ?A Maria tossiu o quê? (uma tosse seca) (interrogativa Q)
c) */?Uma tosse seca foi tossida pela Maria. (passiva)

Segundo os exemplos, o verbo *tossir* apresenta um número diferente de propriedades de transitividade: no exemplo (22b) apresenta três propriedades - coesão verbo-objeto, perguntas com *o quê?* e passivização como os testes em (24) ilustram,

enquanto no exemplo (22c), e a considerar pelos juízos de gramaticalidade assinalados em (25), poderá não apresentar nenhuma das três propriedades, se realmente o objeto for excorporado do processo²².

Vemos que o conceito de transitividade costuma associar-se ao de atividade: “el verbo transitivo supone una actividad que, ejercida por un individuo, pasa a ser transmitida a un objeto, cambiando de sitio dicho objeto.” (Moreno Cabrera, 1991: 490). A tipo de atividade acrescentou-se a ideia de movimento intelectual, tal como já foi ilustrado em (18b) e (19b); porém, a mudança do objeto, às vezes, pode ser existencial – um objeto não existia e passa a existir. Vejam-se os exemplos de (26) e (27), para o Castelhana e o Português.

(26) a) Juan empujó la rueda. (Moreno Cabrera, 1991: 491)

b) O João empurrou a roda.

(27) a) Juan hizo la rueda. (Moreno Cabrera, 1991: 491)

b) O João fez a roda.

Em (26), o objeto já existia antes de ser movido; pode, portanto, dizer-se que o objeto foi *afetado* e, em (27), o objeto não existia, pelo que se pode denominar *objeto efetuado*. Estas noções são aproveitadas por alguns autores (Höche, 2009, por exemplo) para uma distinção entre subclasses de OC (cf. §3., Capítulo III).

Em conclusão, Moreno Cabrera (1991) considera que a transitividade é um fenómeno global dos predicados, recobrando três níveis simultâneos de análise (lexical, sintático e semântico)²³, e gradual, porque se pode decompor em propriedades mínimas isoláveis/analísáveis, que podem não ocorrer em simultâneo nos enunciados e podem afetar diferentemente o grau de transitividade da construção e em diferentes níveis. O conceito de transitividade escalar é visto por este autor na mesma linha de Hopper &

²² Moreno Cabrera (1991: 498) faz uma distinção entre objetos incorporados e objetos excorporados do verbo.

²³ Três níveis de definição de transitividade: (i) nível lexical, os verbos podem ter a propriedade de exigir um sintagma nominal, sendo denominados verbos transitivos; (ii) nível sintático, há construções predicativas compostas por um verbo e um objeto regido sintaticamente por ele; (iii) nível semântico, alguns acontecimentos da realidade podem resultar da ação exercida por um agente sobre um objeto, realizando uma ação da qual, como resultado, surge um objeto.

Thompson (1980), determinado por componentes de análise e presentes em graus diferentes nas frases²⁴.

4. Síntese do capítulo

Dos dados apresentados, podemos concluir que a classificação dos verbos com base na propriedade da transitividade (verbos transitivos *vs.* verbos intransitivos) é uma questão controversa, talvez mesmo desatualizada e não pode, de maneira nenhuma, depender exclusivamente dos itens lexicais e das suas possíveis propriedades abstratas ou não.

O percurso histórico aqui realizado permitiu-nos perceber que as noções envolvidas na definição dos termos transitividade e intransitividade são várias e heterogêneas, embora ligadas pela noção de “*passagem*”. Esta ideia de passagem foi marcando o entendimento daquelas noções nas diversas épocas, nos seguintes termos: (i) oração que passa de ativa a passiva (cf. gramáticos latinos); (ii) verbos de tipo ativo, passivo ou neutro (João de Barros); passagem de uma qualidade, estado ou ação do verbo ao complemento (Jerónimo Soares Barbosa); divisão dos verbos em transitivos e intransitivos, segundo a passagem ou não de uma qualidade, estado ou ação ao complemento (gramáticas tradicionais).

Apesar dos contributos muito importantes da Gramática de Valências, dos funcionalistas Hopper & Thompson e, na tradição espanhola, Moreno Cabrera, entre outros, era necessário que a estas reflexões sobre a natureza e os critérios de transitividade/intransitividade se adicionasse uma análise formal da estrutura dos predicados, a qual se inicia, principalmente, com a discussão em torno da noção de estrutura argumental, com os modelos lexicalistas.

Nesta perspetiva, focaremos, no capítulo seguinte, a nossa atenção em alguns modelos formais que abordam e encaram as noções de estrutura argumental e estrutura eventiva dos predicados verbais com enfoques diferente, lexicalistas, não-lexicalistas ou mistos.

²⁴ Pereira (2009:53-84) organiza as visões funcionalistas em torno das noções de transitividade escalar (Givón, 1990), transitividade multifuncional (Hopper & Thompson, 1980) e transitividade e “zona.objeto”.

Capítulo II

Modelos formais de abordagem das estruturas argumental e eventiva dos predicados verbais

1. Considerações introdutórias
2. Modelos formais na abordagem das estruturas argumental e eventiva
 - 2.1. Modelos lexicalistas
 - 2.2. Modelos não-lexicalistas
 - 2.3. Modelos intermédios
3. Síntese do capítulo

“Sempre *pensámos o pensamento* dos outros até estranhamente nos perguntarem que pensamento temos – o pensamento alheio anda de boca em boca.” (*corpus*: v58; c607)

Embora a proposta de modelos distintos nesta área seja enorme, sugeri que os fenómenos de alternância verbal não alteram o significado lexical dos itens envolvidos e que cabe à estrutura funcional sintática (...) dar conta das alternâncias; levando ao extremo esta conceção, o Léxico como lugar da gramática em que estão especificadas as estruturas argumentais pode não ter razão de existir. (Brito, 2012: 41)

1. Considerações introdutórias

A partir da década de 70 do século XX, aproximadamente, repensou-se o papel das componentes Léxico, Sintaxe e Semântica, aceitando-se, de forma generalizada, e ainda que em moldes diferentes, que os predicados verbais apresentam uma estrutura argumental, responsável pelo número de argumentos do verbo e suas categorias, e uma estrutura eventiva, que dá conta da natureza aspetual básica e das relações sintáticas e semânticas desses argumentos com o predicador, traduzidas pelas chamadas funções semânticas ou papéis temáticos.

A noção de estrutura argumental foi introduzida por teorias lexicalistas, como sendo um tipo de informação gramatical encontrada nas entradas lexicais dos predicadores. Assim, a ocorrência de um verbo no léxico passou a implicar a existência de informação sobre os seus requisitos argumentais e temáticos. Com linguistas como Zubizarreta (1987), Grimshaw (1990) e muitos outros, a estrutura argumental passou a ser vista a partir da interface entre o Léxico, a Semântica e a Sintaxe, sendo encarada

simultaneamente como um nível de representação lexical e um nível de representação sintática.

Neste sentido, os verbos são, nas línguas naturais, as palavras predicativas por excelência, apresentando tipicamente uma estrutura argumental. Esta compreende o número e a natureza dos argumentos de uma dada palavra predicativa, constituindo a “especificação mínima dessa palavra” (Duarte & Brito, 2003: 183). A estrutura eventiva, também chamada, conforme os modelos teóricos, aspeto lexical ou *Aktionsart*, representa os subeventos que constituem o significado dos predicados verbais e a sua organização interna. Na relação entre a estrutura eventiva e os argumentos, encontram-se os papéis temáticos ou semânticos que cada argumento selecionado pelo verbo tem, ou seja, “o tipo de relação semântica que associa cada argumento à palavra predicativa que o seleciona” (Duarte & Brito, 2003: 187).

Neste capítulo, discutiremos pontos centrais de alguns modelos formais – lexicalistas, não-lexicalistas e de interface – que abordam as estruturas argumentais e eventivas dos predicados e tentaremos evidenciar os modos como tentam resolver algumas das questões enunciadas na Introdução desta dissertação, a propósito das construções com alternância transitiva / intransitiva (cf. §3. da Introdução).

2. Modelos formais na abordagem das estruturas argumental e eventiva

2.1. Modelos lexicalistas

2.1.1. Chomsky (1965, 1970, 1981, 1982)

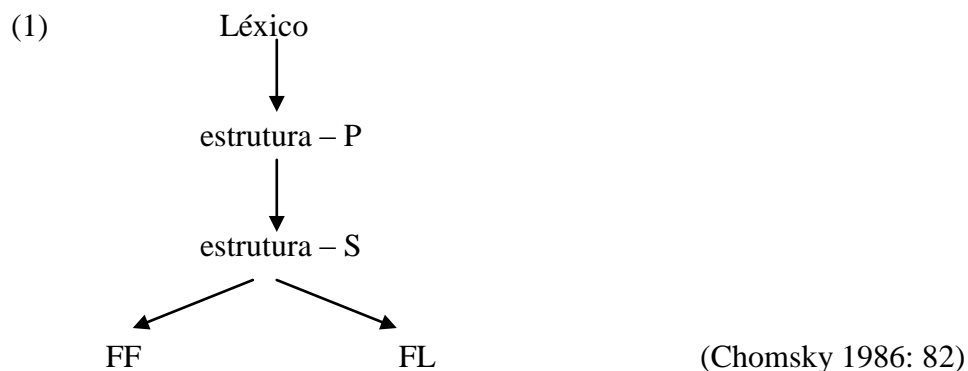
Nos primeiros modelos da Gramática Generativa (GG), a gramática compreendia três componentes: Sintaxe, Semântica e Fonologia (Chomsky, 1965: 231)²⁵, sendo a sintaxe de uma língua considerada o sistema gerativo por excelência. Uma construção apenas seria considerada gramatical, numa dada língua, se respeitasse os traços de subcategorização e os de seleção dos predicados, considerando-se que as frases têm dois

²⁵ “Uma gramática compreende uma componente sintática, uma componente semântica e uma componente fonológica. As duas últimas são puramente interpretativas, não desempenhando qualquer papel na geração recursiva das estruturas das frases. A componente sintática é constituída por uma componente de base e por uma componente transformacional. [...] Uma estrutura profunda entra na componente semântica e recebe uma interpretação semântica e é convertida numa estrutura de superfície.” (Chomsky, 1965: 231)

níveis de estrutura sintática: Estrutura Profunda (*Estrutura-P*) e Estrutura de Superfície (*Estrutura -S*).

Desta forma, a finalidade última da gramática, nestes modelos, consistia em estabelecer uma relação entre uma interpretação semântica e uma representação fonética, sendo que essa relação era mediada pela componente sintática da gramática, que constitui a sua única fonte gerativa. Ao assumir-se que as estruturas profundas são geradas pela componente de base está-se a assumir que a interpretação semântica de uma frase depende exclusivamente dos seus itens lexicais e das funções e relações gramaticais representadas nas estruturas subjacentes em que surgem²⁶. Um dos pontos inovadores do modelo *Aspects* foi a articulação das componentes Sintaxe, Semântica e Fonologia, que até aí se encontravam em total autonomia.

Já em Chomsky (1981), é concebido o modelo de gramática em Y (1), prevendo-se agora uma interface entre Léxico e Sintaxe, sendo aquele o reservatório das entradas lexicais que funcionarão como *input* para a Sintaxe operar – a componente Sintaxe continua a ser a componente gerativa e central da gramática.



No quadro teórico da *Teoria de Princípios e Parâmetros* (Chomsky, 1981, 1986), considera-se que todo o indivíduo é dotado de uma capacidade mental inata, conhecida como *Faculdade de Linguagem*, que inclui uma Gramática Universal (GU). Chomsky

²⁶ O nível da Estrutura Profunda constitui um nível de representação linguisticamente relevante, na medida em que certas generalizações linguísticas podem ser formuladas nesse nível: (i) a inserção lexical é efetuada nesse nível; (ii) a estrutura profunda é o *input* da componente transformacional, como serve também de entrada às regras que a ligam à semântica; (iii) as restrições de seleção e de co-ocorrência entre itens lexicais são aí formuladas; (iv) as relações funcionais, como *Sujeito de* e *Objeto de* definem-se neste nível. A estrutura profunda, estrutura com aquelas quatro propriedades, é um nível distinto da representação semântica e permite fazer a distinção entre o que é chamado de Sintaxe (o trajeto ente a estrutura profunda e a estrutura de superfície) e a semântica (a representação semântica). Em síntese, a Sintaxe é independente da semântica e as propriedades semânticas não interferem no estudo formal da Sintaxe (Chomsky, 1965).

advoga a existência de princípios fundamentais, inatos e universais, que restringem a forma da gramática, e de um conjunto de parâmetros que serão fixados pela experiência, ou seja, de acordo com o *input* linguístico. A GU teria na sua formação vários subsistemas em interação: o subsistema do conjunto de princípios inatos (como os que regulam as condições de regência, ligação, caso, papéis temáticos) em interação com os subsistemas de parâmetros (regras do léxico, da sintaxe, da fonologia e das formas lógicas). As gramáticas particulares seriam determinadas a partir de princípios comuns e a partir da fixação dos parâmetros.

Nestes modelos, o Léxico é uma componente fundamental do sistema linguístico e, como tal, não só armazena todos os itens lexicais, como também as suas propriedades semânticas. No que se refere aos verbos, estes são palavras predicativas por excelência, sendo as suas propriedades lexicais que determinam as suas características argumentais e temáticas. Esta ideia encontra-se em grande parte das reflexões sobre transitividade, bem como nos modelos formais de base lexicalista, a partir de Chomsky (1981).

Tal ideia é visível no Princípio da Projeção (Chomsky 1981), que dita a representação categorial dos complementos (2).

- (2) Princípio da Projeção: “a estrutura lexical deve ser representada categorialmente em cada nível sintático” (Chomsky, 1986: 97, a partir de Chomsky, 1981)

Segundo este princípio, as representações sintáticas são projetadas a partir do Léxico e devem respeitar a subcategorização dos itens lexicais. Assim, as estruturas sintáticas (Estrutura-P e Estrutura-S) respeitam as grelhas argumental e temática dos itens lexicais, pelo que um argumento apenas estará presente em forma lógica (FL) e em forma fonológica (FF) se o verbo o exigir nas suas grelhas argumental e temática (para uma problematização desta questão cf. Introdução. §3. *Motivação para o estudo*).

Tendo o *Princípio da Projeção* em conta, poderá afirmar-se que uma das consequências é “o facto de, se um elemento for «interpretado» como ocupando uma dada posição, esse elemento ter de estar *aí* na representação sintática, quer como uma categoria foneticamente realizada, quer como uma categoria vazia, à qual não é atribuída forma fonética.” (Chomsky, 1986: 97). Assim, um verbo caracterizado lexicalmente como transitivo terá de ter um objeto, representado sintaticamente como seu complemento num

sintagma verbal, em todos os níveis sintáticos (Estrutura-P; Estrutura-S, FL), exceto em FF, o que quer dizer que o objeto está previsto, mas pode não estar realizado.

Este tipo de abordagem, à primeira vista, parece não dar resposta à variação paramétrica das línguas: um complemento exigido pelo item verbal pode não ser realizado à superfície, como em (3); um complemento não exigido pode estar representado, como nas construções com dativos éticos/interesse (4).

(3) a) As más notícias chocam.

b) Sim, estou a ver.

(4) a) João, come-*me* essa sopa rápido.

b) O João pôs-*lhe* as cortinas na casa nova.

As construções (3) e (4) levantam diversos problemas, entre eles as discussões em torno das construções com os objetos nulos²⁷ e com argumentos acrescentados/incorporados, que, por limites temáticos e de espaço, não desenvolveremos.

Um outro princípio nuclear da GG é o *Princípio da Projeção Alargada*, que veio complementar o *Princípio da Projeção*, na medida em que prevê uma posição obrigatória de Sujeito, mesmo que não seja preenchida foneticamente em algumas línguas, por exemplo o PE, (5a).

(5) a) Eu vim cedo./ Vim cedo.

b) I came late. / *Came late.

No entanto, dados contrastivos de várias línguas revelam que a posição do sujeito é obrigatória, independentemente da natureza semântica e sintática do verbo e da exigência de um sujeito semântico.

(6) a) It rains.

b) Il pleut.

c) Chove.

d) Llueve.

²⁷ Ver Brito (1999) para uma reflexão sobre algumas particularidades sintáticas do Português: o sujeito nulo; a ordem verbo-sujeito e o movimento do verbo; o movimento do verbo e SV nulo; padrões de colocação dos pronomes clíticos, entre outras.

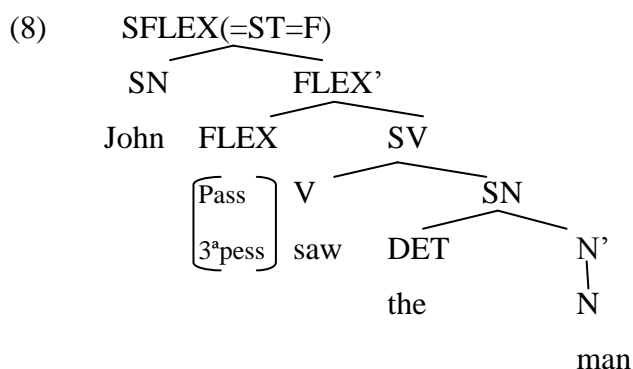
Línguas como o Inglês (6a) e o Francês (6b) ilustram a obrigatoriedade de uma posição de sujeito sintático e respetivo preenchimento com verbos que semanticamente não exigem sujeito, como é o verbo *chover*. O facto de haver línguas que exigem o preenchimento sintático do sujeito e línguas que não o exigem, como o Português (6c) e o Espanhol (6d), tanto com sujeitos não argumentais como com os argumentais (5), permite afirmar que as exigências estruturais podem não depender das propriedades semânticas e concetuais dos itens lexicais, mas de outros requisitos da Sintaxe e da Morfologia.

Assim, o verbo *chover* não seleciona, em nenhuma das línguas, um sujeito semântico, pelo que tanto os sujeitos nulos em (6c) e (6d) como *it* e *il* em (6a) e (6b), respetivamente no Inglês e no Francês, são não argumentais expletivos e não recebem papel temático.

Neste modelo, uma frase finita, declarativa e ativa, com um verbo dito transitivo, como a de (7), poderia corresponder, sumariamente, à estrutura (8), cumprindo os requisitos da Teoria X-Barra. Não discutiremos a questão da posição base do SN sujeito: ser gerado no lugar que ocupa ou ser elevado de dentro do SV, como certos desenvolvimentos propõem.

(7) John saw the man.

[John viu o homem.]



A representação (8) é constituída de acordo com os princípios gramaticais expostos em Chomsky (1982). A categoria F (SFLEX, ST) é constituída pelo especificador, o SN *John* (sujeito) e por FLEX'. FLEX é o núcleo da projeção FLEX' e

rege funcionalmente o complemento SV, *see the man*. O SV é constituído pelo núcleo V, *see*, e pelo seu complemento, o SN *the man*, que, por sua vez, é constituído por DET e N.

Desta forma, um elemento tem como *domínio* o sintagma em que ocorre, sendo que c-comanda os restantes elementos dessa projeção máxima: o domínio de V é SV, o domínio de N é SN, o domínio de FLEX é SFLEX (F). Além de c-comandar todos os elementos, esse elemento rege o especificador e o núcleo, e o núcleo, por sua vez, rege o complemento. Os conceitos de *c-comando* e de *regência* são centrais no modelo de *Princípios e Parâmetros* (Chomsky, 1981, 1982, 1986).

Outro módulo deste modelo é a *Teoria dos Papéis Temáticos*, que determina que aos argumentos de um núcleo lexical de um sintagma são atribuídos papéis temáticos. Os papéis temáticos são as propriedades semânticas atribuídas por núcleos lexicais. No que toca aos verbos, este processo pode ser explicado da seguinte forma: como núcleo de SV, um verbo transitivo não só exige que um complemento satisfaça os traços subcategoriais, mas também lhe inscreve um estatuto temático, ou seja, uma função semântica. Chomsky assume a existência de um papel temático para cada SN de uma oração, segundo o critério temático, (9).

(9) Critério Temático: cada argumento só pode receber um e apenas um papel temático e um papel temático só pode ser atribuído a um e apenas a um argumento²⁸ (Chomsky, 1981: 36).

Neste modelo, quer o Princípio da Projeção quer o Critério Temático têm de ser satisfeitos para que um constituinte possa ser considerado argumento do verbo. É com base nestes critérios que vários autores consideram os seguintes tipos de constituintes: argumentos verdadeiros, não argumentos e adjuntos.

Os argumentos verdadeiros encontram-se em posições – A²⁹, pelo que exigem um papel temático. Os sintagmas que exigem papéis temáticos são argumentos e os não argumentos, categoria em que se incluem os expletivos, não exigem.

²⁸ No original “*Each argument bears one and only one θ -role, and each θ -role is assigned to one and only one argument.*” (Chomsky, 1981: 36)

²⁹ As *posições-A* são as posições que podem ser preenchidas por argumentos: a estas posições são atribuídas funções gramaticais como as de sujeito e de objeto (incluindo o objeto de uma preposição) e às quais é atribuído (por princípio) um papel temático, como, por exemplo, os de Agente e Tema, embora esta seleção temática dependa da escolha dos itens lexicais. Existem também as posições –A’, que são ocupadas por operadores como *who*, em Inglês, em orações interrogativas e em orações relativas. Uma das diferenças

Os chamados não argumentos são introduzidos sobretudo para resolver a questão dos sujeitos não argumentais (cf. exemplos (5) e (6) antes apresentados). Os não argumentos “lack any such function as a matter of gramatical principle” (Chomsky, 1981: 325), pelo que *I* é um argumento verdadeiro em *I came late* (5b), encontrando-se, portanto, numa posição argumental, e *it* é um não argumento em *It rains* (6a); aquele recebe um papel temático e este não.

Os argumentos são os elementos participantes do evento e os adjuntos são os elementos que contextualizam ou localizam o evento.

Em síntese, até Chomsky (1986) a estrutura argumental esteve muito marcada pela própria conceção de Léxico, sendo que as representações sintáticas são projetadas na Sintaxe a partir das propriedades de seleção sintática e semântica dos itens lexicais; no Programa Minimalista, um modelo igualmente lexicalista, as entradas lexicais passam a ser encaradas como um conjunto de matrizes de traços (fonológicos, sintáticos e semânticos), que, com base em operações sintáticas, se unem aos traços funcionais (cf. §2.1.4.).

Na década de 90, vários são os estudos, também eles generativistas, que postulam que os verbos inergativos podem ser transitivos *escondidos*, portanto, também falsos intransitivos (cf. Pustejovsky, 1995; Hale & Keyser, 1993, 1997, a seguir apresentados).

2.1.2. Pustejovsky (1995)

A representação estrutural do Léxico Gerativo de Pustejovsky, construída segundo uma teoria semântica lexical, caracteriza o léxico como um sistema modular, conectado entre si por um conjunto de estratégias gerativas. As estratégias – que serão os processos aplicados - constroem a interpretação dos itens lexicais de acordo com o contexto em que eles se realizam. Nesta perspetiva, o léxico deixa de ser entendido como um conjunto estático de palavras, como as teorias lexicais anteriores à década de noventa o entendiam. Para Pustejovsky (1995), existe uma série de regularidades linguísticas geradas por um sistema, a teoria do Léxico gerativo, tendo como consequência direta um número menor de entradas lexicais do que o apresentado por outros modelos de representação do

entre estas duas posições é que apenas os constituintes em posição argumental, portanto, posição-A, são potencialmente expressões referenciais (expressões-R) (cf. Chomsky, 1986; 93).

significado³⁰. Para se alcançar o grau computacional exigido por Pustejovsky, o mais relevante é considerar as relações lógicas entre os sentidos que um determinado item lexical pode assumir. Assim, as propriedades dos itens lexicais podem ser previstas pelo sistema, simplificando as entradas lexicais em si.

Algumas das estratégias gerativas usadas para a construção do significado são: (i) a coerção de significado – a limitação de interpretação de um item causada pela presença de outro item que o domina; (ii) a conexão seletiva – a delimitação do alcance de operação de um item lexical numa frase ou estrutura; (iii) a co-composição – a composição de um significado novo através da colaboração entre as estruturas de itens.

Toda esta arquitetura está organizada em quatro níveis, considerados níveis de representação estruturada dos itens lexicais: (i) estrutura argumental (*Argument Structure*), responsável pela especificação do número e tipo de argumentos lógicos e da sua organização sintática; (ii) estrutura de evento (*Event Structure*), que define os tipos de evento de um item lexical ou de uma frase e distingue estados, processos e transições; (iii) estrutura qualia (*Qualia Structure*), onde são apresentados os atributos essenciais de um objeto, através dos papéis *formal*, *constitutivo*, *télico* e *agentivo*; e (iv) estrutura de herança lexical (*Lexical Inheritance*), responsável pelo relacionamento da estrutura lexical com outras e com a organização global do léxico, integrando-o num todo concetual.

A estrutura argumental em si é independente da Sintaxe, apesar de a refletir em alguns pontos. Ela pode ser vista como uma especificação mínima da semântica lexical de um item lexical. Os argumentos propostos são: (i) argumentos verdadeiros, parâmetros da realização sintática do item lexical, veja-se o argumento em itálico em (10); (ii) argumentos *default*, parâmetros ligados à expressão lógica na estrutura *qualia*, que não são necessariamente expressos sintaticamente, como em (11); argumentos sombra estão semanticamente incorporados no item lexical e, por isso, raramente estão expressos na frase, como ilustram os constituintes em itálico em (12); (iv) adjuntos verdadeiros modificam a expressão lógica proposta, mas são parte do contexto pragmático e não estão ligados a nenhum item lexical particular, (13).

(10) *John* arrived late. [João chegou tarde.]

(11) John built the house *out of bricks*. [João construiu a casa com tijolos.]

³⁰ Este modelo de representação do significado lexical diferencia-se de modelos de enumeração do sentido em que existem múltiplas listas de palavras, cada uma anotada em separado com um significado ou sentido lexical estático.

- (12) Mary buttered her toast with an expensive *butter*. [Maria barrou a torrada com uma manteiga cara.]
- (13) Mary drove down to New York *on Tuesday*. [Maria conduziu até Nova York na terça-feira.]

A estrutura eventiva relaciona os valores do item e a ocorrência desses valores na linha do tempo. Dentro da estrutura de eventos, devem-se discriminar os subeventos, definindo-se estes últimos segundo: (i) tipo(s) de evento(s) (estado, processo e transição (téllicos)); (ii) ordem padrão, consistindo na definição de hierarquia dos tipos de evento; quando há mais do que um, expressa-se através da numeração dos eventos E_1, E_2, \dots, E_n ; (iii) restrições de ordenação; indicação de restrição na ordem cronológica dos eventos relacionados, ou seja, se os eventos podem ocorrer simultaneamente ou se as ocorrências são lineares.

A estrutura *qualia* é um sistema de conhecimento referencial, sendo composta por quatro papéis: formal, constitutivo, téllico e agentivo. Cada categoria expressa uma estrutura *qualia*, podendo os papéis da estrutura de um item não ser necessariamente preenchidos.

Um problema que se coloca de imediato é a questão dos itens ambíguos e/ou polissémicos. Para resolver a questão de itens ambíguos, mas não polissémicos, o autor propõe ainda a caracterização do paradigma concetual lexical (*Lexical Conceptual Paradigm* – LCP), que prevê um meio de caracterizar um item com uma meta-entrada, onde as interpretações possíveis estão listadas e cuja seleção é feita através da contextualização.

Em síntese, o contributo de Pustejovsky (1995) para a definição de estrutura argumental e a sua relação com a sintaxe prende-se com a especificação que é feita ao nível do número e do tipo de argumentos lógicos e da sua possível organização sintática.

Neste sentido, a introdução dos argumentos sombra no conjunto dos tipos de argumentos presentes numa estrutura argumental verbal vem possibilitar uma nova visão em relação às construções com aparente alternância transitiva/intransitiva e contribuir para um enfoque daquela distinção apenas no nível da sintaxe, uma vez que no léxico apenas há lugar para a transitividade.

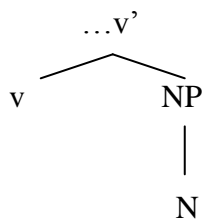
2.1.3. Hale & Keyser (1993, 1997)

A análise das estruturas argumentais desenvolvida em Hale & Keyser (1993) reconfigura a linha de investigação neste campo, pelo facto de os autores proporem que a representação da estrutura argumental dos predicados é ela própria uma sintaxe. Neste sentido, uma representação é léxico-sintática e cada núcleo lexical projeta as categorias e determina as relações entre o núcleo, o especificador e o complemento dentro da projeção.

A linha de argumentação de Hale & Keyser (1993) é suportada pela análise da estrutura argumental lexical abstrata dos verbos *denominais* (*calve, shelve, bottle, saddle, laugh*) e *deadjetivais* (*clear, red*), em Inglês, considerados derivados por incorporação. Esta ideia de verbos derivados por incorporação, mais tarde denominada *conflation* (Hale & Keyser, 2002), é reutilizada e desenvolvida pelos mesmos autores e seguidores, a partir da década de 90.

A partir de Hale e Keyser, deixa de se justificar uma divisão estrita entre verbos lexicalmente transitivos e verbos lexicalmente intransitivos, uma vez que todos haveriam de projetar uma representação estrutural abstrata do tipo de uma estrutura transitiva simples, como ilustrado em (14) (cf. Hale & Keyser, 1993: 54).

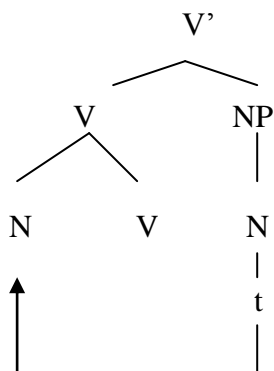
(14) Estrutura transitiva simples



Segundo os autores, a mesma estrutura, (14), pode também ser projetada por verbos como *make* (em *make trouble* [*criar problemas*]), *have* (em *have puppies* [*ter filhotes*]) e *do* (como em *do a jig* [*fazer uma jig*]), os chamados verbos leves. A diferença entre estes itens lexicais verbais e os verbos inergativos (como *to dance* [*dançar*] e *to laugh* [*chorar*]) está no facto de a representação da estrutura lexical dos verbos inergativos envolver um núcleo verbal vazio (abstrato) que se relaciona com um nome (núcleo de um SN complemento), por incorporação (Hale & Keyser, 1993). Neste sentido, a estrutura (14) é comum aos verbos inergativos, projetando também estes, portanto, uma estrutura transitiva simples (monádica em Hale & Keyser, 2002).

O diagrama que ilustra a incorporação do complemento nominal no núcleo verbal vazio apresenta-se em (15).

(15) Estrutura de incorporação nominal



Os autores assumem, como Baker (1988) e outros, que este processo, representado em (15), opera da seguinte forma: o núcleo N, do SN (NP) governado e regido pelo V, é movido e é adjunto a V. O “composto” que resulta da incorporação do N em V, do qual o único componente fonologicamente realizado é N, corresponde ao verbo *denominal*.

Nesta perspetiva, Hale & Keyser (1993) assumem que os verbos inergativos denominais em Inglês são subjacentemente “transitivos” ou “transitivos escondidos”, sendo formados pelo processo lexical (“l-syntactic”) de incorporação³¹.

A relação entre a estrutura transitiva simples (14) e a estrutura de incorporação (15) pertence a uma classe de fenómenos conhecida como alternâncias lexicais, cujo estudo é relevante para as representações lexicais da estrutura argumental (apresentadas na Introdução, § 3. *Motivação para o estudo*, como alternâncias transitivas/intransitivas). Se os autores estão corretos quando dizem que estruturas do tipo (15) envolvem um processo sintático, então “this has clear implications in relation to the nature of argument structure” (Hale & Keyser, 1993: 55). Desta forma, a partir dos autores pode dizer-se que a estrutura argumental é sintática, uma vez que se relaciona com a estrutura lexical projetada a partir dos núcleos lexicais.

O entendimento da estrutura argumental como estrutura sintática definida pela estrutura lexical relacional (*Lexical Relational Structure – LRS*) é central no programa

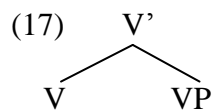
³¹ Esta posição é reforçada pela observação de que “the unergatives of one language are matched in other languages either (i) by the simple transitive VP structure without incorporation (e.g., Basque *lo egin* (sleep-do) ‘sleep’) or (ii) by the transitive VP modified by “visible” incorporation (e.g., Jemez – *záae- ‘a* (song-do) ‘sing’) (Hale & Keyser, 1993: 55).

dos autores, pelo que estes refletem também sobre os principais traços já identificados, em teorias anteriores, como integrantes do conceito de estrutura argumental, como, por exemplo, os papéis temáticos e a sua relação com a projeção categorial.

A relação temática é determinada pela categoria e as suas projeções, sendo estas limitadas pelo reduzido inventário das categorias lexicais (V, N, A, P) e pela projeção. Um evento núcleo “implica” um evento subordinado, como em (16) se ilustra; existe uma relação entre eventos se a sintaxe corresponder a uma composição semântica na qual o evento subordinado é uma parte do evento denotado pela estrutura projetada pelo verbo principal.

(16) $e_1 \rightarrow e_2$ (implicação semântica)

Em (16) há uma relação semântica correspondente à estrutura de complementação (17), na qual um V lexical tem VP como complemento na estrutura lexical relacional.



Nesta linha, um qualquer NP acima de V' está tipicamente associado ao papel temático Agente, uma vez que sustenta a relação de especificador na estrutura projetada pelo verbo.

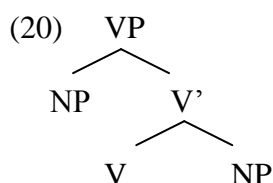
Voltemos a centrar-nos nos verbos inergativos. Um dos tipos de complemento analisados pelos autores, projetado pela categoria N, é exemplificado a partir dos verbos inergativos, como em (18), e dos transitivos simples, como em (19), com verbos leves.

- (18) a) The child laughed. [A criança riu.]
b) The colt sneezed. [O jumentinho espirrou.]
c) Petronella sang. [Petronella cantou.]
d) The ewes lambed. [As ovelhas pariram.]

- (19) a) We had a good laugh. [Tivemos um bom riso.]

- b) She did her new song. [Ela fez a sua nova música.]
- c) The ewe had twins. [A ovelha teve gémeos.]
- d) This mare does a nice trot. [Esta égua faz um bom trote.]

Em ambos os casos, a estrutura relacional abstrata (LRS) envolve um núcleo verbal projetado numa estrutura V' que contém um NP na posição de complemento, como em (20).



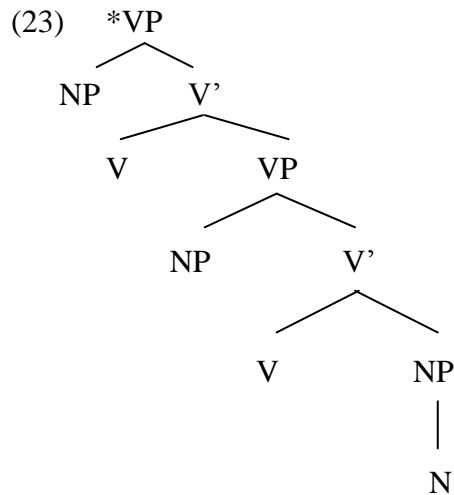
No caso de (19), o complemento NP é uma categoria selecionada pelo item lexical verbal, na representação abstrata, realizado como um argumento NP na sintaxe superficial. No caso de (18), o complemento NP incorpora-se no verbo, sendo este denominal (Hale & Keyser, 1993: 73). Se, como pensam os autores, as estruturas semânticas elementares estão associadas às estruturas sintáticas, então a estrutura semântica associada ao V' de (20), adequada quer para (18) quer para (19), é como em (21).

- (21) $e \rightarrow n$ (um evento implica uma entidade associada à categoria N)

Vejamos as considerações adicionais que os autores fazem acerca da teoria da estrutura argumental dos verbos inergativos, a partir de construções agramaticais, para o Inglês, como as de (22).

- (22) a) *The clown laughed the child. (i.e., got the child to laugh)
[O palhaço chorou a criança. (i.e., fez a criança chorar)]
- b) *The alfalfa sneezed the colt. (i.e., made the colt sneeze)
[A alfafa espirrou o jumentinho. (i.e., fez o jumentinho espirrar)]

Estas frases representam uma classe de estruturas impossíveis em Inglês. Em particular, verbos inergativos não podem aparecer com complementos na representação abstracta (LRS), isto é, um verbo inergativo não pode aparecer na construção lexical sintáctica causativa com sujeito sintático interno, como mostra a agramaticalidade de (23).



Desta forma, os autores concluem que os verbos inergativos não têm sujeito na sua representação abstracta da língua inglesa (na LRS). Segundo os autores, ao assumir-se que os verbos inergativos não têm um sujeito na *l-sintaxe*, a estrutura representada em (23) não pode existir e as construções de (22) são mal formadas, sendo construções impossíveis no próprio léxico.

Em síntese, a exigência de um sujeito sintático (na estrutura-S) não implica uma posição de sujeito interno na estrutura-P, contrariamente ao que afirmam outros autores (por exemplo Sportiche, 1988); o sujeito dos verbos inergativos é externo à representação na estrutura lexical relacional.

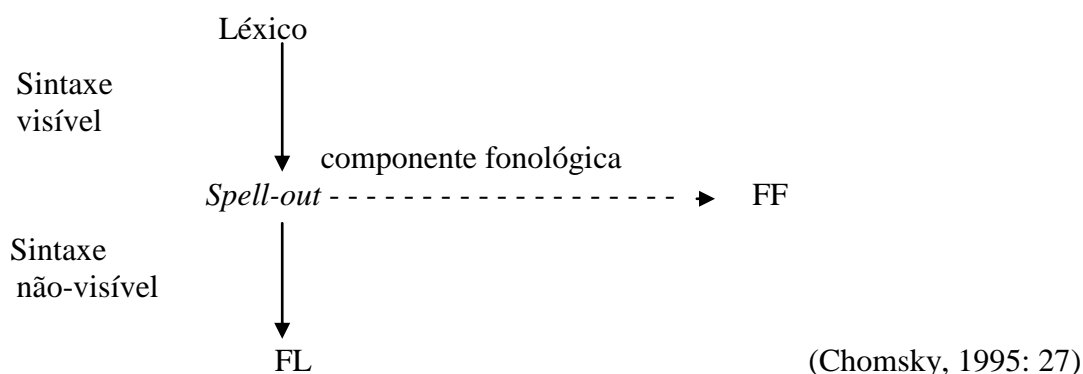
No quadro de Hale & Keyser (2002), trabalho referido mais adiante, a proposta para a estrutura argumental dos verbos denominais e deadjetivais é ligeiramente adaptada. Inicialmente vista como o resultado de uma operação de incorporação (movimento de um núcleo nominal/adjetival para uma posição de núcleo verbal vazio), como descrito anteriormente, a noção de incorporação é refinada de modo a captar as particularidades das construções com aqueles verbos, nomeadamente a existência de objetos cognatos e hipónimos em Inglês (§2.2. Capítulo III). Os autores introduzem, então, a noção de *conflation*, aproveitando as noções de traço e as operações *select/move/agree* e a Teoria do Movimento por Cópia do Programa Minimalista (Chomsky, 1995).

2.1.4. Chomsky (1995, 2000)

Após vários desenvolvimentos da *Teoria dos Princípios e Parâmetros* e também pelo conhecimento das obras de outros autores, Chomsky foi aperfeiçoando a sua teoria sintática, sendo o Programa Minimalista (PM) a sua última versão.

No quadro do PM (Chomsky 1995, 2000), a ideia inicialmente proposta, na *Teoria dos Princípios e Parâmetros*, da existência de parâmetros sofre modificações e estes passam a ser vistos como propriedades de núcleos gramaticais disponíveis no léxico de cada língua. De acordo com este último modelo de Chomsky, a gramática de uma língua, *Língua-I* (nos termos de Chomsky (1986)), conta com um léxico, um sistema computacional e dois níveis de representação – FL e FF – que constroem interfaces com os sistemas *conceitual-intencional* (C-I) e *articulatório-percetual* (A-P). Chomsky propõe o conceito de *spell-out*, como o momento em que a derivação separa os objetos de cada nível de representação (cf. Modelo de Gramática do PM em (24)).

(24) Modelo de gramática do PM

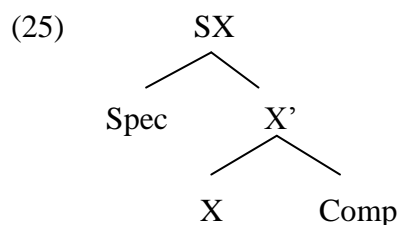


Nesta arquitetura minimalista de gramática³², o léxico de uma língua pode ser entendido como o conjunto de matrizes de traços fonológicos, sintáticos e semânticos de itens lexicais e funcionais. O material lexical são os traços que compõem categorias como

32 No PM, o processo de derivação sintática tem início na Numeração, operação que prepara, a partir do léxico, os itens linguísticos que serão utilizados. A segunda etapa é conhecida como sintaxe explícita, isto é, a construção de objetos sintáticos, realizada pelo sistema computacional, a partir dos itens do léxico disponibilizados pela Numeração. A essa etapa segue o *Spell-out*, momento em que os traços fonológicos são enviados à PF para a interpretação fonética. Os traços semânticos, por sua vez, podem ser encaminhados diretamente, depois de *Spell-out*, para LF. Outra possibilidade é que, após *Spell-out*, ainda haja sintaxe, desta vez implícita, antes que o material seja enviado para LF para a interpretação semântica.

nomes (N), adjetivos (A), verbos (V) e algumas preposições (P), que são capazes de selecionar semanticamente (s-seleção) os seus argumentos, atribuindo-lhes um papel temático. O material funcional são os traços de categorias que pertencem a uma classe fechada e estabelecem uma relação com o seu complemento de natureza distinta da relação estabelecida pelos núcleos lexicais, já que apenas selecionam argumentos tendo em vista a sua categoria (seleção categorial).

Uma entrada lexical conteria, assim, uma matriz fonológica, uma matriz semântica e traços formais não previsíveis, como o traço plural. Diferentemente das categorias lexicais, as categorias funcionais não apresentam conteúdo descritivo, mas contêm informações sobre propriedades gramaticais (como número, género e caso, entre outros). Como categorias funcionais estão, por exemplo, o determinante (D), o tempo (T) e o complementador (C). Assim como as categorias lexicais, os núcleos das categorias funcionais encabeçam constituintes nos moldes da *Teoria X-barra*. Dessa forma, assim como SN (NP), SV (VP), SA (AP) e SP (PP) são projeções máximas dos núcleos N°, V°, A° e P°, respetivamente, também SD (DP), ST (TP) e SC (CP) constituem projeções máximas dos núcleos D°, T° e C° respetivamente, apresentando um complemento e podendo dispor de uma posição de especificador, como mostra a representação abaixo, em que X é um núcleo (lexical ou funcional) qualquer.



Para que a derivação sintática aconteça, atuam, sobre os itens lexicais, operações sintáticas como selecionar (*select*), compor ou fundir (*merge*) e concordar/mover (*agree/move*), responsáveis por combinar recursivamente os elementos do léxico, de modo a formar uma estrutura hierárquica. A operação *select* seleciona um item disponibilizado na Numeração que entrará na derivação e pode ser aplicada quantas vezes forem necessárias, de acordo com o número de elementos disponibilizados pela Numeração. Para combinar os elementos selecionados, a operação *merge* entra em ação, concatenando dois elementos lexicais ou um núcleo a algum objeto sintático já formado.

Essas duas operações – *select* e *merge* – são necessárias para que a derivação aconteça e não são onerosas do ponto de vista da economia³³ gramatical.

No quadro do PM, o tratamento das categorias funcionais passa a ser o tratamento dos traços gramaticais contidos nessas categorias. Esses itens estão disponíveis no léxico da mesma forma que os itens lexicais plenos. Os núcleos funcionais são associados a traços morfológicos que devem ser *verificados* e apresentam a propriedade de desencadear movimentos.

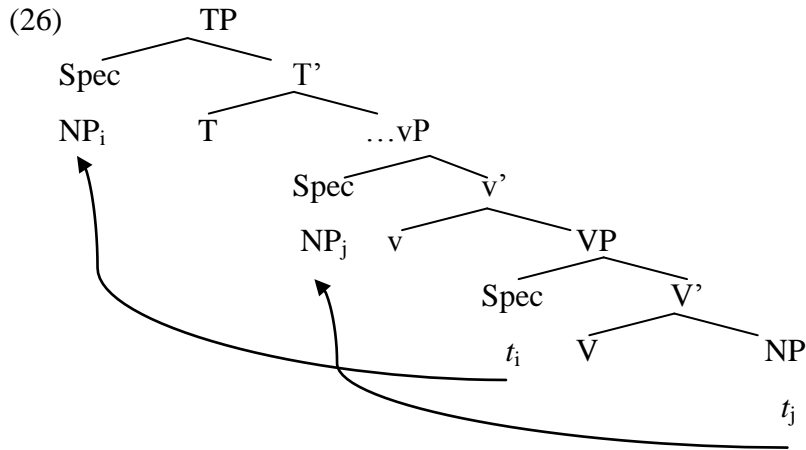
Desta forma, as operações *agree/move* implicam custos ao sistema computacional, uma vez que, para que aconteçam, é necessário que antes tenha operado uma operação de *merge*, e são utilizadas para que determinados traços, denominados não interpretáveis, sejam valorados no decorrer da derivação.

Assume-se, assim, que as categorias T e v são lugares de poiso do verbo, de forma a poder atribuir caso estrutural aos NP. O sujeito, por exemplo, é gerado internamente a VP, em [Spec, VP], mas terá de mover-se para Spec de T, a fim de verificar os traços de nominativo, depois do movimento do verbo para núcleo dessa categoria funcional, [T, T’]; o objeto, NP argumento interno de um verbo transitivo, teria de se mover para Spec de vP, a fim de verificar os traços de acusativo, depois do movimento do verbo para o núcleo da categoria funcional correspondente.

Assim, depois de Chomsky (1995), considera-se que, por um lado, as categorias funcionais TP e vP têm traços intrínsecos de caso, nominativo e acusativo, respetivamente, e, por outro lado, a um NP serão associados traços de caso se esses traços forem *verificados*, numa configuração Spec-Núcleo. Se os NP não receberem traços de caso, a estrutura proposta viola o Filtro de Caso e a derivação falha, isto é, corresponde a uma frase agramatical numa dada língua.

Vejam-se as cadeias de movimentos dos NP, na representação (26).

³³ Como se pode ver através das operações sintáticas das quais dispõe a gramática, a noção de economia está presente no PM. Os Princípios de Economia são aplicados tanto a representações quanto a derivações. Como exemplificação dessa noção aplicada aos níveis de representação está o *Princípio de Interpretabilidade Plena* nas Interfaces (FI, do Inglês *Full Interpretation*). A partir desse princípio, cada elemento, nos níveis de representação FL e FF, deve ter uma interpretação apropriada. Neste sentido, todo o material residual que seja não-interpretável deve ser eliminado durante a derivação sintática para que não alcance as interfaces.



Segundo Chomsky (1995), “um argumento tem de ser visível para que lhe seja atribuída uma função temática, e é o Caso que o torna visível” (Chomsky 1995: 181). Neste sentido, o Filtro de Caso, inicialmente proposto como uma exigência morfológica, faz parte do princípio da marcação temática: “uma cadeia só é visível para a marcação temática se possuir uma posição Casual” (Chomsky, 1995: 181).

Os vestígios (t_i e t_j em (26), considerados não argumentos, são uma cópia do elemento movido, segundo a teoria do movimento por cópia³⁴. De acordo com esta teoria, um vestígio é uma cópia do elemento movido que é apagada na componente fonológica, embora esteja disponível para interpretação na LF, que, por sua vez, estabelece a interface com o sistema C-I. Segundo Nunes (1995, 1999, 2004), os núcleos de cadeia e os vestígios deveriam estar sujeitos aos mesmos princípios e acessíveis às mesmas operações do sistema computacional. Seguindo o sistema de Nunes (2000), o apagamento de cópias obedece a condições de economia e, de um modo geral, apenas uma instância é pronunciada. Este sistema prevê que mais de uma cópia pode sobreviver em casos de *Reanálise Morfológica*, isto é, quando dois núcleos passam a ser analisados pela Morfologia como uma única palavra.

Em FF, apenas a cópia mais alta é visível fonologicamente. A cópia baixa é apagada e consequentemente não se realiza em FF. A teoria da cópia tornou-se um pilar sólido do PM, permitindo o mapeamento do *Spell-out* para a FF.

No entanto, ainda no âmbito desta teoria, Corver & Nunes (2007), baseados em trabalhos anteriores (cf. Nunes, 2004) mostram uma considerável quantidade de evidências que envolvem movimentos para posições argumentais e não argumentais,

³⁴ É Chomsky (1993) que incorpora o que no PM será a Teoria do Movimento por Cópia.

movimento do núcleo e de restantes movimentos que apontam para a conclusão de que os vestígios podem ser realizados foneticamente (cópias estruturalmente mais baixas na representação sintática): “that “traces” (i.e. copies structurally lower in the syntactic representation) may be phonetically realized” (Corver & Nunes, 2007: 3). Desta forma, a realização fonética das cópias é semelhante ao procedimento interpretativo na FL, no sentido em que permite a ativação de cópias mais baixas assim como a sua supressão.

Os desenvolvimentos do PM e da Teoria do Movimento por Cópia trouxeram contributos interessantes à discussão de vários assuntos debatidos na literatura, que vão das construções com alternância transitiva/intransitiva (cf. §3., Introdução) às construções com redobro (cf. Uriagereka, 2000), para o redobro do clíticos; Gallego (2012), para o redobro dos OC). No entanto, muitas questões ficam ainda sem resposta, entre as quais: (i) o porquê de a cópia mais alta sobreviver ao apagamento; (ii) a cópia baixa ser licenciada em simultâneo; (iii) porquê certas cópias podem ser de categorias diferentes.

2.1.5. Hale & Keyser (2002)

Hale & Keyser (2002) é o culminar do trabalho de colaboração entre os dois autores, sendo o aprofundamento da teoria da estrutura argumental lexicalista apresentada em Hale & Keyser (1993) e desenvolvida em trabalhos seguintes (1997; 1998; 2002). Esta revisão do entendimento de estrutura argumental muito beneficiou do conhecimento do PM (Chomsky, 1995).

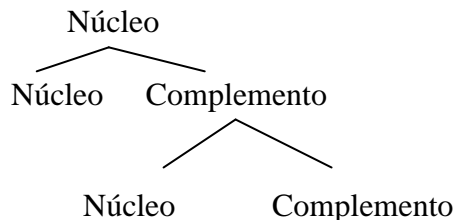
A tese central desta proposta consiste na afirmação de que o comportamento dos itens lexicais pode ser explicado pelas mesmas operações que ocorrem numa frase (*merge*, *move* e *agree*) e por um conjunto mínimo de princípios, sendo que os itens lexicais projetam uma estrutura sintática definida com base em apenas duas relações: complemento e especificador.

“Argument structure is determined by proprieties of lexical items, in particular, by the syntactic configuration in which they must appear. There are just two syntactic relations, complement and specifier, defined so as to preclude iteration and to permit only binary branching.” (Hale & Keyser, 2002:1)

Neste sentido, a estrutura projetada pelo item lexical baseia-se na informação contida no léxico e entende-se por estrutura argumental as configurações sintáticas e/ou estruturais projetadas por um dado item lexical³⁵. Os autores pretendem mostrar que o comportamento de determinados verbos pode ser explicado pelo seu tipo de estrutura argumental. Para identificar diferentes tipos de estrutura argumental de verbos, Hale e Keyser realizam testes de alternância causativo-incoativa e de alternância média em diversas línguas³⁶, apresentando quatro estruturas argumentais possíveis para explicar a projeção de um item lexical por meio de operações sintáticas³⁷: (i) estrutura monádica, para os verbos monoargumentais, por exemplo, os inergativos; (ii) estrutura diádica simples, para os verbos denominados de *location* e *locatum*; (iii) estrutura diádica composta, para os verbos deadjetivais; (iv) estrutura núcleo, para os núcleos que não projetam nem complemento nem especificador.

A estrutura argumental monádica, apresentada em (27), representa os verbos monoargumentais – os denominados inergativos.

(27) Estrutura argumental monádica

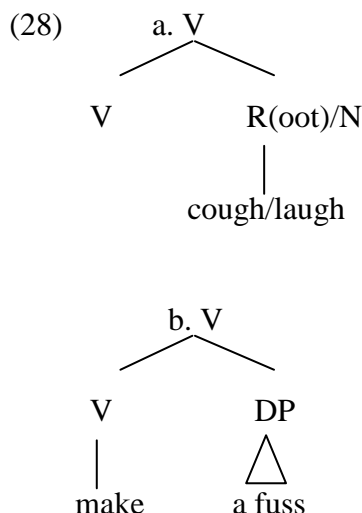


Esta estrutura resulta de uma relação entre núcleo e complemento, em que núcleo e complemento se c-comandam mutuamente. Os autores afirmam que os verbos inergativos formados a partir de uma raiz (*cough* [tossir]) ou a partir de um nome (*laugh* [riso]), podem partilhar a mesma estrutura que as expressões como *make a fuss* [fazer confusão (cf. dar problemas)] e verbos transitivos simples, como se ilustra em (28a e b)

³⁵ Os autores definem estrutura argumental precisamente como “the syntactic configuration projected by a lexical item.” (Hale & Keyser, 2002:1).

³⁶ O Inglês e algumas línguas australianas, como Navajo (Athabaskan), Ulwa (Misumalpan), O’odham e Hopi (Uto-Asteca).

³⁷ Neste ponto, há diferenças entre Hale & Keyser (1993) e Hale & Keyser (2002). No primeiro texto, os autores concebiam os tipos de estrutura com base na categoria do item lexical, enquanto em 2002 assumem que qualquer categoria (e também raízes acategoriais) pode, em princípio, configurar uma das quatro estruturas argumentais propostas para as línguas do mundo.

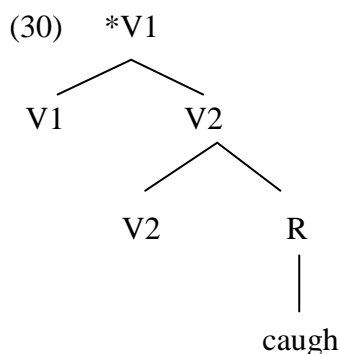


Segundo os autores, o que acontece é que, no léxico, o núcleo (V) não projeta um especificador e o complemento (R, N ou DP) não motiva essa projeção, o que leva a que não seja licenciado um argumento interno na posição de especificador. Neste sentido, o argumento é introduzido na sintaxe e é externo a VP, pelo que aqueles verbos são monoargumentais.

Em síntese, os verbos monoargumentais (como *cough* [*tossir*]) não aceitam a construção transitiva do tipo (29b), o que leva a afirmar que a estrutura deste tipo de verbos não projeta um especificador, sendo o argumento sujeito externo a VP.

- (29) a) The engine coughed. [O motor tossiu.]
 b) *I coughed the engine. [Eu tossi o motor.]

Neste sentido, a estrutura em (30) é agramatical, desde logo por V1 não projetar um especificador; tal parece acontecer sistematicamente nos casos em que uma raiz (R) nominal existe independente do item lexical (o núcleo de V2).



Em Inglês, há uma vasta gama de itens lexicais que tanto pertencem à categoria dos nomes como dos verbos, como é o caso dos exemplos em (31).

- (31) *belch* [arrotar], *burp* [arrotar], *cough* [tossir], *crawl* [rastejar], *cry* [chorar], *dance* [dançar], *gallop* [galopar], *gleam* [brilhar], *glitter* [brilhar], *glow* [brilhar], *hop* [saltar], *jump* [saltar], *laugh* [rir], *leap* [saltar], *limp* [mancar], *nap* [dormir a sesta], *run* [correr], *scream* [gritar], *shout* [gritar], *skip* [pular], *sleep* [dormir], *sneeze* [espirrar], *sob* [soluçar], *somersault* [dar um salto], *sparkle* [borbulhar], *stagger* [cambaleiar], *sweat* [suar], *talk* [falar], *trot* [trotar], *twinkle* [cintilar], *walk* [caminhar], *yell* [gritar] (Hale & Keyser, 2002: 14)

Todos os verbos apresentados em (31) são identificados como verbos denominais, em Inglês, sendo derivados de nomes. Segundo Hale & Keyser (2002), estes verbos apresentam, como já foi referido, comportamentos léxico-sintáticos semelhantes às expressões como *make trouble* [cf. dar problemas], estruturas com verbos leves. Vejam-se (32) e (33).

- (32) a) The cowboys made trouble.
[Os cowboys fizeram /deram problemas.]

b) *The beer made the cowboys trouble.
[*A cerveja fez /deu problemas aos cowboys.]
(i.e., The cowboys made trouble because of the beer)
([i.e., Os cowboys fizeram /deram problemas por causa da cerveja])
- (33) a) The children laughed.
[As crianças riram]

b) *The clown laughed the children.
[*O palhaço riu as crianças]
(i.e., The children laughed because of the clown)
([i.e., As crianças riram por causa do palhaço])

(Hale & Keyser, 2002: 14)

A impossibilidade de **laugh the children* (33b), assim como de **cough the colt*, **cry the baby*, **sleep the dog*, no sentido de *fazer x*, justifica-se pelo facto de o núcleo lexical de cada verbo pertencer ao tipo de estrutura argumental representada em (27) e ilustrada em (28) – estrutura monádica, que projeta apenas um argumento interno e não permite a alternância transitiva.

Os verbos inergativos, como os apresentados em (31), resultam de um processo inicialmente denominado pelos autores de incorporação (cf. §2.1.3. deste Capítulo) e agora apelidado de *conflation*. Esta noção foi refinada depois do conhecimento que Hale e Keyser tiveram dos desenvolvimentos do PM (cf. Chomsky, 1995) e consiste agora “in the process of copying the p-signature of the complement into the p-signature of the head, where the latter is “defective”» (Hale & Keyser, 2002: 63). Assim, num primeiro momento, *conflation* era definida, em termos gerais, como uma fusão (*merge*) de núcleos sintáticos e, num segundo momento, como fusão de matrizes fonológicas (*p-signature*³⁸).

Adaptada ao PM, a noção de *conflation* pode ser descrita como um processo de cópia e fusão da matriz fonológica de um núcleo com outro núcleo fonologicamente deficiente. Por fonologicamente deficiente entende-se núcleos vazios. Esta segunda leitura de *conflation* permite explicar a visibilidade ou não do N dentro do SV.

Em (34a) há uma operação de *merge* da raiz *laugh* [riso], seguida de uma operação de *agree* (34b) e supressão em FF (34c). Esquemmatizando:

- (34) a) ({V, [0]}, {N, [laugh]});
b) ({V, [laugh]}, {N, [laugh]});
c) ({V, [laugh]}, {N, [~~laugh~~]});

Neste sentido, *conflation* deixa de designar um movimento de núcleo para núcleo, e passa então a compreender as operações sintáticas de *merge* e *agree*, permitindo aos autores o licenciamento de um núcleo verbal semanticamente vazio, seguido de um apagamento ou não do N em FF. Assim, se o N não for realizado, a estrutura é intransitiva; se o N for realizado, é transitiva. Um problema naturalmente levantado por esta compreensão do fenómeno é que o material fonologicamente projetado na posição do

³⁸ A *p-signature* é definida pelos autores como o conjunto de informações fonológicas inscritas no rótulo (*Label*) de um núcleo sintático. Rótulo é o conjunto de traços fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos de um núcleo (cf. Hale & Keyser, 2002: 47 e ss.).

novo núcleo vazio (o nominal) pode não ser cognato do núcleo verbal. Para a discussão desta questão, veja-se §2., do Capítulo III.

2.2. Modelos não-lexicalistas

2.2.1. Morfologia Distribuída

A Morfologia Distribuída (MD) é um modelo não-lexicalista de base construcionista³⁹. Esta teoria projeta uma nova arquitetura de gramática, concebida com base em três propriedades específicas: Inserção Tardia, subespecificação e estrutura sintática *all the way down*.

Esta proposta da MD foi aproveitada por diversos autores (Jason Haugen, Heidi Harley, David Embick, Rolf Noyer, Martha McGinnis e Marantz) para analisar várias construções, desde a flexão à derivação de palavras, até expressões mais alargadas, em diversas línguas. Neste quadro, palavras e frases são formadas pelos mesmos mecanismos sintáticos⁴⁰ (*merge* (compor ou fundir) e *move* (mover)⁴¹), sendo a sintaxe a única componente generativa do sistema. No Lexicalismo, quer nas teorias de Lexicalismo Forte quer nas de Lexicalismo Fraco as palavras são formadas no Léxico; na MD, não há componente morfológica no léxico. Assim, a MD assume que as informações de natureza morfológica, antes concentradas no Léxico, não estão limitadas a essa componente, nem são imutáveis. O abandono do Léxico como um local generativo e o tratamento sintático da formação de palavras tornam necessária uma reformulação da arquitetura da gramática - a informação que, no Lexicalismo, estava repositada na componente Léxico foi, na MD, distribuída por diferentes lugares da gramática.

Desta forma, esta teoria conta com três módulos, denominados listas: **(i) Lista A**⁴² (*Morphosyntactic features*) – pode ser vista como um léxico reduzido, pois contém os

³⁹ A publicação do artigo *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*, de Moris Halle e Alec Marantz³⁹, no ano de 1993, é o marco da Morfologia Distribuída. Esta publicação teve como consequência imediata a revisão das teorias lexicalistas, consubstanciada no Programa Minimalista, e esta, por sua vez, levou a uma reformulação do conceito base de *raiz* na MD (Marantz, 2001).

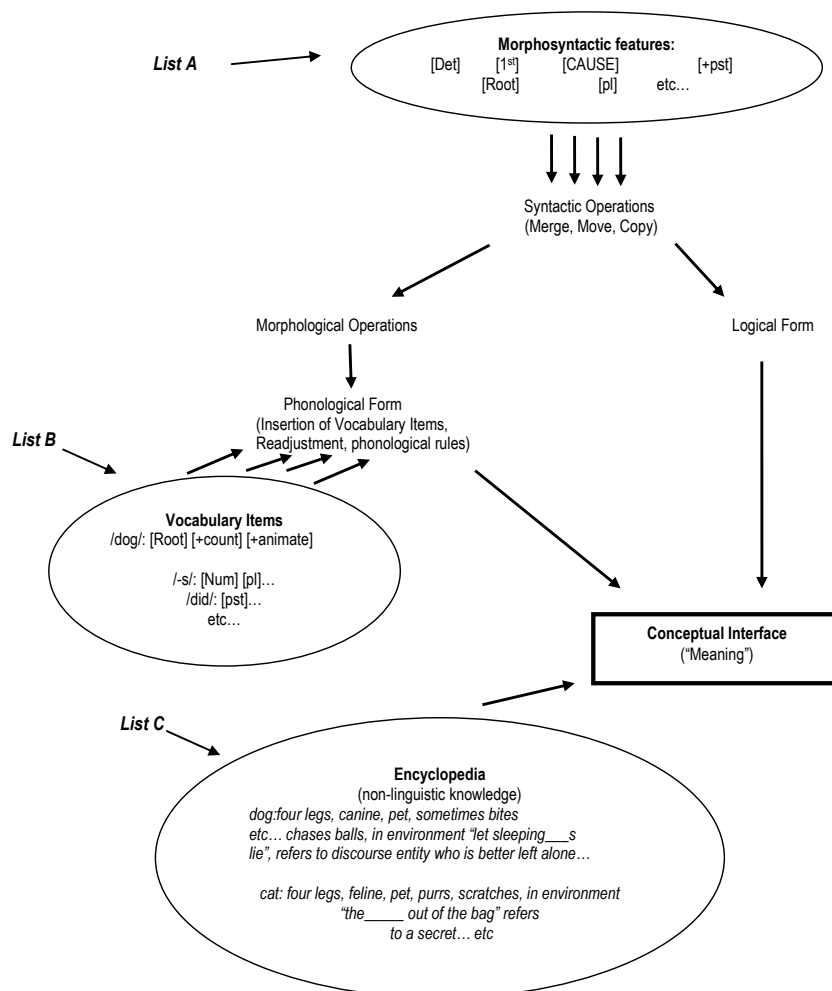
⁴⁰ Uma teoria na qual a gramática constrói todas as palavras na sintaxe pelos mesmos mecanismos gerais (*merge* e *move*, Chomsky, 1995) que permite construir sintagmas é útil para considerar que, se se chegar a uma categoria de nível zero ou a uma categoria de sintagma por fusão de dois constituintes, então temos uma função dos constituintes envolvidos e não apenas o resultado da operação *merge*. Por outras palavras, não há nenhuma razão para não construir palavras na sintaxe via *merge* tal como não há princípios especiais de composição que separem a combinação de palavras da combinação em sintagmas, a partir do *merge* de morfemas (cf. Marantz, 1998).

⁴¹ Operações já assumidas pela última versão do Lexicalismo, Programa Minimalista (Chomsky, 1995).

⁴² Também denominada *Léxico Estrito* por Marantz (1997).

primitivos com os quais a sintaxe opera, mais especificamente raízes e traços morfossintáticos (como os traços de plural, tempo, número) abstratos, portanto, desprovidos de conteúdo fonológico. Quanto às raízes, é grande a discussão em torno da presença ou ausência de fonologia nesses itens⁴³; **(ii) Lista B (Vocabulary)** – este módulo conecta os morfemas funcionais (f-morfemas) aos lexicais (l-morfemas), permitindo a ligação entre os nós terminais da sintaxe/morfologia às realizações fonológicas, por *spell-out*; cria os chamados Itens de Vocabulário; **(iii) Lista C (Encyclopedia)** – contém entradas enciclopédicas que relacionam itens de vocabulário a significados e alberga informações extralinguísticas, relacionadas com a interpretação semântica dos elementos já gramaticalmente formados.

(35) Arquitetura de gramática na MD



Harley & Noyer (1999: 2)

⁴³ Na origem da teoria, início da década de 90, as raízes eram consideradas morfemas (l-morfemas) também desprovidos de FF, no entanto, em desenvolvimentos posteriores, por exemplo Marantz (2001), são distinguidas dos restantes morfemas por conterem já informação fonológica de base (ainda que esta possa ser alterada por derivação nas restantes componentes da gramática).

A MD conta com uma sucessão de processos em várias componentes; na sintaxe, *compor* e *mover* morfemas abstratos; na morfologia, *compor* e *mover*, *apagar*, *acrescentar* e *fissionar*⁴⁴; na fonologia, inserir vocabulário e fazer reajustes fonológicos.

Além da nova arquitetura de gramática, três propriedades importantes definem o modelo da MD:

(i) Inserção Tardia – diz respeito à atribuição de conteúdo fonológico às categorias sintáticas (abstratas), que se formaram por associação dos f-morfemas a l-morfemas, com aplicação das operações *merge* e *move*. Após a sintaxe, tornam-se expressões fonológicas, por inserção de item vocabular (*Spell-Out*), operação pós-sintática⁴⁵.

(ii) Subespecificação – é a propriedade segundo a qual as expressões fonológicas não precisam de conter todos os traços presentes nos terminais sintáticos para serem inseridos. Assim, a sintaxe gera especificações que podem estar ausentes no Item de Vocabulário; no entanto, não serão inseridos em contextos sintáticos os itens que não possuam todos os traços morfossintáticos.

(iii) Estrutura Sintática hierarquizada *all the way down* – é o princípio que garante que, quer na formação de palavras quer de frases, os itens de vocabulário são inseridos em estruturas hierárquicas (nós terminais) geradas pela sintaxe. A MD está baseada na proposta de que os elementos da sintaxe e da morfologia “are understood as discrete constituents instead of as (the results of) morphophonological processes.” (Harley & Noyer, 1999:3).

De forma resumida, nesta teoria, a sintaxe trabalha com os traços abstratos da lista A (devidamente agrupados na numeração, como sugerem Harley & Noyer, 1999) e gera uma estrutura sintática hierárquica. Os nós terminais podem ser derivados pela sintaxe ou inseridos como morfemas dissociados na componente morfológica, antes da inserção de Itens de Vocabulário. São, portanto, especificados com traços morfossintáticos. Há somente duas classes de nós terminais: raízes (\sqrt{s} , l-morphemes) e elementos gramaticais

⁴⁴ Entende-se por *fissionar*, na senda de Halle (1997), a *operação* durante a qual é gerado um outro morfema, a partir da inserção de material fonológico, denominado subsidiário, para onde são copiados os traços que não tenham sido aproveitados para compor a forma fonológica do morfema inicial.

⁴⁵ Ver Marantz (1993) para a discussão da inserção tardia.

(f-morphemes). As raízes são acategoriais e são os f-morfemas (*n*, *a*, *v* - categorizadores) com que se relacionam na sintaxe que determinam a sua categoria sintática: por exemplo, para se ter um verbo, será necessário concatenar uma raiz com uma categoria do tipo *v*, por movimento daquela para a posição funcional⁴⁶.

2.3. Modelos intermédios

A discussão entre as teorias estritamente lexicalistas e as não-lexicalistas é suavizada pelos modelos que propõem um diálogo possível entre o Léxico e a Sintaxe, isto é, modelos híbridos ou mistos, construídos de modo a dar conta da variação interlinguística e intralinguística nas línguas do mundo. Debruçar-nos-emos, a seguir, brevemente sobre os argumentos de Reinhart e Siloni em defesa do modelo que propõem (Reinhart & Siloni, 2003).

2.3.1. Reinhart & Siloni (2003)

Reinhart e Siloni analisam algumas das alternâncias já apresentadas no capítulo I desta dissertação, nomeadamente as construções com verbos reflexos e recíprocos. No estudo de Reinhart & Siloni (2003), as autoras escolhem os verbos reflexos⁴⁷ para ilustrar operações de redução e saturação argumentais no Léxico ou na Sintaxe. Os resultados a que as autoras chegam apontam dúvidas fortes sobre a verosimilhança de abordagens recentes que se encaminham para a eliminação do papel operativo do Léxico (Marantz, 1997, 2000; Borer, 2004).

O Léxico é entendido, por Reinhart e Siloni, como ativo e capaz de desencadear operações que afetam a estrutura argumental dos predicados. Estas operações são denominadas *arity operations*⁴⁸ e são ilustradas, como já se disse, a partir dos verbos reflexos⁴⁹.

Nas várias línguas, os verbos reflexos partilham certas propriedades básicas, no entanto, eles agrupam-se em dois tipos de acordo com um conjunto de distinções. No

⁴⁶ Variantes deste modelo têm sido propostas por vários autores. É o caso de Alexiadou (2001, 2006) e Marantz (1997, 2000, 2001).

⁴⁷ Em termos gerais, por verbos reflexos as autoras entendem verbos que denotam uma ação que o argumento Agente aplica ou chama a si próprio ou, em certas línguas, um estado de espírito que o argumento Experienciador experiencia. (Reinhart & Siloni 2003:1).

⁴⁸ Operações que envolvem o número de argumentos de um verbo ou valência.

⁴⁹ As *arity operations* são ainda aplicadas a construções recíprocas, a estruturas com expletivos e passivas, entre outras (Reinhart & Siloni, 2003: 26 e ss.).

ponto de vista das autoras, as operações que atuam sobre a estrutura argumental são universais, mas o nível em que ocorrem é uma escolha paramétrica - podem ser aplicadas no léxico ou na sintaxe - o que permite justificar a grande variação que estas construções apresentam entre as línguas. Esta opção apoia-se no parâmetro Léxico-Sintático transcrito em (36), o qual fundamenta os dois grupos de línguas apresentados em (37).

(36) Parâmetro Léxico-Sintático:

A GU permite que as operações de *reconstrução* temática se apliquem no Léxico ou na Sintaxe.⁵⁰ (Reinhart & Siloni, 2003:3)

(37) Parâmetro no Léxico: Hebreu, Inglês, Russo, Húngaro ou Holandês

Parâmetro na Sintaxe: Línguas Românicas, Cervo-Croata, Grego e Alemão

No sentido de entender se um verbo reflexo é transitivo ou intransitivo, as autoras aplicam diversos testes, comparando construções com verbos transitivos e com verbos intransitivos e a possibilidade de combinação com sujeitos expletivos e com construções causativas.

Dos dados dos testes, as autoras acabam por concluir que os verbos acompanhados de reflexos não são verbos transitivos, mas verbos intransitivos reflexos. Sugerem, então, que os verbos reflexos derivam de uma operação lexical (reflexivização) que afeta o papel temático interno, ligando-o ao papel temático externo e assim bloqueando o seu mapeamento na posição de objeto (cf. Chierchia, 2004; Grimshaw, 1982; Wehrli, 1986).

Ao propor que os processos lexicais ou operam no Léxico ou operam na Sintaxe, conforme as línguas, este parâmetro abre a porta ao estudo da variação linguística, com importantes implicações no estudo das alternâncias transitiva – intransitiva⁵¹.

As autoras assumem que as grelhas verbais incluem informação sobre o papel do argumento externo, contra algumas aceções que separam o papel temático externo do verbo lexical e o inserem sintaticamente por adição ao núcleo verbal (cf. Bowers, 1993; Chomsky, 1995 ou Kratzer, 1996).

⁵⁰ No original: “UG allows thematic arity operations to apply in the lexicon or in syntax.” (Reinhart & Siloni, 2003: 3)

⁵¹ Chierchia (2004) considera igualmente que nos verbos reflexos opera uma operação de redução, mas num sentido contrário ao das autoras antes apresentadas, pois os verbos transitivos perdem o argumento interno.

Enquanto as operações do léxico se aplicam a feixes temáticos, as projeções sintáticas são associadas a representações semânticas de eventos. As operações de redução de um papel temático apenas são permitidas no Léxico. As autoras resolvem esta aparente contradição através da operação de agregação num papel temático complexo – denominada *bundling*⁵². Enquanto a redução é impedida na Sintaxe, a agregação (*bundling*) de papéis temáticos não, o que permite explicar as construções reflexas.

A eliminação ou modificação de um papel temático é impossível na Sintaxe, como decorre do anteriormente exposto. A informação temática que o verbo carrega tem de ser atribuída, sendo *bundling* uma forma de os papéis temáticos poderem ser atribuídos, ainda que não seja um mecanismo tradicional. As autoras sugerem, assim, que a atribuição temática não canónica deva ser marcada morfologicamente. A morfologia da redução de caso como na reflexividade (*se/si* nas Línguas Românicas) marca o lugar onde a atribuição temática não canónica ocorre.

Em síntese, neste modelo as operações de redução de argumentos ocorrem parametricamente ora no Léxico (no Hebreu, no Inglês, no Russo, no Húngaro ou no Holandês), ora na Sintaxe (nas Línguas Românicas, no Cervo-Croata, no Grego e no Alemão).

3. Síntese do capítulo

As informações que um verbo ou uma raiz comporta abstratamente variam conforme o modelo de análise: no generativismo, o item verbal contém informações relativas à estrutura argumental e aos papéis temáticos, que se projetam na Sintaxe; em modelos construcionistas, a informação lexical é apenas relativa aos papéis temáticos, para uns, ou traços de natureza aspetual, para outros, sendo que a estrutura argumental está unicamente representada na Sintaxe; na Morfologia Distribuída, o Léxico como componente gerativa é anulado, sendo que abstratamente apenas existem raízes, acategoriais e abstratas, que se especificam e integram em estruturas ao longo da

⁵² Reinhart (2000) apercebe-se das dificuldades em trabalhar apenas com papéis temáticos e propõe um processo de decomposição dos papéis temáticos em traços mínimos, sugerindo dois traços atómicos: [\pm c] (“mudança provocada por uma causa”) e [\pm m] (“estado mental”). Assim, a cada papel temático correspondem “clusters” (feixes) de traços, sendo que alguns papéis temáticos podem ser não especificados em relação a alguns dos traços. Vejam-se os seguintes: Agente é [+c +m]⁵²; Causa é [+c]; “Sentidor” (“sentient”) é [+m]; Instrumento é [+c -m]; Experienciador é [-c +m]; Tema é [-c -m]⁵²; Meta / Origem é [-c]; Assunto é [-m]. A reflexivização, nesta abordagem, une dois feixes de traços temáticos.

derivação morfossintática; nos modelos mistos, ou de interface, como é exemplo o modelo de Reinhart & Siloni (2003), desenvolvido para analisar as construções com verbos reflexos, as operações de redução argumental, pela agregação de papéis temáticos, podem operar, parametricamente, no Léxico ou na Sintaxe, dependendo das línguas, e a noção de papel temático é secundarizada, em favor da noção de traços semânticos.

No capítulo seguinte, vamos retomar alguns dos desenvolvimentos teóricos aqui apresentados, no sentido de ver como perspetivam o fenómeno específico dos verbos com objetos cognatos. Faremos, ainda, uma reflexão sobre os tipos de objetos cognatos analisados por diferentes autores, bem como uma síntese de alguns critérios sintático-semânticos aplicados, quer na determinação de tipos e subtipos de objeto, quer na discussão sobre o seu estatuto argumental.

Capítulo III

Os objetos cognatos na literatura fundamental

1. Considerações introdutórias
2. Tratamentos principais dos objetos cognatos
3. Tipos de objetos cognatos considerados na literatura
4. Síntese de testes/critérios sintático-semânticos
5. Estatuto argumental/não argumental dos objetos cognatos
6. Síntese do capítulo

Voltando ao tema do pensar, a verdade é que só *pensamos o pensamento*, se assim se pode dizer, porque isso que pensamos não é um princípio, uma ideia, mas um dado da intuição. (*corpus*: v58; c606)

«*Conflation* was motivated originally by two considerations: (i) the denominal character of verbs like *laugh* an *dance* (...) and (ii) the idea that such verbs project an abstract transitive structure.» (Hale & Keyser, 2002: 90)

1. Considerações introdutórias

Os objetos cognatos (OC), como os assinalados em itálico nos exemplos transcritos em (1) a (5), são estruturas frequentemente trabalhadas na literatura disponível para diversas línguas do mundo⁵³.

(1) [Português Europeu]

- a) Chovia *uma chuva miudinha*. (Duarte & Brito, 2003)
- b) Dormimos *um sono reparador*. (Duarte & Brito, 2003:185)
- c) O bebé chorou *um choro sufocante*. (Choupina, 2013)

⁵³ Estas construções têm sido analisadas em várias línguas: Jones (1988), Massam (1990), Hale & Keyser (1993, 2002), Matsumoto (1996), Horita (1996), Kitahara (2006, 2007), Mirto (2007), Höche (2009), Haugen (2009), Sailer (2010), entre outros, para o Inglês; Gallego (2008, 2012) para o Inglês, o Basco e o Espanhol; Pereltsvaig (1999a e b) para o Russo; Mittwoch (1998) e Pereltsvaig (2002) para o Hebreu; Pham (1998) para o Vietnamita; Hong (1999) para o Chinês; Real-Puigdollers (2008) para o Inglês e as Línguas Românicas; Leung & Scher (2006), Leung (2007) e Silva (2010 e 2010a) para o Português do Brasil, entre outros.

(2) [Inglês]

- a) She slept *the sleep of the just*. (Hale & Keyser, 2002: 71)
- b) Maggie smiled *a silly smile*. (Massam, 1990: 163)
- c) John died *a gruesome death*. (Jones, 1988: 89)

(3) [Espanhol]

- a) Reir *la risa de un niño*. (Mendikoetxea, 1999: 1578)
- b) Juan cantó *una canción*. (Gallego, 2008: 6)
- c) Dormir *un sueño tranquilo*. (Mendikoetxea, 1999: 1578)

(4) [Francês]

- a) Il a dansé *une grande danse*. (Pereltsvaig, 2002: 107)
- b) Elle a chanté *une belle chanson*. (Pereltsvaig, 2002: 107)
- c) Pleurer *toutes les larmes de son corps*. (Grevisse & Goosse, 1993: 393)

(5) [Italiano]

- a) Dorme *il sono del giusto*. (Renzi, 1988: 60 (V. 1))
- b) Sorrisse *un sorriso amaro*. (Bisetto *et al.*, 2012: 30)

Os estudos disponíveis analisam os OC de várias perspetivas, desde a discussão em torno da transitividade ou intransitividade lexical e/ou sintática (Hale & Keyser, 1993; 2002; Gallego, 2013); os tipos de OC (Hale & Keyser, 2002; Höche, 2009); o seu estatuto argumental (Jones, 1988; Moltmann, 1989; Massam, 1990; Kitahara, 2007); a atribuição de papel temático ao OC (Leung, 2007), entre outros. Apresentamos, neste capítulo, uma revisão crítica da literatura essencial sobre os OC.

2. Tratamentos principais dos objetos cognatos

2.1. Vilela (1992)

Mário Vilela, no âmbito da Gramática de Valências, salienta os chamados objetos internos ou objetos de conteúdo do conjunto de complementos diretos, por se encontrarem

numa «conexão muito estreita com o verbo quanto ao seu significado e mesmo etimologia» (Vilela, 1992: 80).

- (6) Ele viveu *uma vida bem vivida*.
- (7) Ele sonhou *um sonhou de encantar as pedras*.
- (8) Ele combateu *o bom combate*.
- (9) As coisas correm *o seu curso normal*.

Nas construções (6) a (9), o nome e o verbo têm uma etimologia comum ou há pelo menos uma relação semântica muito apertada entre ambos. Vilela (1992) utiliza o teste da nominalização em *-or* do nome derivado do verbo seguido do nome objeto de conteúdo para os distinguir dos objetos diretos normais:

- (10) *cantor de canção vs. cantor de ópera/de fado
- (11) *lutador de luta vs. lutador de luta livre
- (12) *jogador de jogo vs. jogador de bingo/cartas
- (13) *dançarino de dança vs. dançarino de tango

Vemos que os objetos de conteúdo ou objetos internos não aceitam ser precedidos por uma nominalização deverbal em *-or*, enquanto os objetos comuns aceitam.

Existe, portanto, nas primeiras construções, uma relação íntima entre o verbo e o complemento. Este encontra-se de tal forma contido no significado do verbo que pode não ser explicitado e, a fazer-se, é porque há, discursivamente, necessidade de acrescentar informação nova, como em (14).

- (14) Choveu toda a manhã uma chuva miudinha. (Vilela, 1992)

Segundo o autor, estes objetos apenas são explicitados quando houver algo de «anormal». O mesmo acontece com a chamada incorporação de instrumento, como *pregar pregos*.

Estes objetos internos são distinguidos pelo autor dos complementos diretos facultativos, do tipo dos exigidos pelos verbos *beber* e *comer*, dado que podem ser usados sem complemento e há sempre uma referência a uma dada atividade orgânica. A relação

entre os objetos internos e os verbos correspondentes é «*mais fina*», dado que estes verbos contêm atividades efetuadas muito precisas: *chover chuva (chover uma chuva miudinha); trovejar trovão; relampejar relâmpago* (Vilela, 1992). Estes exemplos remetem, desde já, para tipos de objetos distintos⁵⁴.

Um outro critério usado por Vilela (1992) para a distinção dos objetos internos é a passiva. O único argumento do autor é semântico, afirmando «tratar-se de objetos efetuados» (Vilela, 1992: 82), além de que o único exemplo que apresenta de passiva é o transcrito em (15), sendo um exemplo com uma relativa livre, inserido numa aposição.

- (15) Ele chorou o choro mais amargo que uma criança pode chorar: *o que é chorado para dentro* e que ninguém ouve. (Vilela, 1992: 82)

O autor conclui que os SN complementos diretos que funcionam como parte do predicado (objetos internos) se distinguem claramente dos OD normais por “não [terem] carácter referencial, não podendo ser interrogados e anaforizados segundo os padrões dos CDs” (Vilela, 1992: 82). Em suma, os objetos de conteúdo ou internos são especificações de entidades implicitamente contidas no significado do verbo.

O autor distingue ainda estes objetos internos dos objetos incorporados, (16) e (17), sendo os segundos “o processo sequencial [...] em que todo o argumento SN é fisicamente incorporado no verbo, passando a fazer parte dele (V + N > V)” (Vilela, 1992: 74).

- (16) a) Ele conduz autocarros todo o dia.
b) Ele conduz todo o dia.
(17) a) Ele estuda Linguística na Universidade.
b) Ele estuda na Universidade.

O nome incorporado perde a sua referencialidade, tornando-se parte do predicado, aproximando-se, segundo o autor, do valor de modificador do verbo: «Esta espécie de intransitivização tem também um efeito pragmático: este complemento direto perde o

⁵⁴ Podemos entrever aqui uma indicação que remete para diferentes tipos de objetos cognatos, anunciando aquilo que na nossa dissertação será feito através da distinção entre OC aparentados (os OD típicos facultativos) e OC verdadeiros (os objetos internos ou de conteúdo).

valor de segundo argumento (mais importante) da frase, deixando o seu lugar livre para ser ocupado por outro argumento» (Vilela, 1992: 75), como em (18).

- (18) a) Ele toca piano na Orquestra.
 b) Ele toca na Orquestra.
 c) Ele toca uma sonata de Mozart na Orquestra.

Estas reflexões de Vilela (1992) em torno dos tipos de objetos diretos ilustram bem a complexidade das estruturas verbais e do tipo de valência/estrutura argumental de alguns verbos, ainda que o autor não tenha inserido a sua análise no quadro geral da problemática dos objetos cognatos.

2.2. Hale & Keyser (1993, 2002)

Hale & Keyser (1993) propõem que os verbos inergativos, em Inglês (como *dance* [dançar], *laugh* [rir]), sejam considerados subjacentemente “transitivos” ou “transitivos escondidos”, sendo formados através de um processo lexical (abstrato, portanto) (“1-syntactic”) de incorporação (cf. §2.1.3., Capítulo II), por um movimento de núcleo, como é ilustrado na derivação de a) para b) em (19).

(19)

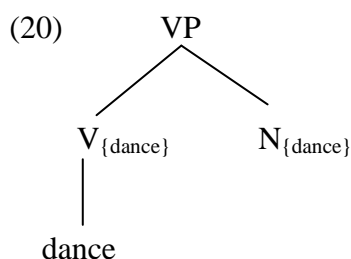


Em Hale & Keyser (1998), são dadas evidências de várias línguas, inclusive línguas com marcação de caso (por exemplo, o Miskitu, crioulo da Nicarágua), que atestam o possível *spell out* daquela estrutura transitiva alegadamente escondida: “A subset of Miskitu unergatives, generally verbs of noise production (...) are marked by

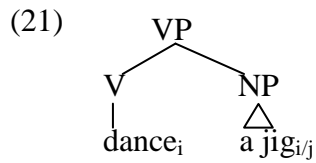
means of an elemento *-b-* in the same morphological position as the transitivity markers in the alternating set” (Hale & Keyser, 1998: 115).

No quadro de Hale & Keyser (2002), a proposta da formação dos verbos inergativos por incorporação é refinada. Todos estes verbos são identificados como verbos denominais e com uma estrutura argumental monádica, projetando apenas um argumento (cf. §2.1.5., Capítulo II). O que acontece é que, no léxico, o núcleo (V) não projeta um especificador e o complemento não motiva uma projeção, o que leva a que não seja licenciado um argumento interno. Neste sentido, o argumento sujeito é introduzido na sintaxe (e é externo). Esta estrutura, por princípio, não licenciaria a realização do nome *dance* na posição de complemento, ou seja, impediria o *spell out* da estrutura transitiva.

Em parte por esta razão, a operação de incorporação (movimento de um núcleo nominal para uma posição de núcleo verbal vazio), como descrito em (19), é melhorada, de modo a captar a existência de OC e passa a designar um processo de movimento por cópia (§2.1.4., Capítulo II); os autores introduzem, então, a noção de *conflation*, consistindo tal noção no «(...) process of copying the p-signature of the complement into the p-signature of the head, where the latter is “defective”» (Hale & Keyser, 2002:63). Hale & Keyser (2002: 93) justificam o licenciamento do complemento escondido com base na hipótese de relação semântica entre N e V, como os parêntesis em (20) ilustram.



Alguns autores consideram este tratamento problemático, em particular Ramchand (2008: 97), num modelo generativo-construcionista; Haugen (2009: 246), no quadro da Morfologia Distribuída; Gallego (2012: 98), no quadro do Programa Minimalista, no sentido em que os mesmos verbos que apresentam OC com restrições formam também (e livremente) objetos diretos hipónimos (ver estrutura (21)), os quais negariam a possibilidade de os verbos denominais serem formados a partir da posição de complemento.



De facto, tais verbos não poderiam resultar de uma incorporação nominal numa raiz verbal fonologicamente defetiva, uma vez que aquela posição está ocupada pelo verdadeiro complemento – o objeto hipónimo (OH) (*a jɪg*) – que não se pode justificar por identidade morfológica (dado que não apresenta a mesma raiz que o verbo anteriormente formado por incorporação nominal/*conflation*). A única hipótese de salvar a proposta até aqui apresentada por Hale e Keyser é admitir que o OH possa ser introduzido só na Sintaxe e por *Inserção Tardia* (cf. também Gallego, 2012), operação apenas permitida num modelo não-lexicalista.

No entanto, o que importa observar é que os verbos com o que iremos designar verdadeiros OC não admitem (ou muito dificilmente permitem) a construção com OH; existem, de facto, pelo menos duas construções com OC: as que admitem OC e OH e as que apenas admitem OC. Com efeito, OC e OH são distintos no Inglês (e também noutras línguas, nomeadamente nas Línguas Românicas), porque os verdadeiros verbos com OC, no Inglês, não permitem construções com outros objetos, veja-se a agramaticalidade de (23), como alternativa a (22).

(22) *to sleep* + OC
 She slept *the sleep of the just*.

(23) **to sleep* + OH
 * She slept *her last nap/a long winter slumber*.

Por outro lado, tais verbos rejeitam a pronominalização do objeto, como mostra a má formação em construções com OC (24), enquanto as construções com OH a permitem (25) (Hale & Keyser, 2002: 71).

- (24) **to sleep* + OC (pronominalização)
* John slept *the sleep of the just* and Bill slept *it too*.

- (25) *to dance* + OH (pronominalização)
John danced *the tango* and Bill danced *it too*.

Tal distinção é notada por Hale e Keyser e deveria ter maior repercussão na análise destes autores, aceitando-se que apenas os verbos com OC do tipo *to sleep* pudessem ser formados por incorporação nominal ou *conflation*; contudo, os autores não desenvolveram esta perspetiva e, por conseguinte, ficam por explicar muitas outras construções. Esta constatação obriga-nos a repensar este quadro teórico e leva-nos a procurar outros modelos capazes de explicar, com mais rigor, as diferentes construções existentes no PE e também em Inglês. Esta necessidade decorre essencialmente das seguintes reflexões: por um lado, pela associação da *conflation* à seleção de argumentos, pelo uso de noções e operações claramente sintáticas – *merge* e *move* –, os autores enfraquecem a componente do léxico e o próprio modelo teórico; por outro lado, em línguas como o PE não existe uma homonímia perfeita entre a raiz verbal e o OC, contrariamente ao que se passa em Inglês, língua que apresenta um grande número de verbos denominais.

2.3. Ramchand (2008)

Ramchand (2008) desenvolve um modelo generativo-construcionista, baseado em Larson (1988), Hale & Keyser (1993), Kratzer (1996) e Harley (1995) e seguindo as mais recentes contribuições do construcionismo, com os seguintes aspetos de base (26):

- (26) Aspetos de base do modelo
- (i) não há um nível de estrutura argumental dos predicados descrito no Léxico, com indicação dos papéis temáticos atribuídos a cada argumento⁵⁵;
 - (ii) os papéis temáticos clássicos são substituídos por informações derivadas das posições de especificador e de complemento de várias categorias funcionais verbais (de carácter aspetual);

⁵⁵ “the lexicon is eliminated as a module with its own special primitives and modes of combination” (Ramchand, 2008: 1).

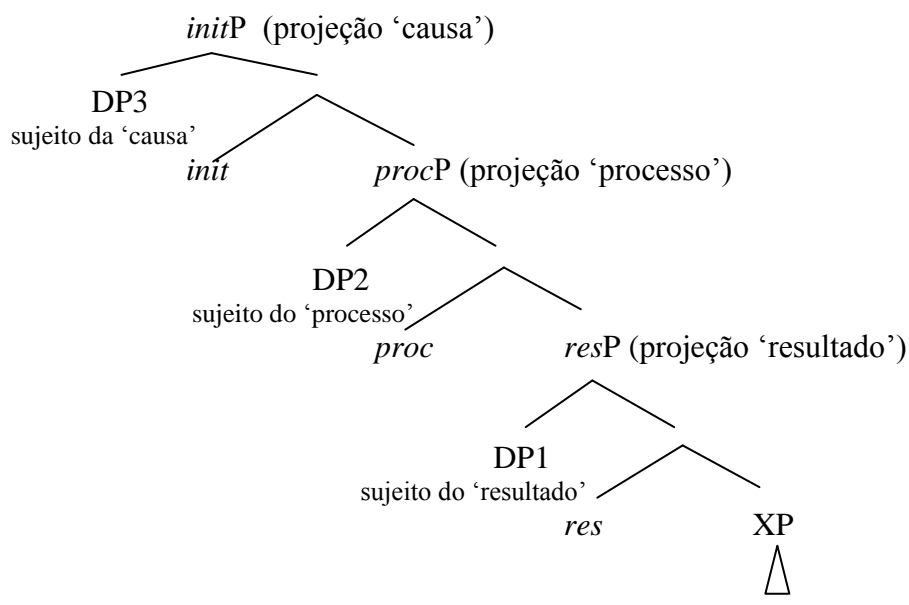
(iii) a cada predicado verbal corresponde uma estrutura sintático-aspetual, composta por camadas (uma, duas ou três conforme o aspeto lexical do predicado verbal).

Assim, segundo Ramchand, existem categorias funcionais de carácter aspetual, compostas por posições de especificador (tema) e de complemento (rema), onde são projetados os argumentos. Este modelo assume-se como um sistema combinatório, que valoriza o domínio da Sintaxe, no sentido de uma sintaxe minimalista, e assume que o sistema em si é universal.

Neste modelo, a “first phase syntax” (sintaxe da parte verbal) é decomposta em várias camadas, segundo três categorias funcionais, de natureza aspetual, que representam os subeventos envolvidos no evento: o *initP* introduz a causa do evento e licencia o argumento externo (sujeito da ‘causa’ é o iniciador/agente); o *procP* especifica a natureza da mudança ou processo e licencia a entidade que sofre a mudança ou processo (sujeito do ‘processo’ é o “Undergoer”, o tema); o *resP* representa o fim ou o estado resultante do evento (só existe quando tal ocorre) e licencia a entidade que encerra o estado resultante (sujeito do ‘resultado’ é o “resultee”). A sintaxe da parte verbal (“first phase syntax”) e as regras de composição⁵⁶ que Ramchand defende apresentam-se em (27) (Ramchand, 2008: 107).

⁵⁶ “This means that a small number of event-structure primitives and corresponding syntactic positions can be used to describe a large number of different participant types, by simple rules of combination.” (Ramchand, 2008: 195)

(27)



Em Ramchand, a estrutura argumental é unicamente representada na Sintaxe, não havendo lugar para um módulo denominado Léxico, em que tal estrutura esteja prevista. Neste ponto Ramchand afasta-se do modelo lexicalista (Lexicalismo Forte) de Hale & Keyser (1993, 2002) e dos princípios da “l-syntax”.

Neste sentido, Ramchand (2008) propõe que os verbos denominais em Inglês, considerados transitivos escondidos (Hale & Keyser, 1993) e formados por *conflation* (Hale & Keyser, 2002), sejam formados não por cópia dos traços de um núcleo nominal para um núcleo verbal defetivo (ainda no Léxico), mas por subassociação de traços categoriais, por “underassociation”, em Sintaxe. Vejamos como o processo de subassociação pode contribuir para a problemática dos verbos com OC e a distinção entre OC e OH.

No sistema proposto por Ramchand, a posição de complemento de um núcleo verbal é ocupada por remas (remas de processo ou remas de resultado). Assim, os verbos resultantes de *conflation* parecem formar-se por incorporação de material remático, da posição de complemento para a do núcleo e não por movimento ou cópia de núcleos.

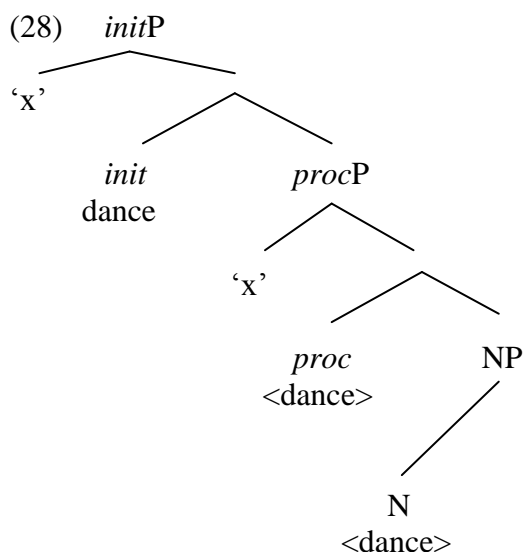
Para Ramchand existe uma (de)composição articulada (escalar) e *conflation* é um processo que ocorre na Sintaxe e não no Léxico, sendo que a autora distingue dois tipos de *conflation*: *conflation* da raiz (com traços nominais dentro do superconjunto) com o núcleo *res(ultado)* e *conflation* com o núcleo *proc(esso)* (Ramchand, 2008: 94); por isso, a diferença fundamental, segundo a autora, não está nos tipos de verbos, mas nas posições

em que a *conflation* ocorre: *conflation* no núcleo *proc(esso)* (para denominais e deadjetivais) vs. *conflation* no núcleo *res(ultado)* (para *location* e *locatum*).

Assim a análise dos verbos denominais feita por Hale & Keyser (1993, 2002) não se apresenta satisfatória para Ramchand, dado que tal tratamento implicava considerar a existência de material remático implícito ao conteúdo léxico-enciclopédico e uma vez que a natureza do subevento não apresenta nenhum material explícito na posição de complemento (houve já cópia dos traços fonológicos da posição de complemento para a do núcleo verbal defetivo). Neste sentido, uma explicação para estes verbos poderia ser vê-los como detentores de remas implícitos licenciados pelo conteúdo léxico-enciclopédico da raiz; no entanto, esta explicação, segundo Ramchand (2008: 95), apresenta-se como uma condição intuitiva subjacente à relação entre o núcleo verbal fonologicamente defetivo e o complemento nominal, cujo conteúdo é selecionado pelo tipo de evento. A proposta de Ramchand para dotar um item lexical como *sleep* ou *dance* (com traços nominais) com traços verbais passa por: (i) admitir que os traços categoriais podem subassociar-se e ficar ligados; ou (ii) abandonar a hipótese de inserção de itens lexicais num nó terminal único.⁵⁷ Neste sentido, admite-se a representação (28): uma raiz como *dance* é dotada de traços categoriais [init, proc, N]; é provida de conteúdo léxico-enciclopédico, não apenas do processo mas também do material remático do evento processo. Ramchand assume que, desde que o verbo não introduza um verdadeiro argumento referencial, o complemento do *proc* é apenas um NP⁵⁸.

⁵⁷ “Since lexical items come with a clutch of category labels, and since the system abandons the assumption that lexical items are inserted under a single terminal node, it is possible to endow a lexical item like *sleep* or *dance* with a nominal feature in addition to its verbal features.” (Ramchand, 2008: 96).

⁵⁸ Os traços do verbo *dance* como N, abstratamente, vêm do facto de a decomposição categorial de uma projeção nominal envolver provavelmente mais núcleos categoriais do que N e D. A questão é que numa predicação complexa deste tipo, o complemento nominal contém menos estruturas funcionais sintáticas e obviamente menos referencialidade que uma projeção nominal que está numa posição de argumento.



A partir do momento em que se admite a hipótese de um item lexical ter vários traços categoriais (pertencentes a um superconjunto), pode aceitar-se a lexicalização de alguns desses traços, em partes da árvore. Esta ideia não é nova, pois em Morfologia Distribuída aceita-se o *spell out* do material sempre que este esteja pronto para inserir, podendo posteriormente ser (en)formado pela componente enciclopédica, ou modificado por uma Inserção Tardia. No entanto, aqui a ideia de tornar visível parte da estrutura envolve o princípio do superconjunto ('superset principle'), permitindo tornar visível uma sequência de núcleos se a matriz categorial pertence a um superconjunto contíguo a um outro já visível⁵⁹. Neste ponto, Ramchand afasta-se também da MD, no sentido em que, em vez de conceber uma combinação do 'subset principle' e das regras de fissão e fusão, propõe um 'superset principle' restringido por subassociação ('Underassociation') de traços categoriais, ainda que limitada por um conjunto específico de restrições: (i) um traço categorial subassociado deve ser identificado independente dentro do sintagma e ligado a outro traço subsassociativo, por concordância; (ii) os dois traços categoriais assim ligados unificam o seu conteúdo enciclopédico, dentro do item lexical. É também nesta perspetiva que a autora não aceita a inserção nos nós terminais, tal como a MD aceita.

O problema de os verbos formados por *conflation* serem compatíveis com um DP independente na posição de complemento, isto é, um objeto hipónimo (portanto, não-cognato), é também notado por Ramchand.

⁵⁹ "This principle states that a lexical item may insert to spell out a sequence of heads if its category signature is a contiguous superset of the sequence to be spelled out." (Ramchand, 2008: 197)

A esta questão a autora responde dizendo que a informação contida no rema dado pelo conteúdo concetual da raiz (por exemplo, que a pessoa está a realizar uma dança) pode ser unificada com o conteúdo concetual do DP complemento. Tal unificação terá sucesso se *dance* [dançar] e a denotação do DP (*a jig* [uma *jig*]) criarem uma relação hiponímica. No caso dos objetos cognatos com verbos como *sleep* [dormir] ou *laugh* [rir], Ramchand assume que a única diferença é que para estas raízes não há hipónimos lexicais prontos. Por outras palavras, *chuckle* [riso por entre dentes] não é realmente um subtipo de *laugh* [riso], estando, possivelmente, sobrepostos. Igualmente, *nap* [sesta] não é um subtipo de *sleep* [sono] no seu léxico concetual. O único caminho para criar complementos DP que sejam verdadeiramente unificados com o conteúdo léxico-enciclopédico do item verbal nestes casos será especificar o nome *sleep* [sono] e *laugh* [riso] em si, através de modificação (do tipo *She slept the sleep of the just* [Ela dormiu o sono dos justos], *He laughed his last laugh* [Ele riu o seu último riso]).

Assumir que os itens como *dance* [dançar/dança] e *sleep* [dormir/sono] são ambos dotados dos chamados traços nominais e verbais permite a Ramchand dar sentido à curiosa propriedade do Inglês em que a mesma forma pode ser usada como nome ou verbo sem haver alteração à superfície, no entanto, ficam ainda por explicar cabalmente as diversas construções existentes para os verbos em estudo para o PE e outras Línguas Românicas, uma vez que, como sabemos, nestas línguas não há homonímia perfeita entre V e N.

2.4. Gallego (2008, 2012)

Gallego (2012) parte igualmente de alguns problemas levantados pelos OC, tendo em conta as análises de Hale & Keyser (1993, 2002) dos verbos inergativos, como envolvendo incorporação/*conflation* de um nome da posição de argumento interno para a de um núcleo verbal vazio. Segundo o autor, a menos que se considere o OC como inserção pós-sintática na posição de argumento interno (contendo traços ou uma cópia à esquerda), este elemento não é licenciado. Gallego propõe, como alternativa, que a questão seja resolvida com a integração do nominal incorporado (ou raiz⁶⁰) e o OC no

⁶⁰ Esta hipótese abre a análise a Línguas Românicas (diferentes do Inglês), em que não se assume que os verbos sejam denominais, mas sim que existem nomes deverbais ou que ambos são derivados/criados de uma mesma raiz acategorial.

mesmo objeto sintático. Nesta perspectiva, cognação pode ser vista como um subtipo de um fenómeno mais geral: o redobro.

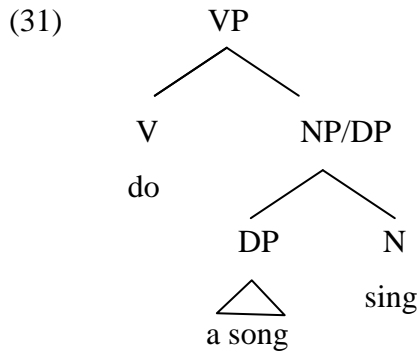
Gallego (2012) apresenta, assim, evidências para a teoria dos cognatos como redobro, seguindo, entre outros, o modelo de Uriagereka (2000) e refletindo ainda sobre os hipónimos preposicionais do tipo *Juan salió fuera*. O autor abre caminho para a enunciação do problema dos OC do tipo *John sang a song*, referindo claramente que a proposta inicial de Hale & Keyser gera um paradoxo: a incorporação de um nome, proveniente de uma posição de argumento interno, no núcleo de um verbo leve, vai levar à possibilidade de coocorrência com dois tipos de SN na posição de argumento interno (um cognato e outro hipónimo), como (29) e (30) evidenciam.

(29) John sang a song.

(30) They danced a Sligo jig.

Na estrutura sintática das frases (29) e (30), seguindo a análise de Hale & Keyser (2002), não há espaço para qualquer um dos SN em causa, nem o cognato *a song* [uma canção] (16), nem o hipónimo *a Sligo jig* [*um Sligo jig*] (30), por estar ocupada com os traços da raiz incorporada. Gallego elenca possíveis soluções para a resolução do paradoxo criado por Hale & Keyser (2002): (i) refinamento da noção de *colatino*, o que, como vimos anteriormente, é feito pelos próprios autores no trabalho de 2002 (Hale & Keyser, 2002); (ii) existência de OC formados por incorporação e OH por *conflation*, sendo apenas o segundo verdadeiro argumento; (iii) subassociação de traços categoriais de diferentes itens lexicais (Ramchand, 2007); (iii) cognatos licenciados por redobro da base (Uriagereka, 2000).

Como Hale e Keyser construíram a sua teoria sobre a formação dos verbos inergativos num quadro de Lexicalismo forte, não admitem a inserção tardia (proposta pelos modelos da Morfologia Distribuída), o que impede a adoção das primeiras hipóteses. Assim, Gallego propõe que o tratamento dos OC seja feito seguindo a abordagem de Uriagereka (2000) para o redobro dos clíticos. Nesta perspectiva, abre uma posição para o OC, ao lado do nome antes incorporado (ou lado da raiz na ótica da MD), formando assim um amplo NP/DP com duas partes, não havendo propriamente ocupação da mesma posição, após a incorporação do nome na posição do verbo leve; veja-se (31).



Seguidamente, o autor aproxima este redobro da base das construções com OH e com cognatos preposicionais do tipo (32), para o Espanhol, assumindo que o elemento incorporado e o seu duplo instalam uma relação “parte-todo”, tal como a relação possuído-possuidor defendida por Uriagereka para o redobro dos clíticos.

- (32) *ir abajo* [descer para baixo]; *echar fuera* [deitar (para) fora]; *bajar abajo* [descer para baixo]; *sacar adelante* [avançar para a frente]; *volver atrás* [voltar atrás] (Gallego, 2012: 106)

Desde logo, Gallego percebeu nitidamente que a proposta de Hale & Keyser (1993), apesar de todos os retoques e afinamentos que sofreu durante cerca de uma década (Hale & Keyser, 2002), no sentido de captar as possíveis estruturas com OC e seus hipónimos, desembocou num fosso, em que ou se admitem as propostas recentes da MD (inserção pós-sintática e possibilidade de uma raiz ocupar a posição de argumento interno), ou seria necessário aproximar estas construções de outras explicadas pelo fenómeno de redobro.

Em conclusão, Gallego resolve a questão do paradoxo dos OC notada já em Hale & Keyser (2002) com uma análise por redobro, não sendo necessário haver substituição ou mecanismos de troca de traços, nem recorrer ao argumento do licenciamento enciclopédico de uma “cópia”, como defende Ramchand (2008). Esta interpretação dos OC e dos OH é consistente com as propriedades semânticas que Uriagereka (2000) atribui ao redobro: relação parte-todo, podendo manifestar-se como hiponímica ou hiperonímica.

No entanto, além de a existência de estruturas de redobro para todas as construções ser muito pouco económica, ficam, mais uma vez, por explicar quer as

diferenças existentes entre as várias construções cognatas, quer a razão pela qual uns cognatos admitem OH e outros não e as fortes restrições sintático-semânticas das construções que não permitem tal substituição.

2.5. Real-Puigdollers (2008)

Real-Puigdollers (2008) faz uma análise das construções com objetos cognatos, tendo por base a Teoria da Decomposição do Léxico. A autora observa, primeiramente, as principais propriedades dos OC em Inglês e as diferenças entre elas e os OH. Na sequência de Massam (1990), define como propriedades básicas dos OC, em Inglês, a indefinidade e a modificação, como em (33a e b).

(33) a. Harry lived an uneventful life.

[Harry viveu uma vida calma.]

b. John died a gruesome death.

[John morreu uma horrível morte.]

No entanto, Real-Puigdollers (2008) não distingue classes de OC, pelo que realça a grande heterogeneidade destas construções, uma vez que a definitude e a ausência de modificação podem também caracterizar certos tipos de OC, em Inglês, como os que ocorrem com o verbo *dançar*, em (34).

(34) Sam danced the dance.

Os OH são também notados pela autora, como em (35) se ilustra, não sendo, porém, muito clara a distinção que faz, particularmente para o Inglês, uma vez que conclui que “the English CO is ambiguously standing in between a HO (in which the object has a referential reading) and a CO (with an eventive meaning)” (Real-Puigdollers, 2008: 163).

(35) Sam danced a polka.

Uma vez analisados os OC e os OH, no Inglês, Real-Puigdollers (2008) debruça-se sobre as diferenças de comportamento que eles possam ter nas Línguas Românicas, em particular no Espanhol, no Italiano e no Francês. Exemplificamos em (36) para o Espanhol.

- (36) María sonrió com una sonrisa malévola.
[Maria sorriu com um sorriso malévolo.]

A autora, baseada em exemplos como o de (36) e o de (37), especificamente para o Espanhol, refere que “Romance languages have few examples COs (these languages prefer these objects to be introduced as adjuncts (...)), but makes an extensive use of the HO” (Real-Puigdollers, 2008: 159).

- (37) a. *Maria sonrió una sonrisa malévola.

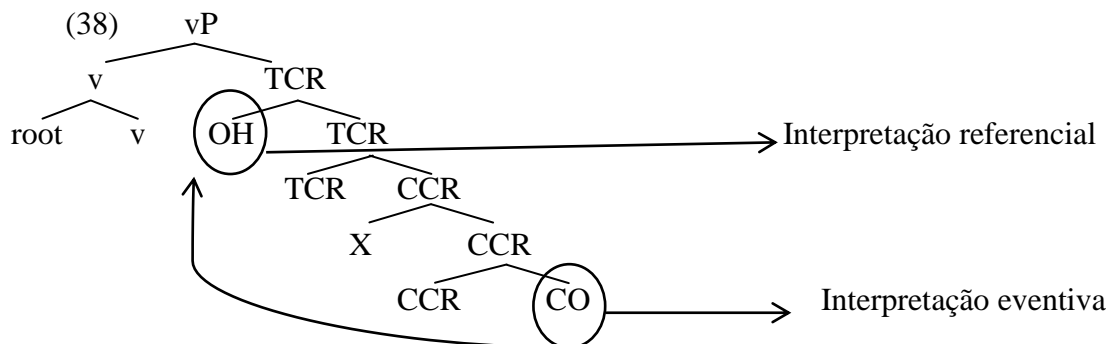
Naturalmente não podemos concordar com a metodologia da autora, uma vez que estende as conclusões a que chega, com base no verbo *sonrir* [sorrir], em Espanhol, a todas as Línguas Românicas, afirmando que os OC são sempre interpretados como hipónimos (Real-Puigdoller, 2008: 159).

Em síntese, a autora admite a existência de OC, com leitura de evento (na linha de Massam, 1990), no Inglês, os quais co-ocorrem com os OH; pelo contrário, nega aquela existência nas Línguas Românicas. Voltaremos a este assunto na análise que faremos dos OC e dos OH para o PE, no capítulo IV.

Vejamos ainda a proposta de análise sintática apresentada por Real-Puigdollers (2008). Inspirada na *Relação de Coincidência Central* (CCR, do Inglês *central coincidence relation*), de Hale (1986), desenvolvida por Bowers (1993), a autora entende que a existência de um núcleo CCR na posição de complemento pode solucionar a complexa relação entre o OH ou o OC e o respetivo verbo, portanto entre um argumento cognato e um argumento não cognato de um verbo de alternância transitiva/intransitiva.

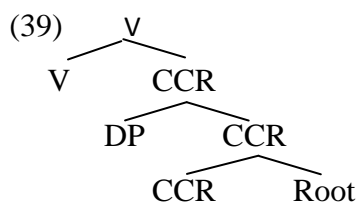
Assim, na posição de argumento interno, à direita do núcleo verbal, Real-Puigdollers (2008) propõe a existência de um núcleo de *Relação de Coincidência Central* (CCR), com uma posição baixa (à direita do núcleo CCR) e uma posição alta (especificador de um núcleo complexo denominado Relação terminal de coincidência,

TCR), respetivamente para a interpretação de evento e para a interpretação referencial. Apresentamos a estrutura para uma frase com o verbo *to dance*, para o Inglês, em (38).



(Real-Puigdollers, 2008: 170)

Da análise comparativa entre o Inglês e as Línguas Românicas, Real-Puigdollers (2008: 170 e ss.) estabelece uma distinção na posição em que o objeto é inserido: enquanto no Inglês (38) há duas posições, uma para o OC e outra para o OH, nas Línguas Românicas, os OC seriam inseridos na posição de especificador de CCR, uma vez que admite haver sempre uma interpretação hiponímica. Assim, a estrutura para uma construção com OC nas Línguas Românicas seria conforme a representação em (39).



(Real-Puigdollers, 2008: 174)

Discordamos das conclusões da autora relativamente às Línguas Românicas, uma vez que o PE apresenta várias construções cognatas, de vários tipos e subtipos, como veremos ao longo do capítulo IV.

2.6. Haugen (2008, 2009)

Haugen (2008, 2009) adota a teoria da Morfologia Distribuída (seguindo, entre outros, Halle & Marantz, 1993, 1994; Harley & Noyer, 1999; Marantz, 2001) para explicar que é a estrutura que determina grande parte do significado das construções, portanto, num modelo oposto ao modelo lexicalista de Hale e Keyser (e seus seguidores).

Segundo Haugen (2009), a revisão da noção de *conflation* de Hale & Keyser (2002) não é inteiramente satisfatória, em particular porque uma complementação estrita limitada por *conflation* não exclui a possibilidade de um “resíduo” (por exemplo um adjetivo).

As propriedades mais importantes da MD para as propostas de Haugen (2008, 2009) são, por um lado, a utilização da operação de Inserção Tardia e a ideia de que “syntactic categories are purely abstract, having no phonological content” (Harley & Noyer, 1999:3, citado por Haugen, 2008: 248), e, por outro, a não primazia das categorias rotuladas de nomes e verbos (as raízes são subespecificadas, portanto, sem traços de categoria). Desta forma, a MD posiciona a estrutura sintática hierárquica ao longo do percurso, incluindo projeções funcionais (*n* ou *v*), contando com raízes para serem interpretadas.

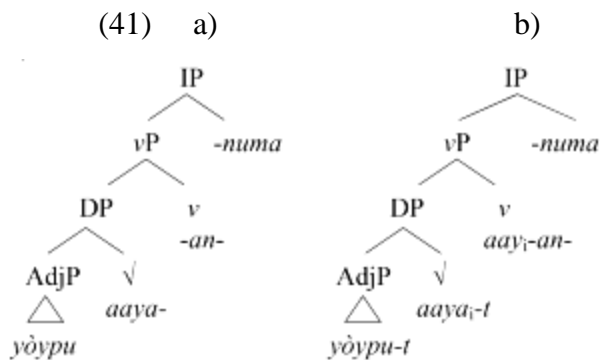
Haugen assume ainda a Teoria da Cópia de Chomsky (1995), em que os traços são vistos como cópias totais de um elemento movido, sendo coindexados através de uma cadeia de movimentos. Com a Inserção Tardia estas cópias são feixes de traços mais do que material vocabular morfológicamente especificado. No entanto, assume que os traços não são apagados depois de copiados e podem ser recuperados discursivamente ou por *merge* com novas raízes.

A partir destas ideias, a tese central de Haugen (2009: 248) é a de que podemos resolver o problema das construções com OH admitindo a inserção de raízes nominais não cognatas dentro de cópias altas e baixas depois da operação de movimento por cópia ser aplicada. O nome mais baixo será interpretado como hipónimo, sendo qualquer raiz nominal inserida dentro do núcleo da cadeia de movimentos/cópias. Embora assumo que esta teoria do movimento deva ser, no geral, aplicada a verbos denominais do Inglês, Haugen analisou línguas de incorporação nominal e construções com verbos denominais como o Hopi e o Uto-Aztecan.

Vejamos o exemplo (40) do Hopi, apresentado por Haugen (2009: 248):

- (40) Hak yòypu-t aaya-t aay-na-numa.
 quem quebrou-ACC chocalho – ACC chocalho-CAUS-CIRCG
 [Alguém vai andar com um chocalho partido.]

O exemplo (40) apresenta material morfológico fonologicamente realizado idêntico ao já incorporado, no DP *aay-*. Segundo a tradicional Teoria da Cópia, a derivação desta incorporação ocorre da seguinte forma: a componente Sintaxe *spell out* uma cópia do complemento na posição incorporada (anexada ao *v*) como se fosse gerada na posição base do complemento. Haugen considera que “the complex verb then moves higher up the tree for tense, aspect and mood inflection, as per standard incorporation” (Haugen, 2009: 249), como se ilustra na derivação de a) para b) apresentada em (41).



Haugen (2009: 249)

O autor aceita, assim, a possibilidade de *spell-out* as duas cópias em simultâneo: a cópia baixa e a cópia alta anexadas ao verbo. Considera ainda que o *spell-out* da cópia baixa em construções como esta é equivalente ao *spell-out* da cópia baixa em exemplos do Inglês. A diferença entre o Hopi e o Inglês é que o Hopi permite livremente modificadores com núcleos vazios, enquanto a cópia baixa é opcional; em Inglês a cópia baixa é obrigatória (cf. *John slept_i [the _{t_i} of the dead]).⁶¹ Assim, em Hopi, a cópia baixa pode ser vazia, pelo que apenas há *spell-out* do verbo (sem complemento), o que justificaria que, na forma fonológica, o verbo pareça intransitivo.

Desde Baker (1988) que se entende a operação de incorporação como o movimento do nome para dentro da posição verbal (cf. Hale & Keyser, 1993). No entanto,

⁶¹ Há evidências, no dizer de Haugen, que em Hindi é obrigatório o *spell-out* de uma cópia baixa cognata em certos verbos denominais, por exemplo *khaanaa khaa-* [comer comida] e *gaanaa gaa-* [cantar canção] (Klaiman, 1990: 331, citado por Haugen, 2009: 249).

depois da Teoria da Cópia (Chomsky, 1995), a operação envolve cópia ('copying') em vez de movimento em sentido estrito. Esta distinção é importante para Haugen na análise das construções com OH: quando o feixe de traços é inserido na componente sintática do complemento de *v* (por Inserção Tardia) e incorporado, é possível *spell-out* este feixe com mais do que uma raiz, assumindo que essas raízes seriam capazes de realizar traços especificados.

Permitindo a inserção de material lexical não cognato numa posição de cópia baixa, Haugen resolve de forma relativamente elegante a problemática dos OH, mas de novo ficam por descrever de forma satisfatória os outros tipos de construções cognatas e as suas fortes restrições sintático-semânticas. Ainda na perspectiva de Haugen (2009), poderíamos aceitar que condições pragmáticas específicas das línguas (máxima da quantidade de Grice, por exemplo) justificassem a inserção de determinadas raízes e o seu *spell-out* em determinada posição da cadeia de movimentos (Haugen, 2009: 253 e ss.).

O autor não apresenta nenhuma estrutura sintática para o Inglês⁶², nem com OC nem com OH. Não distingue ainda diferentes tipos de OC e a sua relação com OH. Como veremos no Capítulo IV, o PE e as Línguas Românicas em geral colocam novas questões no domínio do estudo das construções cognatas, o que justifica uma análise mais aprofundada do fenómeno, mesmo partindo do modelo preconizado por Haugen.

3. Tipos de OC considerados na literatura

Os estudiosos da cognação aperceberam-se da existência de diversos tipos de cognatos, quer sintáticos, quer semânticos, assim como da sua distinção em relação aos objetos diretos comuns.

Jones (1988) e Massam (1990) defenderam a existência de tipos diferentes de OC, ainda que não concordassem quanto à exata determinação das subclasses deste tipo de construções. Enquanto Jones (1988) considera que OC e OH são construções diferentes, Massam (1990) questiona tal distinção, tendo-a como ilusória. Para Massam, as propriedades distintivas (se existirem) relacionam-se com o significado eventivo, sendo que os OC são interpretados como eventos e os OH como entidades.

⁶² As estruturas que Haugen (2009) apresenta são para o Hopi (Uto-Aztecan), língua aglutinante com uma sintaxe muito diferente da do Inglês.

O foco de análise de Massam (1990) deteve-se na distinção entre OC e objetos diretos comuns. Aplicados vários critérios (cf. Tabela 1., §5.2. deste Capítulo), Massam (1990) considera duas classes de objetos - os *regular objects* ou *transitivizing objects* (42) e os *true cognate objects* (43) - sem, no entanto, distinguir os OH (44) dos OC (45).

(42) She sang a song.

(43) Maggie smiled a silly smile.

(44) Bernardette Dooley dance *the Irish jig*. (Massam, 1990)

(45) a) She sang *a beautiful song*. (Massam, 1990)

b) Maggie smiled *a silly smile*. (Massam, 1990)

c) He died *a gruesome death*. (Massam, 1990)

Por outro lado, embora Jones (1988) enuncie já uma bipartição entre OC e OH, é com Hale & Keyser (2002) que se distinguem, para o Inglês, os OC, do tipo (46), dos OH, do tipo (47).

(46) She slept *the sleep of the just*. (Hale & Keyser, 2002: 71)

(47) They danced *a Sligo jig*. (Hale & Keyser, 2002: 72)

Os OC do tipo *the sleep of the just* (46) não permitem a substituição por OH, como já foi notado (§2.2., deste Capítulo), assim como rejeitam a pronominalização (cf. a agramaticalidade dos exemplos (23) e (24), anteriormente apresentados).

Na sequência da distinção feita por Hale & Keyser (2002) entre os OC que permitem substituição por OH e os OC que não permitem, Gallego (2012) denomina as construções que autorizam a substituição por OH de hipónimos variantes, como é o caso dos exemplos em (48), para o Espanhol.

(48) a) Cantar una canción/una copla.

b) Beber una bebida refrescante/una Fanta.

c) Comer una comida asturiana/una fabada.

São denominados hipónimos variantes ou alternantes no sentido em que o verbo permite duas construções: uma com OC e outra com OH. O certo é que há uma similitude entre as construções, sendo que existe uma relação semântica entre o cognato e o hipónimo. O OH denota um subtipo da classe de elementos codificados pelo verbo (cf. Gallego, 2012: 108).

Também Silva (2010; 2010a), no âmbito da Gramática Cognitiva das Construções, determinou subtipos de construções cognatas e similares, tendo, no seu estudo, apresentado uma proposta de análise das várias construções, segundo os seguintes tipos por si definidos: (i) OC prototípicos (49); (ii) oração com constituinte cognato (50); (iii) OC não-prototípico com verbo transitivo (51); (iv) OC não-prototípico com verbo intransitivo (52); (v) objeto não-cognato com verbo intransitivo (53); (vi) paráfrase não cognata (54).

- (49) Ela sorriu um sorriso lindo.
- (50) ...eles começaram a rir da minha risada.⁶³
- (51) ...quer sair para comer uma comida normal?
- (52) ...Jesus morreu a nossa morte.
- (53) Ele chorou uma lágrima invisível.
- (54) Essa noite tive um sonho muito bom.

Segundo o autor, apenas o primeiro subtipo (49) é o OC prototípico, pois surge a transitivizar um verbo intransitivo. O que, porém, motiva a sua ocorrência é, simultaneamente, a existência de um determinante fraco (artigo indefinido) e de um modificador, em posição pós-nominal (Silva, 2010: 17).

Outras classes ou categorias de OC, no âmbito semântico, foram já definidas na literatura. Takami & Kuno (2002), citado por Kitahara (2006; 2007), referem a existência de duas categorias de construções com OC, para o Inglês: as construções predicativas (55) e as construções referenciais (56).

- (55) a) Sam smiled *a beautiful smile/ beautifully* (Kitahara, 2007: 67)
- b) Harry lived *an uneventful life/ uneventfully* (Jones, 1988: 91)
- c) John died *a gruesome death/gruesomely* (Jones, 1988: 89)

⁶³ O autor apresenta este exemplo no conjunto das construções cognatas, mas, na verdade, estamos perante um exemplo distinto, uma vez que o experienciador do evento *rir* é diferente do experienciador da nominalização deverbal *a minha risada*, há portanto dois eventos e dois experienciadores.

(56) They danced *a Sligo jig*. (Kitahara, 2006: 125)

Os OC do tipo (55) não são considerados referenciais porque não permitem a pronominalização, dificilmente aceitam a topicalização e são parafraseáveis por advérbios e/ou adjetivos «adverbiais», sendo considerados por Takami & Kuno (2002) “objetos predicativos”; enquanto o SN de (56) é considerado referencial.

Höche (2009), no quadro da Linguística Cognitiva e no âmbito de um estudo quantitativo de mais de 3.000 ocorrências de construções cognatas no Corpus Nacional Britânico (BNC), analisa as classes semânticas dos verbos que acolhem os OC e, após explorar o significado dos OC e a relação semântica entre o verbo e o objeto, vai mais longe e considera três tipos de OC: (i) OC de evento/resultado₁ (57); (ii) OC de resultado₂ (58); (iii) OC afetado (59) (cf. Höche, 2009: 126).

(57) *live a life* [viver uma vida]; *smile a smile* [sorrir um sorriso], *die a death* [morrer uma morte]

(58) *weave a web* [tecer uma teia]; *build a building* [construir uma construção]; *produce a product* [produzir um produto]

(59) *sow a seed* [semear uma semente]; *drink a drink* [beber uma bebida]; *smell a smell* [cheirar um cheiro]

Os OC de evento/resultado₁ constituem, na ótica do autor, os exemplos prototípicos das construções cognatas, sendo que, na maior parte dos casos, o objeto expressa ele mesmo o evento ou o resultado da situação eventiva. No caso de uma interpretação de evento, o objeto é construído como uma entidade delimitada pelos subeventos que integram o verbo. Cada componente do processo verbal contribui para a existência do objeto. No caso da interpretação de resultado, é a componente final do estado que é retida - o processo mental conhecido como ‘end-point-focus’ (Höche, 2009: 126). Segundo o autor, muitos dos casos desta subclasse contêm um OC modificado por um adjetivo, podendo ser parafraseado por um advérbio (60) e encontrados em construções com verbos leves (61).

- (60) He smiled cheerfully.
 (61) He gave a cheerful smile. (Höche, 2009: 126)

Os OC de resultado₂ são os denominados objetos efetuados⁶⁴. Estes objetos são entidades concretas que passam a existir depois da atividade contida no verbo. Contrariamente aos objetos da subclasse anterior, estes não têm leitura de evento. No entanto, ainda que estes OC possam ser um NP modificado, não podem ser parafraseados por um advérbio (62).

- (62) a) He wove an intricate web.
 b) *He wove intricately. (Höche, 2009: 126)

Os objetos da última classe, os objetos afetados, têm uma existência independente da do evento, sendo afetados pela atividade denotada pelo verbo, contrariamente aos objetos das subclasses anteriores. Estes NP podem também ser modificados; no entanto, não podem ser parafraseados por um advérbio, embora alguns possam ocorrer em estruturas com verbos leves (63), no Inglês.

- (63) have a drink/ a smell/ a feeling (Höche, 2009: 126)

Em síntese, vários comportamentos conduzem alguns autores a referir a existência de diferentes subclasses de OC, questão que retomaremos aquando da análise do PE, no capítulo IV.

4. Síntese de testes/critérios sintático-semânticos aplicados aos OC

Como já se percebeu pela apresentação anterior, têm sido propostos, na literatura, vários critérios sintático-semânticos para distinguir os tipos de construções com OC. Nesta secção faremos uma síntese desses critérios; cada teste/critério é ilustrado com exemplos do Inglês e de algumas Línguas Românicas, quando existentes.

⁶⁴ Cf. no §3.2. do Capítulo I as noções de objeto afetado vs. objeto efetuado de Moreno Cabrera (1991).

- i) Modificação: a modificação é obrigatória em algumas construções cognatas e opcional noutras.

(64)

[Inglês]

- a. *She smiled a smile. (Horita, 1996:243)
- b. Maria slept a peaceful sleep./*Maria slept a sleep. (Pereltsvaig, 2002:107)
- c. John died a peaceful death./*John died a death. (Gallego, 2008: 8)
- d. Karen laughed a merry laugh./*Karen laughed a laugh. (Pereltsvaig, 2002:107)
- e. Bill signed a weary sigh. (Jones, 1988: 89)
- f. Bill drank a (poisoned) drink. (Pereltsvaig, 2002:107)
- g. She sang a song. (Massam, 1990: 164,165)
- h. She danced a dance. (Horita, 1996: 222)
- i. He danced a jig. (Hale & Keyser, 2002: 71)

[Francês]

- j. Il a dansé une grande dance. (Pereltsvaig, 2002:107)
- k. Elle a chanté une (belle) chanson. (Pereltsvaig, 2002:107)
- l. Jean-Pierre a vécu une vie heureuse. (Pereltsvaig, 1999a):537)

[Espanhol]

- m. María cantó una canción. (Gallego, 2008: 6)
- n. María cantó una balada. (Gallego, 2008: 7)
- o. Dormir un sueño tranquilo. (Mendikoetxea, 1999: 1578)

- ii) Topicalização: os OC não podem ser topicalizados; os OH podem.

(65)

[Inglês]

- a. *A painful death, John died *t*. (Moltmann, 1989: 301)
- b. *A shrill scream, John screamed *t*. (Moltmann, 1989: 301)
- c. *A loud laugh, Jonh laughed. (Al Zahre, 2003: 130, *apud* Silva, 2010:49)
- d. *A silly smile, nobody smiled. (Massam, 1990: 164, 165)
- e. The Irish jig, nobody danced. (Massam, 1990: 164, 165)

- iii) Passiva: os verdadeiros OC não podem ser passivizados.

(66)

[Inglês]

- a. *A gruesome death was died by John. (Jones, 1988: 91)
- b. *A weary sigh was signed by Bill. (Jones, 1988: 91)

- c. *A silly smile was smiled. (Massam, 1990: 164, 165)
- d. *A silly smile was smiled by Sam. (Jones, 1988: 91)
- e. *An uneventful life was lived by Harry. (Jones, 1988: 91)
- f. A merry dance was danced by Sam. (Jones, 1988: 91)
- g. Marilyn Monroe's smile was smiled by Mary. (Kitahara, 2006: 125)
- h. A good life was lived by Susan. (Rice, 1987: 210, *apud* Kitahara, 2006: 125)

iv) Definitude: os verdadeiros OC ocorrem com determinante indefinido e não podem ocorrer com determinantes artigos definidos nem com determinantes fortes.

(67)

[Inglês]

- a. *John screamed this scream/every scream we heard today. (Moltmann, 1989: 301)
- b. Tom sneezed every sneeze that we heard that day. (Massam, 1990: 169)
- c. Zack screamed many screams before we quieted him down. (Massam, 1990:169)
- d. Tom laughed many ridiculous laughs. (Horita, 1996: 234)
- e. She slept the sleep of the just. (Hale & Keyser, 2002: 7)
- f. He laughed his last laugh. (Hale & Keyser, 2002: 7)
- g. *He smiled the smile for which he was famous. (Massam, 1990: 164)

[Francês]

- h. Pleurer toutes les larmes de son corps. (Grevisse & Goosse, 1993: 393)

[Espanhol]

- i. Reir la risa de un niño. (Mendikoetxea, 1999: 1578)

v) Pronominalização: os verdadeiros OC não podem ser pronominalizados; os restantes objetos permitem.

(68)

[Inglês]

- a. Mary danced a traditional dance, and it was noticeable. (Horita, 1996: 240-3)
- b. ?*Mary danced a staggering/nervous dance, and it was noticeable. (Horita, 1996: 240-3)
- c. Mona smiled a tantalizing smile. *Rose smiled it, too. (Horita, 1996: 240-3)
- d. Mary smiled Marilyn Moroe's smile. Nancy smiled it, too. (Kitahara, 2006: 54)
- e. John sang a beautiful song. He sang it to cheer her up. (Kitahara, 2007: 76)

- f. Mary danced an exotic dance. She danced it to show us her experiences in Asian countries. (Takami & Kuno, 2002: 149, 153)
- g. Mary screamed a blood-curdling scream and she screamed it practically in my ear. (Takami & Kuno, 2002: 149, 153)
- h. *Maggie smiled a silly smiled and then her brother smiled. (Massam, 1990: 164)
- i. I sang the aria then Tosca sang it. (Massam, 1990: 164)

vi) Ocorrência com um objeto não-cognato: os OC verdadeiros são dificilmente substituíveis por outros objetos, em particular hipónimos.

(69)

[Inglês]

- a. *He died a suicide/a murder. (Massam, 1990: 164, 165)
- b. *Slim slept a long nap. (Jackendoff, 2002:139, *apud* Silva, 2010: 51)
- c. He sang an aria/a song. (Massam, 1990: 164, 165)
- d. He danced a dance/ a jig. (Hale & Keyser, 2002)

vii) Opcionalidade do objeto: todos os OC são opcionais, podendo omitir-se.

(70)

[Inglês]

- a. John laughed. (Massam, 1990: 180)
- b. Tosca sang. (Massam, 1990: 180)
- c. John died a painful death. John died. (Moltmann, 1989: 300, 301)

viii) Posposição e adjacência ao verbo: os OC ocorrem pospostos e tipicamente em adjacência ao verbo, em posição de OD.

(71)

[Inglês]

- a. *Let Bem run quickly this run.
- b. *Ben sneezed that way a glorious sneeze.
- c. *He smiled suddenly an enigmatic smile.
- d. *John smiled Bill a nice smile. (Al Zahre, 2003: 124 *apud* Silva, 2010: 50)

ix) Objeto separável do verbo com pontuação ou sinal auxiliar: alguns OC podem separar-se do verbo por pontuação ou sinal auxiliar da escrita.

(72)

[Português do Brasil]

- a. Estava sempre rindo. Um riso nervoso. (Silva, 2010: 93)
- b. Cuspiu. Um cuspe rápido, seco, certo. (Silva, 2010: 93)

[Inglês]

- c. He smiled, a nervous smile. (Kitahara, 2007: 72)
- d. Kitty laughed – a laugh musical, but malicious. (Kitahara, 2007: 72)

x) Paráfrase por advérbio: alguns OC podem ser parafrazeados por um adjetivo adverbial e/ou advérbio, sendo estes modificadores da projeção verbal.

(73)

[Português do Brasil]

- a. A Maria riu uma risada maliciosa./ A Maria riu maliciosamente. (Leung, 2007: 68)
- b. O João gritou um grito forte./ O João gritou fortemente. (Leung, 2007: 69)
- c. O João tossiu uma tosse seca. / O João tossiu secamente. (Leung, 2007: 69)
- d. A Maria comeu uma comida estradaga./ *A Maria comeu estradagamente. (Leung, 2007: 68)

[Inglês]

- e. Mary smiled a beautiful smile/beautifully. (Matsumoto, 1996: 199)
- f. The girls danced a nervous dance/nervously. (Horita, 1996: 239)
- g. He grinned a wicked grin/ wickedly. (Mirto, 2007: 3)
- h. John died a gruesome death/ gruesomely. (Jones, 1988: 89, 93)
- i. Harry lived an uneventful life / uneventfully. (Jones, 1988: 89, 93)
- j. Bill sighed a weary sigh / wearily. (Jones, 1988: 89, 93)
- k. He wove an intricate web./ *He wove intricately. (Höche, 2009: 126)

xi) Paráfrase por verbo leve: os OC são parafrazeáveis por verbo leve; algumas paráfrases podem gerar várias leituras ou construções difíceis de aceitar.

(74)

[Inglês]

- a. He smiled a cheerful smile. / He gave a cheerful smile. (Höche, 2009: 126)
- b. The two boxers fought a ferocious fight. / The two boxers had a ferocious fight. (Mirto, 2007)
- c. John died a gruesome death./ John met a gruesome death. (Jones, 1988: 89, 91)
- d. Harry lived an uneventful life./ Harry led life. (Jones, 1988: 89, 91)
- e. Bill sighed a weary sigh./ Bill heaved a weary sigh. (Jones, 1988: 89, 91)

- xii) Coocorrência com adjunto adverbial temporal/aspetual: os OC alteram a classe aspetual e a interpretação, quando combinados com diferentes adjuntos adverbiais temporais/aspetuais.

(75)

[Inglês]

- a. Mary laughed a mirthless laugh for an hour/ in an hour. (Nakajima, 2006: 680)
 - b. Josie danced a silly dance for an hour/in an hour. (Nakajima, 2006: 680)
 - c. Martha sang a joyful song for an hour/in an hour. (Nakajima, 2006: 680)
- xiii) Ocorrência com *again* [outra vez] ou prefixo *re-*, no Inglês: alguns OC estão ligados a subeventos de mudança de estado; os OC permitem adicionar uma camada eventiva à estrutura verbal inergativa.

(76)

[Inglês]

- a. *John re-smiled. / John smiled again. (Marantz, 2005: 1)
- b. John re-danced the dance. (Marantz, 2005: 1)

5. Estatuto argumental/não argumental dos OC

A apresentação das principais propriedades dos OC, feita no parágrafo anterior, permitiu-nos perceber que eles não são todos do mesmo tipo e que o seu estatuto argumental/não argumental, relativamente ao verbo que os “acolhe”, é motivo de análise.

A discussão sobre a estrutura argumental dos constituintes, em particular a distinção entre a noção de argumento e a noção de adjunto, tem ocupado diversos linguistas, como tivemos ocasião de ver no capítulo I desta dissertação. No âmbito do estudo dos OC, a discussão tem levado os estudiosos a identificar tipos diferentes de objetos com estatuto argumental diferente: OC como adjuntos (Jones, 1988; Moltmann, 1989; Mirto, 2007); OC como argumentos (Massam, 1990; Macfarland, 1995); diferentes tipos de OC – uns argumentos e outros adjuntos (Jackendoff, 2002; Hale & Keyser, 1993, 2002; Pereltsvaig, 2002; Kitahara, 2007; Haugen, 2009); OC como argumentos não temáticos (Leung, 2007) e ainda OC como realização do evento davidsoniano (Mittwoch, 1989). Deve ainda referir-se que estas diferentes perspetivas de análise se integram em diferentes modelos teóricos: entre eles, a Gramática Generativa, a Morfologia Distribuída

e a Gramática Cognitiva das Construções. Faremos a seguir uma breve apresentação desta problemática.

5.1. Objetos cognatos como adjuntos

Jones (1988) estuda os verbos intransitivos e tenta provar que estes podem ser seguidos de um SN com função adverbial, não sendo possível construir a passiva (77), assim como acontece com algumas construções com OC (78), o que o leva a defender que os OC são SN não argumentais.

(77) a) John arrived this morning. / *This morning was arrived by John.

[John chegou esta manhã. / Esta manhã foi chegada pelo John.]

b) Mary dances this way. / *This way is danced by Mary. (Jones, 1988: 95)

[Mary dança [d]essa maneira. / [D]essa maneira é dançada pela Mary.]

(78) a) Harry lived an uneventful life. / * An uneventful life was lived by Harry.

[Harry viveu uma vida calma. / Uma vida calma foi vivida pelo Harry.]

b) Bill sighed a weary sigh. / *A weary sigh was sighed by Bill. (Jones, 1988: 89, 91)

[Bill suspirou um suspiro cansado. / Um suspiro cansado foi suspirado pelo Bill.]

O autor aborda o acusativo como um caso *default*, semanticamente neutro, e usa a noção de Caso Inerente (não atribuído estruturalmente ao NP) para reformular a regra do Filtro de Caso. Com efeito, se alguns constituintes não têm papel temático, por exemplo, em certas passivas, se certos NP adjuntos adverbiais não têm caso ablativo, como acontece em Latim, então a não-aceitação de passiva em construções com OC pode revelar o estatuto argumental/não argumental do argumento selecionado para sujeito.

Desenvolvendo esta perspectiva, o autor considera que OC e OH têm estatutos diferentes. As construções em (79) contêm OC prototípicos e são adjuntos e as

construções de (80) são objetos diretos comuns, que envolvem “a genuine transitive use of these verbals” (Jones, 1988: 89)

(79) a) Harry lived an uneventful life. (Jones, 1988: 91)

b) John died a gruesome death. (Jones, 1988: 89)

(80) a) Sam danced a jig. (Jones, 1988: 89)

b) Bill dreamed a most peculiar thing. (Jones, 1988: 89)

O autor assume, além da não passivização, as seguintes propriedades como definidoras dos OC: (i) modificação obrigatória (81a); (ii) paráfrase por advérbios de modo (81b); (iii) indefinidade (81c); (iv) impossibilidade de pronominalização (81d).

(81) a. Dan slept a peaceful sleep./ *Dan slept a sleep.

b. Dan smiled a happy smile. = Dan smiled happily.

c. *Dan smiled the happy smile.

d. *Maggi smiled a happy smile and then her brother smiled it.

Baseado nestas propriedades e no estatuto não argumental dos NP adverbiais, em Inglês, Jones (1988) considera os OC como adjuntos: os adjuntos não são passivizáveis, podem expressar modo e tipicamente são não referenciais.

Parece-nos ser uma hipótese fraca, pois há tipos de OC que admitem a passiva (Uma dança foi dançada...); geralmente, os objetos de verbos leves também não admitem passiva (*Um sorriso foi dado...) e objetos diretos de alguns verbos também não admitem (82).

(82) a. O João tem boas notas.

b. *Boas notas são tidas pelo João.

Moltmann (1989) defende igualmente que os OC, em Inglês e Alemão, são adjuntos, apresentando razões semelhantes às de Jones (1988): os OC são opcionais (83a); não são passivizados (83b); não são topicalizáveis (83c). Em comparação com nomes predicativos, o autor conclui que os OC se caracterizam por indefinidade como os SNs predicativos (83d); ocorrem com auxiliar *sein* ou *haben* em Alemão se selecionado pelo

verbo (83e) e (83f), em que os objetos diretos têm forma acusativa mas só ocorrem com um dos verbos auxiliares.

- (83) a. John screamed. (Moltmann, 1989: 1)
[O João gritou.]
- b. *A terrifying scream was screamed by John. (Moltmann, 1989: 2)
[Um grido assustador foi gritado pelo João.]
- c. *A shrill scream, John screamed *t*. (Moltmann, 1989: 2)
[Um grito estridente, João gritou.]
- d. *John screamed this scream/every scream we heard today. (Moltmann, 1989: 2)
[O João gritou este grito/todos os gritos que ouvimos hoje.]
- e. Hans ist/*hat gestorben.
[O Hans morreu.]
- f. Maria hat/*ist geweint. (Moltmann, 1989: 2)
[A Maria chorou.]

Pelos dados apresentados nos testes, Moltmann considera que os OC não são argumentos.

Mirto (2007) estabelece uma correlação entre os OC e as construções com verbos leves, tentando, então, generalizar a mesma hipótese de Moltmann (1989), para o Inglês e o Alemão: estamos perante nomes predicativos, inseridos num predicado nominal. Vejamos os exemplos do autor em (84).

- (84) a. The two boxers fought. (Mirto, 2007: 2)
[Os dois pugilistas combateram.]
- b. The two boxers had a fight. (Mirto, 2007: 3)
[Os dois pugilistas tiveram um combate.]

Na frase (84a), o verbo *fight* seleciona *the two boxers* como o seu sujeito e atribui-lhe uma interpretação semântica relacionada com lutador. O Inglês dispõe da paráfrase em (84b), com o verbo leve *have* [ter], em que o nome *fight* [combate] é que atribui a *the*

two boxers o papel semântico, além de ser o sujeito frásico. Assim, as frases (84a) e (84b) são a paráfrase uma da outra e implicam-se mutuamente. Para Mirto, uma paráfrase ou uma implicação são entendidas apenas com referência ao significado base, ou seja, o significado deriva das funções sintática e semântica atribuídas pelo predicado (seja verbal ou nominal). Em (84a) e (84b), existem, simultaneamente, duas leituras implicadas: (i) um evento combate existe; (ii) dois pugilistas são lutadores.

Um outro argumento do autor a favor da aproximação entre as duas construções é a inserção de um advérbio na construção com um verbo pleno (85a) e a correspondente inserção de um adjetivo na construção com verbo leve (85b).

(85) a) The two boxers fought *ferociously*. (Mirto, 2007: 3)

[Os dois pugilistas combateram ferozmente.]

b) The two boxers had a *ferocious* fight. (Mirto, 2007: 3)

[Os dois pugilistas tiveram um combate feroz.]

Nos exemplos de (85), as relações de paráfrase e de implicação permanecem inalteradas com as inserções, sendo que o mesmo efeito sintático-semântico é criado por ambas as modificações. Este efeito pode ser observado também nas estruturas com OC. Em Inglês, a modificação de um nome por parte de um adjetivo é semanticamente comparável à modificação de um verbo⁶⁵ por parte de um advérbio, como em (86a) e (86b).

(86) a. He grinned *wickedly*. (Mirto, 2007: 3)

[Ele sorriu maliciosamente.]

b. He grinned a *wicked* grin. (Mirto, 2007: 3)

[Ele sorriu um sorriso malicioso.]

Assim, as relações entre os exemplos sugerem que em (86b) o nome *grin* é predicativo e o verbo *grin* é um verbo leve.

⁶⁵ “Modification of the noun [...] is semantically comparable to modification of the verb” (Huddleston & Pullum, 2002).

Em síntese, para Mirto (2007), os OC são nomes predicativos, porque estão inseridos num predicado nominal semelhante ao das construções com verbos leves. Nesta ótica, os OC não são argumentos do verbo que os acolhe.

No entanto, como veremos no capítulo seguinte, vários problemas devem ser discutidos a partir das propostas destes autores, nomeadamente pelo facto de as modificações de um predicado por advérbio e de um nome por adjetivo gerarem leituras diversas e, por conseguinte, estarmos a aproximar questões bem diferentes.

5.2. Objetos cognatos como argumentos

Massam (1990), na discussão sobre o estatuto argumental dos OC, argumenta a favor dos OC como complementos diretos, isto é, argumentos que recebem do verbo o papel temático Paciente. No decurso da apresentação dos seus argumentos, a autora tenta responder a problemáticas levantadas por outros estudos dedicados às complexas questões sobre as características dos OC.

Massam, tal como Jones, distingue dois tipos de OC: os chamados objetos transitivizados (87a) e os verdadeiros OC (87b).

- (87) a. Tosca sang a song/an aria.
b. Ethel smiled a silly smile.

Os primeiros são considerados objetos regulares e permitem uma variedade de estruturas de ocorrência, com diferentes modificadores, o que não ocorre com os OC verdadeiros. Outros testes usados pelo autor para distinguir os dois grandes tipos de OC são sintetizados a seguir na Tabela 1:

Tabela 1 - Testes sintático-semânticos aplicados por Massam (1990)

Critérios	Objetos Transitivizados	Verdadeiros Objetos Cognatos
Passiva	Sim <i>The Irish jig was danced by Bernadette Dooley.</i>	Não <i>*A silly smile was smiled by Ethel.</i>
Topicalização	Sim <i>The Irish jig, nobody danced.</i>	Não <i>*A silly smile, nobody smiled.</i>
Pronominalização livre	Sim <i>I sang the aria, then Tosca sang it.</i>	Não <i>*Maggie smiled a silly smile, then her brother smiled it, too.</i>
Possibilidade de objeto definido	Sim <i>Fred danced the slow number.</i>	Não <i>*He lived the quiet life.</i>
Interrogativa	Sim <i>What did Tosca sing?</i>	Não <i>*What did he die?</i>
Restrição na estrutura de NP	Não <i>She sang a song/ a beautiful song/ the song you like.</i>	Sim <i>?He died a death. He died a gruesome death.</i>
Ocorrência com objeto não cognato	Não <i>Bernadette danced the Irish jig.</i>	Sim <i>*?He simed a silly grin.</i>

As características apresentadas levam a crer que os verdadeiros OC não são verdadeiros objetos diretos. No entanto, como Massam argumenta, os OC apresentam também propriedades que os tornam diferentes dos modificadores adverbiais, contrariamente ao que Jones (1988) defendeu. A autora nota ainda que, primeiramente, eles não podem coocorrer com um objeto direto, ao contrário dos advérbios normais; segundo, eles são marcados casualmente em línguas com caso marcado e, como tal, precisam de estar em adjacência ao verbo (Massam, 1990: 166).

No sentido de explicar o estatuto transitivo dos tradicionais verbos intransitivos, Massam considera o processo da *subordinação lexical* um processo que amplia o significado de um verbo: ele opera na sua estrutura lexical concetual, adicionando um nível de significado de modo a que o novo verbo tenha um argumento que é submetido a uma mudança de estado/ localização/ existência (cf. também Levin & Rappaport Hovav, 1988: 281).

Também no âmbito do estatuto argumental dos OC, Macfarland (1995) discute os processos, os métodos e as técnicas que têm levado à reflexão sobre a distinção entre adjuntos e argumentos. No sentido de argumentar a favor da natureza argumental dos OC, a autora constituiu um corpus de ocorrências espontâneas orais.

Macfarland discute as características dos OC sugeridas também por outros autores, como a modificação e os tipos de determinação do sintagma com OC. A autora inclui na sua análise verbos que são geralmente considerados intransitivos (ex.: *die* [morrer], *live*

[viver], *smile* [sorrir]) e verbos que são considerados transitivos (ex.: *do* [fazer], *sing* [cantar], *tell* [dizer]). Conclui que os OC são verdadeiros objetos, pelo que é questionável o tradicional estatuto intransitivo dos verbos do primeiro grupo (Macfarland, 1995: 12).

Distingue, ainda, tal como Höche (2009), os OC com leitura de evento e os OC com leitura de resultado, considerando ambas as classes argumentais.

5.3. Diferente estatuto argumental para diferentes tipos de objetos cognatos

Alguns autores admitem ainda diferentes tipos de OC (cf. §4. deste Capítulo), pelo que também consideram que apresentam estatuto argumental diferente, conforme a subclasse a que pertencem.

Jackendoff (2002), baseado na variabilidade estrutural do número de argumentos sintáticos de alguns verbos, lembra que os argumentos sintáticos são expressões de argumentos semânticos e que um verbo pode exigir ou não que um argumento semântico seja expresso. (Jackendoff, 2002: 139).

Neste sentido, podem ocorrer construções com número de argumentos maior ou menor do que o previsto numa estrutura concetual do verbo, incluindo os casos dos reflexos e dos OC, como em (88) a (90), consideradas construções com sintagmas extra-argumentais pelo autor.

- (88) a) Betsy behaved/perjured herself.
[Betsy comportou-se/perjurou-se.]
- b) A better solution presented itself.
[Uma solução melhor apresentou-se.]
- c) Bill prides himself on his stamp collection.
[Bill orgulha-se da sua coleção de selos.]
- d) *Betsy behaved/perjured Sam.
[Betsy comportou/perjurou Sam.]

(89) The chair has a stain on it.
[A cadeira tem uma mancha nela.]

(90) a) Slim slept a deep sleep.
[Slim dormiu um sono profundo.]

b) Kathy coughed a violent cough.
[Kathy tossiu uma tosse violenta.]

(Jackendoff, 2002: 139)

Repare-se que em (88a), os verbos são intransitivos e só aceitam o reflexivo (cf. agramaticalidade de (88d)); em (89), o verbo *have* [ter] é um transitivo direto mas que instancia aqui três argumentos; e as frases com OC, (90), que contêm verbos intransitivos, apresentam dois argumentos. Sobre estas últimas, Jackendoff acrescenta que não é possível substituir o núcleo do OC por outro nome, mesmo com sentido similar, como em (91a), e o constituinte cognato pode ser excluído sem grande alteração semântica na frase, desde que os seus modificadores possam ser convertidos em advérbios, (91b). O autor considera que o pronome reflexo duplica o sujeito (como em (88a)) ao passo que o OC duplica o verbo (Jackendoff 2002: 139-140).

(91) a. *Slim slept a long nap.
[Slim dormiu uma sesta longa/um sono longo.]

b. Slim slept deeply.
[Slim dormiu profundamente.]

c. Kathy coughed violently.
[Kathy tossiu violentamente.]

Ao afirmar que o verbo *to sleep* não permite a substituição do OC por um outro núcleo nominal (cf. (91a)) e o verbo *to sang* permite (*sing a song/sing an aria*), o autor acaba por marcar a diferença entre tipos de OC. Jackendoff afirma que, na construção *sing a song*, *song* é um objeto direto comum, pois pode ser substituído por outros nomes não

cognatos, como *aria* [hino] e *tune* [rock]. Senso assim propõe que os OC do tipo *to sleep a sleep* são extra-argumentais e os OC como *to sing a song* são argumentais.

Hale & Keyser (1993, 2002) consideram, na mesma linha, duas subclasses de OC, os OC verdadeiros e os OC substituíveis por OH, como já mencionado no §2.2. deste capítulo. Os autores consideram que ambas as subclasses de OC apresentam informações semânticas suficientes para a interpretação e o licenciamento do constituinte cognato, quando comparadas com os verbos leves. Vejamos (92) em comparação com (93).

- (92) a) He made a fuss/trouble. /*He made.
b) She did a jig/pirouettes. /*She did. (Hale & Keyser, 2002: 91)

Nestes exemplos, os verbos *to make* e *to do* não autorizam um objeto, não têm informação semântica suficiente e, por isso, são considerados verbos leves.

Nas construções (93), em que existe um verbo inergativo, é o verbo que dá informação relevante para a sua interpretação e para o licenciamento de um constituinte interno.

- (93) a) The baby slept.
b) Isadora danced.
c) The colt sneezed. (Hale & Keyser, 2002: 92)

É a informação contida no verbo que licencia a existência de um complemento, como eventualidade ou entidade correspondente aos nomes do Inglês *sleep*, *dance* e *sneeze*.

Em síntese, Hale & Keyser (2002) defendem a natureza argumental de pelo menos uma das subclasses de OC e advogam a favor da diferença entre verbos inergativos e verbos leves.

Leung (2007), para o PB, considera, ainda que noutra perspetiva, que a substituição de alguns OC por construções pseudo-adverbiais pode indiciar proximidade entre as duas construções e contribuir positivamente quer para a distinção de classes de OC, quer para a análise da estrutura argumental, no geral, e do estatuto argumental dos OC, em particular.

As construções pseudo-adverbiais ocorrem em posição de adjacência ao verbo, como se verifica pelos exemplos (94).

- (94) a. O Tor mordeu *forte* no meu braço/ #mordeu meu braço forte. (Leung, 2007: 40)
b. A Maria falou *ríspido* com o João/ #A Maria falou com o João ríspido. (Leung, 2007: 41)

Parece, assim, que os pseudo-adverbiais têm um escopo de modificação bastante restrito, indicando que eles são diferentes dos advérbios. Neste sentido, a hipótese a colocar é que eles “modificam um sintagma nominal implícito na estrutura da sentença, mais especificamente, o objeto cognato (OC) implícito.” (Leung, 2007: 41). A aceitação desta hipótese permite explicar a não substituição do adjetivo por advérbio em determinadas construções, como em (95).

- (95) *O Tor mordeu fortemente no meu braço. (Leung, 2007: 38)

Segundo a autora, a forma adverbial não é permitida nestes casos porque os modificadores em análise não são advérbios (no sentido de predicados de proposições ou de eventos denotados pelo verbo), mas adjetivos que predicam um sintagma implícito, o OC subentendido no verbo, *uma mordidela*.

Leung (2007) propõe então duas classes de OC no PB: (i) OC que são argumentos temáticos dos seus verbos e (ii) OC que são argumentos não temáticos. Para sustentar esta distinção, a autora aplica os critérios da coocorrência com outro objeto temático (96); a passivização (97) e a impossibilidade de ocorrência em estruturas coordenadas com argumentos temáticos (98).

- (96) a) *O João comeu a lasanha uma comida estragada.
b) O João abraçou um abraço *(na Maria).

- (97) a) Uma comida estragada foi comida no restaurante do João.
b) Uma compra enorme foi comprada na mercearia da esquina.

- c)* Um abraço gostoso foi abraçado pelo João na Maria.
- d) *Uma tosse prolongada foi tossida pelo João.

- (98) a) Ontem, a Maria comeu uma comida mineira no restaurante e bomba de chocolate na Brunella.
- b) Ontem, a Maria comprou uma compra enorme no mercado e vários presentes de Natal no *Shopping*.

- (99) *O João abraçou um abraço gostoso e a Maria. (Leung, 2007: 63-72).

Segundo a autora, a agramaticalidade no teste da passiva (97c e d) mostra que os NP agora sujeito não receberam caso acusativo na voz ativa, uma vez que a possibilidade de passiva resulta da subida dos argumentos temáticos para a posição externa a VP, por exemplo voiceP, até porque um verbo passivo não é um atribuidor de caso. (Leung, 2007: 67)

Neste sentido, os OC de verbos como *abraçar* e *tossir* nunca receberiam caso, logo não recebem tema, pelo que não podem ser sujeitos da passiva, embora sejam argumento do verbo; contrariamente aos OC dos verbos *comer* e *comprar*, que podem ser sujeitos da passiva, recebem caso e conseqüentemente estão disponíveis para atribuição temática.

O teste da coordenação (99) mostra mais uma vez a impossibilidade de coordenar um OC não temático (*um abraço gostoso*) e um objeto temático (*a Maria*).

Em síntese, os OC *comida estragada* e *compra enorme* são argumentos temáticos dos respetivos verbos, não diferindo dos objetos temáticos não cognatos. Nesse caso, o termo *cognato* parece não ter nenhuma relevância sintática ou semântica: “o fato de o objeto ser cognato parece ser apenas uma ‘coincidência morfológica’” (Leung, 2007: 68). Por outro lado, os OC *um abraço gostoso* e *uma tosse prolongada* são argumentos não temáticos dos verbos que os acolhem.

Como a apresentação já evidencia, esta proposta trata de contextos de ocorrência não uniformes, razão pela qual retomaremos os diferentes tipos de construções aqui referidos no capítulo seguinte.

Em conclusão, no âmbito do debate acerca do estatuto argumental dos OC, as posições, no geral, têm-se extremado entre os defensores dos OC como adjuntos e os defensores dos OC como argumentos verdadeiros dos verbos. As propriedades consideradas relevantes na defesa da natureza não argumental dos OC (desde Jones, 1988) foram a possibilidade de paráfrase por advérbio de modo e a impossibilidade de passivizar. Vários contraexemplos foram sendo dados por diversos autores (cf., entre outros, Massam, 1990; Macfarland, 1995; Pereltsvaig, 1999; Kuno & Takami, 2004; Nakajima, 2006; Höche, 2009) em desfavor daquela posição e como prova da argumentalidade dos OC.

Paralelamente, esta querela foi tomando outros rumos, no sentido em que os estudiosos tentaram resolver a questão do estatuto argumental comparando os OC com outras construções: Mirto (2007) considera os OC semelhantes às paráfrases com verbos leves, tendo-os como nomes predicativos; Leung (2007) considerou-os similares aos adjetivos «adverbiais», determinando que todos os OC são argumentos verbais, porém, uns são temáticos e outros não temáticos.

6. Síntese do capítulo

A pesquisa sobre as construções cognatas, no geral, os subtipos e a determinação das suas propriedades sintático-semânticas, bem como a discussão acerca da natureza argumental dos tipos de OC têm marcado a investigação, principalmente para o Inglês, como ficou demonstrado pela revisão da literatura apresentada neste capítulo.

Para o Português Europeu, no âmbito do estudo dos objetos diretos, Vilela (1992) percebeu claramente que havia que distinguir os objetos internos (por nós considerados OC) dos objetos diretos comuns e dos objetos diretos facultativos. Para outras línguas, principalmente o Inglês, sem dúvida que as propostas de Hale & Keyser (1993, 2002) marcaram os estudos sobre transitividade/intransitividade e sobre a cognação. É com estes autores que os verbos inergativos são vistos como subjacentemente transitivos, ao nível do Léxico, formados por um processo de incorporação (Hale & Keyser, 1993) ou *conflation* (Hale & Keyser, 2002). Estes autores têm também o mérito de distinguirem dois tipos de objetos cognatos: aqueles que autorizam uma substituição por objetos hipónimos (*to dance a dance/a tango*) e aqueles que não admitem tal substituição (*to sleep a sleep*).

Ramchand (2008), Gallego (2008, 2012) e Real-Puigdollers (2008), inspirados no modelo lexicalista de Hale e Keyser, desenvolvem análises, ainda que de bases distintas, em resposta aos problemas levantados pelas propostas de incorporação/*conflation* e pela possibilidade de alguns verbos ocorrerem com OC ou com OH.

No quadro da Morfologia Distribuída, Haugen (2008, 2009) apresenta um tratamento para os OC e os OH conjugando as noções de raízes acategoriais (Harley & Noyer, 1999) e de inserção tardia (Marantz, 1993) com a ideia de movimento por cópia do Programa Minimalista (Chomsky, 1995). Permitindo a inserção tardia de raízes nominais cognatas (nas construções com OC) e não cognatas (nas construções com OH), em posição de cópias movidas, Haugen tenta resolver o paradoxo criado por aquelas construções, analisando os casos do Inglês e do Hopi.

Pudemos perceber que várias são as abordagens teóricas e as análises descritivas apresentadas na literatura sobre OC; porém, as propriedades sintático-semânticas mais importantes dos vários tipos e subtipos de OC são já identificadas por Jones (1988): (i) a modificação obrigatória; (ii) a paráfrase por advérbio de modo; (iii) a não passivização; (iv) a indefinidade.

Como também se verificou, nem todos os objetos ditos cognatos se comportam do mesmo modo face aos critérios acima mencionados e a outros, deixando antever a existência de diferentes tipos de objetos cognatos. Tudo isto será explorado no capítulo seguinte, aquando da análise do fenómeno em PE.

Capítulo IV

Propriedades sintático-semânticas dos objetos cognatos em Português Europeu

1. Considerações introdutórias
2. Constituição e organização do *corpus*
3. Organização, análise e discussão dos dados
4. Para uma proposta de tipologia de construções cognatas e hipónimas
5. Propriedades sintático-semânticas das construções cognatas e hipónimas
6. Os objetos cognatos e as expressões lexicalizadas
7. Análise sintática das construções cognatas e hipónimas
8. Síntese do capítulo

...sobre os joelhos e sobre as palmas das mãos, e ainda sem entender completamente o que vinha a seguir, *pensou um pensamento* capaz de pôr em comum... (*corpus*: v58; c602)

I assume the Copy Theory of Chomsky (1995), wherein the “traces” of earlier theories are regarded as full copies of a moved element, which are coindexed with higher copies via a “movement” chain. With Late Insertion these copies are bundles of features rather than morphophonologically specified vocabulary material. (Haugen, 2009: 248)

1. Considerações introdutórias

Como vimos em capítulos anteriores, as construções cognatas formam uma *família* bastante alargada, integrando as relações etimológicas entre palavras e expressões, como os conhecidos *cognatos verdadeiros* e os *falsos amigos*, presentes em duas ou mais línguas e dentro da mesma língua, e as estruturas como os objetos cognatos (OC), dos quais nos ocupamos neste estudo.

Nos estudos sintáticos disponíveis sobre o PE tem sido dado o mesmo tratamento aos diferentes OC internos a SV, independentemente do tipo e da natureza da relação que se estabelece entre o verbo e o nome, razão pela qual não estão ainda definidas claramente as propriedades que os distinguem. Construções do tipo *sonhar um sonho* são, muitas vezes, confundidas com estruturas do género *cantar uma canção* (por exemplo, em Duarte & Brito, 2003:185), porque, por um lado, são pleonásticas⁶⁶ (no sentido em que os verbos têm uma variante intransitiva / inergativa, que pode surgir isolada e sem qualquer objeto)

⁶⁶ Qualquer relação cognata é pleonástica, no sentido em que um dos termos da relação é redundante, tautológico, expletivo ou com sentido igual (ou próximo) ao do outro termo.

e, por outro, porque é frequente os OC integrarem um artigo indefinido e um adjetivo restritivo pós-nominal.

Os OC são construções que põem em causa as clássicas noções de transitividade/intransitividade, no sentido em que a estrutura argumental dos predicados que os acolhem passa a incluir um constituinte que, segundo a visão tradicional, não seria projetado na grelha argumental do item verbal (cf. Capítulo II). Assim, os verbos tradicionalmente intransitivos aparecem transitivizados quando ocorrem com OC.

A fim de descrever, de forma o mais exaustiva possível, as propriedades sintático-semânticas dos OC em PE e de poder delinear uma proposta de análise sintática adequada, constituímos um *corpus* específico para esta investigação. Os primeiros exemplos com que trabalhamos foram exemplos ‘modelo’, constituídos com base na literatura especializada sobre OC, que, em alguns dos casos, eram a tradução de exemplos de outras línguas. Com o avanço da investigação, fomos sentindo a necessidade de analisar outro tipo de exemplos, além de atestar a existência concreta e real das construções cognatas em PE, em diferentes tipos de texto e contextos de ocorrência, pelo que iniciámos uma pesquisa sistemática, organizada em dois momentos. A primeira recolha foi feita nos *corpora* do CETEMPúblico; porém, esta recolha não correspondeu às nossas expectativas e poucos foram os exemplos encontrados. Consequentemente, decidimos continuar a pesquisa de ocorrências, também em textos escritos, sendo selecionados outros tipos de *corpora*, os que integram os textos que circulam no espaço internáutico. Esta segunda recolha impôs-se por três razões: (i) a existência, nos *corpora em linha*, de textos bastante diversificados ao nível dos conteúdos e dos contextos; (ii) a possibilidade de acesso a textos de diferente grau de controlo; (iii) a facilidade de acesso e recolha.

Neste sentido, os exemplos recolhidos são retirados de múltiplos contextos comunicativos, os quais nos poderão auxiliar na determinação quer dos contextos específicos de ocorrência das construções cognatas, quer na descrição das propriedades sintático-semânticas dos diferentes tipos de OC.

Este capítulo, além das considerações introdutórias e das conclusões de capítulo, está organizado em oito partes: no §2. descrevemos a metodologia utilizada para a recolha e organização do *corpus* e apresentamos os critérios linguísticos considerados na seleção dos exemplos; no §3. apresentamos os dados e fazemos uma breve análise e discussão dos mesmos, os quais lançarão as bases para o desenvolvimento das análises e propostas de tipologia a seguir apresentadas; no §4. fazemos uma primeira descrição das propriedades

sintático-semânticas dos OC em PE, à qual se segue, no §5. uma proposta de tipologia de organização das construções cognatas e hipónimas para o PE; porque os OC estabelecem uma relação de proximidade com expressões lexicalizadas ou em lexicalização, dedicamos o §6. a um breve estudo dos OC em paralelo com expressões lexicalizadas, em PE; finalmente, no §7., apresentamos uma proposta de análise sintática de algumas das construções cognatas e hipónimas, conciliando os contributos do Programa Minimalista, especificamente a teoria do Movimento por Cópia (cf. Chomsky, 1995; Nunes, 1995, 2004), e da Morfologia Distribuída, nomeadamente as noções de raízes acategoriais e de Inserção Tardia (na esteira de Marantz, 1997 e Haugen, 2009).

Terminamos o capítulo com a apresentação de algumas conclusões.

2. Constituição e organização do *corpus*

2.1. Metodologia para a recolha e organização do *corpus*

As primeiras reflexões sobre construções cognatas em PE apoiaram-se em exemplos produzidos por nós, inspirados nas leituras realizadas, bem como em intuições próprias e de colegas. Posteriormente, a constituição do *corpus* afigurou-se-nos como uma etapa essencial para o avanço da investigação, no sentido de suportar quer as análises em realização quer a construção de uma proposta de tipologia de OC para o PE.

Após a pesquisa em múltiplos contextos e variados suportes, passámos à recolha de exemplos de construções cognatas, os quais foram integrando o *corpus* desta investigação. Então, iniciámos a construção de uma lista de possíveis pares V e N cognato que poderiam integrar um *corpus*. Esta lista foi sendo ampliada também pelo avanço da pesquisa e pelas nossas intuições. No Quadro I., apresentamos uma lista ordenada alfabeticamente dos pares V+N cognato que pesquisámos.

Código do verbo	Par V + N cognato	Código do verbo	Par V + N cognato
1	acenar – aceno	40	gravar – gravação
2	ajudar – ajuda	41	gritar – grito
3	almoçar – almoço	42	inventar – invento
4	amanhecer – manhã	86	ir – ida
5	anexar – anexo	43	jantar – jantar
6	anoitecer – noite	44	jogar – jogo

87	aparecer – aparecimento	45	lanchar – lanche
7	apresentar – apresentação	46	ler – leitura/lida
8	beber – bebida	47	mentir – mentira
9	beijar – beijo	101	misturar - mistura
10	berrar – berro	48	morder – mordida
11	bocejar – bocejo	49	morrer – morte
12	brilhar – brilho	50	nascer – nascimento
13	cair – queda	51	nevar – neve
14	caminhar – caminho	52	oferecer – oferta
15	cantar – cantiga/canção/canto	53	operar – operação
16	chegar – chegada	54	orar – oração
17	cheirar – cheiro	55	parir – parto
18	chorar – choro	56	partir – partida
19	chover – chuva	57	passear – passeio
20	chutar – chute/chuto	58	pensar - pensamento
21	comer – comida	59	perder – perda
22	comprar – compra	60	picar – picada
23	construir – construção	61	produzir – produto
24	copiar – cópia	62	publicar – publicação
25	correr – corrida	63	relampejar – relâmpago
89	cortar – corte	64	respirar – respiração
91	cuspir – cuspe	65	rezar – reza
26	dançar – dança	66	rir – riso
27	dar – dádiva	67	roncar – ronco
28	decidir – decisão	68	sair – saída
88	desaparecer – desaparecimento	69	saltar – salto
81	descer – descida	90	sangrar – sangue
95	desejar – desejo	70	semear – semente
29	desenhar – desenho	103	sofrer - sofrimento
30	dispensar – dispensa	100	sonhar - sonho
94	dizer – dito	71	sorrir – sorriso
31	dobrar – dobra	93	suar – suor
32	dormir – dormida/ sono	84	subir – subida
96	encher – enchimento	85	surgir – surgimento
33	encomendar – encomenda	72	suspirar – suspiro
102	entardecer - tarde	73	trabalhar – trabalho
34	entrar – entrada	99	tocar – toque
97	escolher – escolha	74	tossir – tosse
82	escrever – escrita	75	trovejar – trovão
35	espirrar – espirro	76	vencer – vitória
83	existir – existência	77	ver – visão
36	falar – fala	80	vir – vinda
37	fazer–feito	78	viver – vida
38	filmar – filme	79	voar – voo
98	fingir – fingimento	92	vomitir – vômito
39	florir – flor	---	-----

Quadro I - Lista de pares V + N cognato pesquisados

A cada verbo foi atribuído um código, correspondente ao número da ordem em que se encontrava após uma primeira ordenação alfabética, sendo que os verbos que se

juntaram ao longo da pesquisa foram sendo acrescentados no fim da lista, o que explica que os códigos não correspondam a uma numeração sequencial. Esta ordenação permitiu-nos iniciar a organização do material selecionado.

A recolha do *corpus* foi realizada em dois momentos: no primeiro, fizemos uma recolha de ocorrências no CETEMPúblico⁶⁷, disponível no centro de recursos *Linguateca*; no segundo, fizemos uma recolha de exemplos em espaço internáutico, a partir de vários motores de busca.

Esta recolha foi iniciada, com sistematicidade, em fevereiro de 2012⁶⁸ e encerrada em final de setembro de 2013, tendo sido desenvolvida, portanto, ao longo de 20 meses.

Primeira fase de recolha:

No sentido de atestar a existência das construções em textos jornalísticos, fizemos, então, uma pesquisa no CETEMPúblico. A seleção destes *corpora* justificou-se, por um lado, pela sua total abertura ao público e acesso livre e, por outro, pela facilidade de consulta, uma vez que são dadas, no espaço da *Linguateca*, as informações necessárias para efetuar a pesquisa autonomamente.

No entanto, a representatividade das construções em estudo nestes *corpora* não correspondeu ao esperado e apenas registámos 145 ocorrências, pelo que optámos por diversificar a recolha e a seleção. Iniciámos, assim, uma segunda fase de construção do *corpus*.

Segunda fase de recolha:

Na segunda fase, utilizámos o método de recolha orientada em espaço internáutico, servindo-nos de vários motores de busca, como *Google*, *Netscape*; *Msm*; *Excite*; *Overture*; *Inktomi*; *Ask jeeves*; *Aol*; *Altavista* e *Yahoo*. Estes instrumentos de pesquisa trouxeram-nos uma possibilidade de recolha de construções que, à partida, não estavam previstas, sendo próximas ou correlacionadas com as instruções dadas (por exemplo, com a instrução “chorar lágrimas de” obtivemos exemplos como “chorar

⁶⁷ O CETEMPúblico (*Corpus* de Extratos de Textos Eletrónicos MCT/Público) é um *corpus* de aproximadamente 180 milhões de palavras em português europeu, criado pelo projeto *Processamento computacional do português* (projeto que deu origem à *Linguateca*) após a assinatura de um protocolo entre o Ministério da Ciência e da Tecnologia (MCT) português e o jornal PÚBLICO, em abril de 2000 (acessível *on line*, pelo endereço <http://www.linguateca.pt/cetempublico/>).

⁶⁸ Em 2011, tínhamos já feito breves pesquisas assistemáticas, quer para atestar a ocorrência das diversas construções quer como suporte a pequenos trabalhos no âmbito da parte curricular do curso de doutoramento e de participações em congressos destinados a jovens investigadores que se realizaram nesse ano.

lágrimas de alegria”; “chorar lágrimas de raiva”, mas também “chorar lágrimas de crocodilo”). Estas construções “não previstas”, por um lado, vieram enriquecer a nossa análise, por outro, obrigaram-nos a especificar com exatidão o objeto de estudo – os tipos e subtipos de OC – e delimitá-lo face a outras construções que coocorrem na língua, inclusive com os mesmos verbos (ex.: *chorar um choro...* vs. *chorar lágrimas de...*).

Neste momento da recolha, tivemos duas grandes preocupações: (i) certificarmos de que os exemplos encontrados eram do PE, não só pelo endereço⁶⁹ eletrónico, mas principalmente pela leitura (tão extensa quanto o necessário) dos textos; (ii) retirarmos as frases conjuntamente com o contexto linguístico relevante, a fim de não desvincular o exemplo do seu contexto específico de ocorrência.

Inicialmente, foi dada uma instrução muito geral ao motor de busca, a fim de atestar a existência da construção no PE, que compreendia o composto cognato (V+ N cognato) e a distribuição na frase (N cognato posposto e adjacente ao V).

Posteriormente, fizemos uma pesquisa orientada e exaustiva para cada verbo, regulada por instruções muito específicas, como as ilustradas abreviadamente no Quadro II. Esta fase foi muito demorada e minuciosa, até porque os exemplos a reter deveriam respeitar determinados requisitos linguísticos (cf. critérios linguísticos na subsecção seguinte, §2.2.). Nos casos em que os resultados obtidos para determinada instrução específica ultrapassavam uma página, estes eram apenas analisados até à página dez do *corpus on line*.

Instruções específicas
<p>Instrução: V_{infinitivo}+ D indef_{sing/plu} + nome cognato_{sing/plu}</p> <p>ex.: “chorar um choro” “chorar uns choros” ... </p>
<p>Instrução: V_{forma finita} + D indef_{sing/plu} + nome cognato_{sing/plu}</p> <p>ex.: “chorei um choro” / “chorei uns choros” “choraste um choro” / “choraste um choro” ... </p>

⁶⁹ Alguns endereços referenciavam *pt*, mas pela leitura dos textos acabávamos por comprovar que eram do PB, a partir de evidências como ortografia, expressões fixas, estruturas sintáticas, lexemas típicos, entre outras marcas linguísticas. Estes exemplos não foram recolhidos, como também não o foram os que, após a leitura atenta da totalidade dos textos, não ficasse comprovado a que variante do Português pertenciam. Se, por algum lapso, foi incluído, num primeiro momento, algum exemplo do PB, durante a análise e posterior tratamento dos dados foi excluído, o que explica que o número das construções não tenha correspondência com alguns números de registo e possamos ter exemplos com o código 884, quando, na verdade, apenas temos 857 construções no *corpus*.

<p>Instrução: V_{forma finita/infinitivo} + D def_{sing/plu} + nome cognato_{sing/plu}</p> <p>ex.: “chorei o(s) choro(s)” “chorar o(s) choro(s)” ...</p>
<p>Instrução: V_{forma finita/infinitivo}+ D def/indef_{sing/plu} + nome cognato_{sing/plu}+ Adjetivo/SPrep/OR</p> <p>ex.: “chorei um choro sufocante” “chorei o choro de lágrimas” “chorei um choro que sufocava” ...</p>

Quadro II - Exemplos de instruções específicas dadas aos motores de busca

No conjunto dos dois momentos da recolha do *corpus*, fizemos uma pesquisa para 103 verbos (cf. Quadro I), tendo apenas encontrado construções cognatas para 74. Apresentamos no Quadro III a lista dos 29 pares de V e N cognato para os quais não encontrámos qualquer construção.

Código do verbo	Composto V + Ncog	Código do verbo	Composto V + Ncog
16	chegar – chegada	83	existir – existência
20	chutar - chute/chuto	85	surgir – surgimento
22	comprar – compra	86	ir – ida
34	entrar – entrada	87	aparecer – aparecimento
39	florir – florir	88	desaparecer – desaparecimento
40	gravar – gravação	89	cortar – corte
42	inventar – invento	90	sangrar – sangue
48	morder – mordida/mordedela	91	cuspir – cuspe
56	partir - partida	94	dizer – dito
57	passear – passeio	96	encher – enchimento
60	picar – picada	97	escolher – escolha
63	relampejar – relâmpago	98	fingir – fingimento
67	roncar – ronco	101	misturar - mistura
80	vir – vinda	102	entardecer - tarde
82	escrever – escrita	----	-----

Quadro III - Lista de pares V + N cognato sem exemplos no *corpus*

No total, foram selecionadas 857 construções, respeitantes, como se disse, a 74 verbos. De referir que incluímos algumas construções que, ainda que não contenham um nome cognato, estabelecem com os OC uma relação muito estreita e permitir-nos-ão, nas secções de análise, distinguir os tipos de OC entre si e estes de outras construções, nomeadamente os objetos hipónimos (*dançar um tango; cantar um fado*) e as expressões

lexicalizadas ou em processo de lexicalização (*chover raios e coriscos; chorar lágrimas de crocodilo*).

Veja-se uma síntese dos dados das duas fases de recolha das construções cognatas e hipónimas na Tabela 1.

Tabela 1 - Comparação dos dados obtidos nas duas fases de recolha

Fases da recolha	Nº de verbos procurados	Nº de verbos com exemplos	Nº de construções selecionadas	% do <i>corpus</i>
1ª fase de recolha (CETEMPúblico)	103	11	145	16,9%
2ª fase de recolha (motores de busca)	103	74	712	83,1%

Os exemplos encontrados durante as duas fases de recolha foram sendo compilados numa grelha construída em *Excel* (cf. Anexo I, com modelo da grelha), com as seguintes anotações: código do verbo e número da construção no total do *corpus*. No caso dos exemplos selecionados durante a 2ª fase, foram também anotados o endereço eletrónico, a data da recolha, o motor de busca e o tipo de fonte. Disponibilizamos em anexo (Anexo II) exemplos das duas fases, representativos para cada verbo, por serem os mais utilizados neste estudo, ordenados por código de V e catalogados por tipo de construção.

Os exemplos recolhidos foram analisados quanto a diversos parâmetros linguísticos (cf. §3.): contexto de ocorrência; polaridade da frase; tipo de frase em que a construção ocorre; tipo sintático de verbo; tempo e modo do verbo; classe semântica do verbo; categoria sintática do constituinte cognato (ou hipónimo); distribuição do constituinte na frase e dentro de SV; tipo de determinante e de modificador do nome; classe e subclasse do nome; morfologia do nome; natureza da relação entre verbo e nome; e, finalmente, tipo de construção, segundo a tipologia proposta para o PE. Ainda que tenhamos analisado todas estas variáveis, entendemos, pelos objetivos deste estudo e seus limites, não submeter a análise os dados relativos a: polaridade, tipo de frase em que a construção ocorre, tempo e modo do verbo, classe e subclasse do nome e morfologia do nome.

Após a organização e análise do *corpus*, foi criada uma base de dados no programa estatístico SPSS (*Statistical Package for Social Sciences*), respeitando o código do verbo e o número da construção constantes da grelha já construída em *Excel* e preenchida.

2.2. Critérios linguísticos de base à recolha

Um dos primeiros critérios tido em conta, como já referido anteriormente, foi a língua e a sua variante; tivemos, portanto, o cuidado de garantir que os exemplos eram do PE.

Para uma apresentação dos critérios linguísticos utilizados quer para a criação da lista de pares V e N quer para a seleção dos exemplos do *corpus*, organizámo-los em quatro tipos: (i) critérios linguísticos para o verbo; (ii) critérios linguísticos para o nome; critérios linguísticos para o determinante; critérios linguísticos para o modificador do nome. Apresentamos, a seguir, uma síntese desses critérios.

(i) Critérios linguísticos para o Verbo

- verbos de diferentes tipos quanto ao número de argumentos;
- verbos de diferentes classes semânticas;
- formas finitas e não finitas do verbo;
- diferentes formas verbais quanto ao número e pessoa.

(ii) Critérios linguísticos para o Nome

- composto cognato (V+ N cognato) em posição ao verbo;
- nome cognato do verbo (cognato morfológico ou semântico);
- nome hipónimo da entidade criada pelo nome cognato do verbo;
- nome núcleo do sintagma;
- nome no singular ou no plural.

(iii) Critérios linguísticos para o Determinante

- sem preenchimento e com preenchimento da posição de determinante;
- preenchimento com determinante artigo indefinido (singular e plural);
- preenchimento com outros determinantes (artigos definidos; determinantes possessivos e demonstrativos);
- preenchimento com quantificadores (numerais e outros).

(iv) Critérios linguísticos para o modificador do Nome

- ausência de modificador/sem preenchimento da posição pós-nominal;

- presença de modificador/preenchimento com adjetivo, sintagma preposicional ou oração relativa.

3. Organização, análise e discussão dos dados

Durante a constituição do *corpus* e posterior tratamento dos dados, constituímos algumas hipóteses de trabalho, as quais apresentamos em (1).

(1) Hipóteses:

- a. **Contexto de ocorrência:** (i) os OC ocorrem maioritariamente em textos orais, sendo produções de falantes de baixa escolaridade ou de variantes regionais; (ii) os OC ocorrem igualmente em textos escritos literários (cf. §3.1.).
- b. **Tipos de verbos que admitem OC:** (i) os OC ocorrem, sintaticamente, com verbos tradicionalmente considerados inergativos e com verbos de alternância transitiva/intransitiva; (ii) semanticamente, surgem com verbos de atividade ou reação corporal e com verbos de execução (cf. §3.2.).
- c. **Distribuição dos OC na frase:** os OC ocorrem dentro de SV, pospostos em adjacência ao V, tipicamente na posição de um complemento direto (cf. §3.3.).
- d. **Categoria do sintagma cognato:** os OC são essencialmente SN (cf. §3.4.).
- e. **Determinação:** os OC são tipicamente indefinidos, pelo que apenas ocorrem com determinante indefinido (cf. §3.5.).
- f. **Modificação:** os OC exigem a presença de um modificador restritivo, independentemente da categoria deste (cf. §3.6.).
- g. **Natureza da relação V-N:** em construções com OC, a relação entre V e N poder ser morfológica e semântica ou apenas semântica (cf. §3.7.).

3.1. Contextos específicos de ocorrência

No sentido de caracterizar de forma integral as construções em estudo, quisemos saber qual o seu contexto específico de ocorrência. A partir da leitura da bibliografia

específica, ficámos com a ideia que as construções cognatas seriam típicas dos textos orais, nomeadamente de falantes de baixa escolaridade ou de variantes linguísticas dialetais ou, então, dos textos escritos com pendor literário.

Optámos pelo *corpus* escrito e por textos de diferentes matrizes e características formais e estilísticas. De forma a podermos tratar as construções, fizemos uma organização das mesmas segundo algumas das semelhanças dos textos onde ocorrem: objetivos comunicativos; estrutura formal; características linguístico-estilísticas; fonte.

Neste sentido, e sem a pretensão de constituir uma tipologia específica, fizemos a categorização dos exemplos atendendo ao contexto específico de ocorrência, resultando a seguinte organização:

- a) texto jornalístico
- b) texto académico
- c) texto religioso
- d) texto literário
- e) texto de tradição oral
- f) texto instrucional/promocional
- g) texto dialogal ou conversacional
- h) texto institucional.

No grupo dos textos jornalísticos incluímos apenas os exemplos retirados de jornais, quer fossem do CETEMPúblico quer fossem de jornais *em linha*. Na categoria dos textos académicos, incluem-se construções recolhidas em ensaios, monografias, relatórios de estágio ou outros de cariz académico, relatórios de apresentações semestrais ou finais, relatórios de visitas de estudo e apresentações em PowerPoint. Foram também integrados neste grupo os exemplos recolhidos em materiais de apoio ao estudo e /ou lecionação e de avaliação, como sínteses de aulas, seminários, *workshops* e manuais escolares, assim como fichas de trabalho e de avaliação. Como texto religioso consideramos exemplos recolhidos em textos bíblicos, reflexões religiosas e paráfrases, realizadas em *sítios* de comunidades religiosas. No texto literário, incluímos os exemplos retirados de textos literários de autor (prosa e poesia) e os exemplos colhidos em textos anónimos ou de autores não consagrados, com evidentes marcas de literariedade (entre elas, a ficcionalidade, a pluri-isotopia e o trabalho recursivo e estilístico). Foram também encontrados exemplos, em versão escrita, de alguns textos de tradição oral, pelo que se

criou uma nova secção para textos de tradição oral. Em *sítios* de vendas e conselhos ou «dicas», foram também encontrados objetos cognatos, os quais foram agrupados com o rótulo texto instrucional/promocional. No texto dialogal ou conversacional, incluímos todos os exemplos de pequenos diálogos, comentários ou reflexões partilhadas, típicos de *blogues*, *fórums* e *facebook*. Note-se que espaços colaborativos virtuais (*blogues* e *fórums*) e redes sociais (*facebook*) podem incluir, além dos textos conversacionais, textos noticiosos, textos literários ou outros, os quais foram catalogados segundo a sua natureza. Finalmente, incluímos na última secção textos mais ou menos híbridos, entre o noticioso (mas que não eram jornalísticos) e o instrucional (mas que não eram assumidamente *sítios* de vendas e conselhos ou dicas), como textos de *sítios* desportivos (casa do Benfica e outros clubes desportivos), *sítios* públicos (portal da saúde, diretório do álcool, agência financeira), camarários (*sítios* de Câmaras Municipais, zonas pedonais) e culturais (portal do fado).

Quanto ao número de construções por tipo de contexto específico de ocorrência, obtivemos os dados constantes da Tabela 2⁷⁰.

Tabela 2 – Frequência de ocorrências das construções por contextos específicos de ocorrência

	jornalístico	académico	religioso	literário	tradição oral	instrucional	dialogal	institucional	total
fr	231	50	25	176	6	40	276	53	857
%	27,0%	5,8%	2,9%	20,5%	0,7%	4,7%	32,2%	6,2%	100%

Os OC surgem em diversos contextos e não necessariamente em textos literários, contrariamente ao afirmado na literatura (cf., entre outros, Silva, 2010; Höche, 2009; Real-Puigdollers, 2008).

Pelos dados apresentados na Tabela 2., podemos referir que as construções ocorrem, com mais frequência, em textos dialogais (32,2%), textos jornalísticos (27,0%) e textos literários (20,5%).

A percentagem de ocorrências em textos de carácter dialogal/conversacional revela, sem dúvida, a presença destas construções em textos híbridos quanto à modalidade de uso da língua, pois, como já referimos, os contextos de ocorrência deste grupo de exemplos são, na maioria das vezes, espaços de conversação virtual e redes sociais. Várias questões

⁷⁰ Nas tabelas alternamos a utilização de “fr”, “freq.” e “frequência”, para designar a frequência absoluta de ocorrências e alternamos o uso de “%”, “perc.” e “percentagem”, para referir percentagem de ocorrências no *corpus*.

se levantam neste âmbito, mas às quais os limites deste estudo não nos permitem dar resposta: estes modos de uso da língua são uso escrito ou oral? Estes textos são de produção espontânea ou refletida? Qual o grau de controlo das produções? Há intencionalidade nas formas de expressão?

Quanto aos exemplos considerados na categoria dos textos jornalísticos (231 exemplos, 27,0% do total do *corpus*), estes distribuem-se pelas duas fases de pesquisa, sendo 145 exemplos do CETEMPúblico (62,8%) e 86 de jornais *em linha* (37,2%). Estes dados revelam que as construções são também utilizadas em textos indiscutivelmente de uso escrito da língua, a escrita de imprensa.

Ainda que o número de exemplos colhidos em contextos académicos ronde apenas os 6% (correspondente a 50 exemplos), parece-nos um número interessante, no sentido em que mostra que o uso das construções cognatas é extensível a contextos de produção escrita muito controlados e vigiados pelas normas cultas da língua.

A hipótese inicial deste ponto foi parcialmente refutada, uma vez que há alta frequência de OC em textos escritos, apesar de representarem contextos de um nível menos formal da língua.

3.2. Tipos de verbos que admitem objeto cognato

Na literatura, são referidos os verbos inergativos, semanticamente de atividade ou reação corporal (Silva, 2010), e os verbos de alternância transitiva/intransitiva, com semântica de execução (Bosque & Gutierrez-Rexach, 2009), como os verbos propícios à ocorrência com OC. Neste sentido, pretendemos testar se, de facto, a frequência de OC se limita, sintática e semanticamente, aos verbos referidos.

Ainda que pareça mais ou menos consensual que, ao nível das classes semânticas, os verbos de atividade ou reação corporal (como *bocejar*, *chorar*, *espirrar* e *tossir*) e os verbos de execução (*cantar* e *dançar*) podem coocorrer com OC, pareceu-nos interessante, como uma hipótese de trabalho, analisar uma grande variedade de verbos (cf. Anexo II para uma classificação sintática e semântica dos 103 verbos do *corpus*) e verificar as ocorrências por subclasse. A classificação semântica dos verbos foi feita com base na tipologia proposta por Höche (2009). Os dados obtidos, no tratamento do nosso *corpus*, para cada subclasse semântica encontram-se disponibilizados por classes semânticas na Tabela 3, estando ordenados pela frequência de construções no *corpus*.

Assinalamos, na Tabela, com um asterisco (*) todos os verbos para os quais não foi encontrado qualquer exemplo de construções com cognato.

Tabela 3 - Frequência de ocorrências das construções por classe semântica do verbo

Classes semânticas de verbos	Verbos	Nº de verbos	Freq. de const. por classe	% de const. no corpus
verbo de execução	acenar, anexar, apresentar, cantar, *comprar, dançar, dobrar, encomendar, jogar, *morder, operar, *picar, trabalhar, *escrever, *cortar, *encher, *misturar, tocar	18 (-*7)	214	25,0
verbo de comunicação não verbal/reação corporal	berrar, bocejar, chorar, *cuspir, dormir, espirrar, gritar, respirar, rir, *roncar, *sangrar, sorrir, suar, suspirar, tossir, vomitar	16 (-*3)	209	24,64
verbo de ingestão	almoçar, beber, comer, jantar, lanchar	5	92	10,7
verbo cognitivo/ intelectual	ler, pensar, sonhar	3	91	10,6
verbo de movimento	*aparecer, cair, caminhar, *chegar, *chutar, correr, *desaparecer, descer, *entrar, *ir, *partir, *passear, sair, saltar, subir, *surgir *vir, voar	18 (-*10)	58	6,8
verbo de criação/atividade resultativa	construir, copiar, criar, desenhar, *inventar, parir, publicar, filmar, *gravar, fazer, semear	12 (-*2)	50	5,8
verbo de mudança de estado	brilhar, *florir, morrer, nascer, perder, vencer	4 (-*1)	32	3,7
verbo meteorológico	amanhecer, anoitecer, chover, *entardecer, nevar, *relampejar, trovejar	7 (-*2)	29	3,4
verbo de comunicação verbal	*dizer, falar, orar, rezar	4 (-*1)	22	2,6
verbo de sentimento	sofrer	1	17	2,0
verbo de existência	*existir, viver	2 (-*1)	16	1,9
verbo de atitude	ajudar, beijar, decidir, dispensar, *escolher, *fingir, mentir	7 (-*2)	13	1,5
verbo de percepção	cheirar, ver, tocar	3	12	1,4
verbo de posse	dar, oferecer,	3	2	0,2
Total		103 (-*29)	857	100

Analisados os dados constantes da Tabela 3., verificamos que a classe semântica de verbos com mais construções cognatas é a dos verbos de execução, com 25,0 % dos exemplos do *corpus* (dos 18 verbos classificados como verbos de execução foram encontrados exemplos para 11). O segundo grupo com mais construções é a classe dos verbos de comunicação não verbal/reação corporal, com 24,6% (dos 16 verbos deste grupo apenas foram encontrados exemplos para 13).

Uma outra questão a ser explorada foi perceber se a ocorrência com OC está ou não restringida aos verbos inergativos (verbos de 0 argumentos internos) e aos verbos de alternância transitiva/intransitiva (verbos de 0 ou 1 argumento interno). Neste sentido, fizemos uma classificação sintática dos verbos, com base em Cunha & Cintra (1984) e Mateus *et al.* (2003) (cf. Anexo I, para a classificação semântica e sintática dos verbos do *corpus*), a fim de verificar a frequência dos exemplos por tipo sintático de verbo. Apresentamos os dados recolhidos na Tabela 4., disponibilizados por tipos de verbo e

ordenados pela frequência de construções no *corpus*. Através do asterisco (*) assinalamos os verbos para os quais não foram encontradas quaisquer construções com objeto cognato.

Tabela 4 - Frequência de ocorrências das construções por tipo sintático de verbo

Tipo de verbos	Verbos	Nº de verbos	Freq.de const. por tipo	% de const. no <i>corpus</i>
Alternância trans/intran	almoçar, beber, cantar, comer, correr, dançar, descer, *escrever, falar, *fingir, jantar, jogar, lanchar, ler, parir, *picar, rezar, saltar, subir, trabalhar, vencer, viver, vomitar	23 (-*3)	343	40,0
Inergativos	acenar, berrar, bocejar, caminhar, chorar, *cuspir, dormir, espirrar, gritar, orar, pensar, respirar, rir, *roncar, *sangrar, sofrer, sonhar, sorrir, suar, suspirar, tossir	21 (-*3)	321	37,5
Transitivos diretos	ajudar, anexar, apresentar, beijar, cheirar, *chutar, *comprar, *cortar, construir, copiar, decidir, desenhar, desejar, dispensar, dobrar, *encher, encomendar, *escolher, fazer, filmar, *gravar, *inventar, *misturar, *morder, operar, perder, produzir, publicar, semear, tocar, ver	31 (-*9)	105	12,3
Impessoais	amanhecer, anoitecer, chover, *entardecer, nevar, *relampejar, trovejar	7 (-*2)	39	4,6
Inacusativos	*aparecer, brilhar, cair, *chegar, *desaparecer, *entrar, *existir, *florir, *ir morrer, nascer, *partir, *passear, sair, *surgir, *vir, voar	17 (-*11)	41	4,8
Transitivos indiretos	mentir	1	6	0,7
Transitivos ditransitivos	dar, *dizer, oferecer	3 (-*1)	2	0,2
Total		103 (-*29)	857	100

Após esta classificação sintática, constatámos que apenas 15 verbos são, ao nível semântico, de atividade/reação corporal e, sintaticamente, intransitivos inergativos (2).

(2) *berrar, bocejar, chorar, cuspir, dormir, espirrar, gritar, respirar, rir, roncar, sangrar, sorrir, suar, suspirar, tossir*

Na Tabela 5., apresentamos a frequência de construções nos verbos inergativos, semanticamente de atividade/reação corporal.

Tabela 5 - Frequência de ocorrências das construções nos verbos inergativos, semanticamente de atividade/reação corporal

Verbo	berrar	bocejar	chorar	cuspir	dormir	espirrar	gritar	respirar	rir	roncar	sorrir	sangrar
Frequência	3	1	48	0	85	3	5	5	18	0	8	0
Porcentagem	0,4%	0,1%	5,6%	0%	9,9%	0,4%	0,6%	0,6%	2,1%	0%	0,9%	0%

Verbo	suar	suspirar	tossir	Total
Frequência	1	15	17	209
Porcentagem	0,1%	1,8%	2,0%	24,3%

Após o tratamento dos dados e da análise da Tabela 5., verificámos que:

- (i) os verbos apresentados em (2) não têm, no PE, iguais condições de produtividade quanto à ocorrência com objetos cognatos;
- (ii) para os verbos *roncar*, *sangrar* e *cuspir* não foi encontrado qualquer exemplo de construção cognata⁷¹;
- (iii) os restantes verbos apresentam frequências muito diferentes;
- (iv) pelos dados constantes da Tabela 5, não parece haver dúvidas quanto à produtividade das construções cognatas com os verbos *chorar*, *dormir*, *rir*, *suspirar*, *sorrir* e *tossir*. No entanto, para os restantes o número de exemplos não nos parece significativo, não podendo assim atestar a sua produtividade na língua.
- (v) os verbos que acolhem estas construções, ainda que sejam tradicionalmente considerados intransitivos, estão aqui a ser utilizados como transitivos diretos, o que põe em causa a noção de transitividade enquanto conceito

⁷¹ Contrariamente ao que acontece no PE, no PB são bastante produtivas as construções cognatas com *roncar* (i), *sangrar* (ii) e *cuspir* (iii). Estes verbos permitem, inclusive, construções com OC em posição de aposição (cf. Silva, 2010: 93), tal como evidenciamos para alguns casos do PE (cf. §3.3., deste Capítulo).

- (i) Minha barriga **roncou** *um ronco forte de javali*. Lembrei-me do lanche que trazia dentro de meu bolso. (http://www.devaneiospoeticos.blogspot.com.br/2004_07_01_archive.html, 15/09/2013)
- (ii) A pessoa atravessou fora da faixa e de repente pow, ônibus, e caiu no chão e **sangrou** *um sangue de Sweeney Todd*; tem que ter vindo da ... (<http://comosenaotivesselido.blogspot.pt/2010/03/no-espelho.html>, 15/09/2013)
- (iii) Me deixe em paz. E **cuspiu** *um cuspe de desgosto e nojo*. (<http://eupensoeoutrasbobagens.blogspot.pt/2009/12/o-imbecilista-era-um-grande-escritor.html>, 15/09/2013)

que reflete uma propriedade abstrata, determinada no próprio léxico (cf. Capítulo I).

Para finalizar esta secção, apresentamos, na Tabela 6., a frequência e percentagem de ocorrências nos 10 verbos com frequência de ocorrências superior, no *corpus*.

Tabela 6 - Frequência e percentagem de ocorrências das construções nos 10 verbos com frequência superior

Verbo	cantar	dormir	beber	chorar	sonhar	ler	comer	desenhar	rir	chover
Frequência	149	85	52	52	51	28	23	21	18	17
Percentagem	17,4%	9,9%	6,1%	6,1%	6,0%	3,3%	2,7%	2,5%	2,1%	2,0%

O verbo com mais representatividade é o *cantar*, com cerca de 18% dos exemplos do *corpus*, sendo um verbo dito de alternância transitiva/intransitiva, semanticamente de execução; o verbo *dormir* surge em segunda posição, com cerca de metade da percentagem do primeiro, 10%. No cômputo dos 10 verbos, são 5 considerados intransitivos (4 inergativos e 1 impessoal), 4 de alternância transitiva/intransitiva e 1 transitivo direto.

Estes dados põem em causa não só a conceção tradicional de transitividade e a classificação dos verbos, apenas com base em noções abstratas, mas também apontam para a necessidade de um estudo mais alargado e redimensionado dos objetos cognatos e das construções aparentadas. A análise desenvolvida ao longo deste capítulo vai permitir-nos afinar as classificações propostas inicialmente e perceber quais são os verdadeiros cognatos.

3.3. Distribuição dos objetos cognatos na frase

Existem cognatos em várias posições da frase e com diferentes funções semânticas e sintáticas. Na literatura sobre cognação são abordados diversos tipos de sintagmas cognatos: sintagmas cognatos que ocupam a posição de um complemento direto e são SNs (3a); sintagmas cognatos adjuntos a verbo e são SPs (3b); sintagmas cognatos que

coocorrem com o complemento direto e são SPs (3c); sintagmas cognatos como sujeito de um verbo inacusativo (3d); e outras expressões pleonásticas (cognatos semânticos) (3e).

- (3) a. O coreógrafo dançou *uma dança típica*.
b. Ele morreu *de uma morte santa*.
c. Ele respeita o pai *com grande respeito*.
d. Floriu *uma flor de lótus* no jardim.
e. sair *para fora*; subir *para cima*; voltar *atrás*.

Neste estudo apenas nos ocupamos da análise das duas primeiras construções, denominadas objetos cognatos (OC), sendo que o constituinte cognato se encontra interno ao sintagma verbal, posposto ao V e normalmente em adjacência, como se ilustra nos exemplos em (4).

- (4) a. Ele [[acenou]_V [um aceno desconsiderado]_{OC}]_{SV}. (*corpus*: v1; c2)
b. [[Espirrei]_V [um espirro enérgico]_{OC}]_{SV}. (*corpus*: v35; c492)
c. Amália [[cantou]_V [uma cantiga italiana]_{OC} para ser amável com eles]_{SV}.
(*corpus*: v15; c116)

Neste sentido, o OC parece ocupar uma posição tradicionalmente reservada ao OD. Todavia, se tal pode ser aceite sem reservas para os exemplos (3a) e (4c), com os verbos *dançar* e *cantar* respetivamente, semanticamente de execução/performance, e sintaticamente considerados verbos de alternância transitiva/intransitiva (cf. Anexo II, para uma classificação sintática e semântica dos verbos do *corpus*), o mesmo não acontece com os verbos inergativos *acenar* e *espirrar*, (4a e 4b) respetivamente, ao nível semântico, verbo de execução e verbo de reação/atividade corporal.

A hipótese de que partimos é a de que a posição mais frequente dos OC é a de adjacência ao verbo. Durante a análise do *corpus* e a partir das situações específicas de ocorrência, tivemos necessidade de constituir dois grupos de construções: (i) OC dentro do mesmo domínio frásico que o verbo e formando com ele um único predicado (cf. exemplos em (4)); (ii) OC em estruturas de aposição, sendo expressões ou frases

nominais⁷², não integrando o mesmo domínio frásico que o verbo e funcionando como uma retoma do evento expresso pelo predicado anterior (cf. exemplos em (5) a (7)).

- (5) a. De repente ele viu-a e [**acenu**]_{SV}. [*Um aceno de amigo*]_{expressão nominal}. (*corpus*: v1; c4)
- (6) Então, sentou-se na erva e [**chorou**]_{SV}, [*um choro longo e desconsolado*]_{expressão nominal}. (*corpus*: v18; c273)
- (7) Boa tarde! Que possamos orar como Elias [**orou...uma oração direta**]_{SV}, que alcançou o Senhor, pois Ele estava no centro da vontade do Pai. (*corpus*: v54; c588)

A fronteira entre a frase que contém o verbo e a frase ou expressão nominal que contém o OC pode também ser marcada por sinais auxiliares de escrita, como em (8) e (9), sendo que continuamos a estar perante estruturas de aposição em que é realizada uma retoma do evento descrito pelo verbo.

- (8) Tinha chegado há pouco mais de 24 horas a Lloret del Mar e estava na varanda antes da hora do jantar, quando [**caiu – uma queda acidental**]_{SV}, garantem à agência Lusa fonte policial e um funcionário do hotel. (*corpus*: v13; c92)
- (9) ...sobre os joelhos e sobre as palmas das mãos, e ainda sem entender o que viria a seguir, [**pensou – um pensamento capaz de assombrar**]_{SV}. (*corpus*: v58; c602)

Vários autores (cf. Leung, 2007; Moltmann, 1989; Kitahara, 2007) discutem a possibilidade de aposição do OC para argumentar em favor ou desfavor do seu estatuto argumental. No entanto, parece-nos que a possibilidade de ocorrência do OC em aposição, num domínio frásico autónomo do do verbo, em textos escritos pouco vigiados (muito próximos do oral como são os do *corpus*), pode estar a evidenciar uma tentativa de realce da informação nova contida no constituinte cognato e não qualquer propriedade

⁷² O termo «frase nominal» integra a terminologia do PB para designar um enunciado cuja estrutura interna difere da oração porque não apresenta relação predicativa expressa por um núcleo verbal. Nas palavras de Bechara (1999:407), estas frases “são às vezes simples palavras, outras vezes uma reunião delas, que são transpostas à função do enunciado”. Para uma descrição de vários tipos de enunciados sem núcleo verbal veja-se Bechara (1999:540-542).

argumental dos OC. Também Silva (2010) defende que os OC, nomeadamente os prototípicos, podem ocorrer em aposição pelo seu teor informativo⁷³.

Quando o OC ocorre no mesmo domínio que o verbo, encontra-se prototipicamente em adjacência. No entanto, as construções (10) e (11) apresentam um advérbio ou dois advérbios a intercalar o V e o OC.

(10) Ela **suspirou** profundamente *aquele suspiro que ele sabia significar*:
«Odeio que descalces os sapatos na cozinha». (*corpus*: v72; c675)

(11) **Chovia** agora mansamente *uma chuva gelada*, levando uma cidade onde se cruzavam o fausto, a vaidade, o ter tudo, os embrulhos enfeitados das prendas, ...
(*corpus*: v19; c331)

Vejam, na Tabela 7, os dados obtidos para cada tipo de construção.

Tabela 7 - Frequência e percentagem de ocorrências das construções por tipo de distribuição

Distribuição dos OC		Frequência	Percentagem
V e OC integram o mesmo domínio frásico	OC interno a SV, posposto e em adjacência a V	773	90,2%
	OC interno a SV, posposto e intercalado por advérbio	6	0,7%
V e OC integram domínios frásicos distintos	Expressão nominal separada do V por pontuação	73	8,5%
	Expressão nominal separada do V por sinal auxiliar de escrita	5	0,6%
Total		857	100%

Não há dúvida, pelos dados constantes da tabela acima, que os OC são produtivos no mesmo domínio frásico que o V, pospostos e em adjacência, com 773 ocorrências em adjacência verbal num total de 857 construções, correspondendo a 90,2% do *corpus*, confirmando-se, assim, a hipótese antes formulada.

Como vemos na tabela acima, há, no *corpus*, cerca de 9% dos exemplos (percentagem talvez residual) em que V e OC não se encontram no mesmo domínio,

⁷³ “É bastante comum os falantes escreverem suas ideias separando o OC do verbo por pontuação, dando-lhe um status de constituinte apositivo nas sequências frásicas num texto”, afirma Silva, 2010: 93.

(i) Cuspiu. Um cuspe rápido, seco, certo... (PB)

(ii) ...ai derrepente a Vale vomitou, (um vômito diferente amarelado)... (PB)

(iii) Ah! ele sangrou! Um sangue rosado, cheio de miolos! ... (PB)

sendo que o OC forma uma expressão nominal que funciona como uma retoma do evento expresso pelo verbo: em 8,5% (correspondendo a 73 exemplos) os OC são uma expressão nominal que se encontra separada do V por pontuação; em 0,6% (5 exemplos) está separada por uma auxiliar de escrita (travessão ou parênteses, por exemplo).

Apresentamos, na tabela seguinte, os dados da correlação entre a distribuição dos OC e tipos de verbos.

Tabela 8 – Frequência de ocorrências das construções por tipos de distribuição e por tipos de verbo

Distribuição dos OC		Tipos de Verbo (c/base em Cunha & Cintra, 1984; Mateus <i>et al.</i> , 2003)							Total	%
		inergat.	inacusat.	impes.	alternân.trans /intrans	transit. direto	transit. indireto	trans. ditranst.		
V e OC integram o mesmo domínio frásico	OC interno a SV, posposto e em adjacência a V	274	35	29	333	97	3	2	773	90,2%
	OC interno a SV, posposto e intercalado por advérbio	2	0	1	2	1	0	0	6	0,7%
V e OC integram domínios frásicos distintos	Expressão nominal separada do V por pontuação	43	5	9	6	7	3	0	73	8,5%
	Expressão nominal separada do V por sinal auxiliar de escrita	2	1	0	2	0	0	0	5	0,6%
Total		321	41	39	343	105	6	2	857	100%

Algumas conclusões podem ser retiradas a partir da leitura dos dados constantes da Tabela 8 e da análise do *corpus* quanto à ocorrência do OC:

- (i) os OC são produtivos no mesmo domínio frásico que os verbos respetivos, sendo que podem:
 - **ocorrer na posição típica de objeto** – pospostos e em adjacência a V – surgindo com todos os tipos de verbos representados no *corpus*, numa percentagem superior aos 90%, com o seguinte peso em cada tipo de verbos: nos inergativos 85%; nos inacusativos 81%; nos intransitivos impessoais 74,5%; nos de alternância transitiva/intransitiva 97%; nos transitivos diretos 92,0%; nos transitivos indiretos 80%; finalmente, nos ditransitivos 100%;
 - **ser intercalados por advérbio** – aparecendo numa percentagem muito reduzida: o OC intercalado por advérbio surge uma vez com o verbo

inergativo *suspirar*, uma com o verbo transitivo direto *produzir* e 2 vezes com verbos de alternância (*descer* e *subir*); intercalado por advérbio e pontuação apenas ocorre duas vezes, uma com o verbo inergativo *gritar* e outra com o verbo intransitivo impessoal *chover*.

(ii) os OC podem surgir em aposição, como expressões nominais que funcionam como estruturas de retoma e em domínio independente do V, sendo que a separação dos dois domínios frásicos pode:

- **ser realizada por pontuação**, em cerca de 8,5%, com os verbos inergativos (43 ocorrências em 73 exemplos), ainda que esta possibilidade de adjunção seja, em número consideravelmente reduzido, também possível com os restantes tipos de verbos;

- **ser efetuada por um auxiliar de escrita**, num total de 0,6% do *corpus*, apenas com verbos ditos intransitivos (inergativos, inacusativos e inergativos impessoais).

As expressões nominais cognatas em estruturas de adjunção ocorrem, nos exemplos do *corpus*, com os pares de verbo – nome constantes do Quadro IV.

Verbo inergativo	Verbo inacusativo	Verbo intransitivo impessoal	Verbo alternância trans/intrans	Verbo transitivo direto	Verbo transitivo indireto
<i>acenar – aceno</i> <i>caminhar – caminho</i> <i>chorar – choro</i> <i>dormir – sono</i> <i>espirrar – espirro</i> <i>orar – oração</i> <i>pensar – pensamento</i> <i>respirar – respiração</i> <i>rir – riso</i> <i>sofrer – sofrimento</i> <i>sonhar – sonho</i> <i>sorrir – sorriso</i> <i>suspirar – suspiro</i> <i>tossir – tosse</i>	<i>cair – queda</i> <i>morrer – morte</i> <i>voar – voo</i>	<i>anoitecer – noite</i> <i>chover – chuva</i> <i>nevar – neve</i> <i>trovejar – trovão</i>	<i>almoçar – almoço</i> <i>descer – descida</i> <i>lanchar – lanche</i> <i>ler – leitura</i> <i>parir – parto</i> <i>trabalhar – trabalho</i>	<i>beijar – beijo</i> <i>cheirar – cheiro</i> <i>operar – operação</i> <i>tocar – toque</i>	<i>mentir – mentira</i>

Quadro IV - Pares de V - N que admitem expressões nominais cognatas em aposição

3.4. Categoria do sintagma cognato

Os constituintes em estudo ocorrem internamente a sintagmas verbais, normalmente em adjacência ao verbo, como temos vindo a ver. Quanto à categoria destes constituintes, partimos da hipótese de serem, na sua grande maioria, sintagmas nominais (SN). Apresentamos os dados quanto à categoria do sintagma cognato na Tabela 9.

Tabela 9 – Frequência e percentagem de ocorrências das construções por categoria do sintagma cognato

Categoria sintática do constituinte interno	Frequências	Percentagem no <i>corpus</i>
Sintagma nominal (SN)	825	96,3%
Sintagma preposicional (SPrep)	32	3,7%
Total	857	100%

A categoria SN é, de facto, a mais frequente, ocorrendo em 825 das 857 construções que compõem o *corpus*, numa percentagem de 96,3%. No sentido de perceber os contextos de ocorrência dos OC preposicionais, que têm apenas 3,7% das ocorrências, fomos averiguar quais os verbos que ocorrem com SPrep, tendo constatado que são os verbos *caminhar* (10 ocorrências), *chorar* (5 ocorrências), *morrer* (8 ocorrências), *nascer* (7 ocorrências) e *sorrir* (2 ocorrências) que admitem OC de natureza preposicional.

Devemos referir que as construções que ocorrem com estes verbos mostram ser distintas entre si, quer pelo tipo sintático e pela classe semântica dos verbos, quer pela natureza do evento. Retomaremos esta questão mais adiante.

3.5. Determinação

Um dos critérios linguísticos que nos interessa analisar no estudo dos OC é o tipo de determinante que pode encabeçar o SN pós-verbal. As análises feitas na literatura sobre os tipos de determinantes típicos dos OC são, de alguma forma, contraditórias: alguns autores defendem alguma liberdade de ocorrência dos OC com vários tipos de determinantes (cf. Real-Puigdollers, 2008), outros advogam em favor de uma especificação do determinante por tipo de construção (cf. Silva, 2010); finalmente, existem aqueles que apresentam o determinante indefinido como o mais típico dos SN cognatos (cf. Höche, 2009; Silva, 2010).

A nossa hipótese de partida coincide com a última posição apresentada, os OC são tipicamente indefinidos, pelo que apenas ocorrem com determinante indefinido. A fim de

confirmar ou infirmar esta hipótese classificámos todas as construções do *corpus* quanto ao tipo de determinante. Apresentamos os dados obtidos na Tabela 10.

Tabela 10 - Frequência e percentagem de ocorrências das construções por tipo de determinante

Tipo de determinante	Frequências	Percentagens
s/ preenchimento	158	18,7%
artigo indefinido	428	50,8%
artigo definido	116	13,8%
det. demonstrativo	38	4,5%
artigo e det. possessivo	6	0,7%
quantificador ≠ de numeral	8	0,9%
quantificador numeral	89	10,6%
Total	843	100%

Da análise da Tabela 10., constatamos que os OC ocorrem maioritariamente com o artigo indefinido, com mais de 50% das ocorrências do *corpus*. No entanto, foram também surpreendentes os restantes dados: 159 das 857 construções ocorrem sem preenchimento da posição de determinante (18,6%); 117 ocorrem com artigo definido (13,7%); 44 contêm determinantes fortes (determinantes demonstrativos, artigo definido e determinantes possessivos) com 5,1%; finalmente, 97 ocorrem com um quantificador (89 com quantificador numeral e 8 com outros quantificadores), correspondendo a 11,3% do total do *corpus*.

No sentido de perceber qual a relação que pode haver entre tipos de determinante e tipos de OC, fomos verificar a frequência dos determinantes por tipos de verbos e obtivemos os resultados constantes da Tabela 11.

Tabela 11 - Frequência de ocorrências de tipos de determinantes por tipos de verbos

Tipo de determinante	Tipos de Verbo (c/base em Cunha & Cintra, 1984; Mateus <i>et al.</i> 2003)							Total
	inergat.	inacusat.	impes.	alternân.trans/ intrans	transit. direto	transit. indireto	trans. ditranst.	
s/ preenchimento	38	0	7	106	7	0	1	159
artigo indefinido	200	30	30	131	45	3	1	440
artigo definido	43	7	2	37	26	2	0	117
det. demonstrativo	15	0	0	20	3	0	0	38
artigo e det. possessivo	3	0	0	3	0	0	0	6
quantificador ≠ de numeral	0	0	0	0	8	0	0	8
quantificador numeral	22	4	0	46	16	1	0	89
Total	321	41	39	343	105	6	2	857

Todos os tipos de verbos recebem SN indefinidos, sendo os artigos indefinidos a classe de determinantes mais frequente por tipo de verbos. Repare-se que no grupo dos verbos intransitivos a frequência de SN com artigo indefinido é distintiva: nos inergativos 200 (62% do total de verbos inergativos); nos inacusativos 27 (84% do total de exemplos com verbos inacusativos) e nos intransitivos impessoais 30 (77% do total de exemplos com verbos impessoais).

3.6. Modificação

Os OC são construções que, no geral, surgem com um modificador restritivo, podendo este ser adjetival, preposicional ou frásico. A hipótese de que partimos é a de que os OC são favorecidos pela presença de modificador, independentemente da categoria deste.

Vejamos os dados para a presença / ausência e tipo de modificador na Tabela 12.

Tabela 12 - Frequência de ocorrências das construções por tipos de modificador

Frequências e percentagens	s/ modificador	com modificador			Total
		adjetival	SPrep	oração relativa	
Frequências	167	404	223	63	857
Percentagens	19,5%	47,1%	26,0%	7,4%	100%

A hipótese inicial confirmou-se, pois mais de 80% dos exemplos do *corpus* exhibe um SN com modificador restritivo. Dos três tipos de modificador, é mais frequente o modificador adjetival (47,1%), logo seguido do preposicional (26,0%) e com menor frequência temos os SN modificados por uma oração relativa (7,4%).

Quisemos ainda saber se poderia haver alguma correlação entre, por um lado, a presença/ausência de modificador e a presença/ausência de determinante e, por outro, entre o tipo de modificador e o tipo de determinante. Fizemos um cruzamento de dados, tendo obtido os resultados constantes da Tabela 13.

Tabela 13 – Frequência de ocorrências das construções por tipos de determinante e por tipos de modificador

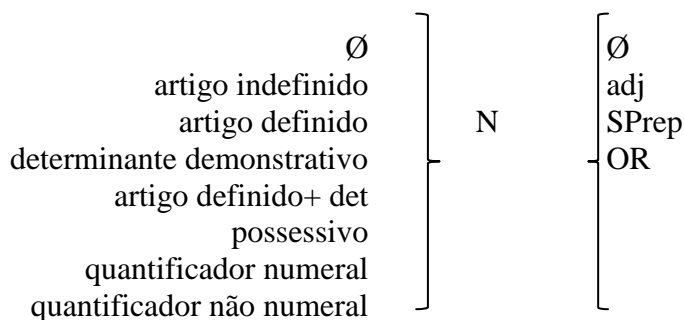
Tipo de determinante	s/ modificador	com modificador			Total
		adjetival	SPrep	oração relativa	
s/ determinante	25	64	64	6	159
artigo indefinido	13	290	94	43	440
artigo definido	29	28	52	8	117
det. demonstrativo	21	10	5	2	38
artigo e det. possessivo	3	2	1	0	6
quantificador ≠ de numeral	3	0	4	1	8
quantificador numeral	73	10	3	3	89
Total	167	404	223	63	857

O SN com a estrutura *artigo indefinido + N + modificador adjetival* é o mais produtivo, com 290 ocorrências das 857 frases, o que corresponde a 33,8%, seguido do SN com a estrutura *artigo indefinido + N + modificador preposicional*, que totaliza 94 construções, sendo 10,9% dos exemplos do *corpus*.

No *corpus*, apenas 25 construções das 167 sem modificador ocorrem simultaneamente sem modificador e sem determinante. Nestes casos, o SN é apenas composto por N.

Do cruzamento feito entre tipos de determinante e tipos de modificador, podemos concluir que as estruturas de SN possíveis⁷⁴ são conforme as apresentadas em (12).

(12) Distribuição dos SN presentes nos exemplos do *corpus*:



⁷⁴ Refira-se que, no *corpus*, não temos, para as construções em estudo, qualquer exemplo de SN com a estrutura *artigo definido e determinante possessivo + N + oração relativa*. Uma vez que as orações adjetivas relativas restritivas “restringem a extensão do conceito expresso pelo nome que a oração modifica, contribuindo crucialmente para a natureza referencial da expressão nominal” (Brito, 2003: 668), existem condições de coocorrência com determinados antecedentes, sob pena de se comprometer a boa-formação da frase ou a sua interpretação. No caso da estrutura de SN em análise (*art def e det pos + N + OR*), a oração relativa pode deixar de ter um valor restritivo, uma vez que a referência da expressão nominal pode encontrar-se delimitada (pelo *artigo definido* e o *determinante possessivo*) e passa a ter uma leitura apositiva.

Voltaremos a esta questão mais adiante, nomeadamente nas secções em que analisamos os diversos tipos de OC (§§4. e 5.), pois as possibilidades de distribuição apresentadas em (12) podem ser indicativas da existência de construções cognatas bem distintas.

3.7. Natureza da relação V-N

Uma relação cognata entre palavras pode existir quer estando na base uma relação morfológica, etimológica ou não, entre duas ou mais palavras ou expressões, como em *espirrar – espirro* e *cantar - cantiga*, quer estando uma relação semanticamente cognata, como em *dormir – sono*. No entanto, outras relações semânticas se podem estabelecer entre os elementos do “composto” verbo + nome.

Foram, então, definidas as seguintes classes para organizar e analisar os dados relativos ao tipo de relação existente entre o V e o N, nas construções do *corpus*:

- a) Relação morfológica: *chorar – choro; dançar – dança*
- b) Relação semântica 1: *dormir – sono*
- c) Relação semântica 2: *dançar – tango; apresentar – conferência; cantar – fado*
- d) Outras relações semânticas: *chorar – baba e ranho; chover – raios e coriscos*

Na categoria *relação morfológica*, incluímos todos os pares V – N em que há um radical comum entre os dois elementos (como em *espirrar – espirro; chorar – choro; dançar – dança; apresentar - apresentação*); na categoria *relação semântica 1*, incluímos o caso de *dormir – sono*, uma vez que a língua não dispõe do cognato morfológico do verbo ou, dispendo, não é usado nesta construção; em relação *semântica 2*, integramos os exemplos de relações semânticas por hiperonímia/hiponímia, em que um nome (por exemplo *tango*) estabelece com a entidade designada pelo nome morfológicamente relacionado com o verbo (no caso de *tango* seria *dança*) uma relação de hiponímia; finalmente, na última categoria, *outras relações semânticas*, juntamos todos os pares que se relacionam por identidade de traços semânticos, mas que não cabem nas categorias anteriormente definidas, como sejam *chorar – baba e ranho* e *chover – raios e coriscos*.

Quanto a este critério, consideramos como hipótese inicial que, em construções cognatas do tipo das analisadas neste estudo, a relação entre o V e o N pode ser *morfológica*, portanto, basear-se em radicais comuns ao V e ao N, ou *semântica* (*semântica 1* nas categorias definidas abaixo), que se verifica quando a língua não disponibiliza nomes morfologicamente idênticos aos verbos no contexto de OC, sendo as duas categorias com mais percentagem no *corpus*. Os exemplos que se integram nas restantes categorias (*semântica 2* e *outras relações semânticas*) não são, por nós, consideradas construções cognatas.

Apresentamos os dados relativos a esta categorização na Tabela 14.

Tabela 14 - Frequência e percentagem de ocorrências das construções por tipos de relação V – N

	Relação morfológica	Relação semântica 1	Relação semântica 2	Outras relações semânticas	Total
Frequência	693	84	31	49	857
Percentagem	80,9%	9,8%	3,6%	5,7%	100%

A hipótese colocada quanto à representatividade das duas primeiras categorias é confirmada.

Verificámos ainda que alguns verbos apenas surgem em construções com a relação morfológica e outros podem alternar entre *relação morfológica* e *semântica 2*. Vejamos os dados por verbo no quadro seguinte.

Relação morfológica				Relação semântica 1	Relação semântica 2	Outras relações semânticas
acenar	orar	chorar	almoçar	dormir	almoçar	chorar
ajudar	parir	chover	anexar		anexar	chover
amanhecer	pensar	espirrar	apresentar		apresentar	espirrar
anoitecer	perder	gritar	beber		beber	gritar
beijar	publicar	sonhar	caminhar		caminhar	sonhar
berrar	respirar	tossir	cantar		cantar	tossir
bocejar	rezar		comer		comer	
brilhar	rir		dançar		dançar	
cair	sair		desenhar		desenhar	
cheirar	saltar		dobrar		dobrar	
construir	sofrer		encomendar		encomendar	
copiar	sorrir		falar		falar	
correr	suar		filmar		filmar	
dar	subir		jantar		jantar	
decidir	suspirar		jogar		jogar	
descer	tocar		ler		ler	
desejar	trabalhar		nascer		nascer	
dispensar	trovejar		operar		operar	
fazer	vencer		produzir		produzir	
lanchar	ver		semear		semear	
mentir	viver					
morrer	voar					
nevar	vomitare					
oferecer						
47				1	20	6

Quadro V – Distribuição dos verbos por tipo de relação V-N

Os dados apontam para construções diferentes, uma vez que temos, por um lado, 47 verbos, tipicamente com *relação morfológica* com o nome, que não surgem, no *corpus*, em construções cujos V e N têm uma *relação semântica 2* (em que o nome expressa um hipónimo da entidade representada pelo nome morfológico do verbo) e, por outro, temos 20 verbos que surgem ora em construções com uma relação morfológica com o nome ora em construções cuja relação pertence ao grupo definido como *relação semântica 2*.

Neste sentido, pensamos que os verbos que apenas aparecem num tipo de relação poderão ocorrer em construções cognatas tendencialmente de um tipo e os verbos que ocorrem em construções com diferentes relações, ora *morfológica* ora *semântica 2* (hiponímica) serão potencialmente de outro tipo (cf. §§4 e 5).

No âmbito das relações entre V e N, analisámos ainda a natureza morfológica do nome, em particular quando está em adjunção a um verbo seguido da respetiva nominalização deverbal. A esta temática voltaremos em diversos pontos desta dissertação.

3.8. Síntese da secção

Uma síntese parcial dos dados deve ser realizada neste momento, considerando os resultados discutidos nesta secção.

Apresentamos, assim, uma síntese dos resultados obtidos a partir da análise dos dados do *corpus*.

a. Contextos de ocorrência:

(i) os OC ocorrem em discursos orais, mas também em textos escritos, em diversos contextos específicos, ainda que com mais frequência em textos de carácter dialogal (32,2%), em textos jornalísticos (27,0%) e em textos literários (20,5%);

(ii) os contextos em que os OC ocorrem na categoria dos textos dialogais revelam ser tendencialmente os de uso menos formal da língua;

b. Tipos de verbos que admitem OC:

(i) os OC ocorrem em cerca de 40% com verbos tradicionalmente considerados de alternância transitiva/intransitiva e em 37,5% com verbos ditos inergativos, sendo que a percentagem de ocorrência com verbos tipicamente transitivos (diretos, indiretos e ditransitivos) é muito reduzida, assim como a ocorrência com verbos inacusativos;

(ii) as classes semânticas com mais ocorrências no *corpus* foram a dos verbos de execução (25,0%) e a dos verbos de comunicação verbal/reação corporal (24,4%), ainda que os OC possam também ocorrer com outras subclasses;

c. Distribuição dos OC:

(i) a posposição e a adjacência do OC ao V é a distribuição mais frequente das construções, com mais de 90% de frequência;

(ii) há, no entanto, uma percentagem de 9% em que a adjacência não se verifica; as construções em que OC e V se encontram intercalados por advérbio são apenas 6 exemplos num total de 857 construções;

(iii) finalmente, há cerca de 8 % de exemplos que são expressões nominais que funcionam como enunciados e operam uma retoma do evento expresso pelo verbo;

d. Categoria do sintagma cognato:

- (i) os OC são essencialmente SN (96,3%), pertencendo, numa percentagem residual (3,7%), à categoria preposicional;
- (ii) os OC SPrep ocorrem, no *corpus*, maioritariamente com os verbos *caminhar* e *morrer*;

e. Determinação:

- (i) em mais de 50% das ocorrências, os OC surgem com artigo indefinido;
- (ii) no entanto, há OC sem determinante (18,6%), com artigo definido (13,7%), com outros determinantes fortes (5,1%) e com quantificadores (11,3%);
- (iii) os verbos que ocorrem essencialmente com OC com artigo indefinido são, maioritariamente, os inergativos (200 exemplos em 440) e de alternância transitiva/intransitiva (131 exemplos em 440);

f. Modificação:

- (i) mais de 80% dos OC surgem com modificador restritivo, independentemente da sua categoria;
- (ii) 47,1% ocorrem com modificador adjetival;
- (iii) cruzando os dados da modificação com os obtidos para os tipos de determinante e os da categoria do constituinte, verificámos que a estrutura mais produtiva, no *corpus*, é [*artigo indefinido* + *N* + *modificador adjetival*]_{SN}, com 290 ocorrências em 857 exemplos;

g. Natureza da relação V-N:

- (i) em construções com OC, a *relação morfológica* entre V e N (nominalização deverbal) aparece com uma percentagem de cerca de 80% e a *relação semântica 1* com cerca de 10%;
- (ii) um número considerável de verbos ocorre apenas numa *relação morfológica* com o nome, 53 verbos em 103 pesquisados e em 74 com exemplos no *corpus*;
- (iii) apenas 20 verbos surgem quer numa *relação morfológica* com o nome quer numa *relação semântica 2* (hiponímica).

Vejam nas secções seguintes do capítulo como estes resultados podem influenciar a análise das construções e a definição de tipos de OC e construções hipónimas.

4. Para uma proposta de tipologia de construções cognatas e hipónimas

Os exemplos (13) a (18) apresentam, em itálico, objetos cognatos (OC), distribucionalmente adjacentes ao verbo, em posição típica de complemento direto (CD).

- (13) Alérgico a todos os gatos. **Espirrei** *um espirro enérgico*. E foi pêlo pra todos os lados! (*corpus*: v35; c492)
- (14) Com as poucas forças que ainda lhe restavam, a irmã **orou** *uma oração que só as mães fazem*: olhos cheios de água, palavras pronunciadas apenas dentro do coração, aliás, um coração quebrantado e humilhado. (*corpus*: v54; c592)
- (15) ... agora **neva** *uma neve molhada* (...) (*corpus*: v51; c578)
- (16) **Dormi** *um sono profundo*, sem sonhos, mas quando acordei, pensei logo em ti (...) (*corpus*: v32; c469)
- (17) Cruzar a Aldeia de Bogas de Cima, seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde **bebemos** *uma bebida fresca* e (...) (*corpus*: v8; c78)
- (18) Também **cantou** *uma canção popular do folclore português*, um “vira” do Minho (...) (*corpus*: v15; c140)

O “composto” cognato nas frases (13) a (18) contém um verbo e um nome cognato, quer este seja cognato morfológico (*espirrar – espirro; orar – oração; nevar – neve; beber – bebida; cantar – canção*), quer seja cognato semântico (*dormir – sono*). Independentemente das diferenças morfológicas, semânticas e sintáticas existentes entre

eles, estes OC são categorialmente SN. No *corpus*, das 857 construções, 96,3% contém um SN posposto ao verbo e 3,7% um SPrep (cf. os dados no §3.4.).

Distinguiremos, nesta investigação, os OC de (13) a (16) dos OC de (17) e (18).

Os OC de (13) a (16) são constituintes nominais que ocorrem, normalmente, pospostos ao verbo e com ele estabelecem intrínsecas relações morfológicas, etimológicas e/ou semânticas. Nos exemplos (13) a (15), o verbo e o nome apresentam uma relação morfológica e etimológica, uma vez que se formam de uma mesma raiz. Em (16), *dormir* e *sono* não são cognatos morfológicos (nem etimológicos), dado que se formam de raízes distintas, porém, são cognatos semânticos – entram na língua a partir de raízes de palavras sinónimas. Consideraremos, por isso, *dormir* e *sono* cognatos semânticos. A este par cognato voltaremos mais adiante (cf. 5.1. deste capítulo).

Porque em (13) a (16) o composto V – N é pleonástico e pouco informativo, o OC apresenta fortes restrições semânticas e sintáticas, como é o caso da indefinidade e da modificação obrigatórias⁷⁵.

Veja-se a agramaticalidade⁷⁶ dos exemplos em (19) e (20), com *espirrar* e *nevar* respetivamente.

- (19) a. Alérgico a todos os gatos. ***Espirrei** *um espirro*.
b. Alérgico a todos os gatos. ***Espirrei** *o espirro*.
c. Alérgico a todos os gatos. ***Espirrei** *o espirro enérgico*.
- (20) a. *agora **neva** *uma neve*.
b. *agora **neva** *a neve*.
c. *agora **neva** *a neve molhada*.

A agramaticalidade de (19a) e (20a) deve-se à ausência de modificador restritivo, responsável, neste tipo de construção, pela informação nova (cf. Ramchand, 2008: 94). Nos exemplos (19b) e (20b), a agramaticalidade é justificada não só pela ausência de modificador mas também pela definitude do sintagma. Em (19c) e (20c), o artigo definido

⁷⁵ Também no PB (cf. Silva 2010) e no Inglês (cf. Höche 2009) a indefinidade e a modificação se apresentam como condição *sine qua non* para a boa formação dos OC prototípicos.

⁷⁶ Utilizaremos os seguintes diacríticos para marcar os juízos de valor: sem diacrítico – totalmente gramatical; asterisco (*) - agramatical; ponto de interrogação (?) - duvidoso; cardinal (#) - várias ou outra leitura/interpretação.

leva à agramaticalidade, acrescida de ausência de discurso anterior que contextualize a definitude.

Quanto às frases com *orar* e *dormir*, respetivamente em (14) e (16), a ausência de modificador pode não levar propriamente a uma agramaticalidade sintática; porém, gera uma interpretação diferente da primeira (marcada no teste (21) e (22) com #) e, logo, surge outro tipo de construção.

- (21) #Com as poucas forças que ainda lhe restavam, a irmã **orou** *uma oração*.
(22) #**Dormi** *um sono*, mas quando acordei, pensei logo em ti.

Em (21) podemos ter a interpretação “a irmã orou apenas uma oração” (vs. “a irmã orou *duas* orações”⁷⁷), sendo *uma* um quantificador numeral e chamando a si a informação nova, o que permite a ocorrência do cognato morfológico sem modificador restritivo. Estamos, desde logo, perante outro tipo de construção cognata, em que o SN tem leitura de entidade (ou objeto afetado, segundo Moreno Cabrera, 1991) e não de evento, descrito pelo verbo, como acontece noutra tipo de exemplos.

Com o verbo *dormir*, o cognato sem modificador, em (22), no PE, é equivalente a *dormir durante um curto período de tempo*, normalmente depois das refeições, podendo ser substituído por *sesta* e *soninho*. Neste sentido, deixamos de estar perante o primeiro tipo de OC, sendo que o processo de dormir passa a estar limitado a um período de tempo.

Quanto ao critério da indefinidade, este parece ser uma exigência também para os cognatos com os verbos *orar* e *dormir* e definidora dos tipos de construções cognatas. Vejamos, em primeiro lugar, os exemplos com o verbo *orar*, em (23).

- (23) a. */?Com as poucas forças que ainda lhe restavam, a irmã **orou** *a oração*.
b. ?Com as poucas forças que ainda lhe restavam, a irmã **orou** *a oração que só as mães fazem*.
c. ?Com as poucas forças que ainda lhe restavam, a irmã **orou** *a oração da noite*.

⁷⁷ Em PB a construção cognata com quantificador numeral diferente de *um* é produtiva: “Hoje (18 de outubro), Dia do Médico e Dia de São Lucas - Padroeiro dos Médicos - o Padre Marcelo **orou** *duas orações especiais* para este dia. Fiquem com a paz de Jesus e o amor de Maria.” (<http://devocaoefe.blogspot.pt/2012/10/oracao-do-medico-pe-marcelo-rossi.html> 19/09/2013)

Em (23a), a estrutura é agramatical ou de difícil aceitação, principalmente sem discurso anterior contextualizador⁷⁸. Na versão (23b.), portanto com artigo definido e com modificador restritivo, o OC torna-se mais aceitável, ainda que o licenciamento semântico dependa do conhecimento enciclopédico/partilhado entre falantes (cf. Haugen, 2009). Também o exemplo (23c.) pode ser aceitável, dado que a expressão preposicional *da noite* localiza temporalmente (numa das partes do dia) o evento descrito e atribui informatividade ao cognato, tal como ocorre no exemplo (23b) com oração relativa, licenciando-o sintática e semanticamente; porém, neste último exemplo, estamos a aproximar-nos de uma leitura de entidade (Haugen (2009) afirma haver condições pragmáticas que autorizam e justificam a ocorrência das construções pleonásticas, por exemplo, a *máxima da quantidade* de Grice).

Em síntese, com os verbos *espirrar*, *nevar*, *orar* e *dormir* encontramos um tipo de cognato que exige modificação e indefinidade – *os OC verdadeiros* – ainda que de subtipos diferentes: os OC verdadeiros morfológicos, com os verbos *espirrar*, *nevar* e *orar* (subtipo a); os OC verdadeiros semânticos, com o verbo *dormir* (subtipo b). Quando aquelas propriedades não se verificam, as construções ou são agramaticais (cf. (19) a (20) e (23a.)) ou surge outro tipo de construções cognatas, com interpretações não eventivas (cf. (21) a (23)). Retomaremos a descrição dos OC verdadeiros por oposição a outras construções no parágrafo seguinte (cf. §5.1.).

Os *OC verdadeiros* são os mais típicos ou prototípicos no conjunto dos tipos de cognatos e são, não raras vezes, confundidos com expressões lexicalizadas ou quase cristalizadas (cf. *Dormir o sono dos justos; chorar lágrimas de crocodilo; morrer de uma morte santa*) e com outros tipos de cognatos muito semelhantes, como os de (17) e (18), aqui repetidos em (24) e (25), mas que constituem argumentos verdadeiros dos respetivos verbos.

(24) Cruzar a Aldeia de Bogas de Cima, seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde **bebemos** *uma bebida fresca* e (...) (*corpus*: v8; c78)

(25) Também **cantou** *uma canção popular do folclore português*, um “vira” do Minho (...) (*corpus*: v15; c140)

⁷⁸ O exemplo melhoraria se fosse contextualizado: “a irmã aprendeu uma oração especial para orar em ocasiões difíceis... (?) Com as poucas forças que ainda lhe restavam, a irmã orou a oração.”

Os sintagmas em itálico dos exemplos (24) e (25) formam um outro grupo de OC, ainda que categorialmente sejam SN e ocorram, comumente, com artigo indefinido e modificador. O verbo e o nome apresentam igualmente, pelo menos à superfície, uma relação morfossemântica⁷⁹. Embora próximos dos OC verdadeiros, pelas suas aparentes propriedades sintáticas, semânticas e morfológicas, estes OC têm mais liberdade de estruturação, podendo não apresentar modificação, (26) e (27).

(26) Cruzar a Aldeia de Bogas de Cima, seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde **bebemos** *uma bebida*.

(27) Também **cantou** *uma canção*.

De notar que, nestes exemplos, a interpretação é marcada pelo quantificador numeral, afastando-se da leitura de evento e aproximando-se de uma leitura de entidade, sendo que o objeto *uma bebida* pode ser, na linha de Moreno Cabrera (1991), um objeto afetado, enquanto *uma canção* será um objeto efetuado⁸⁰. (cf. §3.2., Capítulo I; §3., Capítulo III).

Quanto ao critério de indefinidade, este apresenta-se mais problemático, sendo necessário um discurso prévio para licenciar totalmente a ocorrência de um determinante definido no SN cognato. O exemplo de SN definido, com modificador, em (28a) e (29a), parece ser preferível ao SN sem modificador, (28b) e (29b). Em todo o caso, estes exemplos parecem-nos mais aceitáveis do que os exemplos com OC verdadeiros (cf. (21) a (23)).

(28) a. Cruzar a Aldeia de Bogas de Cima, seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde **bebemos** *a bebida fresca*.

b. ?Cruzar a Aldeia de Bogas de Cima, seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde **bebemos** *a bebida*.

⁷⁹ Leung (2007) entende a relação entre os *comer* e *beber* e os nomes *comida* e *bebida*, respetivamente, como ocasional, portanto, “uma coincidência morfológica” (Leung, 2007:68).

⁸⁰ Cf. também Cano Aguilar (1981) e Moreno Cabrera (1991) para uma distinção semântica de níveis de transitividade com base na distinção funcionalista entre objetos afetados e objetos efetuados; ver também Höche (2009) para uma diferenciação de subclasses de OC quanto ao tipo de afetação do objeto.

- (29) a. Também **cantou** *a canção popular do folclore português...*
b. ?Também **cantou** *a canção.*

Os OC deste tipo podem ser substituídos por objeto hipónimo (OH), sendo que o hiperónimo *bebida* pode ser substituído pelo hipónimo *água* ou *sumo* (30) e o hiperónimo *canção* pode ser substituído pelo hipónimo *vira* ou *fado* (31), por exemplo.

- (30) ... seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde **bebemos** *uma água (fresca)/um sumo (fresco).*
- (31) ... **cantou** *um vira/fado (português).*

Assim, as construções (24) e (30), por um lado, e (25) e (31), por outro, com os verbos *beber* e *cantar*, são apenas cognatos aparentados ou hipónimos alternantes (cf. também Gallego, 2012). Além disso, os verbos *beber* e *cantar* disponibilizam objetos de subtipos diferentes, como os exemplos anteriores já revelam. Os verbos *beber* e *cantar* são verbos de dois argumentos, em que o argumento interno (realizado explicitamente ou não) é sempre alguma coisa bebível/cantável. Desenvolveremos a descrição sintático-semântica deste segundo grupo de OC e também dos OH no §5.2.

Além dos OC *verdadeiros* e dos OC *aparentados* (que podem coocorrer com OH), são também construções cognatas as apresentadas em (32) e (33).

- (32) Uma tristeza. Paz à alma do indivíduo que **morreu** *de uma morte extremamente estúpida*, provavelmente, completamente evitável. (*corpus*: v49; c564)
- (33) E tossi, último tiro do último cartucho do cobói solitário: **tossi** *a tosse dos asmáticos*, recuperei uma voz fraca de falar. (*corpus*: v74; c766)

Em (32), o sintagma que contém o nome cognato do verbo é um Sprep, sendo a seguir nomeado OC *preposicional* (cf. §5.3.). Ainda que sejam sintagmas preposicionais, estes objetos são uma classe de OC que apresenta as mesmas restrições semântico-sintáticas que os OC *verdadeiros* – indefinidade e modificação obrigatórias.

Finalmente, em (33), temos um outro tipo de OC, descrito no §5.4. como *objetos cognatos predicativos*. Estes OC não apresentam as mesmas propriedades semânticas e sintáticas que os OC verdadeiros, principalmente por serem OC predicativos e poderem exibir artigo definido, embora ocorrendo com os mesmos verbos.

Em síntese, os objetos cognatos formam uma ampla família, com tipos e subtipos distintos que precisam de ser definidos e descritos com sistematicidade.

As propriedades anteriormente apresentadas sugerem já uma tipologia. Propomos, em (34), uma possível taxonomia, que será detalhadamente estudada e fundamentada ao longo do capítulo.

(34) Tipologia das construções cognatas e hipónimas do PE:

(i) **os objetos cognatos verdadeiros (OC verdadeiros):**

subtipo a. - OC verdadeiro morfológico

ex.: *espirrar – espirro..., tossir – tosse..., chover – chuva..., nevar – neve..., orar – oração..., sonhar – sonho...*

subtipo b. - OC verdadeiro semântico

ex.: *dormir – sono...*

(ii) **os objetos cognatos aparentados (OC aparentados):**

subtipo a. – ex.: *dançar – dança; cantar – cantiga.*

subtipo b. – ex.: *comer – comida; beber – bebida.*

(iii) **os objetos hipónimos (OH):**

ex.: *dançar – tango; cantar – fado; beber – água.*

(iv) **os objetos cognatos preposicionais (OCP):**

ex.: *morrer de uma morte...*

(v) **os objetos cognatos predicativos (OC predicativos):**

ex.: *espirrar o espirro dos asmáticos; sonhar o sonho dos poetas.*

Cada um destes tipos e subtipos de construções cognatas e hipónimas será analisado na secção seguinte.

5. Propriedades sintático-semânticas das construções cognatas e hipónimas

5.1. Os objetos cognatos verdadeiros

Os OC verdadeiros são as construções cognatas mais restritivas ao nível sintático e semântico, sendo, como já referido na secção anterior, marcados pela indefinidade e pela modificação obrigatórias (cf. agramaticalidade dos exemplos (19) a (23) acima apresentados).

Este tipo de OC ocorre, tipicamente, com verbos tradicionalmente considerados de 0 argumentos, como os meteorológicos (*chover, nevar*), com verbos de 1 argumento, como os de comunicação não verbal/reacção corporal (*espirrar, tossir, bocejar, gritar*), alguns de comunicação verbal (*orar*), alguns cognitivos ou de processos intelectuais (*sonhar, pensar*) e alguns de sentimento (*sofrer*), ainda que com diferenças ao nível da produtividade/frequência. Apresentamos a Tabela 15 com a frequência de OC verdadeiros nos 12 verbos com mais construções e a Tabela 16 com a frequência de OC verdadeiros nos 12 verbos com menos construções presentes no *corpus* (cf. também a apresentação e discussão dos dados do *corpus* no §3.)⁸¹.

Tabela 15- Frequência de ocorrências de OC verdadeiros nos 12 verbos com frequência superior

Tipo de OC	<i>dormir</i>	<i>sonhar</i>	<i>chorar</i>	<i>sofrer</i>	<i>amanhecer</i>	<i>rir</i>	<i>chover</i>	<i>suspirar</i>	<i>nevar</i>	<i>voar</i>	<i>tossir</i>	<i>sorrir</i>
Nº de OC verdadeiros	62	24	9	8	8	7	7	6	6	6	5	5
Nº total de ocorrências	85	51	52	17	9	18	17	15	9	8	17	8

Tabela 16 - Frequência de ocorrências de OC verdadeiros nos 12 verbos com frequência inferior

Tipo de OC	<i>viver</i>	<i>cheirar</i>	<i>anoitecer</i>	<i>decidir</i>	<i>gritar</i>	<i>mentir</i>	<i>respirar</i>	<i>espirrar</i>	<i>berrar</i>	<i>beijar</i>	<i>bocejar</i>	<i>brilhar</i>
Nº de OC verdadeiros	4	4	3	2	1	1	1	1	1	1	1	1
Nº total de ocorrências	16	6	3	2	7	6	5	3	3	2	1	1

⁸¹ Como já foi visto, os dados relativos à frequência das construções com diferentes tipos sintáticos e semânticos de verbos, apresentados no §3. deste Capítulo, contrariam a ideia de que os OC apenas ocorrem com verbos intransitivos de comunicação não-verbal/reacção corporal, ideia defendida na literatura sobre os OC (por exemplo, em Silva, 2010, para o PB).

As diferenças verificadas entre o número de OC verdadeiros e o número total de ocorrências para cada verbo justificam-se pela existência de outras construções com propriedades distintas, como sejam os OC predicativos (por exemplo, *espirrar o espirro dos asmáticos*) e as expressões lexicalizadas (*dormir o sono dos justos*), as quais excluímos da categoria dos OC verdadeiros e analisaremos em secções próprias (cf. §5.4. para os OC predicativos e §6. para as expressões lexicalizadas).

Analisemos, então, os OC desta categoria. Os exemplos em (35) a (41) apresentam em itálico OC verdadeiros e em negrito os verbos em causa.

(35) (...) agora **neva** *uma neve molhada* (...) (*corpus*: v51; c578)

(36) **Chovia** *uma chuva que não me molhava*. (...) (*corpus*: v19; c323)

(37) Alérgico a todos os gatos. **Espirrei** *um espirro enérgico*. E foi pêlo pra todos os lados! (*corpus*: v35; c492)

(38) A mãe **chorou** *um choro manso*. (...) (*corpus*: v18; c288)

(39) **Dormi** *um sono profundo, sem sonhos*, mas quando acordei, pensei logo em ti (...) (*corpus*: v32; c469)

(40) Com as poucas forças que ainda lhe restavam, a irmã **orou** *uma oração que só as mães fazem: olhos cheios de água, palavras pronunciadas apenas dentro do coração, aliás, um coração quebrantado e humilhado*. (*corpus*: v54; c592)

(41) **Sonhei** *um sonho que não devia ter sonhado*. (*corpus*: v100; c779)

Os constituintes em itálico são SN, cujo nome-núcleo é cognato do verbo, integrando igualmente um determinante indefinido e um modificador, em posição pós-nominal. Esta estrutura é uma condição de boa-formação exigida pelas construções que envolvem verdadeiros OC, no PE. A percentagem de OC verdadeiros no *corpus* ronda os 22% (195 exemplos em 857 construções) e todos pertencentes à categoria SN.

A nível semântico, os OC verdadeiros apresentam-se como objetos que ampliam o evento descrito pelo verbo, sendo considerados por Höche (2009) como objetos de evento

ou de resultado. Höche (2009) distingue os objetos de resultado 1 (*live a life* [viver uma vida]; *smile a smile* [sorrir um sorriso]) dos objetos de resultado 2 (*build a building* [construir uma construção], *produce a product* [produzir um produto]), segundo o tipo de objeto criado durante o evento descrito pela atividade do verbo: os primeiros são entendidos como uma componente do processo verbal, normalmente a final, não tendo uma existência independente; os segundos são entidades concretas que passam a existir após o evento, independentemente de este terminar. Os OC com leitura de evento podem também ser considerados de resultado 1, sendo que o resultado se aproxima de uma experiência que o sujeito tem⁸². Com efeito, os OC da classe de verbos aqui contida ou têm uma leitura de evento, sendo que apenas há *espirro* e *choro* enquanto o evento de *espirrar* e *chorar*, respetivamente, existir, (37) e (38); ou têm leitura de resultado de breve duração, como em *chover* e *nevar*, em (35) e (36).

Temos, de facto, dois tipos de relações cognatas entre o V e o N que integram o composto cognato: uma *relação morfológica* (*nevar – neve, chover – chuva, espirrar – espirro, chorar – choro, orar – oração, sonhar – sonho*) e uma *relação semântica* (*dormir – sono*). Em ambos os casos estamos perante aquilo que nesta dissertação estamos a designar OC verdadeiros. Em 195 frases com OC verdadeiros, 133 apresentam uma relação morfológica entre o V e o N cognato e 62 têm apenas uma relação semântica (*semântica I* nas categorias definidas nesta investigação, cf. §3.7.).

Façamos, agora, uma análise mais aprofundada dos cognatos morfológicos – OC verdadeiros de tipo a – os quais têm uma percentagem de 15,5% no *corpus* (133 exemplos em 857 construções totais).

Os OC desta subclasse podem coocorrer com verbos meteorológicos (dos 133 casos com OC verdadeiros de tipo a, 14 são construídos com verbos meteorológicos). Estes verbos são considerados tradicionalmente impessoais e intransitivos, o que quer dizer que não apresentam argumento externo (portanto, sujeito sintático) nem argumentos internos. No entanto, vale a pena olharmos novamente para os exemplos (35) e (36), aqui repetidos, para análise, em (42) e (43).

(42) (...) agora **neva** uma neve molhada (...) (*corpus*: v51; c578)

(43) **Chovia** uma chuva que não me molhava. (...) (*corpus*: v19; c323)

⁸²Cf. §3. Capítulo III.

Sendo *nevar* e *chover* verbos impessoais meteorológicos, o SN em itálico nos exemplos apenas poderá ser considerado um argumento interno a SV, ainda que esta interpretação ponha em causa a questão da sua intransitividade⁸³. Morais Barbosa (2005) refletiu sobre os verbos impessoais e a possibilidade de terem uma marca de concordância de pessoa gramatical – a terceira pessoa do singular. Dado que um sujeito sintático pode ocorrer em construções com usos figurados de verbos meteorológicos (44a) e com formas flexionadas em pessoas gramaticais que não a terceira do singular (44b), o autor põe em causa a impessoalidade destes verbos.

- (44) a. Cujos pés e mãos estão **chovendo** sangue divino. (Moraes, 1831: ss. uu. Chover; *apud* Morais Barbosa, 2005: 370)
- b. **Amanheceste** hoje, sabe Deus se **anoitecerás**. (Moraes, 1831: ss. uu. Anoitecer; *apud* Morais Barbosa, 2005: 370)

Com efeito, em (44a), o verbo *chover* parece estar a seleccionar um argumento externo (sujeito), *cujos pés e mãos*, e um argumento interno, *sangue divino*. Na frase (44b), o verbo *amanhecer* está a ser usado com argumento externo (*tu*), aqui omitido, dada a natureza de sujeito nulo da Língua Portuguesa. Trata-se, em ambos os casos, de usos figurados, excepcionais, destes verbos.

Morais Barbosa tenta argumentar a favor da hipótese de estes verbos (independentemente do uso meteorológico ou figurado) poderem ter um sujeito. Nesta perspectiva, os meteorológicos *nevar* e *chover*, em (42) e (43), seleccionariam um sujeito, respetivamente *neve* e *chuva*, a considerar pela suposta concordância verbal de terceira pessoa do singular. Note-se também que formas flexionadas na terceira pessoa do plural ocorrem em expressões mais ou menos fixas também com o verbo *chover*, de novo de sentido figurado (45a) e (45b).

- (45) a. **Choveram** raios e coriscos quando o Presidente da Câmara Municipal de Pombal encetou o processo de construção do Pavilhão (...). (*corpus*: v19; c870)

⁸³ Nas mesmas circunstâncias encontra-se o verbo *amanhecer*, que denota mudança do momento do dia.

(i) **Amanheceu** uma manhã fria. (*corpus*: v4;c14)

b. Claro que, actualmente, **choverão** *raios e coriscos*, face à mudança e haverá choro e ranger de dentes... (*corpus*: v19; c868)

Por um lado, a evidência de concordância do verbo com o SN *raios e coriscos*, nos exemplos de (45) é um indicativo de possibilidade de presença de um sujeito sintático, uma vez que é este que desencadeia a concordância. No entanto, esta mesma expressão também coocorre no *corpus* estudado com o verbo na terceira pessoa do singular (cf. 46), o que indica estarmos perante uma construção que, a ser uma expressão fixa, ainda flutua quanto ao número da pessoa da forma verbal, isto é, ainda se encontra no processo do *continuum* de lexicalização ou cristalização⁸⁴.

(46) Eu moro nos algarves e aqui **chove** *raios e coriscos* e tá fffffffrrrrriioooooooooo, nã se vê sol nem calorinho!!!! (*corpus*: v19; c869)

Por outro lado, note-se que mesmo com certos verbos inacusativos a flutuação singular/plural, quando o SN permanece em posição pós-verbal, tem sido notada e discutida (cf., entre outros, Costa, 1999; Costa, 2001; Barbosa, 2006).

Costa (1999) apresenta dados de registos coloquiais do PE com verbos inacusativos, com construções de sujeito em posição pré-verbal e construções de sujeito em posição *in situ*, como se ilustra pelos exemplos do autor em (48) e (47). Em construções como (47), com sujeito *in situ*, a concordância sujeito-verbo não parece ser obrigatória; em contrapartida, se o sujeito estiver deslocado da posição em que é gerado, como em (48), a concordância é obrigatória.

(47) a. Chegaram três pessoas.
b. ?Chegou três pessoas.

(48) a. Três pessoas chegaram.
b. *Três pessoas chegou.

⁸⁴ Cf., entre outros, Vale, 2001; Plaza, 2005; Rassi, 2008; Fortunato, 2009.

A posição do sujeito tem, assim, efeitos na concordância, sendo que o sujeito em posição pré-verbal, com o verbo inacusativo *chegar*, desencadeia obrigatoriamente a concordância de número, daí a agramaticalidade de (48b), enquanto a sua ocorrência *in situ* pode não a desencadear, como ilustra a quase aceitabilidade de (47b).

Apesar dos contributos de Costa (1999, 2001) para a compreensão da concordância sujeito-verbo, nomeadamente em posição pós-verbal de sujeito com verbos inacusativos, temos de admitir que os verbos *nevar* e *chover* criam um contexto distinto, uma vez que são considerados impessoais, sem argumento.

Também segundo Bechara (1999), o verbo *chover* estabelece uma relação predicativa especial, uma vez que a flexão de terceira pessoa exibida é apenas a marca do sujeito gramatical, não admitindo sujeito explícito: “a chamada 3ª pessoa é a não-pessoa, é não-eu nem meu interlocutor, e assim é a forma utilizada para indicar a relação predicativa não-referida, isto é, as orações sem sujeito explícito” (Bechara, 1999: 408). Desta forma, os traços de concordância (de 3ª pessoa do plural e de 3ª pessoa do singular) que este verbo pode exibir, em determinadas construções, podem ser explicados pela lexicalização em curso (Vale, 2001).

Nesta perspetiva, embora a proposta de Morais Barbosa quanto à possibilidade de existência de um sujeito sintático com verbos meteorológicos seja uma possibilidade, sobretudo em contextos figurados, continuaremos a aceitar que as estruturas de (42) e (43) não têm argumento externo e contêm um SN interno a SV, gerado na posição estrutural de um objeto direto (a ser discutido com mais detalhe no §7.), que, por ser morfológicamente relacionado com o verbo e por ser regulado por restrições de indefinidade e modificação, estamos a assumir como OC verdadeiro; tal SN pode desencadear, de forma instável, a concordância, comportando-se ou não como um sujeito sintático superficialmente.

Gonçalves & Raposo (2013: 1214, n.77) assumem que no caso dos verbos que não selecionam um sujeito (como é o caso dos verbos meteorológicos e dos que evidenciam mudança de partes do dia) “o argumento cognato realiza-se como sujeito”; se, por outro lado, os verbos selecionam um sujeito, então “o argumento cognato realiza-se como complemento direto” (Gonçalves & Raposo, 2013: 1214, n 77), uma posição que não está longe da de Morais Barbosa (2005) e da qual nos distanciamos parcialmente.

Olhemos, então, para as restrições que pesam sobre os SN com os verbos *nevar* e *chover*.

1) O critério da indefinitude

O critério de definitude/indefinitude é largamente discutido na literatura, como já foi reiteradamente enunciado ao longo deste capítulo. No entanto, vale a pena retomarmos a questão, com o teste em (49).

- (49) a. *agora **neva** a neve molhada/* a neve.
b. ***Chovia** a chuva que não me molhava/*a chuva.

A indefinitude apresenta-se como obrigatória neste tipo de frases, daí a agramaticalidade das construções (49).

No entanto, o critério da indefinitude não é visto, por alguns autores, como absolutamente uniforme nas várias línguas em que as construções ocorrem. Real-Puigdollers (2008: 170) analisa os OC em Línguas Românicas e considera que o Espanhol, o Italiano e o Francês não apresentam obrigatoriedade de indefinitude no objeto cognato. Afastar-nos-emos da conceção da autora, por não aceitarmos que exemplos estritamente literários e/ou expressões fixas (cf. (50) a (53)) possam ser aduzidos para fundamentar a heterogeneidade dentro das Línguas Românicas e destas em relação ao Inglês.

- (50) **Reir** *la risa de un niño*. (Mendikoetxea, 1999: 1578)
[Rir o riso de uma criança.]
- (51) **Dorme** *il sono del giusto*. (Renzi, 1988: 60 (vol.1))
[Dorme o sono do justo.]
- (52) **Pleurer** *toutes les larmes de son corps*. (Grevisse & Goosse, 1993: 393)
[Chorar todas as lágrimas do seu corpo.]
- (53) She **slept** *the sleep of the just*. (Hale & Keyser, 2002: 71)
[Ela dormiu o sono do justo.]

A gramaticalidade de (50) e (53), em Espanhol e em Inglês, respetivamente, contendo expressões fixas ou em processo de lexicalização que apresentam artigo

definido, não permite concluir que estas línguas não exijam a indefinidade do objeto cognato. A expressão “dormir o sonho dos justos” ocorre em diversos dicionários (impressos e *on line*) das mais diversas línguas⁸⁵. Distanciar-nos-emos, portanto, da posição de Real-Puigdollers e aceitamos o critério de indefinidade (54) como requisito básico para a existência de um OC verdadeiro. De referir que todos os OC desta subclasse presentes no *corpus* são indefinidos.

(54) **Critério de indefinidade:** um OC verdadeiro para ser licenciado sintática e semanticamente deve ser indefinido.

Também Pereira (2007) apresenta a questão da determinação como definidora de diferentes sintagmas nominais (Pereira, 2007: 24), no âmbito dos objetos cognatos⁸⁶.

Por outro lado, vimos acima que os OC verdadeiros têm frequentemente leitura eventiva, como ocorre em *espirrar um espirro* (37) e *chorar um choro...* (38). Grimshaw (1990), a propósito das nominalizações deverbais com leitura de evento, propôs que sejam usadas fundamentalmente com artigo indefinido, situação que encontramos em muitos dos nossos exemplos.

Silva (2010: 17, 92 e ss.), para o PB, refere também as seguintes propriedades como características típicas dos OC prototípicos (para nós OC verdadeiros de tipo a.): “verbo principal intransitivo transitivizado pela instanciação pós-verbal de um Sintagma Nominal interpretado no predicado como objeto direto, que contém um determinante (fraco, não referencial), um núcleo (nome cognato ao verbo intransitivo) e um modificador (SA/SP/SC)” (Silva, 2010: 17).

⁸⁵ Francês – *dormir du sommeil du juste* (<http://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/dormir/26496/locution?q=dormir+le+sommeil+de+juste#154776>); Inglês - *I sleep the sleep of the just* (<http://oxforddictionaries.com/definition/english/sleep>); Italiano - *dormire el sono del justo* (<http://it.thefreedictionary.com/dormire+el+sono+del+juste>); Espanhol - *dormir el sueño de los justos* (<http://diccionario.reverso.net/espanol-ingles/dormir%20el%20sue%C3%B1o%20de%20los%20justos>).

⁸⁶ Pereira (2009) aborda as questões de semântica do objetos, descrevendo semanticamente, entre outros assuntos, a determinação nominal (Pereira, 2009: 247 e ss.)

2) O critério da modificação

O segundo requisito de boa-formação dos OC verdadeiros, em PE, prende-se com a obrigatoriedade de presença de modificador restritivo (cf. agramaticalidade de (49a) e (49b)), respeitando o critério (55).

(55) **Critério de modificação:** um OC verdadeiro para ser licenciado sintática e semanticamente deve conter um modificador restritivo em posição pós-nominal.

O modificador restritivo pode ser de diversas categorias: adjetival (56), preposicional (57) ou frásico, como uma oração relativa (58).

(56) Sentou-se, baixou a cabeça e **chorou** *um choro longo*. (corpus: v18; c278)

(57) **Chovia** *uma chuva de gotas pesadas*. (corpus: v19; c326)

(58) Curiosamente, quando regressava a casa depois de um longo passeio o meu nariz **cheirou** *um cheiro que lembrou de quando era pequena*. (corpus: v17; c268)

Em (56) encontramos um objeto cognato composto pelo nome-núcleo antecedido de determinante indefinido e seguido de adjetivo (SN=[Det_{ind}+N+Adj]; o núcleo do OC de (57) está seguido de SPrep (SN= [Det_{ind}+N+SP]) e o de (58) de uma oração relativa adjetiva restritiva (SN= [Det_{ind}+N+OR]).

O modificador restritivo aparece nestas construções, de facto, como um licenciador sintático e semântico, por diversas razões. Primeiro, uma construção que contenha um SN com leitura de evento apenas com um núcleo nominal cognato do verbo é redundante, pouco informativa e não é produtiva. Segundo, o modificador vem adicionar à leitura de evento uma informação nova, fazendo com que as duas eventualidades, a expressa pelo verbo e a denotada pelo OC, não sejam uma estrita réplica uma da outra. Assim, a informação nova contida no modificador restritivo⁸⁷ contribui ou para fornecer uma interpretação de evento de curta duração, normalmente à do processo

⁸⁷ Hatakeyama, Honda & Tanaka (2011) fazem uma síntese de algumas propriedades sintático-semânticas dos OC, em Inglês, com o objetivo de mostrar que as construções predicativas com características físicas, em Japonês, apresentam similaridades com os OC. Do conjunto das propriedades por eles elencadas, os autores destacam a modificação obrigatória e o seu contido informativo: “The object NP of the COC needs an adjectival modifier”; “It is not the cognate object but its modifier that is given semantic focus in the COC” (Hatakeyama, Honda & Tanaka, 2011: 3-4).

inicial (*chorar – choro; espirrar – espirro; sorrir – sorriso*) ou para exprimir um resultado (breve) do evento (*nevar – neve*). Para Matsumoto (1996), é precisamente o traço «delimitedness»⁸⁸ (limite de evento) que diferencia os OC deste tipo dos restantes objetos, sendo que estes “can denote the delimited event” (Matsumoto, 1996: 210).

No *corpus*, as 191 frases com OC verdadeiro de tipo a. apresentam modificador restritivo: 141 apresentam um modificar adjetival, 25 um SPrep e 24 uma oração relativa. Há apenas um exemplo sem modificador, o qual transcrevemos em (59), ainda que, de acordo com os nossos juízos de gramaticalidade, a construção seja agramatical.

- (59) Muito obrigado! Garanto-lhe que o seu conselho me **ajudou** *uma ajuda!*
(*corpus*: v2; c5)

Embora o consideremos agramatical, este exemplo tem uma explicação e parece constituir um exemplo de OC verdadeiro, sendo que a informatividade, normalmente presente no modificador restritivo e corresponsável pelo licenciamento sintático-semântico dos SN cognatos poderia estar aqui a ser transmitida pela prosódia. Em (59), o SN apresenta conteúdo informativo novo, talvez de modo irónico, similar a *uma grande/enorme ajuda*, que na modalidade oral (contexto bastante típico destas construções) estaria a cargo da prosódia.

Temos ainda, em diversos exemplos do *corpus*, a possibilidade de uma oração subordinada consecutiva, que, exprimindo a consequência da intensidade expressa pelo SAdj (*tão sentido*), acaba por ter efeitos na aceitabilidade do OC, como em (60) se ilustra.

- (60) Desde que acordou (ficou a dormir quando lá a deixámos) até que chegámos, **chorou** *um choro tão sentido que até a minha mãe ficou arrepiada*. (*corpus*: v18; c277)

O adjetivo é o mais produtivo dos modificadores nos exemplos do *corpus* (cf. os dados no §3.), surgindo em diversas estruturas: com variação em grau (61); coordenado

⁸⁸ O termo «delimitedness» é assumido por Matsumoto (1996) para designar o limite temporal que é imposto ao evento pelo OC, não querendo, contudo, referir-se ao traço telecidade, que permite distinguir eventos télicos de eventos não télicos («boundedness»).

com outros adjetivos (62); seguido de uma oração relativa (63) e seguido por um sintagma preposicional (64).

- (61) Que frio...no pico da serra, **neva** *uma neve tão branca como a nuvem mais branca que alguma vez se viu* (...) (corpus: v51; c576)
- (62) **Tossiu** *uma tosse engasgada e comprida* pelo que pareceu uma hora, e tomou um gole de uma bebida impossível de identificar. (corpus: v74; c685)
- (63) A praça **chorou** *um choro convulsivo que alastrou até ao mar próximo*.
- (64) Domingo **amanheceu** *uma manhã lindíssima de sol* (...). (corpus: v4; c17)

Em síntese, ainda que existam várias possibilidades de interpretação, parece claro que os OC verdadeiros, em PE, são, em geral, eventivos, podendo, por vezes, exprimir o resultado breve de um evento, e são produtivos com a estrutura sintetizada em (65).

- (65) Estruturas típicas dos OC verdadeiros:
[_{SV} V [_{SN} art ind+N_{cog}+adj/SP/OR]]

3) Impossibilidade de passivização

Outro critério que define os OC verdadeiros é a impossibilidade de passivização: os OC verdadeiros não aceitam a passiva (cf., entre outros, Massam, 1990; Matsumoto, 1992, 1996; Duarte & Brito, 2003).

Vejam-se as passivas seguintes em construções com OC verdadeiros.

- (66) **Um choro manso* foi chorado pela mãe.
- (67) **Um sonho que não devia ter sonhado* foi sonhado por mim.
- (68) **Um espirro enérgico* foi espirrado por mim.
- (69) **Um sono reparador de 3 horas* foi dormido por mim.

A agramaticalidade das passivas sintáticas, em (66) a (69), parece dever-se a várias razões:

- (i) por um lado, os verbos em causa (*chorar, sonhar, espirrar, dormir...*) não são agentivos/causativos, diferentemente *fazer, construir, destruir*, etc.

(ii) por outro, mesmo assumindo que o OC verdadeiro denota um evento ou um resultado breve, ele não tem referência autónoma: para dar conta dessa propriedade, aceitaremos, tal como em Massam (1990: 180) e Matsumoto (1996: 204), que os OC estão sintaticamente coindexados com o verbo da frase ativa, como se ilustra em (70) para a construção com o verbo *chorar*. Tal coindexação impede a extração do SN para uma posição externa, um sujeito sintático.

(70) A mãe [chorou_i] [um choro_i manso].

Assim, estamos a assumir que, mesmo quando o OC é interpretado como evento, os dois eventos então estreitamente ligados e são coindexados, não havendo, por isso, uma relação de *causatividade* no sentido que lhe atribuem Dowty (1979) e Wunderlich (1997), para quem o termo *causalidade* se aplica a uma relação de causa entre as eventualidades (partes constituintes) de um evento complexo⁸⁹ (Grimshaw, 1990). Também para Wunderlich (1997, 2009) a relação *causa* exige sempre uma relação de sequencialidade entre duas eventualidades, não se sobrepondo temporalmente.

4) Paráfrase por verbo leve

Na literatura sobre tipos de OC é comumente referida a possibilidade de as construções com V e OC serem parafraseadas por estruturas com verbos leves (cf., entre outros, Real-Puigdollers, 2008; Gonçalves *et al.*, 2010). Vejamos, em (71) e (72), o comportamento de alguns OC verdadeiros morfológicos perante paráfrases por verbos leves.

(71) a. **Espirrei** *um espirro enérgico*.

b. **Dei** *um espirro enérgico*.

(72) a. **Sonhei** *um sonho que não devia ter sonhado*.

b. **Tive** *um sonho que não devia ter tido*.

⁸⁹ Segundo Grimshaw (1990), os eventos complexos (*accomplishment*) são compostos de processo e resultado.

Os OC com os verbos *espirrar* e *sonhar* parecem aceitar facilmente a paráfrase com os verbos leves *dar* e *ter*, em (71) e (72), respetivamente. No entanto, a escolha do verbo leve não se faz ao acaso, segue determinados requisitos semânticos e sintáticos (cf. Gonçalves *et al.*, 2006; 2010). Assim, vejamos o que ocorre com o verbo *chorar* em (73).

- (73) a. A mãe **chorou** *um choro manso*.
b. #A mãe **fez** *um choro manso*.
c. #A mãe **teve** *um choro manso*.
d. *A mãe *deu* *um choro manso*.

O verbo *chorar* parece não aceitar paráfrases com verbos leves com facilidade, embora com o verbo leve *ter* seja mais aceitável do que com o verbo leve *fazer*, o que confirma que estes verbos não são causativos no sentido puro desta noção. Repare-se, no entanto, que as paráfrases em (73b) e (73c) apresentam interpretações algo distintas de (73a). Em (73b), o sujeito pode ter realizado um choro intencional diferente do choro enquanto reação corporal (73a).

Vemos assim que: (i) nem todos os verbos com cognato aceitam facilmente a substituição por verbo leve, (73); (ii) as paráfrases podem resultar ambíguas e permitir mais do que uma interpretação, sendo com *fazer* que os OC dos verbos analisados em (71) a (73) são menos aceitáveis; (iii) alguns verbos não admitem coocorrência com os respetivos OC, mas admitem construção com verbo *ter* + nominalização deverbal, como é o caso de *entrar* e *chegar*, em (75) e (76), respetivamente.

- (74) a. **Amanheceu** *uma manhã bastante agradável*: o mar não está assim muito agitado e o céu não muito encoberto. (*corpus*: v4; c13)
b. ?Fez *uma manhã bastante agradável*.../***Teve** *uma manhã bastante agradável*.../*Deu *uma manhã bastante agradável*...

- (75) a. *O homem estrangeiro **chegou** *uma chegada inesperada*.
b. O homem estrangeiro **teve** *uma chegada inesperada*.

- (76) a. *O homem estrangeiro **entrou** *uma entrada intempestiva*.
b. O homem estrangeiro **teve** *uma entrada intempestiva*.

Voltaremos a este assunto no ponto 7. deste capítulo, pois a paráfrase com verbos leves coloca importantes problemas sintáticos.

Relativamente aos OC verdadeiros **semânticos (subtipo b)**, do tipo de *dormir – sono*, verificam-se as mesmas restrições que nos OC morfológicos (cf. os juízos de gramaticalidade em (78) para o exemplo (77)), embora estejamos perante uma construção diferente das anteriores, dada a relação semântica, não morfológica, que o nome-núcleo do OC estabelece com o verbo. No corpus, das 254 construções com OC verdadeiro, 63 são do subtipo b., correspondendo a 7,4% dos exemplos, sendo todos formados com o verbo *dormir*⁹⁰.

(77) Levanto-me e descubro que ainda tenho cólicas, mas ao menos **dormi um sono reparador de 3 horas**. (*corpus*: v32; c413)

- (78) a) *...mas ao menos dormi *o sono reparador de 3 horas*.
b) #...mas ao menos dormi *um sono*.

Este tipo de construção (*dormir-sono*) surge em PE⁹¹ (77) e em línguas como o Espanhol (79) e o Francês (80), as quais não permitem a coocorrência do verbo *dormir* (e variantes nas várias línguas) com um nome do tipo cognato morfológico.

(79) Ella **durmió un sueño tranquilo**. [Espanhol]
[Ela dormiu um sono tranquilo.]

(80) Elle a **dormi un sommeil tranquille**. [Francês]
[Ela dormiu um sono tranquilo.]

⁹⁰ Para o verbo *dormir* foram recolhidas 85 construções, sendo 61 consideradas OC verdadeiros semânticos, 17 classificadas como “outras construções”, em que o SN *um sono* limita temporalmente o evento de dormir (por exemplo, “Mas já dormi um sono e estou sóbrio (...)” (*corpus*: v32; c470)), 5 integradas no grupo das “expressões lexicalizadas” (como “Cerca de 30 minutos depois calou-se e pumba dormiu o sono dos justos. (...)” (*corpus*: v32; c470)) e uma integrada nas expressões nominais.

⁹¹ Construção possível no PB. Refira-se que, no PE, o verbo *dormir* não dispõe do nome cognato *dormida* na aceção de “ato de dormir/estado de quem dorme”, mas apenas no sentido de “tempo durante o qual se dormiu numa pousada, para pernoitar”. No entanto, o PB dispõe do cognato nominal no sentido de *O bebé dormiu uma dormida ligeira*. Os termos *dormir* e *sono* entraram no Português no século XIII, respetivamente dos termos latinos *dormire* e *somnus - ī*, enquanto *dormida* entrou apenas no século XVI, sendo uma extensão de *dormente* (por oposição a móvel, não-fixo). (Cunha, 1982: 277).

Dadas as restrições de indefinitude e modificação que recaem sobre os complementos com verbos como *dormir*, em línguas como o PE, o Espanhol e o Francês, que apenas licenciam, na posição de OC, a coocorrência de um SN contendo o nome *sono* (*sueño* e *sommeil*, respetivamente no Espanhol e no Francês) e não com o nome cognato morfológico do verbo (*dormida*), consideraremos que tais construções também representam OC verdadeiros, por três razões: primeiro, a língua não disponibiliza o cognato morfológico ao verbo (*dormida*); segundo, o nome licenciado é semanticamente cognato⁹²; terceiro, há línguas que admitem o cognato morfológico, como o Inglês (81).

(81) *We slept a refreshing sleep.*

Pelas razões apontadas, consideraremos estes objetos também OC verdadeiros. Em PE, Francês e no Espanhol, eles são do tipo b. (cognatos semânticos); em línguas como o Inglês, eles ilustram mesmo o tipo a. (cognatos verdadeiros morfológicos).

A favor da integração destas construções na classe dos OC verdadeiros, podemos, além dos critérios de indefinitude e modificação obrigatórios, apresentar as dificuldades da substituição por hipónimos. No entanto, este critério não reúne consenso entre os linguistas (cf. Hale & Keyser, 2002, para o Inglês; Gallego, 2012, para o Espanhol). Hale & Keyser afirmam que o verbo não gera hipónimo para estas construções, sendo que *nap* delimita um período de tempo culturalmente definido e não um subtipo de *sono*; Gallego (2012: 109), por contraste, considera que *una siesta* seria um objeto hipónimo de *sueño* em Espanhol.

Concordando com Hale & Keyser (2002), consideraremos, para o PE, que a construção com o verbo *dormir* (77) não disponibiliza objetos hipónimos (OH).

(82) *Nós dormimos uma sesta.*

Assim, em (82), a construção é similar à de (78b), *dormir um sono*, em que *um sono* e *uma sesta* designam um limite temporal do evento. No *corpus*, das 85 frases com o

⁹² Como já se referiu na introdução geral deste estudo, admitimos a aplicação do termo cognato quer a palavras que aparentemente têm a mesma origem (noção tradicional), quer a palavras que semanticamente são pleonásticas ou redundantes, na linha do defendido por Gallego (2012) para estruturas como “subir para cima”.

verbo *dormir*, 17 são deste tipo, não sendo, por isso, integradas na classe dos OC verdadeiros.

Vejamos ainda outros critérios que possam individualizar os OC verdadeiros do conjunto de construções cognatas que existem em PE.

5) As expansões com “*mas não sei o quê*” e “*não sei como*”

As construções com os verbos *chorar*, *dormir* e *espirrar* são agramaticais perante a expansão “*mas não sei o quê*”⁹³, uma «interrogativa truncada» (Bosque & Gutiérrez-Rexach, 2009: 360), como em (83), confirmando a interpretação de evento destes OC (e não de entidade)⁹⁴.

- (83) a. *A mãe chorou, mas não sei o quê.
b. *Dormiu, mas não sei o quê.
c. *Espirrou, mas não sei o quê.

A agramaticalidade deve-se, mais uma vez, ao estatuto eventivo dos OC: não sendo entidades, os OC verdadeiros não aceitam ser parafrazeados pela forma *wh* “o quê”.

As estruturas seriam gramaticais se fossem seguidas pela expressão “*não sei como*”, tal como se ilustra em (84), dado que estaríamos a questionar o modo como o evento decorreu e não uma qualquer entidade interveniente no evento, como na expansão anterior.

- (84) a. A mãe chorou, mas não sei como.
b. Dormi, mas não sei como.
c. Espirrei, mas não sei como.

Em síntese, os OC verdadeiros têm uma interpretação de evento, sendo que, como argumenta Massam (1990: 172), “the event itself (...) is created by the action” e, neste sentido, a coindexação sintática entre o OC e o verbo leva à impossibilidade de

⁹³ Reflexões complementares, para estas construções em Inglês, são já realizadas por Massam (1990) e retomadas por Horita (1996), entre outros estudiosos, utilizando ora a interrogativa com “*o que/o quê*” ora a interrogativa de modo com “*como/de que maneira*”, no sentido de distinguir os tipos de OC e/ou a sua natureza argumental.

⁹⁴ Contrariamente às construções com OC aparentados, que admitem a expansão com “*não sei o quê*” (ver adiante §5.2.).

passivização, assim como à impossibilidade de pronominalização, como visto ao longo desta secção. Retomaremos o estudo dos OC verdadeiros com a análise sintática desenvolvida no §7.

Apresentamos a seguir, no Quadro VI, uma síntese das propriedades restritivas típicas dos OC verdadeiros em PE e/ou dos critérios distintivos, analisadas até ao momento.

Propriedades/critérios distintivos	OC verdadeiro
Categoria	SN
Posição no SV	em adjacência a V
Relação V-N	morfológica (subtipo a) ou semântica (subtipo b)
Indefinitude	obrigatória
Modificação	obrigatória
Paráfrase por verbo leve	permite sob várias condições
Substituição por OH	não permite
Expansão com “mas não sei o quê”	não permite
Expansão com “mas não sei como”	permite
Pronominalização	não permite
Passivização	não permite

Quadro VI - Propriedades e/ou critérios distintivos dos OC verdadeiros em PE

5.2. Os objetos cognatos aparentados e os objetos hipónimos

Como pudemos ver ao longo deste ponto, verdadeiros argumentos diretos são muitas vezes confundidos com os OC por serem morfologicamente cognatos do verbo.

Veja-se o exemplo (85), em que temos a sequência *cantar uma canção de...*, em que os critérios de indefinitude e de modificação não são uma exigência e as frases com SN definidos e sem modificador são gramaticais, como em (86).

(85) Fabiana **cantou** *uma canção do filme Pequena Sereia* e em seguida preparou uma surpresa para os jurados. (*corpus*: v15; c123)

- (86) a. Fabiana cantou a canção do filme Pequena Sereia.
b. Fabiana cantou uma canção.
c. Fabiana cantou a canção.

Os dados apresentados em (85) e (86) justificam, por isso, uma distinção dentro da classe dos objetos morfologicamente cognatos, levando a considerar um segundo tipo – os OC aparentados – verdadeiros objetos diretos e, por isso, distintos dos OC verdadeiros.

Os verbos propícios à construção com OC aparentado são semanticamente os verbos de execução/movimento (*dançar, caminhar, correr*, etc.), os de ingestão (*comer, beber, fumar*, etc.), e alguns que se referem a processos intelectuais (*estudar, ler*), já mencionados por Bosque & Gutiérrez-Rexach (2009: 361) como verbos que admitem objetos cognatos, ainda que os autores não tenham explicitado a distinção entre cognatos verdadeiros e cognatos apenas aparentados. Vejam-se as tabelas abaixo para uma síntese da frequência de ocorrências dos OC aparentados nos 10 verbos com número superior de construções (Tabela 17) e nos 10 verbos com número inferior de construções no *corpus* (Tabela 18).

Tabela 17- Frequência de ocorrências de OC aparentados nos 10 verbos com frequência superior

Tipo de OC	<i>cantar</i>	<i>beber</i>	<i>ler</i>	<i>comer</i>	<i>desenhar</i>	<i>dançar</i>	<i>apresentar</i>	<i>caminhar</i>	<i>almoçar</i>	<i>jogar</i>
Nº OC aparentados	144	50	27	21	19	11	8	6	6	6
Nº Total de ocorrências	149	52	28	23	21	14	9	16	7	7

Note-se que, com exceção do verbo *apresentar*, que é um verbo considerado transitivo direto, os verbos deste grupo são verbos de alternância intransitiva/transitiva (cf. reflexões sobre transitividade / intransitividade realizadas nos Capítulos I e II). O verbo com mais ocorrências no *corpus* é, sem dúvida, o verbo *cantar*, com cerca de 38% do total de OC aparentados e com cerca de 17% dos exemplos de todo o *corpus*.

Neste grupo, surgiram, ainda que em muito menor número, exemplos com os verbos de alternância *lanchar* e *jantar* e os verbos transitivos diretos *operar*, *semear*, *produzir*, *dobrar*, *anexar* e *encomendar* (os exemplos podem ser consultados no Anexo II, lista geral das construções do *corpus*).

Tabela 18 - Frequência de ocorrências de OC aparentados nos 10 verbos com frequência inferior

Tipo de OC	<i>operar</i>	<i>lanchar</i>	<i>semear</i>	<i>produzir</i>	<i>saltar</i>	<i>tocar</i>	<i>dobrar</i>	<i>anexar</i>	<i>encomendar</i>	<i>jantar</i>
Nº OC aparentados	5	5	5	5	5	4	4	3	2	1
Nº Total de ocorrências	7	7	6	6	5	8	5	4	3	2

As diferenças evidenciadas entre o número de OC aparentados e o número total de ocorrências por verbo, nas duas tabelas acima, devem-se à existência de construções com

objetos hipónimos (OH) com os mesmos verbos, à exceção do caso do verbo *caminhar*, que apresenta 6 OC aparentados (portanto, da categoria SN), 1 objeto hipónimo e 9 objetos preposicionais aparentados. Às construções com este verbo voltaremos mais adiante (§5.3).

Designamos os SN que ocorrem com os 20 verbos antes mencionados objetos cognatos. No entanto, apesar de o nome ser morfologicamente relacionado com o verbo, não estamos perante OC verdadeiros; porque o SN apresenta mais liberdade sintática e semântica, chamá-los-emos OC aparentados e considerá-los-emos argumentos/complementos verdadeiros dos respetivos verbos.

Os OC aparentados surgem frequentemente com determinantes fortes (artigo definido (87), artigo definido e possessivo (88), quantificadores (89) e (90), entre outros) ou sem qualquer determinante/quantificador e o nome no plural (91), contrariamente aos OC verdadeiros, que apenas ocorrem com determinante indefinido (cf. §5.1).

(87) Em relação à Carla, escolhi-a porque ela no teste **cantou** [*a*]_{artigo definido} *canção* que canta no filme, «*I Can Hardly Believe I'm Real*». (*corpus*: v15; c259)

(88) [José Cid] **Cantou** [*as suas*]_{artigo definido+possessivo} *canções mais conhecidas* e ofereceu em estreia temas do seu próximo trabalho que, segundo disse, sairá lá para Outubro. (*corpus*: v15; c166)

(89) O patrão aparece de vez em quando e **canta** [*duas*]_{quantificador numeral} *canções*, coisa que mantém o local apinhado de fãs esperançosos (...) (*corpus*: v15; c181)

(90) Ela **cantou** [*várias*]_{quantificador existencial} *canções* em vários idiomas: neerlandês, francês e inglês. (*corpus*: v15; c159)

(91) Foi a primeira vez que **cantou** [] *canções inéditas* (*corpus*: v15; c156)

Os exemplos (87) a (91) ilustram apenas OC aparentados, todos selecionados por *cantar*. Os exemplos apresentados mostram que (i) o núcleo do SN cognatos é um nome contável; (ii) o OC admite a definitude e (iii) não precisa de conter modificador. Estas

propriedades indicam que os objetos diretos são entidades ou argumentos intervenientes no evento.

Neste sentido, ao nível semântico, os OC aqui designados como aparentados são objetos efetuados ou afetados durante o evento (cf. Cano Aguilar, 1991; Hopper & Thompson, 1980), que dele têm autonomia (prévia ou posterior ao evento), o que corrobora o estatuto de entidade.

No caso de (87) a (91) são objetos efetuados parcialmente, dado que previamente ao evento existia já parte desses objetos (a letra e a melodia da canção, por exemplo), que permanecerá depois de o evento terminar.

Ao contrário dos OC com *cantar*, o verbo *desenhar*, no exemplo em (92), contém um objeto totalmente efetuado, uma vez que a sua existência decorre estritamente do evento de *desenhar*; porém, e contrariamente ao que acontecia com os OC verdadeiros, o resultado criado (a entidade) permanecerá depois de o evento terminar.

- (92) A aluna Sara **desenhou** *um desenho* para o seguranet e ganhou a nossa votação como sabem, mas não foi só isso que aconteceu de bom! (*corpus*: v29; c392)

Estes objetos podem também ser objetos afetados (parcial ou totalmente), como as construções (93) e (94) ilustram.

- (93) Ela iniciou a aula na área do Conhecimento do Mundo com o tema “Os castelos” e para isso **apresentou** *uma apresentação* em PowerPoint. (*corpus*: v27; c32)

- (94) Ela **bebeu** *uma bebida alcoólica* com os amigos. (*corpus*: v8; c44)

Com o verbo *apresentar* (93), temos um objeto parcialmente afetado, dado que o evento concretiza, de alguma forma, aquilo que já havia sido criado previamente ao discurso – uma planificação da apresentação em PowerPoint. Em (94), com o verbo *beber*, temos um objeto totalmente afetado pelo evento, não subsistindo depois de este ter terminado.

Estamos, portanto, na presença de verdadeiros argumentos/objetos dos verbos, com interpretação de entidade, e, por isso, designados aqui OC aparentados.

A distinção semântica do tipo de objeto, aliada à classe semântica do verbo, permite-nos organizar os OC aparentados em dois subtipos: **subtipo a.** - objetos parcialmente afetados (*anexar – anexo; apresentar – apresentação*) ou parcialmente efetuados (*dançar – dança; cantar – canção; tocar – toque*); **subtipo b.** - objetos totalmente afetados (*comer – comida; beber – bebida*) ou totalmente efetuados (*desenhar – desenho; filmar – filme*).

Ainda que, por razões de categorização, tenhamos optado por integrar estes dois subtipos de construções na mesma classe, pensamos que os verbos que ocorrem nas construções classificadas como subtipo b, como *comer* e *beber*, são distintos dos integrados no subtipo a, como *dançar* e *cantar*, uma vez que aqueles são tidos, na tradição gramatical, como verbos basicamente transitivos e estes de alternância transitiva/intransitiva. A transitividade de *comer* e *beber* decorre da permanente existência de uma entidade, sintaticamente explícita ou não, no sentido de *comer e beber qualquer coisa comestível e bebível*. Alguns autores referem-se a eles como verbos de uso absoluto, ou seja, com objeto direto implícito inerente (cf. Lyons, 1968: 360; Bosque & Gutiérrez-Rexach, 2009: 361; Gonçalves & Raposo, 2013: 1207, entre outros). Duarte (2003) trata os verbos com *comer, beber, pintar, escrever e ler* na secção dos verbos que admitem a incorporação (no léxico) do objeto (Duarte, 2003: 310-311), na linha de Reinhart (2000).

Voltemos ao verbo *cantar*. Este verbo pode combinar-se, segundo os dados do *corpus*, com três bases nominais distintas, morfologicamente cognatas – *canto, canção e cantiga* –, criando uma grande diversidade de construções. Consulte-se a Tabela 19 para uma distribuição dos 144 OC aparentados com o verbo *cantar* por par V – N.

Tabela 19 - Frequência de ocorrências de OC com o verbo *cantar*

Tipo de construção	<i>cantar – canto</i>	<i>cantar – canção</i>	<i>cantar – cantiga</i>	Total
Nº de OC aparentados	5	135	4	144
Percentagem	3,5%	93,8%	2,7%	100%

Como se verifica pelos dados, 93,8% das ocorrências integram o par *cantar – canção*, sendo as percentagens de ocorrência com os restantes pares residuais. Morfologicamente, *canto, canção e cantiga* são bases distintas: *canto* é um postverbal (Rodrigues, 2001), tradicionalmente considerada uma formação por derivação

regressiva⁹⁵; *canção* é uma nominalização em *-ção* e *cantiga* uma nominalização em *-ig(a)*, ambas as bases formadas por derivação sufixal⁹⁶.

Observemos os exemplos em (95) a (97).

- (95) Apenas um homem **cantou** *um canto gregoriano*, seguido pelo arranjo de sintetizadores e teclados. (*corpus*: v15; c263)
- (96) Lúcio Antunes **cantou** *uma canção popular de Cabo Verde* na conferência de imprensa que se seguiu ao apuramento aos quartos. (*corpus*: v15; c134)
- (97) O anjo apareceu de novo e **cantou** *uma cantiga que falava de um menino nascido num estábulo e que tinha apenas uma fralda a envolvê-lo*. (*corpus*: v15; c117)

A relação entre *cantar* – *canto* (95) parece ser, de alguma forma, distinta da estabelecida entre o V e o N nas frases (96) e (97), dado que a construção se apresenta mais restritiva sintaticamente, como se ilustra pelos juízos de gramaticalidade em (98), após a manipulação dos exemplos de acordo com os critérios que têm vindo a ser utilizados: definitude (98a), quantificação (98b), modificação (98c) e pronominalização (98d).

- (98) a. ?Apenas um homem **cantou** *o canto gregoriano...*
b. ?Apenas um homem **cantou** *dois cantos gregorianos...*
c. ?Apenas um homem **cantou** *um canto*.
d. Apenas um homem *o **cantou***.

⁹⁵ A gramática tradicional explica, para o PE, a formação de nomes como *canto* a partir da derivação regressiva do verbo *cantar*, por subtração do marcador de infinitivo do verbo e troca da vogal temática (VT) / índice temático (VT). Para o PE, e numa perspetiva morfológica, Rodrigues (2001) defende a hipótese lexical/morfológica de conversão, no sentido em que haverá uma recategorização do radical verbal em nominal sem necessidade de recorrer a sufixos derivacionais.

⁹⁶ Para um desenvolvimento dos processos de formação de nomes consulte-se Villalva (2003) e Rio-Torto *et al.* (2013).

Vemos que a presença de artigo definido, numeral, ausência de modificador e pronominalização não dão resultados agramaticais, ainda que em alguns casos as construções nos pareçam estranhas.

Ainda que não haja nenhum exemplo no *corpus*, o verbo *cantar* pode ainda combinar-se com uma quarta base, *cântico*, como se apresenta no exemplo (99).

- (99) O Grupo de Escoteiros 233 Baião AEP, além de vários serviços de apoio à Assembleia, *cantou um cântico* na apresentação dos dons.⁹⁷

Além daquelas quatro bases nominais, morfologicamente cognatas, o verbo *cantar* pode coocorrer também com objetos hipónimos (por exemplo, *fado*), ampliando a diversidade de construções (100). Com este tipo de objetos hipónimos admite-se a definitude e a ausência de modificador restritivo, como os testes em (101) revelam⁹⁸.

- (100) Foi com Casimiro Ramos, seu acompanhante à guitarra no Clube Olímpia, que Alfredo Marceneiro **cantou** *um fado com versos de Carlos Conde*, criando mais um estilo inédito. (corpus:v15; c829)

- (101) a. Alfredo Marceneiro cantou o fado com versos de Carlos Conde.
b. Alfredo Marceneiro cantou um fado.
c. Alfredo Marceneiro cantou o fado.

No exemplo (100), temos um objeto que referencia um tipo específico de canção – *um fado* –, estabelecendo com *canção* uma relação semântica – hipo/hiperonímica –, não tendo uma relação morfológica com o verbo *cantar*, como acontece nos OC verdadeiros. Os exemplos em (101) revelam, por um lado, que a definitude não é um critério exigido pelos OH e, por outro, estes objetos podem surgir sem o modificador restritivo, o SPrep *com versos de Carlos Conde*.

⁹⁷ http://www.imprensaregional.com.pt/o_comercio_de_baiiao/index.php?info=YT0zOntzOjU6Im9wY2FvIjt9zOjExOjJub3RpY2lhX2xlcil7czoxMDoiaWRfbm90aWNpYSI7czo0OixNzE0IjtzOjk6ImlkX3NIY2NhbyI7czoxOixIjt9

⁹⁸ Em contraste, verbos como *chorar*, *espirrar*, *tossir* e *chover*, que admitem OC verdadeiros, não permitem a ocorrência com OH (cf. §5.1.).

Estão, assim, reunidas as condições que nos permitem considerar os OC aparentados, que temos vindo a analisar como objetos que exprimem entidades, portanto, verdadeiros argumentos dos verbos. Borer (1994), em descrição de vários tipos sintáticos e semânticos de SN, apresenta a definitude (além da interpretação específica e a possibilidade de quantificação) como um requisito para a deslocação e a extração (“move out of the nuclear scope”, Borer, 1994: 39).

Desta forma, quer os OC aparentados quer os OH (102), uma vez que denotam entidades, ocorrem facilmente em estruturas de passiva sintática⁹⁹ (103), em estruturas clivadas canónicas (104), pronominalização (105) e topicalização seguida de pronominalização (106).

(102) a. Fabiana **cantou** *uma canção do filme Pequena Sereia* (...) (retoma de (80)).

b. Alfredo Marceneiro **cantou** *um fado com versos de Carlos Conde* (...) (retoma de (100))

(103) a. *Uma canção do filme Pequena Sereia* **foi cantada** pela Fabiana.

b. *Um fado com versos de Carlos Conde* **foi cantado** por Alfredo Marceneiro.

(104) a. Foi *uma canção do filme Pequena Sereia* que Fabiana **cantou**.

b. Foi *um fado com versos de Carlos Conde* que Alfredo Marceneiro **cantou**.

(105) a. Fabiana **cantou** – *a*.

b. Alfredo Marceneiro **cantou** – *o*.

⁹⁹ Exemplos reais de passivas sintáticas de OC aparentados (i) e de OH (ii), com o verbo *cantar*, podem ser encontradas em textos *on line*.

(i) E qual não é o meu espanto ao ver que, todas as músicas presentes eram cantadas em duas línguas (inglês e português). Até *um fado* **foi cantado** em inglês!!! (http://www.portalpimba.blogspot.pt/2006_03_01_archive.html 03/10/2013)

(ii) A cantora norte-americana Britney Spears arrancou a sua tournée britânica quinta-feira, na O2 Arena de Londres, perante uma casa quase semi-vazia e a sua performance desagradou aos fãs, que se queixaram que só *uma canção* **foi cantada** até ao fim. (<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/musica/concerto-de-britney-spears-as-moscas> 03/10/2013)

- (106) a. *Uma canção do filme Pequena Sereia*, Fabiana **cantou** – a.
b. *Um fado com versos de Carlos Conde*, Alfredo Marceneiro **cantou** – o.

No *corpus*, a classe dos OC aparentados totaliza 355 construções (224 de subtipo a. e 131 de subtipo b.) e a classe dos OH soma apenas 34 (cf. exemplos no Anexo II).

No que às paráfrases por verbo leve diz respeito, nem todos os verbos com cognato aparentado podem ser substituídos por verbo leve e quando se tenta a substituição podemos encontrar, pelo menos, duas situações distintas: (i) estruturas agramaticais (107); (ii) outra interpretação, motivada pela passagem do verbo, neste caso *fazer*, a verbo pleno, homónimo do verbo leve (108).

- (107) a. *Fabiana **deu/teve** *uma canção do filme Pequena Sereia*.
b. *Ela **deu/teve** *uma bebida alcoólica* com os amigos.
- (108) a. #Fabiana **fez** *uma canção do filme Pequena Sereia*.
b. #Ela **fez** *uma bebida alcoólica* com os amigos.

Como podemos verificar pelos exemplos acima, os verbos *cantar* e *beber* não aceitam, como esperado, a substituição pelos verbos leves *dar* e *ter* (107). Quanto aos exemplos (108), o verbo *fazer* deixa de ter a interpretação de execução (como com *cantar*) ou ingestão (como com *beber*) e passa a ter uma interpretação de criação (*fazer* como *criar* (108) /*preparar* (108) *algo*). Nesta perspetiva, em (108), não estamos perante o verbo *fazer* como verbo leve, mas perante o verbo *fazer* como verbo pleno.

Tudo isto confirma que os verbos *cantar*, *dançar*, *beber*, *comer* e seus objetos não têm paráfrases por verbo leve, o que é esperado dado que os objetos que selecionam são entidades e não eventos ou resultados breves dos eventos, como acontece com os OC verdadeiros.

Igualmente, a utilização do teste da expansão através de “*mas não sei o quê*”, uma «interrogativa truncada», que remete para um objeto anteriormente referido (Bosque & Gutiérrez-Rexach, 2009: 360) confirma que estamos perante argumentos verdadeiros dos

verbos. Vejam-se os juízos de gramaticalidade/agramaticalidade em (110), com *chorar*, *dormir* e *espirrar*, verbos típicos de OC verdadeiro, em contraste com os de (109):

- (109) a. Alfredo Marceneiro cantou, mas não sei o quê.
b. Alfredo Marceneiro comeu/bebeu/dançou, mas não sei o quê.
- (110) a. *Ele chorou, mas não sei o quê.
b. *Ele dormiu/espirrou, mas não sei o quê.

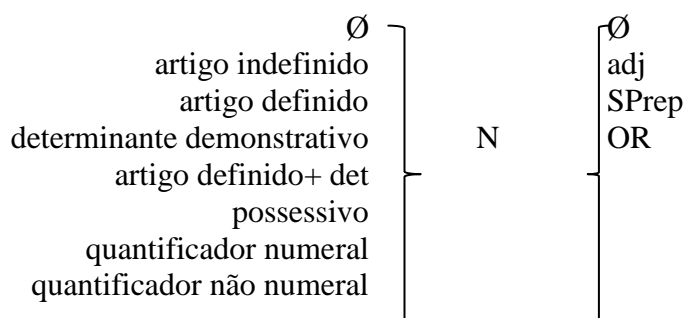
As construções com os verbos *cantar*, *dançar*, *beber* e *comer* (109) são gramaticais e as que contém verbos considerados habitualmente de 1 argumento (argumento externo), como *chorar*, *espirrar* e *dormir* são agramaticais, (110). Isto confirma que os primeiros são verbos de alternância e podem selecionar um objeto que designa uma entidade; os segundos são tidos tradicionalmente como intransitivos, mas permitem, como estamos a ver, a ocorrência com um verdadeiro OC. Nos exemplos de (109), uma vez que os verbos estão a ser usados intransitivamente, não permitem a continuação com “*mas não sei o quê*”, porque não existe nenhum objeto que possa ser retomado por *o quê*. Itações idênticas são retiradas da aplicação do teste da expansão em construções com OH, uma vez que estes objetos coocorrem com os mesmos verbos que admitem OC aparentados.

Este critério ilustra, mais uma vez, as diferenças entre os objetos diretos com leitura de entidade e os OC verdadeiros com leitura de evento/resultado do evento.

Em síntese, os OC aparentados e os OH não são OC verdadeiros, apesar de se relacionarem morfologicamente com os verbos, e são, no fundo, aquilo que tradicionalmente se considera um complemento verbal, um verdadeiro argumento interno. Neste sentido, todas as possibilidades de distribuição de SN apresentadas em (111) são possíveis¹⁰⁰:

¹⁰⁰ Repare-se, em contraste, que as estruturas disponibilizadas para um OC verdadeiro eram apenas três (art ind + N + adj; art ind + N + SPrep; art ind + N + OR), dadas as fortes restrições sintáticas e semânticas destes objetos (cf. §5.1.).

(111)



Apresentamos, no Quadro VII, uma síntese das propriedades distintivas e/ou critérios distintivos dos OC aparentados e dos OH, ambos considerados aqui como verdadeiros argumentos.

Propriedades	OC aparentado	OH
Categoria	SN	SN
Posição no SV	em adjacência a V	em adjacência a V
Relação V-N	morfológica	não morfológica/semântica
Indefinitude	opcional	opcional
Modificação	opcional	opcional
Substituição por OH	permite	-----
Passiva sintática	permite	permite
Topicalização (<i>foi...que</i>)	permite	permite
Pronominalização	permite	permite
Paráfrase por verbo leve	não permite	não permite
Expansão com “mas não sei o quê”	permite	permite

Quadro VII - Propriedades típicas e/ou critérios distintivos dos OC aparentados e dos OH

Embora esta distinção entre OC verdadeiro, OC aparentado e OH seja fundamental, outras distinções se justificam em PE. Nos parágrafos seguintes, ocupar-nos-emos dessas distinções.

5.3. Os OC preposicionais e outros tipos de objetos

Os exemplos (112) e (113) integram constituintes preposicionais, desde logo porque o objeto pertence à categoria preposicional, contrariamente aos objetos nominais anteriormente analisados (OC verdadeiros, OC aparentados e OH).

(112) Uma tristeza. Paz à alma do indivíduo que **morreu** [*de uma morte extremamente estúpida, provavelmente, completamente evitável*]_{SPrep}. (corpus: v49; c564)

(113) ... pequena barreira... passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** [*por um caminho estreito e escondido*]_{SPrep}... (corpus: v14; c104)

Do conjunto dos 103 verbos pesquisados, apenas 5 surgem em frases com um SPrep. Apresentamos os dados na Tabela 20.

Tabela 20 – Frequência de ocorrências de objetos preposicionais nos verbos do corpus

Tipo de construção	<i>caminhar</i>	<i>morrer</i>	<i>nascer</i>	<i>chorar</i>	<i>sorrir</i>
Nº de SPrep	9	8	7	5	2
Nº total de ocorrências	16	8	7	52	8

As diferenças verificadas entre o número de sintagmas preposicionais e o número total de ocorrências por verbo justificam-se pela existência de outras construções com esses verbos: o verbo *caminhar* ocorre em construções com um SPrep (em 9 frases) e com SN (em 7 frases); os verbos *morrer* e *nascer*¹⁰¹ apenas se constroem com SPrep (respetivamente, 8 e 7 frases); o verbo *chorar* ocorre, principalmente, em estruturas com SN (em 47 frases), mas também com SPrep (em 5 frases); finalmente, o verbo *sorrir* também autoriza um SN (em 6 frases) e um SPrep (2 exemplos), ainda que em número de ocorrência muito menor¹⁰². No entanto, estes verbos disponibilizam SPrep distintos quanto à natureza sintática e semântica, como veremos ao longo desta subsecção.

Iniciemos a reflexão com os verbos *morrer* e *caminhar*.

Tal como verificado no tratamento do corpus (cf. §3.), não foram encontrados exemplos de construções com um OC nominal para o verbo *morrer*, pelo que admitimos que a construção **morrer uma morte...* seja agramatical em PE, ainda que seja gramatical em Inglês (114a) e em PB (114b), a considerar pelos dados da literatura. A aceitar-se um

¹⁰¹ Em nenhum dos exemplos com *nascer* temos objetos cognatos, uma vez que em todos os casos as frases apresentam o par *nascer – de um parto...* e nunca **nascer – de um nascimento...*

¹⁰² Os exemplos de SPrep com os verbos *chorar* e *sorrir* foram integrados nos OC de tipo predicativo.

SN com o verbo *morrer*, então, nessas construções e nessas línguas, estamos perante um OC verdadeiro.

(114) a) [Inglês]

He died (*of*) *a slow death*. (Real-Puigdollers, 2008:159)

[Ele morreu (de) uma morte lenta]

b) [PB]

O Jorge morreu *uma morte trágica*. (Leung & Scher, 2006: 1669)

Em contrapartida, para o verbo *caminhar* foram recolhidos exemplos de sintagmas nominais e de sintagmas preposicionais (cf. os dados na Tabela 20). Os exemplos com um SN em posição pós-verbal com *caminhar* são 6, no conjunto de 16 construções. Ilustramos as estruturas com SN em (115).

(115) a. Não perca esta excelente oportunidade de férias no Peru, onde irá **caminhar** *um caminho antigo que faz parte de um sistema de antiga estrada...* (*corpus*: v14; c102)

b. Sente a solidão profunda de quem **caminhou** *um caminho sozinho* e não encontrou o que procurava. Só um beco sem saída. Só o desengano. (*corpus*: v14; c109)

c. **Caminhei** *um caminho desviado*. Andei nas encostas incertas. Percorri prados distantes. (*corpus*: v14; c111)

Dadas as ocorrências em (115), podemos constatar, por um lado, a dupla possibilidade de construção com o verbo *caminhar*, ora com um SN (115) ora com um SPrep (113), em contraste com uma única possibilidade, a de SPrep, com o verbo *morrer* (112); por outro, dão-nos uma pista muito pertinente: se o objeto com *caminhar* é categorialmente SPrep ou SN e o objeto com *morrer* é obrigatoriamente um SN, então tal indica estarmos perante SPrep diferentes.

Desde logo, estamos perante verbos de tipos diferentes – *morrer* é um verbo de mudança de estado, inacusativo, e *caminhar* é um verbo de movimento, considerado inergativo. Embora os OC sejam preposicionais e não nominais, vejamos se se aplica o

mesmo tipo de restrições sintático-semânticas. Analisemos, em primeiro lugar, a definitude e a modificação.

- (116) a. *Paz à alma do indivíduo que **morreu** *da morte extremamente estúpida*.
b. ?Paz à alma do indivíduo que **morreu** *dessa/daquela morte extremamente estúpida*.
c. *Paz à alma dos indivíduos que **morreram** *de duas mortes extremamente estúpidas*.
d. Paz à alma do indivíduo que morreu *de morte extremamente estúpida*.
e. Paz à alma dos indivíduos que **morreram** *de mortes extremamente estúpidas*.
- (117) a. passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** *pelo caminho estreito e escondido*.
b. passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** *por esse/aquele caminho estreito e escondido*.
c. passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** *por dois caminhos estreitos e escondidos*.
d. passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** *por caminhos estreitos e escondidos*.
e. *passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** *por caminho estreito e escondido*.

Quanto à definitude, pelos dados em (116) e (117), parece claro que o objeto com *morrer* é muito mais restritivo que o objeto com *caminhar*. O verbo *morrer* não admite a ocorrência com: artigo definido (116a), com determinante demonstrativo (116b) e com quantificador numeral (116c). No entanto, este OC admite a ausência de determinante quer no singular (116d), quer no plural (*bare plural*) (116e). Pelo contrário, o verbo *caminhar* permite as diversas situações (117), exceto com o nome no singular e sem determinante (117e), ainda que se aceite com um *bare noun* (nome plural) (117d).

Também o critério da modificação nos permite distinguir estes dois tipos de construções: os objetos com *morrer* devem ser obrigatoriamente modificados e os objetos com *caminhar* podem ocorrer sem modificador restritivo.

- (118) a. *Paz à alma do indivíduo que **morreu** *de uma morte*.
b. *Paz à alma do indivíduo que **morreu** *daquela morte*.
c. *Paz à alma do indivíduo que **morreu** *de uma morte* e de acidente.
- (119) a. ?passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** *por um caminho*.
b. passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** *por aquele caminho*.
c. passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** *por um caminho* e por uma ponte.

Em síntese, os dados apresentados permitem verificar que o OCP com o verbo *morrer* é rígido quanto à exigência de indefinidade e modificação, tal como os OC verdadeiros; o OCP com o verbo *caminhar* mostra-se mais próximo dos OC aparentados, podendo mesmo ser substituído por um objeto hipónimo, tal como ocorre nos exemplos de (120).

- (120) a. passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** *por uma vereda escondida/pela/ por essa/ por duas veredas escondidas*.
b. passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** *por um atalho escondido/ pelo/ por esse/ por dois atalhos escondidos*.

Admitindo que *vereda*¹⁰³ (120a) e *atalho* (120b) são entidades hipónimas do hiperónimo *caminho*, estamos perante aquilo que designámos OC aparentados ou hipónimos alternantes (cf. Gallego, 2012), tal como acontece com os verbos *dançar* e *cantar* (cf. §5.2.), ainda que uns sejam SN e estes sejam SPrep.

Vejamos, em seguida, em (121) e (122), qual o resultado que obtemos se combinarmos os OC preposicionais dos verbos *morrer* e *caminhar* com a expressão

¹⁰³ *Vereda* vem do Latim tardio *vereda*, de *veredus*, *-i*, que significava cavalo para viagem ou cavalo de caça. No PE, significa um tipo de caminho: 1. Caminho estreito; 2. Caminho secundário que permite encurtar caminho ou chegar mais rapidamente. Sinónimo de *atalho* e *senda*. In *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/vereda> [consultado em 01-10-2013].

adverbial “*outra vez*” (teste aplicado por Real-Puigdollers para descrever os verbos de mudança de estado).

(121) *Paz à alma do indivíduo que **morreu** *outra vez de uma morte extremamente estúpida*.

(122) passaram por uma antiga mina de cobre... **caminharam** *outra vez por um caminho estreito e escondido*.

A combinação com “*outra vez*” mostra que os SPrep com *morrer* e os SPrep com *caminhar* são OC distintos. (121) é semanticamente anómala por ser culminação e não poder coocorrer com uma expressão de frequência que altera o seu aspeto de base; em (122), com um verbo típico de processo, *caminhar*, o processo permite repetição do processo, dada pelo operador aspetual “*outra vez*”.

Vejamos, nos exemplos seguintes, o que acontece quando os verbos *caminhar* e *morrer* são substituídos por um verbo leve.

(123) a. *Paz à alma do indivíduo que **teve** *de uma morte extremamente estúpida*.

b. Paz à alma do indivíduo que **teve** *uma morte extremamente estúpida*.

(124) a. *...passaram por uma antiga mina de cobre... **fizeram** *por um caminho estreito e escondido...*

b. #...passaram por uma antiga mina de cobre... **fizeram** *um caminho estreito e escondido...*

(125) a. *...passaram por uma antiga mina de cobre... **fizeram** *por uma vereda escondida*.

b. #...passaram por uma antiga mina de cobre... **fizeram** *uma vereda escondida*.

Os OC preposicionados *de uma morte...* e *por um caminho...* bloqueiam a ocorrência de um verbo leve, tal como a agramaticalidade dos exemplos (123a), (124a) e (125a) comprova. No entanto, se substituirmos o SPrep por um SN, como em (123b), (124b) e (125b), obteremos dados gramaticais, já que os verbos leves se combinam, por definição, com uma nominalização deverbal. No entanto, a análise dos exemplos reitera conclusões já expressas para os OC verdadeiros, os OC aparentados e os OH: o SN *uma morte* pode ocorrer com o verbo leve *ter* sem haver alteração da interpretação base, tal como acontece com grande parte dos OC verdadeiros; os SN *um caminho* e *uma vereda* permitem a paráfrase com o verbo *fazer*, mas é duvidoso o estatuto do verbo *fazer*, pois parece alternar entre o estatuto de verbo pleno, numa interpretação de *fazer* como *criação/execução/realização*, e de verbo leve, numa interpretação de processo (*fazer um caminho* = *caminhar/percorrer*) ou processo culminado (*fazer um caminho* = *caminhar/percorrer uma determinada distância*).

Vejam-se, ainda, os exemplos (126) e (127) para uma distinção das duas interpretações com o verbo *fazer* quando combinado com o SN *um caminho*.

(126) A Região fez **um caminho importante** na área da formação e qualificação. Temos hoje uma rede de escolas de grande qualidade em toda a Região (...) (<http://www.jsacores.org/ficheiros/mocoos/5.pdf>, 11/10/2013)

(127) a. Os concorrentes vão, finalmente, **fazer um caminho de pedras da calçada** junto ao chuveiro do Barracão. (<http://video.pt.msn.com/watch/video/bbvip-calcada-portuguesa/295yk453p?cpkey=5c3ece80-3462-432f-8356-7cd24a5a83e1%257c%257c%257c%257c>, 11/10/2013)

b. Saíram de algum lugar num instante preciso, **fizeram um caminho específico** para passarem por mim num instante exato. (crónica de José Luís Peixoto, http://www.espiraldotempo.com/wp-content/uploads/2013/01/ET37_39_Cronica_JLP.pdf, 11/10/2013)

c. Percorrer um caminho [o de Santiago] é iniciar uma jornada para olhar para dentro e para crescer. (...) A ideia é mesmo essa: **fazer um caminho diferente todos os anos na altura da Páscoa!** (<http://www.associacaoportuguesadereiki.com/reiki/reiki-em-portugal/2013/05/20/um-caminho-de-santiago-com-reiki-e-reflexao/>, 11/10/2013)

(127) apresenta exemplos em que o verbo *fazer* é um verbo pleno, com interpretação de criação/construção de algo mais ou menos abstrato; em contraste, em (126) temos uma interpretação de *fazer* enquanto *percorrer/caminhar por um caminho*, sendo *fazer* um verbo leve.

O verbo leve *fazer* pode também combinar-se com a nominalização em *-da caminhada*, sendo que, neste caso, se elimina a ambiguidade quanto ao estatuto do verbo. O verbo *fazer* no exemplo (128) é um verbo leve.

(128) De caderno e iPad na mão, o diretor de Informação da TVI mantém-se a par das novidades enquanto *faz uma caminhada* no centro de Lisboa. (<http://www.vidas.xl.pt/pesquisa/?q=%20caminhada>, 11/10/2013)

Em síntese, ainda que semelhantes na categoria, os objetos preposicionados com os dois verbos analisados representam casos distintos: *morrer – morte* disponibiliza um OCP verdadeiro, com restrições de indefinidade e modificação e possibilidade de paráfrase por verbo leve; *caminhar – caminho* autoriza ora um OC aparentado, quando é um SN, ora um SPrep que não é um verdadeiro objeto cognato, sendo um constituinte que tem estatuto argumental e, por essa razão, não há obrigatoriedade de indefinidade nem modificação; neste último caso pode alternar com um objeto hipónimo, opcionalmente preposicional, como *caminhar – vereda/atalho*. A construção *caminhar por um caminho...* (SPrep) não autoriza a paráfrase pelo verbo leve *fazer*, pois, dada a natureza preposicional do constituinte, será agramatical a construção ou ambíguo o estatuto do verbo, podendo ser o verbo pleno homónimo; *fazer um caminho* e *fazer uma caminhada* são naturalmente possíveis com *fazer* como verbo leve, como em (126).

Concluimos, então, que apenas os objetos que se combinam com o verbo *caminhar* são verdadeiros argumentos verbais, independentemente da sua categoria ser nominal ou preposicional, aproximando-se, portanto, do que designámos OC aparentados, na secção anterior.

Apresentamos o Quadro VIII com uma síntese das propriedades dos vários tipos de objetos preposicionais que ocorrem com os verbos estudados, até ao momento, nesta secção.

Propriedades	Verbo <i>morrer</i>	Verbo <i>caminhar</i>	
	OCP verdadeiro Ex. : <i>morrer - morte</i>	OCP aparentado Ex.: <i>caminhar - caminho</i>	OHP Ex.: <i>caminhar – vereda</i>
Categoria	SPrep	SPrep	SPrep
Posição no SV	em adjacência a V	em adjacência a V	em adjacência a V
Relação V-N	morfológica	morfológica	semântica (hiponímia)
Indefinitude	obrigatória	opcional	opcional
Modificação	obrigatória	opcional	opcional
Substituição por OH	não permite	permite	-----
Paráfrase por verbo leve	permite (com o verbo <i>ter</i>)	permite (com o verbo <i>fazer</i> + nominalização deverbal) não permite (com verbo <i>fazer</i> + entidade)	não permite

Quadro VIII - Propriedades dos vários objetos preposicionais com os verbos *morrer* e *caminhar*

5.4. Os objetos cognatos predicativos

Têm sido ainda referenciados outros tipos de OC na literatura, sendo que alguns autores apontam algumas distinções interessantes. Para Takami & Kuno (2002), citado por Kitahara (2006; 2007), há dois tipos semânticos de construções com OC em Inglês: construções predicativas (129) e construções referenciais (130).

(129) Mary smiled *Marilyn Monroe's smile*. (Kitahara, 2006: 125)

(130) Sam smiled *a beautiful smile*. (Kitahara, 2007: 67)

O OC do tipo (129) não é referencial, sendo considerado por Takami & Kuno (2002) um objeto predicativo, no sentido em que predica acerca do sorriso de *Mary*. Pelo contrário, o SN de (130) é referencial, porque remete para um evento ou uma situação ocorrida (*a smile*), não deixando, no entanto, de poder ser parafraseado por advérbios, dada a presença do adjetivo *beautiful*, como em (131) e, por isso, denota também um certo tipo de situação ou eventualidade.

- (131) a) Sam smiled *beautifully*.
b) Harry lived *uneventfully*.
c) John died *gruesomely*.

Esta distinção semântica afigura-se-nos necessária para distinguir os OC verdadeiros de outros tipos de OC que podem ocorrer com os mesmos verbos, como as construções em (132) e (133) e que estamos a designar de predicativas.

(132) E tossi, último tiro do último cartucho do cobói solitário: **tossi** *a tosse dos asmáticos*, recuperei uma voz fraca de falar. (*corpus*: v74; c766) (em retoma do exemplo (33))

(133) Pierre de Coubertin **sonhou** *o sonho dos poetas*: um mundo de paz, de beleza, de alegria, de felicidade. (*corpus*: v100; c800)

Repare-se que em (132) e (133) o determinante que acompanha *tosse* e *sonho* é um determinante artigo definido, não característico dos OC verdadeiros. Veja-se que não admitem alteração da estrutura do SN, nem quanto à definitude nem quanto à modificação; por isso (134) e (135) são de difícil aceitação.

(134) a. *(...) **tossi** uma *tosse dos asmáticos*, recuperei uma voz fraca de falar.
b. *(...) **tossi** *a tosse*, recuperei uma voz fraca de falar.
c. *... **tossi** *a tosse* de meus pais.

(135) a. *Pierre de Coubertin **sonhou** um *sonho dos poetas* (...)
b. *Pierre de Coubertin **sonhou** *o sonho*.
c. #/?Pierre de Coubertin **sonhou** *o sonho* do irmão.

Os constituintes *a tosse dos asmáticos* (132) e *o sonho dos poetas* (133) apresentam uma certa rigidez de estruturação, funcionando como uma unidade linguística, não admitindo alteração na sua estrutura, o que justifica a agramaticalidade dos exemplos em (134) e (135). Estamos, assim, perante OC não prototípicos, que, pelas suas propriedades distintivas – presença de artigo definido e interpretação predicativa –, não podem incluir-se na subclasse dos OC verdadeiros, ainda que ocorram com os mesmos verbos.

As interpretações das frases (132) e (133) aproximam-se das apresentadas nas paráfrases em (136) e (137), logo apresentam leitura predicativa e são similares aos SPrep das construções (138) e (139), que ocorrem, respetivamente, com os verbos *chorar* e *sorrir*.

(136) **tossir** como os asmáticos/tossir uma tosse típica dos asmáticos

(137) **sonhar** como os poetas/com o que tipicamente sonham os poetas

(138) Ando de rastos, só me apetece chorar, aliás estou a escrever isto e a chorar porque a Lara está a **chorar** *com um choro que mete tanta pena!* (*corpus*: v18; c275)

(139) Fazia-o **sorrir** *com um sorriso aberto.* (*corpus*: v71; c657)

Consideramos, assim, as construções analisadas até ao momento nesta secção um outro tipo de cognatos – os OC predicativos (na linha de Takami & Kuno, 2002 e Kitahara, 2006; 2007). Nesta perspetiva, formam uma classe específica de OC, distinta das analisadas nas secções anteriores.

Apresentamos, no Quadro IX., outros exemplos do *corpus* que apresentam igualmente objetos cognatos com sentido predicativo.

Verbo	Exemplos
desejar	O melhor exemplo pode ser o amor (...) trata-se de uma emoção/acção em que a determinada altura o ser se entrega totalmente (...) ao dar-se, o ser deseja <i>o desejo do outro</i> , deseja sentir que o outro o deseja com a mesma (ou equiparável) intensidade. (<i>corpus</i> : v95; c751)
sofrer	Tive muitas paixões, já sofri <i>aquele sofrimento bom da adolescência.</i> (<i>corpus</i> : v100; c841)
suspirar	Ela suspirou profundamente <i>aquele suspiro que ele sabia significar</i> : «Odeio que descalces os sapatos na cozinha». (<i>corpus</i> : v72; c675)
	Suspirei <i>o suspiro dos amantes</i> e deixei-me embalar pelo canto daquele rouxinol como se fora eu a amada.
	Eu posso sentir, posso sentir os maus nervos se regozijando, minha penugem se arrepiando, e meus lábios a suspirar <i>o suspiro do leite e da beleza que me tocam</i> , profundamente, o espírito. (<i>corpus</i> : v72; c666)
tossir	O meu amigo chegou à janela, e tossiu <i>a tosse especial dos namorados de 1826</i> , que era uma tosse seca (...) (<i>corpus</i> : v74; c767)

Quadro IX – Construções com objetos cognatos predicativos

Antes de finalizar esta secção, vejamos, a seguir, em (140), um outro tipo de construções que também foram encontradas, no *corpus*, com o verbo *sonhar* e não foram consideradas OC predicativos.

(140) a. Tudo isso agradeço à iurd, ao Senhor Bispo Macedo, porque um dia, ele **sonhou** *o sonho de Deus*, e como ABRAÃO, não negou seu ISAC. OBRIGADA IURD... (*corpus*: v100; c798)

b. Abraão creu, **sonhou** *os sonhos de Deus* e assim aconteceu. Façamos o mesmo em 2013. (*corpus*: v100; c804)

Note-se que os SN destas duas construções surgem com determinante artigo definido, quebrando, assim, o critério de indefinidade exigido pelos OC verdadeiros.

Alguma variação na determinação e na modificação parecem possíveis:

(141) a. Tudo isso agradeço à iurd, ao Senhor Bispo Macedo, porque um dia, ele **sonhou** um *sonho de Deus* ...

b. Abraão creu, **sonhou** uns *sonhos de Deus* ...

(142) a. Tudo isso agradeço à iurd, ao Senhor Bispo Macedo, porque um dia, ele **sonhou** *o sonho de João Baptista*...

b. Abraão creu, **sonhou** *os sonhos de João Baptista* ...

Por outro lado, estas construções admitem a pronominalização, nomeadamente se estivermos perante um discurso contextualizador que apresente como antecedente a expressão nominal retomada pelo pronome átono, como em (143).

(143) a. Hoje vivo em paz, graças ao sonho de Deus. Tudo isso agradeço à iurd, ao Senhor Bispo Macedo, porque um dia, ele o **sonhou**.

b. Abrão sonhava ser pai, só os sonhos de Deus eram capazes de lhe dar uma descendência tão numerosa como as estrelas. Abraão creu, **sonhou** - os e assim aconteceu.

A gramaticalidade destes exemplos leva-nos a considerar que, apesar de serem construídos com o verbo *sonhar*, que acima vimos introduzir um OC de tipo predicativo, nestes exemplos os SN são referenciais e têm uma leitura de entidade, sendo que esta pode ser retomada discursivamente por uma anáfora pronominal. A entidade que o OC atualiza existe, assim, independente do evento descrito pelo predicado. Estamos assim, a aproximar as construções de (140) dos OC antes designados OC aparentados.

Veja-se, ainda, no mesmo sentido, que as construções em análise admitem quer a expansão através de “*mas não sei o quê*” (144), quer a passiva sintática (145).

- (144) a. ...porque um dia, ele sonhou, *mas não sei o quê*.
b. Abraão creu, sonhou, *mas não sei o quê*.
- (145) a. ...porque um dia, o *sonho de Deus* foi sonhado por ele (...)
b. Abraão creu, *os sonhos de Deus* foram sonhados (por ele) (...)

Alguma maleabilidade na determinação e na modificação (cf. (141) e (142)), a possibilidade de pronominalização (143) e de expansão (144), bem como a autorização da passiva sintática (145) confirmam a semelhança destes OC com os OC aparentados, pelo que os consideraremos igualmente verdadeiros argumentos do verbo, neste caso do verbo *sonhar*. Apresentamos, no quadro seguinte, outros exemplos do *corpus* com argumentos verdadeiros do verbo *sonhar*, que, portanto, apenas são OC aparentados.

Verbo	Exemplos de OC com o verbo <i>sonhar</i>
<i>sonhar</i>	Mas há uma hora morta sugestivamente encantadora, hora de noite morta, ao luar, junto ao Castelo, a hora da evocação, e do passado, da História e da Lenda, dos castros citanienses e de S. Mamede (...) onde se concebeu e sonhou o <i>sonho de Portugal</i> (<i>corpus</i> : v100; c799)
	Antes de se levantar, afirma: “não fiz outra coisa na vida senão sonhar. Só que só sonhei os <i>sonhos dos outros</i> . Que tristeza!” (<i>corpus</i> : v100; c807)
	Aos meus filhos e a todos quantos sonharam os <i>sonhos de um amanhã ainda hoje sonhado</i> . (<i>corpus</i> : v100; c808)
	Milhares que sonharam o <i>sonho de serem radicalmente significativos no mundo</i> . Fazendo alguma coisa. Deixando a sua vida, sacrificando qualquer coisa. (<i>corpus</i> : v100; c810)
	Aqui tanto os chamados de esquerda como os de direita sonharam o <i>sonho escandinavo ou comunista de dar tudo a toda a gente...</i> (<i>corpus</i> : v100; c811)

Quadro X - Exemplos de OC aparentados com o verbo *sonhar*

Nesta secção analisámos uma classe de objetos distinta, os OC predicativos; no entanto, no final referimos alguns OC selecionados pelo verbo *sonhar* que não parecem ter propriedades predicativas e se aproximam dos OC aparentados que designam entidades.

No *corpus*, foram encontradas 31 construções com propriedades predicativas¹⁰⁴, totalizando 3,6% do *corpus*. Apresentamos os dados na Tabela 21, organizados por verbo.

Tabela 21- Frequência de ocorrências de OC de tipo predicativo por verbo

Tipo de construção	<i>chorar</i> (com)	<i>desejar</i>	<i>mentir</i>	<i>pensar</i>	<i>respirar</i>	<i>rir</i>	<i>sofrer</i>	<i>sonhar</i>	<i>sorrir</i> (com)	<i>suspirar</i>	<i>tossir</i>	<i>viver</i>	Total
Nº OC predicativos	5	1	1	3	2	2	1	1	2	6	2	5	31

¹⁰⁴ Deve referir-se que não houve qualquer preocupação em recolher estas construções, uma vez que não eram o nosso principal objeto de análise. Inicialmente, foram recolhidas porque ainda estávamos numa fase exploratória em relação aos tipos de OC. No tratamento dos dados, acabamos por decidir mantê-las uma vez que nos permitiriam estabelecer uma distinção interessante entre OC referenciais e OC predicativos e, consequentemente, contribuiriam para delimitar a fronteira dos OC verdadeiros.

5.5. Os objetos cognatos e outras construções

Ao longo do ponto 5. têm sido apresentadas e analisadas diferentes classes de OC (OC verdadeiros; OC aparentados e OH; OC preposicionais; OC predicativos), mas convém olharmos para outros exemplos que constam igualmente do *corpus*, a fim de os integrarmos ou não nas classes de OC descritas.

Observemos, então, mais atentamente as construções com os verbos *tossir e espirrar* que a seguir apresentamos.

(146) O médico disse-me: ‘Parece que você **tossiu** *o seu cancro*. Parabéns’. “Eu estava incrédula, um ataque de tosse salvou-me a vida”, confessou ao jornal “Mirror”. (*corpus*: v74; c683)

(147) Hoje na auto-estrada o meu pajero 2.8 **espirrou** *o óleo* (...). (*corpus*: v35; c494)

Em (146) e (147), o verbo e o nome não se relacionam nem morfológica nem semanticamente, logo não estamos perante objetos cognatos. No entanto, deve assinalar-se que os SN *o seu cancro* e *o óleo todo* ocorrem, respetivamente, com os verbos *tossir* e *espirrar*, dois verbos considerados intransitivos e que quando acompanhados de objeto este é um OC verdadeiro.

Semanticamente, estes objetos são entidades independentes dos respetivos eventos: têm existência prévia e posterior ao evento e não são grandemente afetados por ele. Em ambos os exemplos a interpretação das construções aproxima-se de *expelir/deitar fora*.

Neste sentido, estas construções aceitam mais facilmente que as construções com OC verdadeiros a pronominalização, a expansão com “*mas não sei o quê*” e a passiva sintática, como se ilustra, respetivamente, em (148a), (148b) e (148c), para a construção com o verbo *espirrar*.

- (148) a. Hoje na auto-estrada o meu pajero 2.8 **espirrou** – o. (= o óleo)
b. Hoje na auto-estrada o meu pajero 2.8 **espirrou**, *mas não sei o quê*.
c. ?*O óleo* foi espirrado hoje na auto-estrada pelo meu pajero 2.8.

Em síntese, não sendo OC verdadeiro, os objetos aqui analisados são verdadeiros argumentos verbais, que recebem o papel temático Tema ou Objeto. Neste sentido, estes objetos ilustram, claramente, o potencial transitivo dos verbos *tossir* e *espirrar*, tradicionalmente classificados como intransitivos.

Estes exemplos foram integrados em “outras construções”.

5.6. Síntese da secção

As análises antes realizadas permitiram-nos refletir sobre vários tipos de construções cognatas e outros tipos que com elas se assemelham. Desta forma, fizemos uma análise das propriedades sintático-semânticas das várias construções propostas na taxonomia apresentada no final do §4. e refletimos sobre os critérios que considerámos pertinentes na sua distinção e definição. Sintetizamos a seguir os tipos de objetos encontrados e suas propriedades.

(i) os objetos cognatos verdadeiros (cf. §5.1):

subtipo a. - **OC verdadeiro morfológico** - o nome é cognato morfológico do verbo; integra um SN que contém necessariamente um determinante indefinido e um modificador restritivo; o verbo é tipicamente considerado de 0 argumentos internos ou intransitivo; semanticamente, tal verbo é de reação/atividade corporal, meteorológico, comunicação verbal ou cognitivo; o OC apresenta uma interpretação de evento/resultado breve; ex.: *espirrar – espirro...*, *tossir – tosse...*, *chover – chuva...*, *nevar – neve...*, *orar – oração...*, *sonhar – sonho...*

subtipo b. - **OC verdadeiro semântico** - o nome, embora não seja cognato morfológico do verbo, mantém com ele uma estreita dependência semântica, não podendo ser substituído, em PE e noutras línguas, por um OC morfológico do verbo¹⁰⁵; integra um SN também composto por um

¹⁰⁵ Tal substituição não se afigura possível por várias razões, ou porque a palavra não existe ou existindo adquire um novo sentido.

determinante indefinido e um modificador restritivo pós-nominal e o verbo é tradicionalmente visto como um verbo de 0 argumentos e semanticamente de reação/atividade corporal; o OC apresenta uma interpretação de evento; ex.: *dormir – sono...*

(ii) **os objetos cognatos aparentados (cf. §5.2.):**

subtipo a. - o nome é cognato morfológico do verbo; forma um SN que é morfológicamente cognato do verbo, mas, porque é uma construção que não tem as mesmas restrições sintáticas (presença obrigatória de indefinido e modificador restritivo), não pode ser considerada OC verdadeiro; o OC é um argumento verdadeiro do verbo e tem uma interpretação de entidade; o verbo é tipicamente considerado de alternância transitiva/intransitiva e semanticamente de execução/performance; ex.: *dançar – dança; cantar – cantiga.*

subtipo b. - o nome parece ser também cognato morfológico do verbo; integra igualmente um SN, mas não exige presença obrigatória de indefinido e modificador restritivo; o OC é um argumento verdadeiro do verbo e tem uma interpretação de entidade; porém, distingue-se do subtipo a. por os verbos serem caracteristicamente de alternância transitiva/intransitiva, mas semanticamente serem verbos de ingestão; ex.: *comer – comida; beber – bebida.*

(iii) **os objetos hipónimos (cf. §5.2.):**

o nome expressa um subtipo da entidade designada pelo nome morfológicamente relacionado com o verbo ou semanticamente dependente dele; a indefinidade e a modificação restritiva não são obrigatórias; os OH podem substituir os OC aparentados, são argumentos verbais e têm uma interpretação de entidade; ex.: *dançar – tango; cantar – fado; beber – água.*

(iv) **os objetos cognatos preposicionais (cf. §5.3.):**

o nome é cognato morfológico do verbo; integra um SPREP que contém necessariamente um determinante indefinido e um modificador restritivo; apresenta, preferencialmente, uma interpretação de evento; coocorre com alguns verbos de 1 argumento interno (ditos inacusativos); ex.: *morrer de uma morte...*

(v) **os objetos cognatos predicativos (cf. §5.4.):**

o nome é cognato morfológico do verbo; integra um SN que não contém obrigatoriamente um determinante indefinido e um modificador restritivo; o verbo é tipicamente o mesmo que ocorre com os OC verdadeiros; o OC deste tipo distingue-se dos OC verdadeiros por apresentar uma interpretação predicativa; ex.: *espirrar o espirro dos asmáticos.*

Em relação aos dados do *corpus*, classificámos os 857 exemplos com base na tipologia proposta. Apresentamos uma síntese dos resultados por classe e subclasse na Tabela 22.

Tabela 22 – Frequência da ocorrência dos diferentes tipos de construções no corpus

Tipos de construções		Frequência	% no corpus
OC verdadeiro	subtipo a.	133	15,5%
	subtipo b.	62	7,2%
OC aparentado	subtipo a.	247	28,8%
	subtipo b.	131	15,3%
OH		34	4,0%
OCP		15	1,8%
OC predicativos		31	3,6%
Expressões nominais		71	8,3%
Subtotal		724	84,5%
Total de exemplos no corpus		857	100%

A diferença entre o subtotal das construções com OC e OH e o total de exemplos do *corpus* baseia-se no tratamento independente que foi dado aos exemplos analisados em “outras construções” (§5.5.) e aos exemplos com expressões lexicalizadas, trabalhados apenas no §6., a seguir.

6. Os objetos cognatos e as expressões lexicalizadas

Como temos vindo a verificar, o critério de indefinidade parece ser comum aos OC verdadeiros, em várias línguas. Neste sentido, é estranho que tal critério não seja visto, por alguns linguistas, como homogéneo nas várias línguas em que as construções ocorrem (cf. Real-Puigdollers, 2008; Leung, 2007, entre outros).

Por facilidade de análise, repetimos alguns exemplos em (149).

(149) a. *Reir la risa de un niño.* (Mendikoetxea, 1999: 1578)

[Rir o riso de uma criança.]

b. *Pleurer toutes les larmes de son corps.* (Grevisse & Goosse, 1993: 393)

[Chorar todas as lágrimas do seu corpo.]

c. *She slept the sleep of the just.* (Hale & Keyser, 2002)

[Ela dormiu o sono do justo.]

Os exemplos apresentados em (149) não cumprem, de facto, um dos critérios favorecedores da existência de OC verdadeiros – o critério de indefinidade. No entanto, estas construções não só não apresentam um SN indefinido, como também não o aceitam, como revela a agramaticalidade de (150) para os exemplos com *reir* e *to sleep*, do Espanhol e do Inglês, repetivamente.

(150) a. *Reir una risa de un niño. [Rir um riso de uma criança.]

b. *She slept a sleep of the just. [Ela dormiu um sono dos justos.]

Como já sugerimos em outras secções deste capítulo, estamos perante expressões que funcionam como uma expressão cristalizada num determinado estágio de lexicalização; esta natureza é confirmada pela impossibilidade de ausência de modificador (151), pela impossibilidade de qualquer modificação (152).

- (151) a. *Reir *la risa*. [Rir o riso.]
b. *She slept *the sleep*. [Ela dormiu o sono.]
- (152) a. *Reir *la risa de un adulto*. [Rir o riso de um adulto.]
b. *She slept *the sleep of the merited/*of workers*. [Ela dormir o sono dos merecidos/dos trabalhadores.]

Também os testes aplicados em (153), que modificam a expressão *Pleurer toutes les larmes de son corps* (pela omissão do quantificador universal *toutes* (153a.); pela sua substituição pelo quantificador existencial *quelques* (153b); e pela ausência de modificador restritivo (153c)), mostram haver um grau de fixação¹⁰⁶ que nos impede que a expressão¹⁰⁷ seja entendida como semelhante às construções cognatas analisadas neste estudo.

- (153) a. *Pleurer *les larmes de son corps*. [Chorar as lágrimas do seu corpo.]
b. *Pleurer *quelques larmes de son corps*. [Chorar algumas lágrimas do seu corpo.]
c. *Pleurer *toutes les larmes*. [Chorar as lágrimas.]

Estas expressões são também denominadas, na literatura, ‘fraseologias verbais’, distinguindo-se, porém, de outras construções fixas (por ex.: fraseologias nominais e fraseologias adverbiais; paráfrases por verbo leve; idiomatismos e provérbios) por ocorrerem pospostas a um verbo e se encontrarem num determinado “grau de fixação sintática, não permitindo a inserção de quaisquer elementos na sua estrutura, e semântica, estando completamente idiomatizadas, ou seja, não se consegue depreender o significado do todo através do significado das partes” (Fortunato, 2009: 36).

¹⁰⁶ O grau de fixação das expressões fixas (ou cristalizações) é medido por diversos estudiosos (cf. entre outros, Athayde, 2000; Plaza, 2005) a partir de testes sintático-semânticos, embora tal seja assumido como uma tarefa complexa e que, dependendo dos critérios adotados, seja difícil determinar o patamar de fixação em que se encontra determinada expressão. Plaza (2005) conclui que o alto grau de fixação das combinações começa quando se inicia um processo de restrição quanto à colocação de determinantes no SN; em contraste, nas expressões menos fixas (menos lexicalizadas), o SN admite inserção de determinantes e quantificadores, assim como variações de número do núcleo.

¹⁰⁷ Não distinguiremos as expressões fixas ou cristalizadas de uso corrente das expressões cristalizadas (com um determinado grau de cristalização) em textos literários ou em géneros específicos. No entanto, parece-nos que a rapidez da lexicalização ou da fixação (ou melhor, a amplitude que o fenómeno atinge) poderá ser maior nas expressões de uso quotidiano ou corrente.

Observemos, então, mais atentamente as construções com o verbo *chorar*, comparando a construção (38), aqui repetida em (154) e que contém um OC verdadeiro, com a construção (155).

(154) A mãe **chorou** *um choro manso*. (...) (*corpus*: v18; c288)

(155) Ricardo vira costas ao jogo, enfia a cabeça entre as mãos, **chora** *lágrimas de desespero*. (*corpus*: v18; c297)

No exemplo (155), *lágrimas de desespero* é um SN que integra o núcleo *lágrimas* sem determinante, um *bare plural* com um nome contável e pluralizável. Estas propriedades diferenciam-no de um OC verdadeiro, como o de (154), cujo nome é tipicamente não-contável, ocorrendo no singular e integrando um SN obrigatoriamente indefinido e modificado.

Vejam-se mais alguns exemplos de SN com a estrutura *lágrimas de* em (156).

- (156) a. ... **chorando** *lágrimas de* *revolta e de solidariedade*. (*corpus*: v18; c292)
- b. ... **choravam** *lágrimas de* *alegria* (...) (*corpus*: v18; c293)
- c. ... **chora** *lágrimas de* *sangue* (...) (*corpus*: v18; c294)
- d. ... **chorar** *lágrimas de* *ocasião* (...) (*corpus*: v18; c308)
- e. ... **chorava** *lágrimas de* *água*. (*corpus*: v18; c310)
- f. ... **chorar** *lágrimas de* *crocodilo*. (...) (*corpus*: v18; c307)

Consideremos duas hipóteses explicativas para a existência destas construções com o verbo *chorar*, um verbo tradicionalmente considerado intransitivo.

Primeira hipótese: o SN *lágrimas de...* é um objeto direto comum, um argumento do verbo *chorar*.

A favor desta hipótese está o facto de a construção *chorar lágrimas de desespero* (155) admitir a pronominalização (157a), o que aproxima o constituinte *lágrimas de desespero* de um objeto direto, isto é, um argumento, e o afasta do OC verdadeiro *um*

choro manso em (154), que não admite a pronominalização (157b), uma vez que se apresenta como uma extensão do evento.

(157) a. Ricardo **chorou** - as (-as = *lágrimas de desespero*)

b. *A mãe **chorou** - o. (-o = *choro manso*)

Recorde-se que a pronominalização em *-o*, *-a*, *-os* e *-as* só acontece com um SN objeto ou argumento verdadeiro dos verbos, com caso acusativo e papel temático Objeto ou Tema. Sabendo que apenas os verbos que atribuem caso acusativo e papel temático na sua forma ativa podem entrar em estruturas passivas (Chomsky, 1995), então os exemplos apresentados em (158) a (159) reiteram a mesma conclusão¹⁰⁸.

(158) O ensino primário decorreu na Escola Primária de Maximinos, custou-me bastante, tinha a família longe e só os via uma a duas vezes por mês, *muitas lágrimas foram choradas*, tristezas passadas, bem sei que não estava só, pois tinha novos amigos, prontos a ajudarem-me. A passagem pelo Colégio (Revista do Colégio de S. Caetano, nº 50, 2011, http://www.sallep.net/saocaetano/file.php/1/j_magazine_3_periodo_10-11_web.pdf 03/10/2013)

(159) Mas logo desmontou a tramoia: denunciou a manipulação das imagens, garantindo que *aquelas lágrimas foram choradas* na execução do hino alemão. (http://www.jn.pt/desporto/euro2012/foradejogo/Interior.aspx?content_id=2644404 03/10/2013)

Em contrapartida, a agramaticalidade da construção com OC verdadeiros, como em (157b), gerada pela pronominalização, sugere a não-argumentalidade destes objetos (cf. Horita, 1996; Kitahara, 2006; 2007); a mesma hipótese explica a não passivização destes OC, sendo agramatical a estrutura (160), com o verbo *chorar* na voz passiva, como vimos no §5.1.

(160) **Um choro manso foi chorado* pela mãe.

Não podemos esquecer que os OC como em *chorar um choro manso*, (154), têm uma leitura de evento (objetos de evento/resultado 1), contrariamente aos OC aparentados

¹⁰⁸ Cf. §4.3, Capítulo III; e também Mittwoch (1997), Leung & Scher (2006) e Leung (2007).

e aos OH, que têm uma leitura de entidade (objetos de entidade/resultado 2)¹⁰⁹. Como é sabido, constituintes argumentos do verbo, com leitura de entidade, são facilmente deslocados por passiva e pronominalizados; constituintes com leitura de evento e, portanto, com algum sentido predicativo aceitam com dificuldade a pronominalização. Leung & Scher (2006) assumem, na linha de Mittwoch (1997), que os OC verdadeiros são eventos, o que explica a não-aceitação/dificuldade de aceitação da passiva quando o verbo principal é cognato da nominalização deverbal – “o que sofre o processo de passivização são os argumentos, não os predicados” (Leung & Scher, 2006: 1669).

Neste sentido, a aceitação de passiva e de pronominalização e a leitura de entidade nos exemplos (156) levam-nos a colocar a hipótese de *lágrimas de...* ser um objeto direto do verbo *chorar*.

Por outro lado, *chorar lágrimas de...* parece ter algo de lexicalizado, o que nos faz refletir numa segunda hipótese explicativa para estas construções.

Segunda hipótese: o SN *lágrimas de...* é uma expressão lexicalizada ou cristalizada.

Segundo Vale (2001), algumas expressões verbais deste tipo podem ter “um estatuto claramente cristalizado, enquanto outras parecem ser mais livres” (Vale, 2001: 40), o que leva a que algumas aceitem construções ativas e outras construções passivas.

Esta hipótese permitir-nos-á propor que *chorar lágrimas de...*, em estruturas ativas como as de (155) e (156), seja uma cristalização (cf. Vale, 2001: 139-166). Segundo a tipologia das expressões cristalizadas proposta por Vale (2001), para o PB, a expressão *chorar lágrimas de...* insere-se no grupo das cristalizações em torno de um verbo (expressão cristalizada verbal)¹¹⁰, admitindo assim que o verbo constitutivo siga “os paradigmas de conjugação” e em nada “difere da morfologia dos ‘verbos simples’” (Vale, 2001: 36).

¹⁰⁹ Høche (2009). Cf. também Capítulo III e Capítulo IV (§5.1 sobre os OC verdadeiros).

¹¹⁰ Vale (2001) propõe que as expressões cristalizadas verbais do PB se organizem segundo dois tipos, com subtipos internos: (a.) expressões com sujeito fixo com (i) e sem (ii) fixação no(s) complemento(s); (b.) expressões com sujeito livre e fixação no(s) complemento(s) (iii) (cf. Vale, 2001: 47)

(i) (...) *a montanha venha a parir um rato*.
(ii) *Entrou areia na negociação* (...)
(iii) O PMDB [partido político] gaúcho *caiu do cavalo*.

Aceitamos, então, que a expressão *lágrimas de...*, em construções com o verbo *chorar*, como as discutidas nesta secção, é uma expressão cristalizada, que se fixou, na língua, sem determinante e com o nome no plural ('bare plural'), distinguindo-se dos OC verdadeiros. Neste sentido, as expressões lexicalizadas apresentam inflexibilidade estrutural, embora resultando de estruturas de formação pós-sintática (Marantz, 1998). No quadro da Morfologia Distribuída, estas expressões estão localizadas no módulo Enciclopédia, sendo por ele licenciadas e interpretadas, a partir da condição de localidade. (Marantz, 1997, 2001; 2007; 2009).

Vejam-se, no Quadro XI, exemplos possíveis de outras estruturas, para o PE.

Verbo	V + Expressão lexicalizada e/ou adaptação	Exemplo do <i>corpus</i>
chorar	chorar <i>lágrimas de crocodilo</i> chorar <i>baba e ranho</i>	Não se pode estar à espera de acontecimentos ainda mais graves e, depois, chorar <i>lágrimas de crocodilo!!!</i> (<i>corpus</i> : v18; c306) Anteontem, à hora do almoço, dezenas de crianças da Escola Primária nº 1 de Queluz, no bairro do Monte Abraão, choraram <i>baba e ranho</i> no refeitório. (<i>corpus</i> : v18; c303)
chover	chover <i>raios e coriscos</i>	Sinto que fui enganado e tenho a certeza que se isto acontecesse numa prova de organização local <i>choviam raios e coriscos</i> (...) (<i>corpus</i> : v19; c867)
dormir	dormir <i>o sono das coisas</i> dormir <i>o sono dos anjos</i> dormir <i>o sonho dos justos</i>	A dormir <i>o sono das coisas</i> . (<i>corpus</i> : v32; c403) Naquela noite a criança dormiu <i>o sono dos anjos</i> de tão cansada e encantada por ouvir as peripécias do avô e viajar com ele nos anos através das fotos. (<i>corpus</i> : v32; c406) Cerca de 30 minutos depois calou-se e pumba <i>dormiu o sono dos justos</i> . Não houve menino até às quatro. (<i>corpus</i> : v32; c864)
gritar	gritar <i>um grito de guerra</i>	Anularhihihi. Ai os thundercats :D O que eu brincava a fazer de conta que era um deles. Pegava numa espada e parece que gritava <i>um grito de guerra qualquer</i> . (<i>corpus</i> : v41; c509)
morrer	morrer <i>de uma morte santa</i>	Mas morreu <i>de uma morte santa</i> . Morreu feliz: crente na fatalidade visionária dos destinos que mudam ao comando de uma voz (...) (<i>corpus</i> : v49; c563)

Quadro XI – Exemplos de expressões lexicalizadas e/ou variações em PE

No *corpus* temos 44 construções (5,1%) que se podem considerar, pelas propriedades sintático-semânticas apresentadas, expressões lexicalizadas ou variações que parecem traduzir, eventualmente, um estágio de *continuum*¹¹¹ de lexicalização. Veja-se a Tabela 23 para uma distribuição das ocorrências destas construções por verbo.

¹¹¹ Alguns autores assinalam a existência de um *continuum* entre uma construção livre e uma construção fixa (cf., entre outros, Neves, 1996; Gross, 1982; Vale, 2001; Rassi, 2008; Fortunato, 2009). Assim, uma expressão completamente cristalizada estará no extremo direito do contínuo, por oposição a construções completamente livres, que se encontram no extremo esquerdo do *continuum*. Gross (1982), a propósito das cristalizações afirma que “(...) la délimitation n’est pas simple à tracer, au point que syntaxiquement il

Tabela 23 - Frequência de ocorrências de expressões lexicalizadas por verbo

Tipo de construção	<i>chorar</i>	<i>chover</i>	<i>dormir</i>	<i>fazer</i>	<i>morrer</i>	<i>gritar</i>	<i>ver</i>	Total
Nº de expressões lexicalizadas	27	4	5	4	1	1	1	44

Em síntese, parece-nos que os exemplos discutidos nesta secção são expressões mais ou menos inflexíveis e que ocorrem em determinada língua, não estando, assim, sujeitas às mesmas restrições de boa-formação que os OC. Tal conclusão justifica, por si só, que não nos ocupemos exaustivamente destes exemplos nesta dissertação e que mereçam um tratamento independente.

7. Análise sintática das construções cognatas e hipónimas

Apresentadas, nas secções anteriores, as propriedades fundamentais das várias construções cognatas e hipónimas, bem como das construções que com elas podem estabelecer alguma afinidade, nesta secção faremos uma análise sintática de algumas dessas construções, contrastando-as, sempre que seja sentido como essencial, com outras construções semântica e sintaticamente similares, em PE ou em outras línguas.

Pela análise das construções realizada nas secções anteriores, não restam dúvidas de que a aceitação dos OC verdadeiros (*chorar um choro...*) e dos OCP verdadeiros (*morrer de uma morte...*) é restringida sintaticamente, pela presença de um determinante indefinido e um modificador restritivo. Em contraste, estas condições são facultativas tanto para os OC aparentados (*cantar uma/a canção*) como para os OH (*cantar um/o fado*), pelo que os considerámos argumentos dos respetivos verbos. Como foi já notado, as construções com os tradicionais verbos de alternância, como é o caso de *cantar*, evidenciam alguma fragilidade da distinção transitivo/intransitivo, uma vez que a estrutura argumental de *cantar* exhibe duas variantes – uma com um argumento e outra com dois argumentos (cf. Duarte, 2003)¹¹². No entanto, o maior desafio está nas

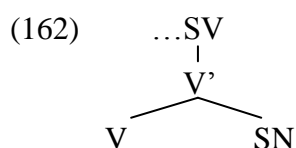
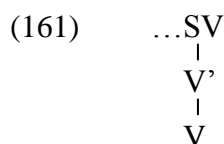
semble exister un *continuum* entre les formes figées et libres » (Gross, 1982: 160), citado por Vale, 2001: 27).

¹¹² Reinhart (2000) e Reinhar & Siloni (2003) apresentam os casos de alternância em construções com verbos reflexos como um caso de redução de argumento no léxico ou na sintaxe, dependendo das línguas. (cf. Capítulo II)

construções do tipo OC verdadeiros, em que verbos tradicionalmente intransitivos e inergativos apresentam uma variante transitiva – como *chorar* e *espirrar*.

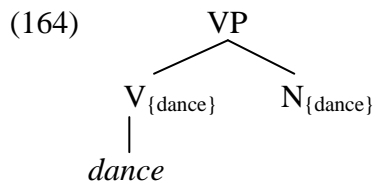
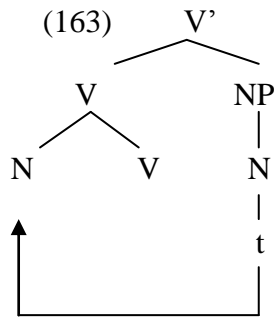
Considerando que a estrutura sintática de um sintagma, no âmbito das teorias lexicalistas, está relacionada com a seleção sintática e semântica do item lexical, então a estrutura interna de um SV está dependente da entrada lexical do verbo, isto é, do tipo de verbo e das relações sintático-semânticas que estabelece com os argumentos selecionados, categorial e tematicamente (Brito, 2003: 409).

Assim, na Gramática Generativa, um verbo que não selecione argumentos internos é considerado intransitivo e apresenta a estrutura de SV conforme (161) e um verbo que selecione um argumento interno projeta uma posição à direita do núcleo verbal, como se representa em (162) para um verbo que selecione um argumento nominal.



Hale & Keyser (1993) vão mais longe e, em análise do fenómeno dos verbos morfologicamente idênticos aos nomes e aos adjetivos, em Inglês, por eles considerados, respetivamente, casos de verbos denominais e de verbos deadjetivais (cf. *to dance* – *dance* [dançar – dança]; *to cry* – *cry* [chorar – choro]; *to redden* – *red* [avermelhar – vermelho]; *to clear* – *clear* [clarear – claro]), sugerem estarmos perante verbos derivados de raízes nominais e adjetivais, por um processo de incorporação ou *conflation*¹¹³. Estas operações operam no léxico, como já foi explanado no Capítulo II, o que permite aos autores afirmar que existe apenas uma raiz (nominal ou adjetival), que, por um processo de incorporação nominal simples (163) ou de *conflation* (164), passa a preencher a posição verbal até então vazia fonologicamente.

¹¹³ Cf. §§2.1.3 e 2.1.5, Capítulo II.



Este entendimento do fenómeno desemboca, naturalmente, em dois paradoxos – *o paradoxo dos objetos cognatos* e *o paradoxo dos objetos hipónimos*.

No caso dos objetos cognatos, a teoria de incorporação/*conflation*¹¹⁴ até pode dar uma resposta satisfatória a frases com os chamados OC escondidos¹¹⁵, como em (165a) e (166a); porém, os SV das frases em que os OC se realizam, como em (165b) e (166b), não podem ser explicados pelos mesmos processos, uma vez que o núcleo verbal coocorre com a nominalização na posição de argumento interno.

Para dar conta de (165b) e de (166b), consideremos duas hipóteses: (i) ou há uma nova inserção de item lexical ou (ii) há um movimento da raiz por cópia, projetando-se, à superfície, dois itens de vocabulário.

- (165) a. A mãe **chorou**.
b. A mãe **chorou** *um choro manso*.

- (166) a. Fabiana **cantou**.
b. Fabiana **cantou** *uma canção do filme Pequena Sereia*.

Aproveitando desenvolvimentos do Programa Minimalista (PM) (Chomsky, 1995), Hale & Keyser (2002) justificam as estruturas em que o verbo e o nome coabitam recorrendo à hipótese de movimento por cópia – a matriz fonológica (*p-signature*) da raiz

¹¹⁴ Cf. Capítulos II e III.

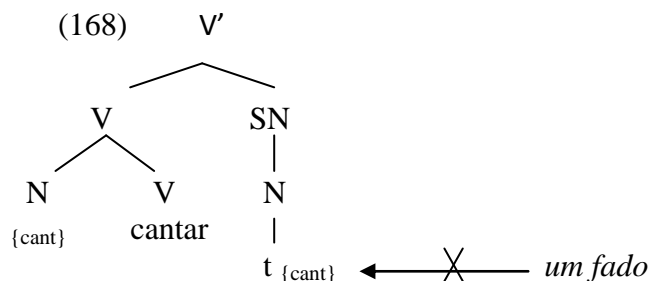
¹¹⁵ Cf. Pustejovsky, 1995.

nominal é copiada, por movimento, da posição do complemento para a posição do núcleo, quando a matriz fonológica do verbo é defetiva, deixando traços que podem ser interpretados, o que justifica a soletração (o *spell-out*) da raiz verbal e da raiz nominal em simultâneo.

No entanto, a existência de construções em que é possível alternar um OC aparentado e um OH, ambos argumentos, como (166b) e (167) ilustram, gera o *paradoxo dos objetos hipónimos*, não podendo então seguir-se o mesmo raciocínio – o nome *fado* não tem a mesma raiz morfológica que o nome *cantar*. Neste sentido, *fado* não pode resultar da projeção ou soletração dos traços ‘guardados’ na posição de complemento enquanto opera o processo de movimento (Chomsky, 1995; Nunes, 1995, 2004).

(167) Fabiana **cantou** *um fado*.

Uma operação de inserção tardia na posição de complemento não poderá aqui ser invocada, porque tal posição está ocupada. Representa-se em (168) essa impossibilidade, correspondente ao exemplo em PE (167).



Vários autores tentaram dar uma resolução a este paradoxo, no âmbito de teorias mais ou menos lexicalistas, como Ramchand (2008), Real-Puigdollers (2008), Leung (2007) e Gallego (2012), quer no âmbito de teorias não-lexicalistas, como Haugen (2008; 2009).

Real-Puigdollers (2008) e Gallego (2012) consideram, no geral, a relação entre os OH e os respetivos verbos semelhante às relações entre a parte e o todo, igualmente presentes em estruturas possessivas, ainda que baseados em diferentes pressupostos.

De acordo com os princípios subjacentes à proposta de Real-Puigdollers (2008), e com base na proposta de Massam (1990) em defesa dos OC como argumentos verdadeiros

dos respetivos verbos, Real-Puigdollers (2008) defende que os OC, em Inglês, têm uma leitura eventiva (169) e (170a e b) e os OH uma leitura referencial (170c e d).

- (169) a. John laughed.
b. John **laughed** *a beautiful laugh*.
- (170) a. John danced.
b. John **danced** *the dance*.
- c. Tosca sang.
d. Tosca **sang** *an aria*.

Com base na proposta de Massam (1990) e nas noções de coindexação sintática e de causalidade concetual, manifestadas na estrutura lexical concetual dos itens (LCS, do Inglês, *Lexical Conceptual Structure*), a autora percebe que a relação de causalidade que se estabelece entre o verbo e o OC não é exatamente igual em (169) e em (170). Tal como já defendemos no §5.1., a coindexação existente entre o cognato, *a beautiful laugh*, e o verbo, *laughed*, na frase (169), traduzida sintaticamente em (171), justifica a impossibilidade deste tipo de construção ocorrer na passiva (172).

- (171) LCS: [x CAUSE [y_i BECOME EXPRESSED]] by [x verb]_i (Massam 1990: 179)
- (172) *A silly was smiled by John. (Massam 1990: 180)

Contrariamente, a causalidade concetual, não coindexada sintaticamente, entre *the dance* e o verbo, em (170 a e b), e representada em (173), permite que o OC seja livre e possa ser deslocado por passiva, à semelhança do que se passa com os objetos não cognatos e os OH, como as passivas sintáticas em (174) ilustram.

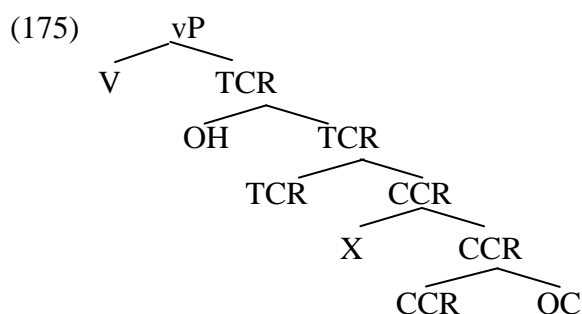
- (173) LCS: [x CAUSE [y BECOME EXPRESSED]] by [x verb]
- (174) a. The dance was danced by John.
b. The Irish jig was danced by Bernadette. (Massam, 1990: 180)

A autora não se debruçou, no entanto, sobre a necessária distinção entre classes de OC, no próprio Inglês, apenas teve como principal preocupação opor o Inglês às Línguas Românicas, e contrastar um grupo de construções denominadas OC (considerada heterogénea) e outro denominadas OH, pelo que não determinou que os OC verdadeiros (169) e os OC aparentados (170) são objetos muito distintos, mesmo numa mesma língua: os primeiros representam uma eventualidade/parte constituinte do mesmo evento e os segundos são entidades que participam no evento, podendo ou não ser criadas por ele, e, como tal, são argumentos verdadeiros.

Massam (1990) propõe, então, que a interpretação eventiva dos OC é a consequência do mecanismo de coindexação (171) ou da sua violação, no caso de estrita causalidade concetual (173), pelo que ambos os argumentos são determinados semanticamente pela LCS. Numa posição distinta, Real-Puigdollers (2008) considera que ambos os argumentos são projetados na Sintaxe sem um processo de mapeamento de LCS, marcando a diferença entre a leitura de evento dos OC e a leitura referencial dos OH com o uso de diferentes posições na estrutura sintática.

Assim, na posição à direita do núcleo verbal, Real-Puigdollers (2008), tal como vimos no §2.5., do capítulo III, propõe o núcleo de *Relação de Coincidência Central* (CCR), com uma posição baixa, à direita de CCR, e com uma posição alta, em especificador de um núcleo complexo, denominado *Relação Terminal de Coincidência* (TCR), respetivamente para a interpretação de evento e para a interpretação referencial. Dado que a autora estabelece uma distinção entre o Inglês e as Línguas Românicas e conclui que não existem OC nestas últimas, assume que todos os objetos cognatos, em Línguas Românicas, têm uma interpretação hipónima, logo são inseridos na posição de especificador de TCR.

Retomamos a estrutura proposta em (175).



(Real-Puigdollers, 2008: 174)

Como ficou largamente demonstrado pelas análises realizadas ao longo deste capítulo, discordamos das conclusões da autora, uma vez que o PE tem vários tipos e subtipos de construções cognatas.

A adotar a proposta de Real-Puigdollers (2008) para o PE, optaríamos pela interpretação e estruturação realizadas para o Inglês, admitindo, contudo, a existência de, pelo menos, dois grandes grupos de construções, como temos vindo a justificar: por um lado, os OC verdadeiros, com leitura de evento, e, por outro, os OC aparentados e os OH, com leitura de entidade. Assim, a estrutura (175) poderia dar conta das diferenças sintático-semânticas das construções de OC no Inglês e também no PE, com o seguinte entendimento: se o OC não for coindexado sintaticamente com o verbo, ainda que ligado ao verbo conceitualmente por uma relação de causalidade, pode mover-se, isto é, sair do seu domínio e ascender à posição de especificador do núcleo complexo (TCR) e tornar-se um objeto independente do evento, como acontece com *the dance* em (170), permitindo, assim, a construção passiva (174a); se o OC for coindexado sintaticamente, permanece na sua posição de origem e não autoriza uma estrutura passiva.

No entanto, esta proposta não nos permite justificar a razão pela qual temos uma raiz comum entre o verbo e o nome e assim resolver os paradoxos antes enunciados, além de que Real-Puigdollers (2008) não considera que as Línguas Românicas disponham de estruturas cognatas semelhantes às largamente notadas para o Inglês.

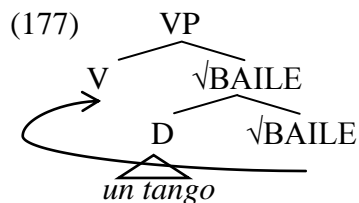
Vejamos, então, outras propostas capazes de dar conta da diversidade de construções existentes no PE.

Gallego (2008; 2012) propõe que a questão levantada a partir de Hale & Keyser (2002), a propósito da posição que contém o nome que sofre incorporação ou *conflation* para a posição verbal, seja resolvida com um redobro da dita posição à direita. Neste sentido, e seguindo o modelo de Uriagereka (2000)¹¹⁶, o autor propõe, para o Espanhol *standard*, a existência de uma unidade complexa à direita da posição verbal, um DP ou simplesmente um sintagma raiz, onde, segundo uma estrutura de redobro, possam ser inseridas duas raízes: a raiz nominal que dará origem ao verbo (portanto, V e N passam a ser cognatos morfológicos) e a raiz hipónima, que permitirá a existência de construções com OH. Apresentamos um esboço desta proposta de redobro da base em (177), para uma frase como a de (176).

¹¹⁶ Cf. §2.2.2., Capítulo III.

(176) María bailó un tango. (Gallego, 2012: 100)

[Maria dançou um tango]



Gallego (2012: 101)

Ainda que esta proposta de Gallego (2008; 20012) seja uma solução interessante, mas pouco económica, para o problema dos hipónimos e dos OC alternantes, ficam por explicar as razões que nos levam a determinar tipos diferentes de OC, no PE, nomeadamente: (i) os OC verdadeiros, com leitura de evento, restringidos sintática e semanticamente e sem possibilidade de substituição por um OH; (ii) e os OC aparentados, com leitura de entidade, sendo verdadeiros argumentos dos verbos e admitindo a alternância com OH.

Referente à questão da possibilidade de substituição do OC por um OH, Ramchand (2008) defende, num modelo generativo-construcionista, que a *conflation* do N e do V se dá em Sintaxe, em núcleos aspetuais, sendo que a informação concetual da raiz é remática, o que permite explicar que, concetualmente, uma raiz nominal como *dance* possa ser unificada a um DP do tipo *a jig*, criando-se uma relação hiponímica. Nos casos em que não existe nenhum DP disponível, com denotação hiponímica, como acontece no caso dos verbos *sleep* [dormir] e *cry* [chorar], por exemplo, Ramchand (2008: 96) defende que para estas raízes não há hipónimos prontos concetualmente¹¹⁷.

Ainda que Ramchand (2008), por influência da Morfologia Distribuída, aceite que um mesmo item lexical pode ter vários traços categoriais associados, a autora rejeita a inserção tardia nos nós terminais, pelo que tentaremos outras análises para as construções cognatas em estudo.

Consideramos, desde já, que uma análise segundo a qual há uma componente lexical geradora de palavras – a Morfologia ou o Léxico ativo – antes da Sintaxe, que inclui todas as palavras já formadas e que projeta estruturas sintáticas, não nos permite analisar profundamente as construções com OC e OH em línguas como o PE e, por

¹¹⁷ Cf. §2.2.1., Capítulo III.

essa razão, tentaremos superar os paradoxos apresentados combinando algumas ideias da Morfologia Distribuída (MD) com a Teoria de Movimento por Cópia do Programa Minimalista (PM).

Segundo a MD, as raízes integradas na sintaxe são raízes não categoriais e a mesma raiz pode *spell out* duas ou mais cópias; nessas condições, uma mesma raiz pode produzir dois itens de vocabulário, mesmo de categorias diferentes. Isso quer dizer que, de acordo com esta perspectiva, existe, no caso dos OC verdadeiros, a formação de palavras a partir de uma mesma raiz, não categorial, e não uma derivação ou conversão (por regressão ou transformação) das raízes ou das palavras já formadas.

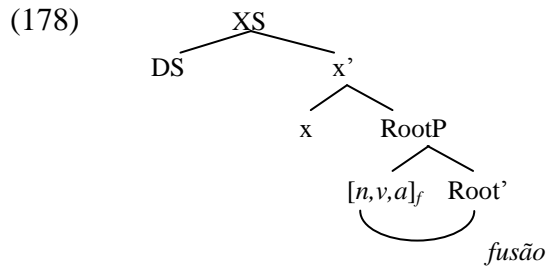
Neste sentido, na Sintaxe constroem-se todos os itens de vocabulário necessários, por fusão da raiz com diferentes morfemas funcionais (os morfemas funcionais de categoria e os morfemas que projetam os argumentos, obrigatórios ou facultativos) (cf. Marantz (1993), Pylkkänen (2002, 2008), Alexiadou (2001, 2006), Siddiqi (2009), entre outros). Adotando a arquitetura de gramática proposta pela MD¹¹⁸, a Morfologia encontra-se distribuída pela estrutura Sintática, seja ao nível da formação de palavras, seja de sintagmas ou de frases, a qual rejeita uma componente geradora que possa preceder a sintaxe.

Supondo, então, que a Sintaxe é a única componente geradora do sistema, as raízes abstratas (*l*-morfemas) e não categoriais, armazenadas na Lista A¹¹⁹, são inseridas no núcleo terminal, associando-se por fusão (*merge*) a um morfema funcional (os *f*-morfemas, que podem ser *n*, *v*, *a*), também denominados categorizadores, como ilustrado em (178)¹²⁰.

¹¹⁸ Cf. §2.2.1, Capítulo II.

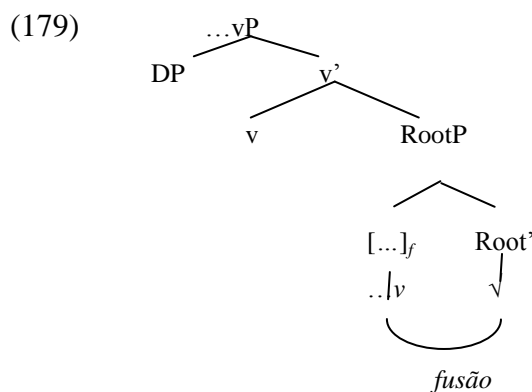
¹¹⁹ Cf. §2.2.1., Capítulo II. A arquitetura de gramática da Morfologia Distribuída conta com três listas: Lista A, onde se encontram os morfemas lexicais e traços morfossintáticos abstratos, entre os quais os morfemas categorizadores ou *f*-morfemas; Lista B, onde se conectam os morfemas categorizadores e as raízes, assim como o resultado da fusão dos anteriores a outros morfemas morfossintáticos e outras raízes, formando-se os itens de vocabulário (por *spell-out*) e se constroem as estruturas sintáticas e se completam as estruturas de evento; Lista C, responsável pelo licenciamento semântico dos itens de vocabulário e o sucesso de toda a estrutura; atua em dois níveis, enciclopédico e o semântico, na interface com o domínio Concetual. Ver também, entre outros, Halle & Marantz (1993), Harley & Noyer (1999), Marantz (1998, 2001).

¹²⁰ Adotaremos as siglas em Inglês nas estruturas apresentadas nesta secção.

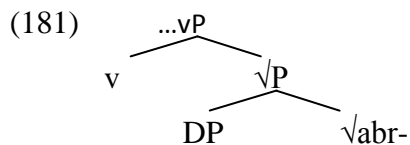
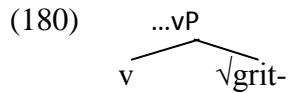


A operação fusão é a primeira que ocorre (cf. Embick & Noyer, 2001) realizando-se na Lista B, e permite que a raiz seja inserida numa categoria gramatical, encontrando-se assim pronta para a realização fonológica (na interface com a Lista C e o domínio Concetual), formando-se o item de vocabulário. Em MD, após uma operação morfológica (*merge* [fundir] ou *move* [mover]) pode dar-se um *spell-out* [soletração], ou seja, uma realização fonológica do material fonomorfológico recentemente fundido ou movido, criando-se unidades / sintagmas novos ou reajustando-se os já existentes, através de Inserção Tardia, regras de reajustamento ou regras fonológicas.

No caso específico das nossas construções, as raízes são associadas a *f*-morfemas de tipo *v*. Devemos, desde já, esclarecer que este categorizador *v*, em MD, é distinto do denominado *v* pequeno (ou “vezinho”), núcleo de uma (ou várias) categoria intermédia [*v'*, *vP*], adotado em diversos modelos lexicalistas e não-lexicalistas como um núcleo verbal (portanto, lugar de poiso do verbo), que contém traços diversos: traços eventivos e aspetuais, traços de transitividade, entre outros (cf. Chomsky, 1995; Alexiadou, 2001; Pylkkänen, 2002). Neste sentido, consideraremos que o morfema funcional *v* categoriza a raiz (primeiro elemento com o qual a raiz se funde), posicionando-se internamente a sintagma Root, [RootP], e é distinto do núcleo *v*, [*v*, *v'*], que ocorre acima de RootP, com funções bem distintas, como veremos mais adiante. Em (179) apresentamos um esboço da estrutura proposta para o *vP*, incluindo também a categoria intermédia *v'*.



Nesta ótica, a visão representada em (179), de acordo com Embick & Noyer (2001) e outros autores no âmbito da MD, distingue-se, de alguma forma, da interpretação realizada por Scher, Medeiros & Minussi (s/data), que, ao descreverem a estrutura argumental de alguns verbos no modelo da MD, consideram a raiz acategorial e o núcleo *v* o verbalizador, sendo que a raiz ou é nó irmão do núcleo *v* (180), na estrutura de verbos inergativos, ou é nó irmão de um DP (181), nos verbos de alternância causativo-incoativo. No primeiro grupo de verbos, os autores trabalham o verbo *gritar* e, no segundo, o verbo *abrir*.¹²¹



As propostas em (180) e (181) aproximam-se mais de Alexiadou (2001) do que de Embick & Noyer (2001). As estruturas apresentadas pelos autores pressupõem a existência de raízes especificadas no léxico, quanto à categoria e à sua estrutura argumental (cf. também Alexiadou, 2001).

No seguimento das propostas da MD, nomeadamente dos pressupostos aqui retomados, bem como do PM, especificamente as bases da Teoria do Movimento por Cópia, e que constituem também os fundamentos das análises de Haugen (2009), associados à noção de incorporação de núcleos aplicativos de Marantz (1993) e das categorias funcionais de Kratzer (1996) e Alexiadou (2001, 2006), analisaremos, a seguir, a estrutura sintática dos OC verdadeiros e dos OC aparentados, na sua possível alternância com os OH.

¹²¹ O sinal √ é utilizado pelos autores para Root [raiz].

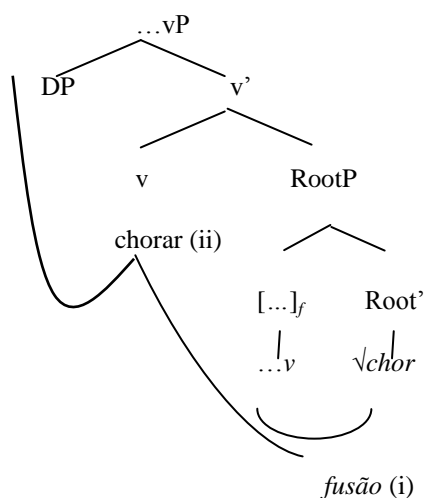
7.1. Proposta de análise sintática dos objetos cognatos verdadeiros

Partindo dos pressupostos teóricos apresentados nos capítulos II e III anteriores e brevemente sintetizados no ponto anterior, e das propriedades sintáticas e semânticas discutidas ao longo deste capítulo, consideremos primeiramente o caso das construções com OC verdadeiros morfológicos, com o exemplo (38), aqui repetido em (182).

(182) A mãe **chorou** *um choro manso*. (OC verdadeiro)

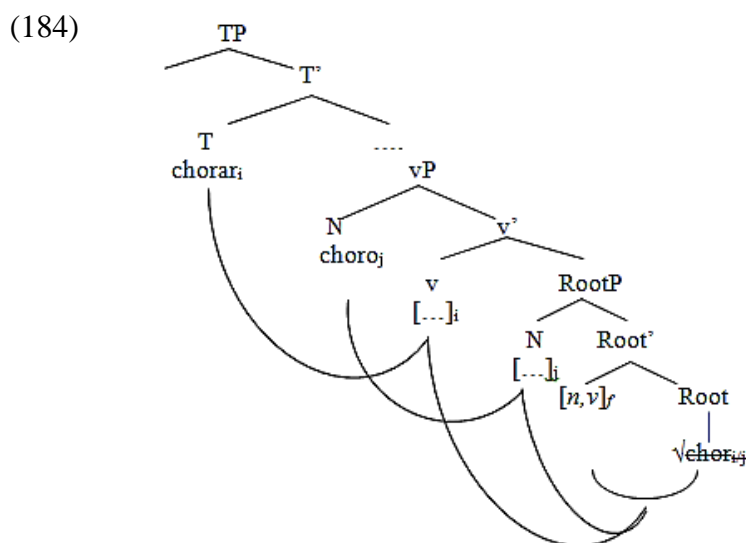
Na sequência das ideias já discutidas da MD (Marantz, 1993; Embick & Noyer, 2001 e também Alexiadou, 2001), que propõe que a sintaxe verbal tenha, pelo menos, dois níveis estruturais (RootP e vP), propomos em (183) a estrutura parcial para um verbo do tipo *chorar*.

(183)



O item de vocabulário resultante da fusão da raiz *chor-* com o *f-* morfema verbal (etapa (i)) é, pelo processo de movimento por cópia, copiado para *v* (etapa (ii)), uma categoria funcional verbal responsável pela transitividade da construção; depois da subida da cópia verbal, esta deixa traços fonológicos na posição da raiz (a cópia baixa), que

podem ou não tornar-se visíveis no módulo Enciclopédia¹²². Esta última opção permite a construção com e sem OC expresso. Em (183) o núcleo, num só *spell out*, produz duas cópias: uma cópia alta (núcleo de [v, v ']), que sobe em seguida a fim de verificar os traços de Voz, Aspeto e Tempo, específicos das formas verbais flexionadas/finitas, e uma cópia baixa (projetada na posição de especificador de RootP), que se move para uma posição de especificador de vP para verificar os traços de acusativo, como ilustrado em (184).



Desta forma, a construção com OC *chorar - choro* é abstratamente possível.

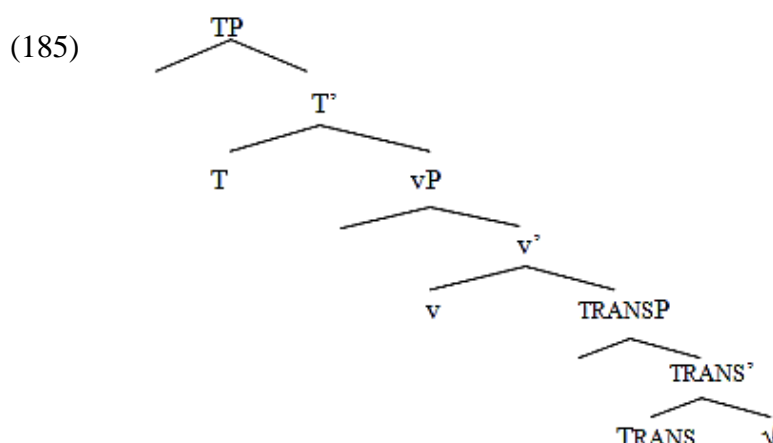
No entanto, dois problemas se colocam: primeiro, é necessário que o núcleo nominal *choro* seja inserido num DP, integrando um determinante indefinido e um modificador em posição pós-nominal, duas condições para a gramaticalidade da construção em PE; segundo, a posição para a qual a cópia nominal se move é uma posição de especificador de vP, que está, para certos autores, reservada à inserção do argumento “externo”, antes de subir para a posição de especificador de TP, onde verificará os traços de caso nominativo.

A primeira das questões relaciona-se diretamente com as propriedades sintático-semânticas fortemente restritivas dos OC verdadeiros, sendo um constituinte da categoria DP, na aceção de Longobardi (1994). É precisamente a exigência de referencialidade, de

¹²² O módulo Enciclopédia é uma das três componentes que integram a arquitetura de gramática em MD, contendo entradas que relacionam itens de vocabulário a significados, podendo albergar informações extralinguísticas, relacionadas com a interpretação semântica dos elementos já gramaticalmente formados.

natureza eventiva/argumental¹²³, que distingue esta classe de OC dos OC considerados predicativos (ou não referenciais).

Segundo Siddiqi (2009), um meio de resolver a segunda questão seria admitir que, entre as categorias RootP e v' , deve existir uma outra categoria funcional responsável por tornar visível o DP complemento, que integra o nome cognato e lhe atribui caso acusativo. Para Siddiqi (2009: 75), esta categoria será a origem do argumento tema, sendo projetado então na posição de especificador de TRANSP, como ilustrado em (185).



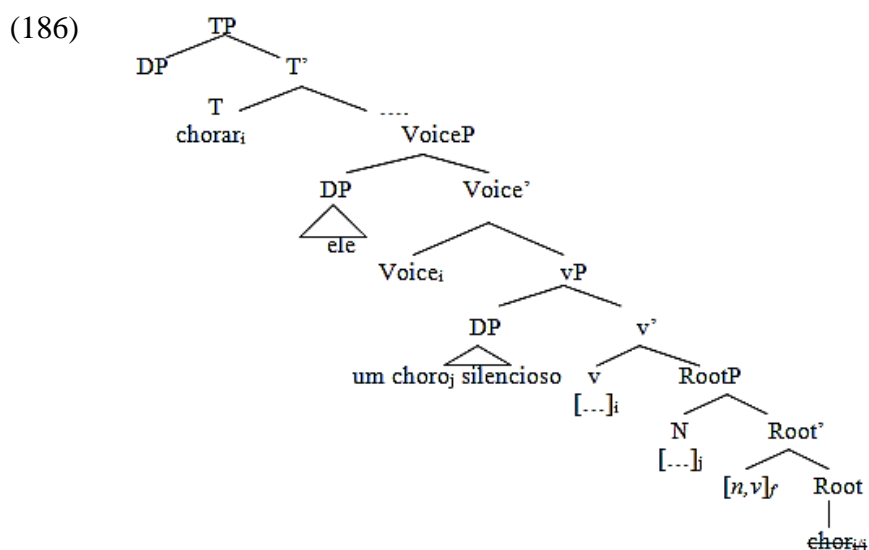
O núcleo funcional TRANS fusiona com a raiz e permite a inserção dos argumentos e a atribuição dos papéis temáticos. Nesta perspetiva, haverá tantas categorias funcionais como argumentos necessários para a estrutura sintática; os papéis temáticos são tidos como informações atribuídas pelos núcleos funcionais, na Sintaxe, e não como propriedades das palavras, inscritas e determinadas na componente léxico. Admitir a estrutura de Siddiqi (2009) não supõe defender que os OC são verdadeiros argumentos, uma vez que os mesmos núcleos funcionais podem projetar diferentes tipos de argumentos, sejam os que são exigidos e requeridos semanticamente pelos traços idiossincráticos da raiz, sejam os que são requeridos depois da fusão dos traços particulares da raiz com os traços dos núcleos funcionais. Neste ponto de vista, a transitividade é considerada como funcional e sintática, sendo responsável pelos argumentos sintáticos e semânticos presentes na estrutura, na FF.

Alexiadou (2006), seguindo Kratzer (1996), resolve o problema de uma forma mais interessante que Siddiqi (2009), admitindo uma categoria funcional verbal acima de

¹²³ Stowell (1991), contrariamente ao afirmado por Longobardi (1994) relativamente à univocidade entre expressão referencial e expressão argumental, prevê a existência de DP que são referenciais e DP que são predicativos (portanto, não argumentais). Este assunto será desenvolvido em futuros trabalhos.

vP, a categoria VoiceP, que permite a inserção do argumento “externo”, o sujeito sintático na posição de especificador e liberta a posição de especificador de vP, que, a partir desta sugestão, servirá para acolher a cópia baixa e os mecanismos de atribuição de caso acusativo.

Em consequência desta proposta, para a construção (182), propomos a estrutura (186), como forma de resolver alguns dos problemas levantados pela estrutura precedente.



Esta abordagem aproxima-se da ideia dos núcleos aplicativos de Marantz (1993), desenvolvida para analisar construções de Objeto Duplo, em Inglês, e as construções aplicativos em geral, nas línguas Bantu. Assim, as categorias VoiceP e vP (ou TRANSP no modelo de Siddiqi, 2009) são núcleos funcionais verbais e, deste ponto de vista, são núcleos aplicativos que permitem a construção da grelha argumental e da grelha temática dos predicados¹²⁴.

Numa base lexicalista, Leung (2007), em consequência da sua proposta de que os OC típicos¹²⁵ são eventivos, defende que os OC são argumentos verdadeiros dos verbos

¹²⁴ Existe, de alguma forma, uma distinção entre a noção de núcleos aplicativos original de Marantz (1993), proposta para dar conta de fenómenos de acrescento de argumentos a uma estrutura argumental, e a noção de núcleos aplicativos por nós utilizada, uma vez que pretendemos que estes núcleos sejam os geradores da estrutura argumental de um predicado.

¹²⁵ Na perspetiva de Leung (2007), seguindo Mittwoch (1998), são OC típicos, no PB, aqueles objetos que são morfologicamente idênticos aos verbos e denotam evento, como *rir uma risada* e *abraçar um abraço*. (Leung, 2007: 71). A autora considera, no entanto, que alguns problemas da análise e classificação dos OC segundo a distinção entre os OC que denotam evento e os OC que não denotam evento são difíceis de resolver: os objetos com *grito* e *risada* em (i) e (ii), respetivamente, são nominalizações eventivas - não denotam evento mas o produto criado pelo evento, que por sua vez denota uma componente do evento, pelo que se afastam de uma das propriedades típicas, o SN indefinido.

que os acolhem, sendo gerados numa posição à direita do V, na estrutura projetada pelo item verbal, portanto, na estrutura lexical relacional (LRS, do Inglês *lexical relational structure*), segundo a proposta de estrutura argumental de Hale & Keyser (1993). No entanto, Leung (2007) apresenta evidências que a levam a defender que estes argumentos são não temáticos, pelo que, ainda que gerados na posição de complemento direto na LRS, na Sintaxe são projetados fora de VP, diretamente em [Spec, AgrOP], onde recebem Caso Acusativo (Leung, 2007: 88), paralelamente ao defendido por Runner (2000) para os objetos expletivos¹²⁶, mas não recebem papel temático.

Apresentamos em (188) a estrutura proposta pela autora para uma frase como a de (187), que contém um OC de tipo eventivo em PB, considerado, na nossa proposta, um OC verdadeiro morfológico (ou subtipo a.). Em (189), representa-se a estrutura do VP na LRS.

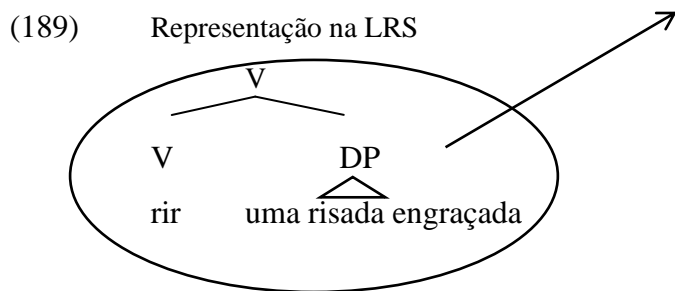
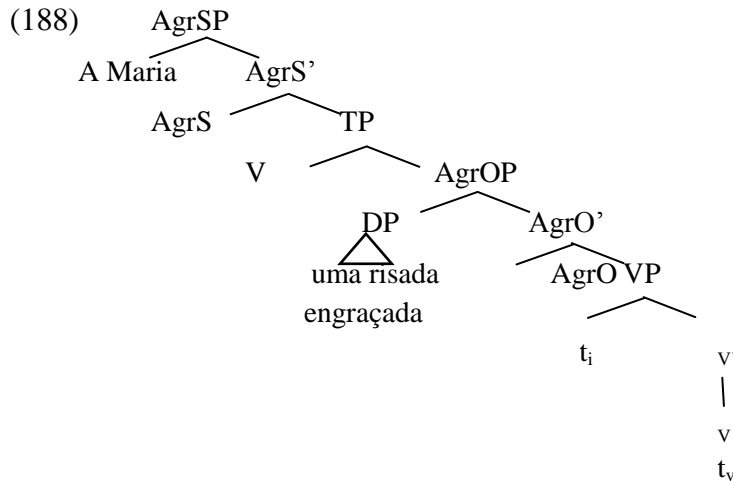
(187) A Maria riu uma risada engraçada. (Leung, 2007: 88)

(i) Você também **gritou esse grito** colorido que voou continentes e mares (...)? (Leung, 2007:71)

(ii) Ao explicar, ele **riu aquela risada** gostosa (...) (Leung, 2007: 71)

No nosso entender, estes OC têm leitura fundamentalmente predicativa e formam um grupo distinto dos OC verdadeiros. (cf. §§5.1. e 5.4.).

¹²⁶ Runner (2000) considera que os objetos diretos expletivos, em Inglês, do tipo *Everyone would prefer it (for you) to come early*. [Toda as pessoas prefeririam isso (para ti) que tu chegasses mais cedo]/ *I dislike it that he is so cruel*. [Eu não gosto disso que ele seja tão cruel] (Runner, 2000: 257, citado por Leung, 2007), devem ser tratados paralelamente aos sujeitos expletivos – gerados internamente a VP e movidos para uma posição externa para receber caso. Por outro lado, o autor defende a existência da categoria concordância (AgrOP) acima de VP, posição que recebe o complemento movido, se for temático, ou posição na qual é gerado, se for expletivo.



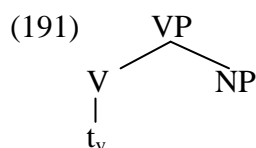
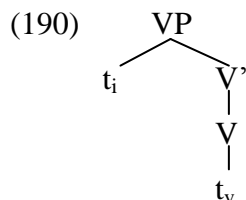
Baseada nas estruturas de LRS de Hale & Keyser (1993; 1997)¹²⁷ e na proposta de Runner (2000) sobre a subida do complemento direto (temático ou expletivo) para uma posição exterior a VP, Leung (2007) propõe que os OC sejam argumentos internos a VP, gerados na posição à direita do núcleo apenas na LRS (cf. (190)) e na Sintaxe sejam projetados fora de VP (cf. (189)), tal como os complementos expletivos, o que sustenta a teoria da autora de que os OC são argumentos não temáticos – recebem caso mas não recebem papel temático.

A proposta de aproximar, na Sintaxe, os OC de complementos expletivos, mantendo-os como previstos na estrutura argumental lexical, parece-nos uma tentativa de reutilizar as clássicas noções de transitividade/intransitividade – os OC seriam a manifestação de uma transitividade lexical, apesar de os verbos poderem também manifestar-se intransitivamente na Sintaxe.

No entanto, não nos parece que esta proposta dê resposta ao tipo de objetos em análise – objetos deverbais, com interpretação eventiva e em coindexação com o verbo. No fundo, o que a autora propõe para a sintaxe interna a VP são as estruturas clássicas de

¹²⁷ Para uma síntese de Hale & Keyser (1993), (1997) e (2002) ver §§2.1.3 e 2.1.5, Capítulo II; e §2.1, Capítulo III.

intransitividade para um verbo inergativo (190) e de transitividade para um verbo transitivo (191).



No final da apresentação da proposta, a autora acaba por apresentar uma estrutura muito semelhante à proposta em (186), em que o OC está em Spec de vP. No entanto, distingue-se da nossa proposta por continuar a considerar que o DP sujeito é gerado numa posição interna [Spec, v'] e se move, posteriormente, para TP a fim de verificar os traços de nominativo. Nesta interpretação, há necessidade de reduplicar a categoria intermédia v', a fim de poder abrir um lugar de poiso para o verbo (núcleo) e uma posição de base (especificador de v') para o SN sujeito. A nosso ver, neste modelo, há reduplicação de uma posição de v' desnecessariamente, uma vez que o DP sujeito pode ser gerado numa posição externa a VP, dando conta precisamente do seu carácter externo, tal como foi proposto em (118), adotando a proposta de Kratzer (1996) e Alexiadou (2006), o que permite que aquela posição esteja livre para gerar (ou acolher) o complemento interno.

Assim, as categorias funcionais encontram-se nas estruturas (como que 'escondidas'), mas apenas são ativadas quando os traços da raiz são compatíveis com os traços dos núcleos funcionais, o que permite explicar a impossibilidade de alguns verbos de uma língua admitirem um OC¹²⁸, como *chegar* e *nascer* em PE, como se pode ver em (192). A este assunto voltaremos mais adiante.

- (192) a. *Ele chegou uma chegada inesperada.
 b. *O bebé nasceu um nascimento difícil.

¹²⁸ Hale & Keyser (2002) apresentam estas agramaticalidades como casos impossíveis no próprio léxico.

Retomando o exemplo com o verbo *chorar*, se a construção não apresenta o OC, como em (193), um só exemplar da cópia é soletrado, a cópia alta, que contém a forma fonológica de *chorar*.

(193) A mãe **chorou**. (OC escondido)

No entanto, os traços da cópia baixa não são apagados, de acordo com a MD, o que justifica, segundo Haugen (2009), que eles possam ser recuperados discursivamente.

Esta hipótese pode explicar a produção de construções do tipo (194), em que o OC pode aparecer em expressões nominais, em aposição num domínio distinto do que contém o verbo. Se uma cópia baixa não é apagada e não é soletrada, pode ser retomada por uma expressão nominal, como um *spell out* tardio de um resíduo deixado pela cópia alta, não enunciada no primeiro momento do *spell out*¹²⁹, mesmo num domínio distinto, em aposição nominal.

(194) Ele chorou, um choro manso.

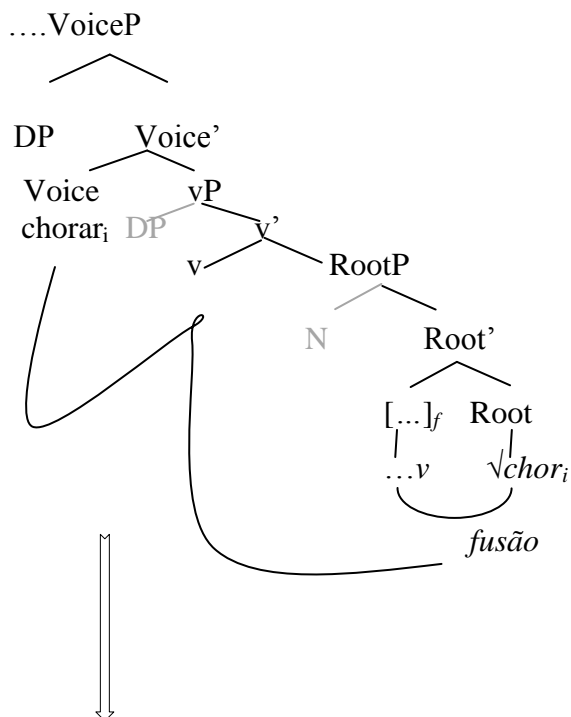
Considerando a hipótese de *spell out* parcial, de acordo com a MD, podemos explicar a aposição de um OC verdadeiro, como em (194), uma vez que as cópias deixam de estar coindexadas sintaticamente e fazem agora parte de cadeia distintas, podendo assim o OC ser soletrado em estruturas de retoma.

Voltando à construção (193), as categorias vP e RootP deixam de ser categorias expandidas e, assim, os respetivos especificadores não estão presentes (tal como a cor cinzenta na estrutura (195a) pretendem indicar), o que justifica a aparente intransitividade¹³⁰, como descrita em (195b). O núcleo v permanece na estrutura, independentemente de se encontrar (ou não) numa projeção alargada, uma vez que é um lugar de poiso obrigatório da raiz então fusionada com o morfema verbalizador. O núcleo, agora [v, vP], é o responsável pela atribuição dos traços de eventividade à raiz verbal (cf. Alexiadou, 2006).

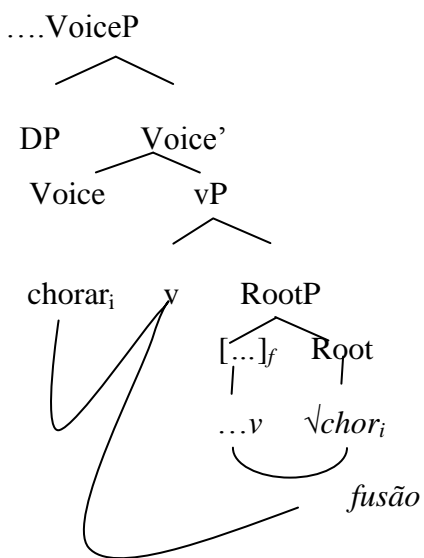
¹²⁹ Em MD, sempre que o material linguístico se encontra pronto para a inserção dá-se o *spell out*, mesmo que seja de partes da estrutura, o que justifica que um *spell out* total pode apresentar soletrações parciais.

¹³⁰ Na mesma linha, as estruturas de alternância têm sido explicadas pela presença ou ausência de categorias funcionais. Alexiadou (2006) vê a alternância causativa/anticausativa como o resultado da presença/ausência da categoria funcional VoiceP. Também no quadro da MD, Borer (2005) justifica as alternâncias das estruturas verbais pelo acrescento ou redução das categorias funcionais.

(195) a.



b.



Até ao momento da proposta de análise sintática dos OC verdadeiros não explicamos, pelo menos totalmente, a razão pela qual não há homonímia perfeita entre todos os pares V-N (*chover – chuva*), assim como a existência de raízes verbais e nominais morfologicamente diferentes (*dormir – sono*) – o porquê, por exemplo, de uma

língua como o PE não disponibilizar, em todos os contextos de OC, duas cópias da mesma raiz. A agramaticalidade de (196) ilustra essa impossibilidade.

(196) *dormir uma *dormida*

Uma explicação possível para esta agramaticalidade é o uso alargado que se faz das estruturas com verbos leves, como paráfrases dos verbos com OC verdadeiros, e aos quais voltaremos em breve. No entanto, nem a paráfrase por verbo leve, *fazer uma dormida*, torna a construção possível em PE. De facto, a nominalização deverbal *dormida*, em PE, apenas é autorizada como sinónimo de período de tempo em que se pernoite, por exemplo, numa pensão.

Analisemos a seguir os OC verdadeiros semânticos, tomando como base da nossa análise a frase apresentada em (39), repetida aqui em (197a), com um OC verdadeiro de tipo b, e a variante em (197b), sem objeto interno realizado.

(197) a. **Dormi** *um sono profundo (...)* (corpus: v32; c469)
b. **Dormi.**

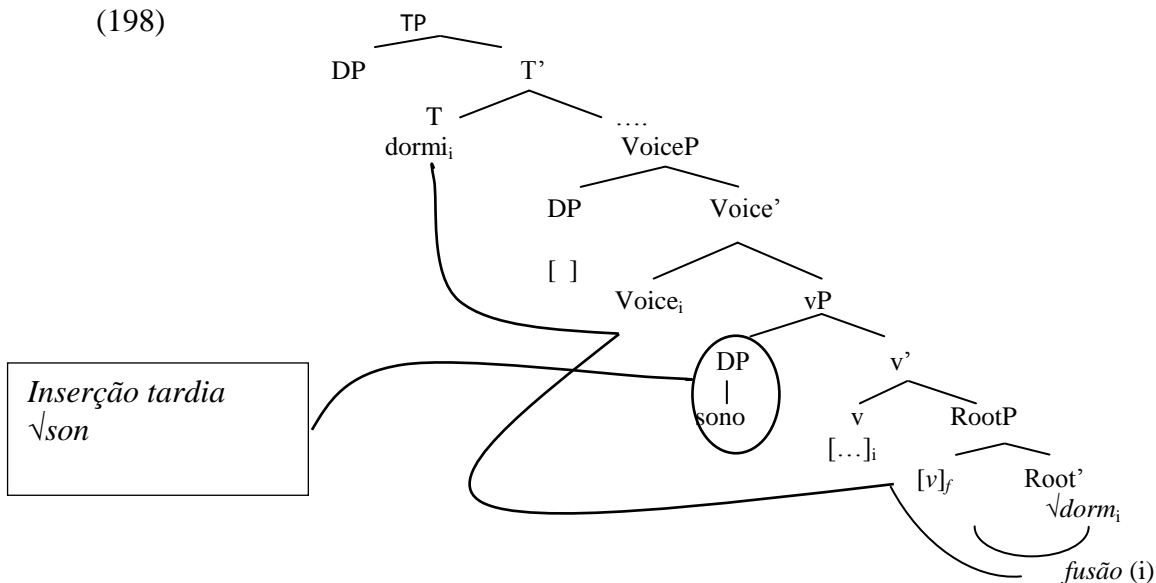
Como já foi largamente discutido, em (197a) estamos perante um OC verdadeiro semântico, não sendo produtiva, no PE, a estrutura com o par *dormir – dormida* (196). *Dormir* e *sono* não são cognatos morfológicos, pelo que não podem resultar da mesma raiz, que, por movimento por cópia, cria duas cópias, como acontece na formação dos cognatos morfológicos de tipo a, antes analisados. Desta forma, a representação em (195b), antes apresentada para o predicado *chorar*, é também adequada para *dormir*, na frase (197b); porém, a estrutura apresentada para *chorar um choro...*, em (186), é desadequada para o predicado *dormir um sono...*, em (197a). Esta impossibilidade de representar os OC com os verbos *chorar* e *dormir* com uma mesma estrutura deve-se ao facto de o OC *um sono...* não derivar da mesma raiz que dá origem ao verbo *dormir*. Desta forma, após a fusão da raiz acategorial *dorm-* com o morfema verbalizador, não se produzem duas cópias, uma que se projetaria em v e outra em spec de RootP, tal como acontece nos cognatos verdadeiros morfológicos. Vejamos, então, como explicar a formação do par *dormir – sono*, na frase (197).

Após a fusão da raiz *dorm-* com o morfema verbalizador e durante o *Spell out* há uma inserção tardia de uma raiz, autorizada pela forte identidade de traços semânticos entre o verbo e o nome *sono*, sendo que ambas as raízes são projetadas em simultâneo. No entanto, podemos questionar-nos sobre o porquê de haver uma segunda inserção de material lexical na mesma posição [RootP], quando já existe uma raiz, e sobre o que licencia esta segunda inserção.

Pensamos que a inserção tardia pode ser feita diretamente em Spec de vP, durante o *spell out* e não na posição terminal da raiz, uma vez que o modelo de MD prevê que a derivação é construída *all the way down*, sendo que os elementos da Sintaxe e da Morfologia são entendidos como “discrete constituents” (Harley & Noyer, 1999:3).

Representamos em (198) a inserção da raiz de *sono* diretamente em spec de vP, assim como os movimentos da raiz verbal *dormir*.

(198)



Nestes casos, a *inserção tardia* é motivada semântica e discursivamente (conforme Haugen, 2009), sendo que os traços semânticos das duas raízes licenciam tal inserção. O módulo Enciclopédia (Lista C) faz a seleção da raiz, de acordo com o conhecimento enciclopédico, e o módulo Concetual, de acordo com os traços semânticos e o significado gerado, autoriza a derivação.

Assim, *dormir* e *sono* não resultam de um movimento por cópia da mesma raiz, mas sim da inserção tardia da raiz *son-*, durante o mesmo *spell out* em que é soletrado o verbo *dormir*.

Voltemos, então agora, às paráfrases dos OC por verbos leves.

Em diversas línguas, nomeadamente no PE, as construções cognatas podem ser parafraçadas por construções com verbos leves ou suporte¹³¹.

Como temos vindo a ver ao longo do capítulo, os objetos cognatos são de vários tipos, sendo que os OC verdadeiros (*chorar* – *choro*; *espirrar* – *espirro*) são mais restritivos sintática e semanticamente do que os OC aparentados, verdadeiros argumentos dos respetivos verbos. Enquanto os OC verdadeiros podem, no geral, ser parafraçados por verbos leves (*dar um espirro*), os OC aparentados tendem a não aceitar facilmente essa paráfrase ou criam ambiguidade na interpretação e no estatuto do verbo (cf. *#fazer uma dança*, em que o # indica que o verbo *fazer* está aqui a ser usado como um verbo pleno, portanto, como sinónimo de *criação*).

A substituição não se revela uniforme com todos os verbos e todos os tipos de OC em estudo – nomeadamente os OC verdadeiros, os OC aparentados e os OH. Neste sentido, há graus diferentes de aceitabilidade das construções com V leve, (199), (200) e (102), e há mesmo possibilidade de várias interpretações para certas construções, como em (201).

- (199) O bebé *deu um espirro*.
- (200) O bebé **deu/?#fez/?#teve um choro sufocante*.
- (201) #Os guerreiros *fizeram uma dança esquisita*.
- (202) O assaltante *teve uma morte atroz*.

Se numa construção com o par cognato *espirrar-espirro*, a substituição do verbo *espirrar* pelo V leve *dar* é perfeitamente aceitável, como no exemplo (199), com o par

¹³¹ Uma das várias línguas ergativas em que há construções com verbos leves, que apresentam a configuração básica, portanto sem incorporação, no entendimento de Hale & Keyser (2002), é o Basco. Gallego (2012) apresenta evidências do Basco para as construções com verbos leves (i).

- (i) a. *negar egin* (=chorar)
- b. *eztul egin* (= tossir)
- c. *barre egin* (= tirar)
- d. *lo egin* (= dormir)
- e. *zurrunga egin* (= roncar)

chorar-choro, a paráfrase é mais restritiva e há mais dificuldade em selecionar qualquer um dos verbos leves (200): com *dar* e *fazer* a frase é agramatical e com *ter* parece mais aceitável. Propriedades aspetuais intrínsecas aos diferentes verbos leves poderão explicar (pelo menos parcialmente) os diferentes graus de aceitabilidade, questão que não iremos explorar nesta dissertação (cf. Gonçalves *et al.*, 2010).

No exemplo (201), com um verdadeiro argumento (um OC do tipo aparentado), a paráfrase congrega, pelo menos, duas leituras diferentes: os guerreiros criaram uma dança esquisita, enquanto autores/criadores, ou os guerreiros executaram uma dança que era esquisita, ou seja, podemos ter uma leitura de entidade ou uma leitura de evento, respetivamente. Em (202), com *morte* a paráfrase é boa.

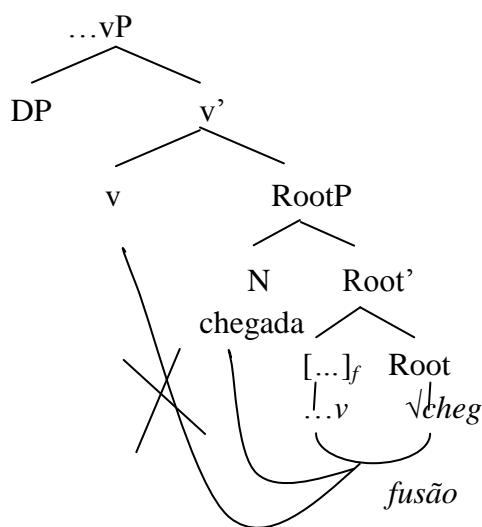
Já vimos que alguns verbos, em várias línguas, não aceitam OC, nomeadamente os verbos *chegar*, *nascer* e *florir*, como se mostra pela agramaticalidade dos exemplos para o Inglês e o PE, em (203) e (204), respetivamente, embora se aceitem as paráfrases com verbos leves e nominalizações deverbais, como se ilustra em (205) e (206).

- (203) a) *He arrived an early arrival.
b) *The baby was born a difficult birth.
c) *The tree flowered a yellow flower.
- (204) a) *Ele chegou uma chegada antecipada.
b) *O bebé nasceu de um nascimento difícil.
c) *A árvore floriu uma flor amarela.
- (205) a) He had an early arrival.
b) The baby had a difficult birth.
c) The tree gave a yellow flower.
- (206) a) Ele teve uma chegada antecipada.
b) O bebé teve um nascimento difícil.
c) A árvore deu uma flor amarela.

Parece não haver dúvidas de que as construções com verbos leves são muito mais produtivas do que com os verbos plenos seguidos dos seus cognatos.

Nestes exemplos, a derivação da estrutura com verbo e nome cognato morfológico, como em (203) e (204), parece ser bloqueada pela incompatibilidade entre os traços intrínsecos da raiz verbal e os traços específicos do núcleo funcional, [v, v'], que seria projetada após a primeira fusão (raiz e verbalizador). Essa incompatibilidade representa-se em (207) com uma cruz, a significar o impedimento da subida da cópia alta, a cópia verbal, por exemplo para a construção com o verbo *chegar*. Assim, apenas a cópia baixa sobrevive.

(207)



A solução para estes casos é permitir o *spell out* da nominalização deverbal (cópia baixa da raiz verbal) a partir de uma construção com verbo leve, como em (205) e (206).

Apenas um verbo leve, desprovido de parte do seu sentido descritivo básico, pode ser inserido numa estrutura deste tipo já formada, dado que a raiz a inserir não é a raiz geradora da estrutura mas o núcleo verbal licenciador. Nestes casos, o componente nuclear é a cópia nominal da raiz verbal inserida por movimento por cópia, que, segundo os pressupostos da MD, sobrevive sem a cópia verbal¹³². Este entendimento das estruturas (205) e (206) vai ao encontro do que Gonçalves & Raposo (2013) consideram, sendo que

¹³² O movimento por cópia adotado pela MD é ligeiramente diferente do desenvolvido pelo PM, nomeadamente no que se refere à sobrevivência e apagamento das cópias da cadeia de movimentos. Em MD, as cópias não estão sujeitas a apagamento, podem, contudo, não ser soletradas durante a derivação e, assim, ficam invisíveis fonologicamente. Vejam-se os trabalhos de Nunes (2004) para as condições de redução de cadeias, no âmbito do PM.

o elemento “que contribui centralmente para a predicação nas construções com verbos leves é o complemento nominal e não o verbo” (Gonçalves & Raposo, 2013: 1215). Assim, o verbo leve surge como uma necessidade sintático-semântica de licenciamento de uma estrutura já formada, caso contrário a estrutura não derivaria produtivamente. No entanto, mais evidências devem ser tidas em consideração no estudo dos verbos leves e nomes deverbais no contexto de paráfrases com OC.

Neste momento, justifica-se colocar as seguintes questões: será que as estruturas com um verbo leve e nome deverbal que sejam a paráfrase de um verbo pleno seguido de OC têm iguais condições de ocorrência e semelhantes restrições sintático-semânticas?

Para a discussão sobre as condições de ocorrência e restrições sintático-semânticas das paráfrases por verbo leve e nome deverbal, voltemos aos exemplos com *espirrar*, *sonhar* e *cantar*, aqui repetidos em (208), em contraste com as paráfrases por verbo leve apresentadas em (209).

- (208) a. **Espirrei** *um espirro enérgico*. (OC verdadeiros)
b. **Sonhei** *um sonho que não devia ter sonhado*. (OC verdadeiros)
c. Fabiana **cantou** *uma canção do filme Pequena Sereia*. (OC aparentado, argumento verbal)
- (209) a. **Dei** *um espirro enérgico*.
b. **Tive** *um sonho que não devia ter tido*.
c. #Fabiana **fez** *uma canção do filme Pequena Sereia*.

Tal como foi referido anteriormente para o verbo *dançar* relativamente ao exemplo (201), também em (209c), para o verbo *cantar*, a interpretação de *fazer* é de verbo pleno e não de verbo leve, apontando para um significado de *fazer* como *criar uma entidade que não existia* (objeto efetuado) e, por isso, (209c) não é equiparável a (208c). Nos restantes exemplos, com os verbos *espirrar* e *sonhar*, temos a paráfrase por um verbo leve (*dar* e *ter*), sendo que as interpretações dos exemplos (208) se mantêm em (209).

Foquemos, portanto, a nossa análise nos exemplos com *espirrar* e *sonhar*. Sintaticamente, as construções em (208) e (209) são distintas: nas primeiras, é possível a omissão do SN, uma vez que estamos diante de verbos com objetos cognatos (embora de

tipos diferentes), enquanto nas segundas tal omissão gera agramaticalidade. Gonçalves *et al.* (2010) explicam a impossibilidade de um verbo leve ocorrer sem complemento afirmando que os verbos leves formam com a nominalização de verbal predicados complexos e “podem preservar a estrutura argumental do verbo pleno correspondente” (Gonçalves *et al.*, 2010: 452).

Vejamos os exemplos de Gonçalves *et al.* (2010) com o verbo *dar*, ora como verbo pleno (210a) ora como verbo leve (210b).

- (210) a) O Pedro deu uma gravata ao pai.
b) O Pedro deu um abraço ao pai.

No exemplo (210a) há transferência de posse, típica do verbo pleno *dar*, sendo que uma entidade (*uma gravata*) passa do possuidor *x* (*o Pedro*) para o possuidor *y* (*o pai*), como resultado de uma situação eventiva intencional; no exemplo (210b), com o verbo leve *dar*, uma pequena parte do significado é mantida, no seu valor de intencionalidade. No entanto, na nossa perspectiva, as construções são distintas e colocam-se dois problemas: *um abraço* não é uma entidade autónoma do evento, como *uma gravata* em (210a), ou seja, não pré-existe nem subsiste posteriormente ao evento de abraçar o pai, por ser um *possessum* inalienável do evento, pelo que grande parte do significado do verbo pleno acaba por se perder.

Mas vejamos o que acontece com a estrutura argumental. O verbo pleno *dar* apresenta uma estrutura argumental de três argumentos (sujeito, OD e OI), como em (210a), esquematizada em (211), o que leva Gonçalves *et al.* (2010) a defender que o verbo leve também mantém essa estrutura.

- (211) [O Pedro]_{sujeito}. deu [uma gravata]_{OD} [ao pai]_{OI}.

De facto, a estrutura de três argumentos parece manter-se em exemplos como (210b), com o verbo leve *dar* e a nominalização *um abraço*. No entanto, se pensarmos em estruturas cognatas com o verbo *espirrar*, tal não se verifica (212b).

- (212) a) Ele espirrou *um espirro enérgico*.
b) Ele deu *um espirro enérgico*.

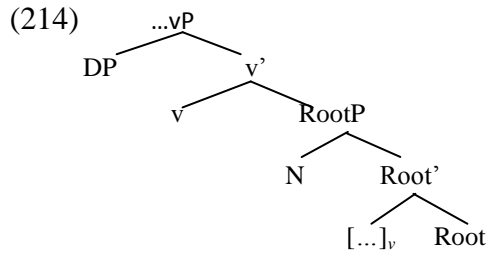
A paráfrase de *espirrar* pelo verbo leve *dar* + nominalização deverbal é boa, mas não há preservação do significado (perde-se a ideia de transferência) nem da estrutura argumental do verbo pleno (falta o terceiro argumento, o OI, o Beneficiário). Perante este exemplo, podemos pensar que o verbo leve herda não a estrutura argumental do verbo pleno homónimo, mas a estrutura argumental da raiz comum ao verbo *espirrar* e à nominalização deverbal *espirro*. Recorde-se que, segundo Grimshaw (1990), as nominalizações deverbais mantêm, em geral, a estrutura argumental e eventiva dos verbos morfologicamente relacionados com elas.

Neste sentido, não estamos perante construções com as mesmas exigências sintático-semânticas: na construção com o verbo *espirrar*, a nominalização quando presente como OC exige um modificador restritivo; na construção com o verbo leve, a nominalização não pode ser suprimida e pode ocorrer sem modificador restritivo (cf. dados em (213)).

- (213) a) Ele espirrou./*Ele espirrou *um espirro*.
b) *Ele deu./Ele deu *um espirro*.

A breve reflexão aqui realizada permite-nos formar algumas ilações finais: (i) as construções com OC são apenas parcialmente parafraseáveis por verbos leves; (ii) as estruturas com verbos leves mantêm muito parcialmente o significado e as estruturas argumentais dos verbos plenos correspondentes; (iii) as paráfrases por verbos leves + nominalizações deverbais não estão sujeitas às mesmas restrições sintático-semânticas que as construções com OC.

No entanto, propomos a mesma estrutura para os predicados com verbos leves e nominalizações deverbais, em situação de paráfrase de OC verdadeiros, que propusemos para os predicados com os verbos e os OC morfologicamente relacionados, com a diferença de que o verbo leve é inserido, por inserção tardia, apenas em v e o verbo pleno resulta da primeira inserção, com fusão da raiz e o morfema verbalizador, que ascende para v por movimento por cópia. Retomamos a estrutura em (214).



Na ausência de inserção da raiz verbal e sem movimento para v, o verbo leve é inserido diretamente em v.

7.2. Proposta de análise sintática dos OC aparentados e dos OH

Analizadas as estruturas com OC verdadeiros e paráfrase por verbo leve, é altura de passarmos ao estudo sintático das construções com OC aparentado (215) e com OH (216).

(215) Amália cantou *uma cantiga portuguesa*. (OC aparentado)

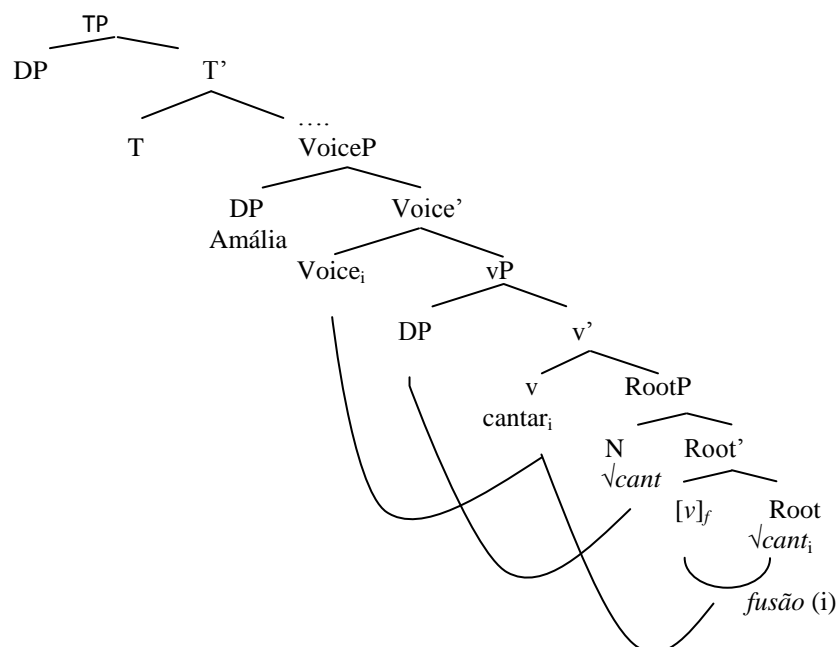
(216) Amália cantou *um fado*. (OH)

Como concluímos da descrição das propriedades sintático-semânticas destas construções realizadas ao longo do capítulo, particularmente no §5.2., estes objetos são verdadeiros argumentos dos respetivos verbos, tendo leitura de entidade. Não estando verbo e nome sintaticamente coindexados, a deslocação do DP para fora do escopo do verbo é autorizada por diversos processos, como acontece na passiva.

As duas primeiras etapas da derivação são iguais às dos OC verdadeiros: a raiz abstrata é associada, por fusão, ao *f*-morfema verbalizador e por movimento e cópia desloca-se para o núcleo da categoria funcional [v, v'], sendo que o processo de movimento por cópia deixa traços na posição de origem. No entanto, há diferenças importantes a assinalar: apenas a cópia alta é fonologicamente visível; na posição da cópia baixa, [especificador de RootP], é inserido, por inserção tardia, novo material lexical, que pode ser cognato ou não cognato.

No caso dos OC aparentados (*cantar uma cantiga portuguesa*) a segunda raiz inserida é morfologicamente idêntica à primeira (neste momento já deslocada para [v, v'] e a caminho da subida para [Voice, Voice']), como descrito em (217).

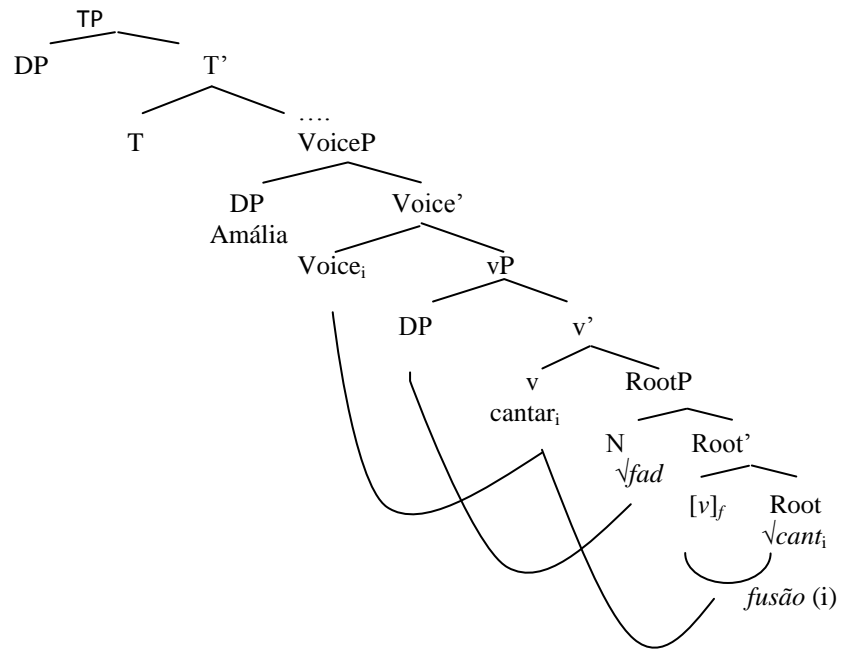
(217)



O facto de V e N resultarem de duas raízes diferentes ou da mesma, inserida duas vezes, em pontos diferentes da derivação, tem consequências sintáticas no comportamento da construção, uma vez que as raízes não ficam coindexadas. Tal propriedade justifica que estes objetos, acidentalmente cognatos, possam ser pronominalizados, topicalizados e passivizados.

No caso dos OH (*cantar um fado*), o material inserido é não cognato e os traços desta nova raiz e os da cópia baixa (traços que ficaram escondidos na mesma posição, em spec de RootP) são parcialmente idênticas, estabelecendo-se, assim, uma relação de hipo/hiperonímia. Apresentamos a estrutura com o OH em (218).

(218)



É importante reforçar que a inserção da nova raiz (cognata para os OC aparentados e não cognata para os OH) é inserida diretamente na posição de especificador de RootP e não no nó terminal [Root, Root']; a raiz nominal inserida, seja do OC aparentado seja do OH, e a raiz verbal são projetadas em diferentes momentos da derivação; dão-se, então, dois *spell out* em cada construção (um que torna visível o item verbal e outro que soletra o item nominal).

Os objetos cognatos aparentados e os hipónimos são, portanto, argumentos dos respetivos verbos, recebendo papel temático e caso, como um complemento direto comum.

Estas propriedades são precisamente aquelas que nos permitem distinguir a cognação aparentada da cognação com OC verdadeiros, em que as duas cópias (a nominal e a verbal) resultam da mesma raiz e do mesmo *spell out*, o que justifica o maior número de restrições sintáticas e semânticas destas últimas construções.

8. Síntese do capítulo

Neste capítulo, ocupámo-nos do estudo das construções cognatas e hipónimas em PE. Tivemos como principais objetivos (i) fazer a descrição das propriedades sintático-semânticas de várias construções, a fim de propor uma taxonomia para o PE; (ii) analisar a estrutura sintática dos OC verdadeiros, em contraste com os OC aparentados e os OH.

Previamente ao cumprimento do primeiro objetivo, demos conta da metodologia utilizada na seleção, organização e tratamento do *corpus* especificamente construído para esta investigação. Formulámos as hipóteses quanto às condicionantes de ocorrência e produtividade das construções, as quais nortearam o tratamento e discussão dos dados (cf. §3.): contextos específicos de ocorrência; tipos de verbos que admitem OC; distribuição dos OC; categoria do sintagma; determinação; modificação; natureza da relação V-N.

Com base nos dados recolhidos e na discussão realizada, pudemos, então, organizar as construções numa tipologia (cf. §4.) e fazer a sua descrição sintático-semântica (cf. §5.). Assim, propusemos a seguinte tipologia:

- (i) OC verdadeiros morfológicos (*sonhar – sonho*) e OC verdadeiros semânticos (*dormir – sono*);
- (ii) OC aparentados, subtipo a (*cantar – canção*) e subtipo b (*comer – comida*);
- (iii) objetos hipónimos (*cantar – fado*);
- (iv) OC preposicionais, OCP verdadeiros (*morrer – morte*); OCP aparentados ou OHP (*caminhar – caminho* e *caminhar – vereda*);
- (v) OC predicativos (*tossir a tosse dos asmáticos*).

Apresentamos, no Quadro XII., uma síntese das propriedades/critérios que analisámos para distinguir os diferentes tipos de objetos estudados.

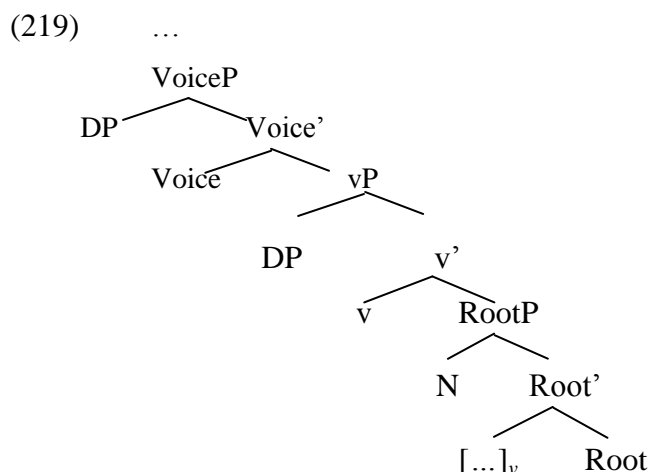
Propriedades/ critérios	OC verdadeiro	OC aparentado	OH	OPrep			OC predicativos
				OCP verdadeiro	OCP aparentado	OHP	
Categoria SN	+	+	+	-	-	-	+/-
Adjacência ao V	+	+	+	+	+	+	+
Relação morfológica V-N	+/-	+	-	+	+	-	+
Modificação	+	+/-	+/-	+	+/-	+/-	+
Indefinitude	+	+/-	+/-	+	+/-	+/-	-
Ocorrência com OH	-	+	-----	-	+	-----	-----
Expansão com “mas não sei o quê”	-	+	+	-	-----	-----	-
Expansão com “mas não sei como”	+	+	+	+	-----	-----	+
Paráfrase por V _{leve} + nominaliz. deverbal	+	-	-	+	-	-	-----
Pronominalização	-	+	+	-	-	-	-
Passivização	-	+	+	-	-	-	-

Quadro XII – Propriedades e/ou critérios distintivos dos diferentes tipos de objetos analisados

Não incluímos no quadro as construções que discutimos na secção *outras construções*, por não se estabelecer uma relação de cognação entre o verbo e o nome e por não pertencerem à tipologia proposta. Da tipologia proposta, ficaram ainda excluídas as expressões lexicalizadas (cristalizadas) ou em lexicalização, por se encontrarem num nível significativo de fixação quanto à interpretação e quanto à estrutura sintática, como *dormir o sonho dos justos*, as quais foram brevemente descritas no §6.

No §7., analisámos sintaticamente algumas das construções anteriormente descritas, a partir de algumas ideias da Morfologia Distribuída (Marantz, 1993; Harley & Noyer, 1999), articuladas com a noção de movimento por cópia do Programa Minimalista (Chomsky, 1995), na linha de Haugen (2009).

Propusemos uma mesma estrutura sintática para dar conta do fenómeno das construções com OC verdadeiros e das paráfrases por verbos leves + nominalização verbal, bem como para os OC aparentados e os OH. Retomamos essa estrutura em (219).



Sendo uma mesma estrutura, vários aspetos permitiram diferenciar os tipos de verbos e subtipos de construções em que ocorrem:

- (i) as operações de movimento por cópia determinam a existência de mais que uma cópia da mesma raiz, fonologicamente realizada ou não, o que explica as construções com OC verdadeiro realizado ou escondido;
- (ii) a soletração de duas cópias da mesma raiz, categorialmente diferentes (V e N), e a conseqüente coindexação motivam a leitura de evento da nominalização, sendo que esta apenas pode ser marcada pela indefinidade e pela modificação, e explicam a impossibilidade de passiva ou topicalização), como se verificou em *chorar – choro*;
- (iii) a impossibilidade do movimento da raiz verbal para v leva a que certas estruturas não sobrevivam, como em **chegar uma chegada...* Neste caso, o preenchimento da posição [v, v'], quando já foi soletrada a cópia baixa da primeira raiz, apenas pode ser realizado por uma raiz verbal esvaziada semanticamente, como acontece com os verbos leves, como em *ter uma chegada...*;
- (iv) nos verbos leves, a raiz mais baixa vai dar origem à nominalização deverbal, sendo esta determinante para a expressão dos argumentos em toda a construção e não o verbo leve;
- (v) a inserção tardia de uma nova raiz (categorizada nominalmente) pode operar durante o *spell out* da primeira raiz (verbal), sendo que ambas as

raízes (V e N) ficam coindexadas, gerando igualmente fortes restrições sintático-semânticas, como ocorre em *dormir – sono*;

- (vi) a inserção tardia de uma nova raiz, na posição de especificador de RootP, depois do movimento da raiz verbal e após a sua soletração, não gera coindexação e permite a formação de estruturas mais livres quanto às restrições sintático-semânticas:

- a inserção de uma nova raiz cognata permite a formação de construções como *cantar uma canção*;

- a inserção de uma nova raiz não cognata, os chamados hipónimos do nome cognato, produz construções como *cantar um fado*.

A análise sintática aqui proposta tentou conciliar posições da MD, do PM e ainda a noção de núcleos funcionais verbais, num modelo tripartido de estruturação de VP, proposto por Alexiadou (2001, 2006), aproveitando a ideia de inserção do argumento externo numa posição externa a vP, VoiceP (Kratzer, 1996). Todos estes contributos nos permitiram fazer uma análise dos OC verdadeiros e das restantes construções cognatas aparentadas.

Conclusão Geral

A dissertação que neste momento se encerra teve como principal motivação uma reflexão sobre diversas estruturas de alternância, notadas na literatura sobre diferentes línguas do mundo, que obrigaram a uma problematização e, talvez, a uma revisão das noções clássicas de transitividade e intransitividade. Entre essas alternâncias estão as construções com objetos cognatos, das quais nos ocupámos especificamente neste trabalho.

No **capítulo I**, refletimos sobre os múltiplos significados que as noções de regência, transitividade e intransitividade contemplam, fazendo um breve percurso desde os gramáticos latinos, os gramáticos tradicionais e funcionalistas até à Gramática Generativa.

Marcada por ideias advindas da Lógica e da Filosofia, a noção de *transitividade* esteve, desde sempre, associada à ideia de preenchimento de lugares vazios da oração. Nos gramáticos latinos e nos gramáticos portugueses renascentistas, aquela noção flutuou entre ser propriedade da oração (sendo transitivas porque podiam passar de ativas a passivas) e ser característica dos verbos (considerados transitivos aqueles verbos que podiam passar ou transferir uma ação ao seu complemento). O termo *regência* define a relação que se estabelece entre o verbo e os seus complementos, excluindo desta relação os chamados *complementos circunstanciais*. Nesta perspetiva, apenas os verbos transitivos poderiam reger complementos.

O termo *transitividade*, da Gramática Tradicional, é substituído pelo de *valência*, na Gramática de Valências (cf. Tesnière, 1959; Busse & Vilela, 1986; Vilela, 1986, 1992), não tendo, contudo, tal substituição acarretado uma resposta para as questões levantadas pelas construções que admitem uma dupla (ou mais) estrutura, como é o caso dos verbos de alternância transitiva/intransitiva. É apenas com a Gramática Generativa e

com certos desenvolvimentos da Semântica Formal (Dowty, 1972, entre outros) que estes termos são problematizados e se adoptam as noções de *estrutura argumental* e *estrutura eventiva*, a fim de dar conta de toda a complexidade que enforma a análise sintático-semântica dos predicados e das orações em que se inserem.

No **capítulo II**, fizemos a revisão da literatura relativa aos modelos formais de abordagem das estruturas argumental e eventiva dos predicadores verbais. Apresentámos os modelos de gramática no âmbito de várias Teorias Lexicalistas, em contraste com o modelo da Morfologia Distribuída. A conceção do tipo e da quantidade de informação que um verbo ou uma raiz carrega ao nível abstrato varia em função dos modelos formais analisados, o que faz com que haja entendimentos diversos sobre os módulos geradores de palavras e de frases.

Apesar dos problemas que as abordagens de Hale & Keyser (1993, 2002) possam levantar, principalmente se adaptadas ao PE, elas tiveram o mérito de ser, talvez, as primeiras a considerar os verbos tradicionalmente inergativos como transitivos escondidos e a olhar para o Léxico como um módulo também ele gerativo, com estruturas e operações. Neste âmbito, estes autores consideram que a *estrutura argumental* é um termo que se refere às configurações sintáticas projetadas por um item lexical, ou seja, as relações estruturais entre os núcleos e os seus argumentos concebem-se no Léxico.

Nos modelos não-lexicalistas, apresentámos as propriedades centrais da Morfologia Distribuída (Marantz, 1997; Harley & Noyer, 1999). Os itens de vocabulário formam-se na Sintaxe, a partir da fusão de raízes e morfemas funcionais de categoria. Neste sentido, dispensa-se uma componente gerativa anterior à Sintaxe (por exemplo, o Léxico ou a Morfologia) e, sendo as raízes acategoriais, quer as palavras quer as frases são formadas ao longo da derivação sintática.

O **capítulo III** foi dedicado à apresentação dos tratamentos sobre objetos cognatos existentes na literatura específica.

Vilela (1992) reconheceu, para o Português Europeu, a existência de objetos distintos: os objetos internos; os objetos facultativos e os objetos diretos, sendo, portanto, o primeiro a tratar este tema. Duarte & Brito (2003) e, mais recentemente, Gonçalves & Raposo (2013) fazem também referências significativas a este fenómeno.

Os primeiros estudos que analisaram explicitamente verbos em construções com objetos cognatos situam-se no final da década de 80 e início da década de 90 (cf. Jones, 1988 e Massam, 1990); porém, são, sem dúvida, os trabalhos de Hale & Keyser (1993; 1997; 2002) que marcam a viragem no entendimento da transitividade/intransitividade, ao admitirem que todos os verbos *denominais* em Inglês são potencialmente transitivos, na sua *Estrutura Relacional Lexical* (LRS) (Hale & Keyser, 1993).

Nesse primeiro trabalho, Hale e Keyser estudaram o fenómeno da transitividade/intransitividade a partir do Inglês, nomeadamente com verbos *denominais*, num modelo fortemente lexicalista, defendendo que a estrutura argumental se encontra projetada abstratamente no próprio item lexical. Nesta perspetiva, aqueles verbos são formados por *incorporação* de um núcleo nominal ou adjetival num núcleo verbal fonologicamente vazio. Assim, os verbos tidos, pela tradição, absolutamente intransitivos, passam a ser vistos como transitivos *escondidos* (na *l-syntax* ou sintaxe lexical), podendo, na forma fonológica, projetar a transitividade ou apresentar incorporação, portanto, uma intransitividade aparente.

Vários autores expandem a ideia de (in)transitividade lexical, dissertando acerca das estruturas argumental e eventiva dos predicados verbais, existentes no Léxico e projetadas na Sintaxe ou construídas na própria Sintaxe. Hale & Keyser (2002) reformulam a sua proposta de tratamento dos verbos *denominais* com objetos cognatos, propondo, por influência do Programa Minimalista (Chomsky, 1995), que, em vez de uma incorporação simples, esses verbos resultem de operações de cópia de traços e das operações sintáticas *merge* e *move*, que ocorrem no próprio Léxico, de que resulta uma operação a que chamam *conflation*.

Nesse capítulo, e partindo da proposta de Hale e Keyser para a análise das construções com objetos cognatos, apresentámos outros tratamentos existentes na literatura, como os de Ramchand (2008), Gallego (2008, 2012), Real-Puigdollers (2008), Haugen (2008; 2009) e Leung (2007), para o PB.

No **capítulo IV**, analisámos as construções cognatas e hipónimas em PE, a partir dos vários exemplos recolhidos e organizados num *corpus* específico, constituído por 857 construções.

A partir do tratamento, análise e discussão dos dados recolhidos (§3.) e da primeira descrição sintático-semântica do fenómeno, propusemos uma tipologia de

organização das construções cognatas e hipónimas para o PE (cf. §4.), ilustrada nos exemplos (1) a (6).

(1) OC verdadeiro morfológico

Ex.: A mãe **chorou** *um choro manso*. (*corpus*; v18; c288)

(2) OC verdadeiro semântico

Ex.: **Dormi** *um sono profundo*. (*corpus*; v32; c469)

(3) OC aparentado

Ex.: Fabiana **cantou** *uma canção do filme Pequena Sereia (...)* (*corpus*; v15; c123)

Ex.: Ela **bebeu** *uma bebida alcoólica* com os amigos. (*corpus*; v8; c44)

(4) Objeto hipónimo (OH)

Ex.: Alfredo Marceneiro **cantou** *um fado com versos de Carlos Conde (...)* (*corpus*; v15; c829)

(5) Objetos cognatos preposicionais (OCP)

Ex.: Paz à alma do indivíduo que **morreu** *de uma morte extremamente estúpida (...)* (*corpus*; v49; c564)

(6) OC de tipo predicativo

Ex.: (...) **tossi** *a tosse dos asmáticos (...)* (*corpus*; v74; c766)

Das análises desenvolvidas ficou claro que estamos perante construções do PE com propriedades e estruturas sintáticas distintas.

Uma das conclusões que podemos retirar é a clara separação entre o que são OC verdadeiros e outras construções, sejam estas morfológicamente cognatas, aparentadas ou hipónimas. Os OC verdadeiros são uma subclasse de objetos especiais, que põe em causa não só a noção de intransitividade dos verbos, em particular dos inergativos, como também a própria noção de estrutura argumental.

Neste momento, parece-nos evidente a natureza argumental dos chamados OC aparentados, dos OH nominais ou preposicionais e dos OCP aparentados, pelas semelhanças que demonstraram com os tradicionais argumentos verbais não cognatos. Pelo contrário, defendemos que os verbos com OC verdadeiros, por terem uma leitura de evento e não de entidade, não devem ser considerados verdadeiros argumentos internos dos verbos.

Sintetizamos a tipologia proposta no Quadro I, apresentando as principais propriedades dos subtipos de construções, baseados nas conclusões a que chegámos.

Tipologia das construções cognatas e hipónimas		Principais propriedades							
		V-N relação morfol.	categoria SN	indefinitude	modificação	paráfrase V leve	subst OH	expansão “não sei o quê”	tipo de leitura
OC verdadeiro	subtipo a. OC verdadeiro morfológico	+	+	+	+	+	-	-	evento
	subtipo b. OC verdadeiro semântico	-	+	+	+	+	-	-	evento
OC aparentado	subtipo a. OC parcialmente efetuado/ afetado	+	+	+/-	+/-	?	+	+	entidade
	subtipo b. OC totalmente efetuado/ afetado	+	+	+/-	+/-	?	+	+	entidade
Objeto hipónimo (OH)		-	+	+/-	+/-	?	—	—	entidade
OC preposicional	OCP verdadeiros	+	-	+	+	+	-	-	evento
	OCP aparentado	+	-	-	-	?	+	—	entidade
	OH P	-	-	-	-	?	—	—	entidade
OC predicativo		+	+	-	+	-	-	-	predicativa

Quadro I – Síntese das principais propriedades dos diferentes tipos de construções cognatas e hipónimas

As construções cognatas entram, também, numa relação muito estreita com as estruturas de paráfrase por verbos leves, como *dar (um espirro)*, *ter (uma morte difícil)* e *fazer (uma dança)*, pelo que abordámos brevemente este tema, na sua relação com os tipos de OC, quer ao longo dos parágrafos dedicados aos subtipos de OC (§5.1. a §5.4.), quer na secção de análise sintática (§7.).

Dos subtipos de construções considerados na tipologia proposta para organizar os OC e os OH ficaram excluídos vários exemplos do *corpus*, por diferentes razões: (i) não têm leitura de evento, como os OC verdadeiros, ou leitura de entidade, como os OC aparentados e os OH; (ii) o nome não é cognato do verbo, nem morfológico nem semântico; (iii) são lexicalizações ou cristalizações, por isso não apresentam a mesma estrutura sintática. Tencionamos, em trabalhos futuros, ampliar o *corpus* e retomar a descrição destes exemplos e a sua análise sintático-semântica.

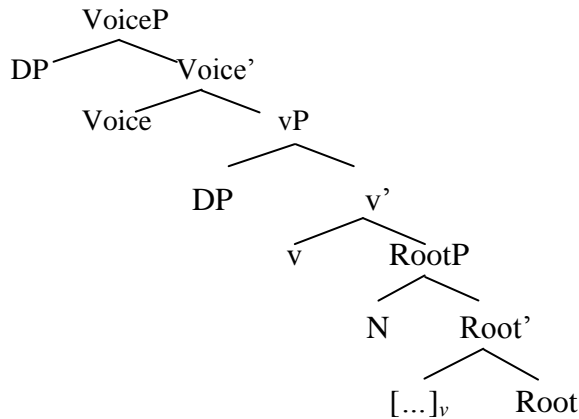
A partir das análises sintáticas realizadas, no quadro das propostas da Morfologia Distribuída, pudemos constatar que os OC verdadeiros não são argumentos dos verbos que os acolhem, embora gerados na mesma posição que os argumentos – especificador de RootP. São tipicamente SN em adjacência ao verbo, com leitura de evento, criados pela raiz verbal. Como tal, não admitem a pronominalização nem entram em estruturas de passiva, como ocorre tipicamente com as entidades participantes dos eventos, os argumentos. Não recebem papel temático, também apenas disponível para os argumentos, mas recebem caso, que é atribuído estruturalmente. Estes OC distinguem-se dos OC de tipo predicativo por serem um DP referencial, ainda que regulado pela indefinidade e pela modificação obrigatórias. Neste âmbito, pensamos ter contribuído positivamente para a reflexão sobre as expressões nominais referenciais vs. predicativas, embora haja necessidade de retomar estas questões em futuras investigações.

Os objetos denominados OC aparentados representam entidades, portanto, argumentos verdadeiros dos respetivos verbos, podendo ser pronominalizados e passivizados, como os típicos objetos diretos não cognatos. São inseridos na posição de um argumento interno (especificador de RootP), com o qual a raiz verbal se funde imediatamente após a fusão que dá origem à categorização da raiz. A diferença que se estabelece entre estes argumentos e os OC verdadeiros deve-se à origem da raiz nominalizada: nos OC verdadeiros, é uma cópia da raiz verbal; nos verdadeiros

argumentos, é uma raiz distinta, embora, em alguns casos, possa ser um cognato morfológico.

A estrutura proposta para dar conta dos dois tipos de objetos foi a mesma, retomada em (7).

(7) ...



Esta estrutura permitiu-nos igualmente explicar as paráfrases de verbo + objetos cognatos por verbo leve + nominalização deverbal, bem como a impossibilidade de alguns verbos ocorrerem em estruturas de verbo + objeto cognato; admitimos, ainda, ser a nominalização deverbal e toda a construção em que está inserida que determinam os argumentos, contrariamente ao que tem sido proposto em alguns trabalhos anteriores.

Pelo trabalho aqui desenvolvido se mostrou que as noções de transitividade/intransitividade são pouco claras e a sua definição em termos formais nem sempre é possível ou plenamente adequada. Daí que os mesmos verbos sejam tratados de modo diferente por alguns autores. Veja-se, por exemplo, a dificuldade em classificar certos verbos segundo Cunha & Cintra (1984); a classificação nem sempre coincide com outros tratamentos, por exemplo o de Mateus *et al.* (2003).

Atualmente, estão em discussão vários modelos de articulação Léxico-Sintaxe, tendo sido alguns deles apresentados no capítulo II. Optámos, porém, pelos pressupostos básicos da Morfologia Distribuída por entendermos que este modelo apresenta uma arquitetura de gramática capaz de resolver, de forma elegante, não só a formação de palavras (tipos de derivação regular), como também a formação sintática de sintagmas e de frases. No entanto, estamos abertos a outras soluções teóricas de abordagem dos fenómenos aqui estudados.

Num trabalho desta natureza, as conclusões são sempre parciais e incompletas, pelo que futuras investigações poderão trazer novos contributos ao estudo da cogação e dos objetos cognatos em particular.

Bibliografia

Al Zahre, N. (2003). *La structure du groupe verbal en Arabe: trois arguments empiriques en faveur d'une vision syntaxique de la structure argumentale*. Tese de doutoramento. Paris: Université Paris 8.

Alencar, L. F. *et al.* (2005). Are reflexive constructions transitive or intransitive? Evidence from German and Romance. In *Proceedings of the LFG05 Conference*. 1-20.

Alexiadou, A. (2001). *Functional Structure in Nominals: Nominalization and Ergativity*. Amsterdam: John Benjamins.

Alexiadou, A. (2006). *On the morphosyntax of (anti-)causative verbs*. [On-line], disponível em <http://ifla.uni-stuttgart.de/files/artemis-anitaworkpap-revised3.pdf> (acedido em 28/05/2013).

Athayde, M. F. (2000). *A estrutura semântica das construções com verbo-suporte preposicionadas do português e do alemão*. Tese de doutoramento. Universidade de Coimbra: edição de autor.

Baker, M. (1988). *Incorporation. A theory of Grammatical Function Changing*. Chicago: The University of Chicago Press.

Baker, M. (2008). *The syntax of agreement and concord*. Cambridge: Cambridge University Press.

Barbosa, J. S. (1822 [2004]). *Gramática Filosófica da Língua Portuguesa*. Edição Fac-similada, comentário e notas de Amadeu Torres. (2004). Lisboa: Academia das Ciências.

Barbosa, P. P. (2006). Ainda a Questão dos sujeitos Pré-verbais em PE: uma resposta a Costa (2001). *DELTA*, 22, nº 2. 345-402.

Barros, J. de (1539-40 [1971]). *Gramática da Língua Portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor da nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha*. Edição de Buescu, M. L. C. (1971). *Gramática da Língua Portuguesa. Cartinha, Gramática, Diálogo em Louvor da nossa Linguagem e Diálogo da Viciosa Vergonha* de João de Barros. Reprodução Fac-similada, Leitura, Introdução e Anotações. Lisboa: Publicações da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Bechara, E. (1999). *Moderna gramática portuguesa*. 37.^a Edição revista e ampliada. Rio de Janeiro: Editora Lucerna.

Belletti, A. & Rizzi, L. (1988). *Psych-verbs and θ -theory*. In *Natural Language & Linguistic Theory*, 6(3). 291-352.

Belletti, A. & Rizzi, L. (1996). *Introdução*. In Belletti, A. & Rizzi, L. (1996). *Parameters and Functional Heads: Essays in Comparative Syntax*. Oxford University Press.

Bisetto, A. *et al.* (2012). Italian Cognate Constructions. In *Livro de resumos de SLE 2012*. Stockholm University. 30-31. [On-line], disponível em <http://www.sle2012.eu/> (11/09/2012).

Borer, H. (1994). The Projection of Arguments. *University of Massachusetts Occasional Papers*, 17. 19-47.

Borer, H. (2004). *The grammar machine*. In A. Alexiadou, E. Anagnostopoulou, & M. Everaert (eds.) *The Unaccusativity Puzzle: Studies on the syntax-lexicon interface*. Oxford University Press. 288-331.

Borer, H. (2005). *Structuring Sense: Volume 1: In Name Only*. Oxford University Press on Demand.

Bošković, Z. & Nunes, J. (2007). The Copy Theory of Movement: A view from PF. In N. Corver & J. Nunes (eds.). *The Copy Theory of Movement*. Amsterdam: John Benjamins. 13-74.

Bosque, I. & Gutierrez-Rexach, J. (2009). *Fundamentos de Sintaxis Formal*, Madrid: Akal.

Bowers, J. (1993). *The Syntax of Predication*. In *Linguistic Inquiry* 24, 4. 591-656.

Brito, A. M. (1999). *Os Estudos em Sintaxe Generativa em Portugal nos últimos trinta anos*. Braga: APL.

Brito, A. M., Duarte, I., & Matos, G. (2003). *Estrutura da frase simples e tipos de frase*. In M.H. Mateus et al., *Gramática da Língua Portuguesa, Lisboa: Caminho*. 433-506.

Brito, A. M. (2008). *Grammar variation in the expression of verb arguments: the case of the Portuguese Indirect Object*. *Phrasis*, 2. 31-58.

Brito, A. M. (2012). Sobre a divisão de trabalho entre Léxico e Sintaxe - algumas reflexões. In *Textos selecionados do XXVII Encontro Nacional da APL*. Lisboa: APL. 1-44.

Burzio, L. (1986). *Italian syntax: a government and binding approach*. Dordrecht: D. Reisel Publishing Company.

Busse, W. e Vilela, M. (1986). *Gramática de valências*. Coimbra: Almedina.

Campos, H. (1999) Transitividad e Intransitividad. In I. Bosque & V. Demonte (eds.) *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. 2. Madrid: Espasa Calpe. 1519-1574.

Cano Aguilar, R. (1981). *Estructuras Transitivas del español actual*. Madrid: Gredos.

Chierchia, G. (2004). A Semantic for Unaccusatives and its Syntactic Consequences. In A. Alexiadou, E. Anagnostopoulou & M. Everaert (orgs). *The Unaccusativity Puzzle: Explorations of the Syntax-Lexicon Interface*. Oxford: Oxford University Press. 22-59.

Chomsky, N. (1957). *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton.

- Chomsky, N. (1965). *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- Chomsky, N. (1981). *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications.
- Chomsky, N. (1982). *Some concepts and consequences of the theory of government and binding*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Chomsky, N. (1986). *Knowledge of language*. New York: Praeger.
- Chomsky, N. (1995). *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Chomsky, N. (2000). *On Nature and Language*. New York: Cambridge University Press.
- Chomsky, N. (2004). Beyond Explanatory Adequacy. In A. Belletti (ed.) *Structures and Beyond*. New York: OUP. 104-131.
- Chomsky, N. & Lasnik, H. (1977). *Filters and control*. In *Linguistic inquiry*, 8(3). 425-504.
- Choupina, C. (2013). Contributos para uma análise sintática dos objetos cognatos em PE. In *Studia Romanica Posnaniensia*, Adam Mickiewicz, vol. XL/1, Poznan: University Press, 2013. 59-79.
- Choupina, C., Guedes, C. & Brito, A. M. (2010). Importância de critérios sintáticos para a determinação de tipos de verbos: dos verbos principais aos auxiliares e aos verbos leves. In *2º Encontro A Linguística na Formação dos Professores de Português*. 12 e 13 de julho de 2010: FLUP.
- Cintra, G. (1998). Cognatos: sistematização e implicações. *Cadernos de Centro de Línguas*, n.2. São Paulo: Humanitas/FFLCH-USP. 137-142. [On-line], disponível em http://www.bn.com.br/~gcintra/textos/cog_sist.pdf (acedido em 12/09/2013).
- Corver, N. & Nunes, J. (2007). From trace theory to copy theory. In N. Corver & J. Nunes (eds). *The Copy Theory of Movement*, 107, *Linguistik Aktuell/Linguistics Today (LA)*. 1-9.
- Costa, J. (1999). Postverbal subjects and agreement in unaccusative contexts in European Portuguese. In *The Linguistic Review*, vol. 18 (1). 1-17.
- Costa, J. (2001). Spec-IP ou deslocado? Prós e contras das duas análises dos sujeitos pré-verbais. In *DELTA* 17, nº 2. S. Paulo: EDUC. Documento com 14 páginas. [On-line], disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502001000200005> (acedido em 18/11/2013).
- Costa, J. & Lobo, M. (2011). Objeto nulo na aquisição do português europeu: pro ou variável? In *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL. 197-207.

Cunha, A. G. da *et al.* (1982). *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Cunha, C., & Cintra, L. (1984). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Sá da Costa.

Dowty, D. (1972). *Studies in the Logic of Verb Aspect and Time Reference in English*. Ph.D dissertation, Austin: University of Texas.

Dowty, D. (1979). *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: D. Reidel.

Duarte, I. (1998). Verbos causativos de alternância locativa. *Veredas: revista de estudos linguísticos*. 1(2). *Juiz de Fora: UFJF*. 91-101.

Duarte, I. (2003). A família das construções inacusativas. In Mateus, M. H. M. Et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho. 507-548.

Duarte, I, & Brito, A. M. (2003). *Predicação e classes de predicadores verbais*. In: Mateus, Maria Helena Mira (ed.) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 179-203.

Embick, D. & Noyer, R. (2001). Movement Operations after Syntax. In *Linguistic Inquiry*, Volume 32, Number 4. 555–595.

Ernout, A. & Thomas, F. (1964). *Syntaxe latine*. 2ª ed. Paris: Klincksieck.

Fiéis, M. A. (2002). Sobre o conceito de transitividade. In *Saberes no Tempo – Homenagem a Maria Henriqueta Costa Campos*. Lisboa: Edições Colibri. 285-298.

Fortunato, I. V. (2009). Análise da estrutura argumental do verbo “chegar” em construções com verbo-suporte. In *Domínios de Linguagem. Revista Eletrônica de Linguística*, Ano 3, nº 1, 1º semestre. ISSN 1980-5799. 30-60. [Online], disponível em www.dominiosdelinguagem.org.br (acedido em 20/10/2013).

Gallego, A. (2008). Cognate Objects and (Clitic) Doubling, comunicação apresentada ao *Norms, Workshop on Argument Structure*. Lund University, 4-6 fevereiro 2008.

Gallego, A. (2012). A note on cognate objects: cognation as doubling. In Bentzen K. & Fábregas A. (eds.) *Nordlyd* 39.1: 95-112, University of Tromsø. [On-line], disponível em: <http://www.ub.uit.no/baser/nordlyd/>. [acedido em 11/05/2012).

Givón, T. (1980). The Binding Hierarchy and the tipology of complements. In *Studies in Language*. 4.3. 333-377.

Givón, T. (2001). *Syntax: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins Publishing.

Godoy, L. A. G. (2012). *A reflexivização no PB e a decomposição semântica de predicados*. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da UFMG. Belo Horizonte: Edição de autor.

- Goldberg, A. E. (1999). The emergence of the semantics of argument structure constructions. In *The emergence of language*. 197-212.
- Goldberg, A. (2010). Verbs, Constructions, and Semantic Frames. In Rappaport, M, Doron, E. e Sichel, I. *Lexical semantics, syntax, and event structure*. Oxford: Oxford University Press. 39-58.
- Gonçalves, A. *et al.* (2006). Propriedades predicativas dos verbos leves *dar, ter e fazer*: estrutura argumental e eventiva. [On-line], disponível em http://www.clul.ul.pt/sectores/gramatica/publicacoes_preplexos/actas_sel.pdf (acedido em 11/06/2013).
- Gonçalves, A., Cunha, L. F., Miguel, M., Silvano, P. & Silva, F. (2010). Propriedades predicativas dos verbos leves: estrutura argumental e eventiva. In *Textos Selecionados, XXV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto: APL. 449-464.
- Gonçalves, A. & Raposo, P. (2013). Verbo e sintagma verbal. In E. P. Raposo *et al.* (orgs.). *Gramática do Português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 1155-1218
- Grevisse, M. & Goosse, A. (1993). *Le bon usage*. Paris: Duculot.
- Grimshaw, J. (1982). On the lexical representation of romance reflexive clitics. In J. Bresnan (ed.). *The mental representation of grammatical relations*. Cambridge/Mass.: MIT Press.
- Grimshaw, J. (1990). *Argument Structure*. Cambridge/MA: The MIT Press.
- Gross, M. (1982). Une classification des phrases «figées» du français. *Revue québécoise de linguistique*, Vol. 11, nº 2. 151-185.
- Hale, K. (1986). Notes on world view and semantic categories: some Warlpiri examples. In P. Muysken and H. van Riemsdijk (eds.) *Features and projections*. Dordrecht: Foris. 233-254.
- Hale, K. & Keyser, S. J. (1993). On Argument Structure and the Lexical Expression of Syntactic Relations. In Hale, K & Keyser, S.J. (org.) *The View From Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 53-109.
- Hale, K. & Keyser, S. J. (1997). On the complex nature of simple predicators. In Alex Alsina, Joan Bresnan, and Peter Sells (eds.) *Complex Predicates, CSLI Lecture Notes 64*. 29-65. Stanford: CSLI Publications.
- Hale, K. & Keyser, S. J. (1998). The basic elements of argument structure. In Harley (ed.) *MIT working papers in linguistics 32: Papers from the Upenn/MIT roundtable on argument structure*. Cambridge, MA: MIT Press, 73-118. [On-line], disponível em <http://web.mit.edu/~linguistics/events/tributes/hale/papers/ch.1> (acedido em 20/09/2012)

Hale, K. & Keyser, S. J. (2002). *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge, Mass., MIT Press.

Halle, M. & Marantz, A. (1993). Distributed morphology and the pieces of inflection. In K. Hale & S. J. Keyser (eds.) *The View from Building 20*, 111–176. Cambridge, Mass.: MIT Press.

Halle, M. & Marantz, A. (1994). Some Key Features of Distributed Morphology. In A. Carnie, H. Harley & T. Bures, (eds.) *Papers on phonology and morphology*. MIT Working Papers in Linguistics, 21, 275-288.

Halle, M. (1997). Distributed Morphology: Impoverishment and fission. In B. Bruening, Yoonjung Kang & Martha McGinnis (eds.) *PF: Papers at the interface*, MIT Working Papers, 425–449.

Harley, H. (1995). *Subjects, events and licensing*. PhD. Dissertation, MIT.

Harley, H. & R. Noyer. (1999). *State-of-the-Article: Distributed Morphology*. In *Glott International* 4.4, 3-9.

Hatakeyama, Y., Honda, K. & Tanaka, K. (2011). The physical attribute construction in Japanese and the cognate object construction in English. *Journal of Japanese Linguistics* 27. 1-16. [On-line], disponível em http://www.shimonoseki-soft.com/~hatayu/work/JJL27Hatakeyamaetal1_16Final.pdf (acedido em 04/06/2012).

Haugen, J. (2008). *Morphology at the interfaces. Reduplication and Noun Incorporation in Uto-Aztecan*. Linguistik Aktuell/Linguistics Today. Vol. 117. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins.

Haugen, J. (2009). Hyponymous objects and Late Insertion. In *Lingua* 119, Elsevier. 242-262.

Höche, S. (2009). *Cognate Object Constructions in English. A Cognitive-Linguistic Account*. Germany: Gunter Narr Verlag Tübingen.

Hong, Z. (1999). Cognate objects in Chinese. In *Toronto Working Papers in Linguistics*, 263-284. [On-line], disponível em twpl.library.utoronto.ca/index.php/twpl/.../3253 (acedido em 20/02/2012).

Hopper, P. & Thompson, S. (1980). Transitivity in Grammar and Discourse. In *Language*, Vol. 56, 2, junho de 1980, Linguistic Society of America. 251-299.

Horita, Y. (1996). *English Cognate Object Constructions and Their Transitivity*. In *English Linguistics* 13, 221-247.

Horrocks, G. & Stavrou, M. (2009). *Morphological aspect and the function and distribution of cognate objects across languages*. In *Hovav*, 14, 284-308.

Huddleston, R. & Pullum, G. K. (2002). *The Cambridge Grammar of the English Language*, Cambridge: CUP.

Jackendoff, R. (2002). *Foundations of language: Brain, meaning, grammar, evolution*. New York, NY: Oxford University Press.

Jones, M. A. (1988). Cognate objects and the case filter. *Journal of Linguistics* 24, 89-110.

Jeong, Y. (2006). Capturing Object Sharing in Ditransitive. In *25th West Coast Conference on Formal Linguistics*. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project. 204-210.

Kitahara, K. (2006). On the Form and Meaning of Cognate Object Constructions in English: A Construction Grammar Approach. In *Tsukuba English Studies*, 25, 125-126. [On-line], disponível em <http://www.tulips.tsukuba.ac.jp/mylimedia/dl/page.do?issueid=867952&tocid=100066195&page=125-126> (acedido em em 27/05/2012)

Kitahara, K. (2007). On the Predicative Cognate Object construction and the Adjunct Resultative Construction: A Construction Grammar Approach to language Universals». In *Tsukuba English Studies*, vol. 26, 67-90. [On-line], disponível em <http://www.tulips.tsukuba.ac.jp/limedia/dlam/M92/M921496/6.pdf> [acedido em em 27/05/2012]

Klaiman, (1990). The prehistory of noun incorporation in Hindi. *Lingua*, 8. 327- 350. Citado por Haugen (2009).

Kratzer, A. (1996). *Severing the external argument from the verb*. In J. Rooryck & L. Zaring (orgs.) *Phrase Structure and the Lexicon*. Dordrecht: Kluwer. 109-137.

Larson, R. (1988). On the double object construction. *Linguistic Inquiry* 19. 335-392.

Lasnik, H. (1999). *Minimalist analysis*. Malden, Massachusetts: Blackwell Publisher.

Leal, A. (2009). *Semântica Aspectual e Nominal – Contributo das Expressões Nominais para a Construção Aspectual das Frases*. Dissertação de Doutoramento, Universidade do Porto.

Leung, R., Scher, A. (2006). Os Objetos Cognatos e os Modificadores Adverbiais. In *Estudos Linguísticos*, 35. 1668-1676. [On-line], disponível em <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/978.pdf> (acedido em 01/03/2012).

Leung, R., (2007). *Um estudo sobre os objetos cognatos e os adjetivos adverbiais no português do Brasil*. São Paulo. Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. [On-line], disponível em <http://www.fflch.usp.br/dl/pos/teses/LEUNGrenata.pdf> (acedido em 20/03/2012).

Levin, B. & Rappaport Hovav, T. (1988). Lexical Subordination. In MacLeod, L., Larson, G. & Brentari, D. *Papers from the 24th Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society. CLS 24*, Part 1. Chicago: Chicago Linguistics Society, 275-289.

Levin, B. (1993). *English verb classes and alternations*. Chicago: University of Chicago.

Longobardi, G. (1994). Reference and proper names. *Linguistic Inquiry*, 25. 609-665.

Lyons, J. (1968). *Introduction to theoretical linguistics*. 1^a edição. Cambridge University Press. Print digital de 2001. [on-line], disponível em <http://assets.cambridge.org/97805210/56175/sample/9780521056175ws.pdf> (acedido em 10/01/2012).

Macfarland, T. (1995). *Cognate Objects and the Argument/Adjunct Distinction in English*. Ph.D. diss., Northwestern University, Evanston, IL.

Maia, L. M. S. (1996). *Verbos de Alternância Locativa em Português*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto: Edição do autor.

Malchukov, A. (2006). Transitivity parameters and transitivity alternations. Constraining co-variation. In L. Kulikov, A. Malchukov & P. de Swart, (eds.), *Case, Valency and Transitivity*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 329–358.

Marantz, A. (1984). *On the nature of grammatical relations*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

Marantz, A. (1993). Implications of Asymmetries in Double Object Constructions. In S. A. Mchombo, (eds.) *Theoretical aspects of Bantu Grammar*, vol. 1. Stanford: CSLI Publications, 113-150.

Marantz, A. (1997). *No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon*. In A. Dimitriadis & L. Siegel, eds., *Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium*, University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics, Philadelphia: University of Pennsylvania, 201–225.

Marantz, A. (2000). *Reconstructing the lexical domain with a single generative engine*. Mass.: MIT.

Marantz, A. (2001). *Words and things*. Handout of a talk at the XX West Coast Conference on Formal Linguistics, University of Southern California, 29 p. [On-line], disponível em <http://web.mit.edu/marantz/Public/ALI/Handouts/ALIThird.pdf> (acedido em 12/02/2012).

Marantz, A. (2007). *Restitutive re- and the first phase syntax/semantics of the VP*. University of Maryland, College Park, 20. 1-13 [On-line], disponível em <http://web.mit.edu/~marantz/Public/Handouts/MarylandRe.pdf> (12/02/2012).

Marantz, A. (2009). Roots, re-, and affected agents: can roots pull the agent under little v. *Talk given at Roots*, Universität Stuttgart.

- Martins, A. M. (2007). Double Realization of verbal copies in European Portuguese emphatic affirmation. In N. Corver & J. Nunes (eds). *The Copy Theory of Movement*, 107, *Linguistik Aktuell/Linguistics Today (LA)*, 77-118.
- Massam, D. (1990). Cognate objects as thematic objects. In *Canadian Journal of Linguistics* 35: 2, 161-190.
- Mateu, J. (2010) Conflation and incorporation process in resultative constructions. [On-line], disponível em <http://filcat.uab.cat/clt/publicacions/reports/pdf/GGT-11-03.pdf> [03/07/2011]
- Mateu, J. (2011). Conflation and incorporation processes in small clause results, comunicação apresentada ao 21st *Coloquium on Generative Grammar*. Sevilla: Universidad de Sevilla e Universidad Pablo de Olavide.
- Mateu, J. & Rigau, G (2010). Verb-particle constructions in Romance: A lexical-syntactic account. In *Probus* 22 (2). 241–269.
- Mateus, M. H. M. et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Matsumoto, M. (1992). The status of cognate Objects. *Osaka Kyoiku Daigaku Eibun Gakkaishi (The Bulletin of English Society)*, 37, 45-65 [On-line], disponível em http://150.86.55.181:8080/dspace/bitstream/123456789/9025/1/ok_eibun_37_045.pdf (consultado em 04/06/2012)
- Matsumoto, M. (1996). *The Syntax and Semantics of the Cognate Object Construction*. In *English Linguistics* 13, 199-220.
- Mendikoetxea, Amaya (1999). La inacusatividad en la tipología verbal del español, Bosque, Ignacio / Demonte (eds.) *Gramática descriptiva de la lengua española*, vol. 2. Madrid: Espasa Calpe, 1575-1629.
- Miguel, M., Gonçalves, A. & Duarte, I. (2011). Dativos não argumentais em português. In *Textos Seleccionados, XXVI Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, 388-400.
- Mirto, I. M. (2007). Dream a little dream of me: Cognate Predicates in English, comunicação apresentada à 26th *conference on Lexis and Grammar*. Bonifacio, Università di Palermo. 2-6 outubro 2007. [On-line], disponível em <http://infolingu.univ-mlv.fr/Colloques/Bonifacio/proceedings/mirto.pdf> (acedido em 30/05/2012).
- Mittwoch, A. (1998), Cognate objects as reflections of Davidsonian event arguments. In S. Rothstein (org.). *Events and Grammar*, Kluwer. Dordrecht, 309-332.
- Moens, M. (1987). *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Tese de Ph.D., Universidade de Edimburgo.

- Moltmann, F. (1989). Nominal and Clausal Event Predicates. In CLS 25, 300-314. [On-line], disponível em <http://semantics.univ-paris1.fr/pdf/Nominal%26Clausal-Event-Predicates.pdf> (20/12/2012).
- Moltmann, F. (1990). Nominal and clausal event predicates. In *Papers from the Annual Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society* 25, 300-314.
- Morais Barbosa, J. (2005). Verbos impessoais? In *Estudos de Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*. Vol. I. Porto: FULP.369-376.
- Morais, A. S. (1823[1831]). *Dicionário da Língua Portuguesa [...]*, 3ª ed., Lisboa, Typografia de M. P. de Lacerda, Id, 1831, 4ª ed., na Imprensa Regie. Citado por Morais Barbosa (2005).
- Morais, M. A. (2006). Argumentos Dativos: um cenário para o núcleo aplicativo no português europeu. In *Revista da Abralín*, 5, 1 e 2, 239-266, dezembro de 2006.
- Moreno Cabrera, J. C. (1991). Transitividad y objeto directo e indirecto. Causatividad. In *Curso Universitario de Lingüística General. Tomo I –Teoría de la gramática y sintaxis general*. 2º ed. Sintesis, 489-516.
- Nakajima, H. (2006). Adverbial cognate objects. In *Linguistic Inquiry* 37-4. 674-684.
- Neves, M. H. M. (1996). Estudos das construções com verbo-suporte em português. In Koch, I. G. V. *Gramática do português falado VI: desenvolvimentos*. Campinas: Unicamp/FAPESP. 201-229.
- Nunes, J. (1995). *The Copy Theory of Movement and Linearization of Chains in the Minimalist Program*. Tese de doutoramento, University of Maryland at College Park.
- Nunes, J. (1999). Linearization of chains and phonetic realization of chain links. In S. Epstein & N. Hornstein. *Working Minimalism*. Cambridge Mass: The MIT Press.
- Nunes, J. (2000). Linearization and phonetic realization of chains. In *Linearizations of chains and sideward movement*. Ms., UNICAMP.
- Nunes, J. (2004). *Linearization of chains and sideward movement*. Mass: The MIT Press.
- Ogata, T. (2008). Cognate Objects as Categorical Expressions. *Journal of Chikushi Jogakuen University and Junior College* 3. 1-14. [On-line], disponível em <http://english.kyunghee.ac.kr/~jongbok/research/final-papers/cog-obj-jn-sub-preprint.pdf> (21/10/2013).
- Oliveira, F. (2003). Tempo e Aspecto. In Mateus *et al.* (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 128-178.
- Pereira, S. G. (2007). Objectos cognatos e determinação verbal. In David Trotter (ed.) (2007). *Actes du XXIVe Congrès International de Linguistique et Philologie Romane*, Vol.I. Tübingen : Max Niemeyer. 121-130.

Pereira, S. G. (2009). *A semântica do Objecto: Aspecto e Determinação Nominal*. Lisboa: FCG e FCT.

Pereltsvaig, A. (1999). Cognate Objects in Russian: is the notion “cognate” relevant for Syntax? In *Canadian Journal of Linguistics/Revue Canadienne de Linguistique* 44 (3). 267–291.

Pereltsvaig, A. (1999a). Two Classes of Cognate Objects. In K. Shahin, S. Blake, and E.-S. Kim (eds.). *The Proceedings of the WCCFL XVII*, CSLI Publications: Stanford. 537–551.

Pereltsvaig, A. (1999b). Cognate Objects in Russian: is the notion “cognate” relevant for Syntax? In *Canadian Journal of Linguistics/Revue canadienne de linguistique* 44(3). 267–291.

Pereltsvaig, A. (2002). Cognate objects in Modern and Biblical Hebrew. In J. Ouhalla & U. Shlonsky (orgs.) *Themes and Issues in Arabic Hebrew*, Dordrecht: Kluwer, 107-136.

Pham, H. (1998) Cognate objects in Vietnamese transitive verbs. In *Toronto Working Papers in Linguistics* 17. 227-246.

Plaza, A. B. (2005). *Combinaciones verbonominales y lexicalización*. Frankfurt: Peter Lang.

Pustejovsky, J. (1995). *The Generative Lexicon*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

Pylkkänen, L. (2000). Deriving Adversity. In *WCCFL Proceedings 19*. Somerville, MA: Cascadilla Press. 399-410.

Pylkkänen, L. (2002). *Introducing Arguments*. Ph.D. Dissertation, MIT.

Pylkkänen, L. (2008). *Introducing Arguments*. Cambridge: MIT Press.

Ramchand, G. (2008). *Verb Meaning and the Lexicon: a first phase syntax*, Cambridge University Press.

Rassi, A. P. (2008). Estatuto sintático-semântico do verbo *fazer* no Português escrito do Brasil. Tese de mestrado em Linguística e Língua Portuguesa. Goiânia: Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. [On-line], disponível em http://bdtd.ufg.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=650 (acedido em 20/03/2013).

Real Academia Española (1931). *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe.

Real-Puigdollers, C. (2008). The Nature of Cognate Objects. A Syntactic Approach. In *Proceedings ConSOLE XVI*. 157–178. [On-line], disponível em <http://www.sole.leidenuniv.nl> (acedido em 27/05/2011).

Reinhart, T. (2000). *The theta system: syntactic realization of verbal concepts*. Utrecht: UiL OTS Working Papers.

Reinhart, T. & Siloni, T. (2003). *Thematic Arity Operations and Parametric Variations*. In *OTS working papers in linguistics*, TL-03-001. 1-43.

Renzi, L. (1988) (org.). *Grande gramatica Italiana di Consultazione*. Bologna: IL Mulino.

Ribeiro, S. (2011). *Estruturas com Se anafórico, impessoal e decausativo em português. Dissertação de Doutoramento em Linguística Portuguesa*. Universidade de Coimbra: edição do autor.

Rice, S. (1987). *Towards a Cognitive Model of Transitivity*. Dissertação de doutoramento. San Diego: University of California. Citado por Kitahara (2006).

Rizzi, L. (1986). Null objects in Italian and the theory of pro. *Linguistic Inquiry* 17. 501-557.

Rodrigues, A.S. (2001). *A construção de postverbais em português*. Porto: Granito Editores e Livreiros.

Runner, J. T. (2000). The External Object Hypothesis and the Case of Object Expletives. In K. M. Crosswhite & J. S. Magnuson (Eds.). *University of Rochester Working Papers in the Language Sciences*, 1 (2), 257-269.

Sabino, M. A. (2006). Falsos cognatos, falsos amigos ou cognatos enganoso? Desfazendo a confusão teórica através da prática. In: *ALFA Revista de Linguística*. (2006). 251-263. Disponível em <http://www.alfa.ibilce.unesp.br/download/v50-2/15-Sabino.pdf> (acedido em 13/7/2011).

Sadler, L., & Spencer, A. (1998). *Morphology and argument structure*. In *The Handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell. 206-236.

Sailer, M. (2010). *The Family of English Cognate Object Constructions*. In Stefan Müller [ed.]. *Proceedings of the HPSG 10 Conference*. Paris: CSLI – Université Paris Diderot (Paris 7). 191-211. [On-line], disponível em <http://csli-publications.stanford.edu/HPSG/2010/sailer.pdf> (acedido em 05/06/2012)

Scher, A. P & Leung, R. (2005). *O Filtro do Caso e os Objetos Cognatos com Verbos Inacusativos em PB*. [On-line], disponível em <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2005/4publica-estudos-2005-pdfs/o-filtro-do-caso-e-os-objetos-1517.pdf?SQMSESSID=a38ffc79c82bcbe561e1c641326fd16c> (acedido em 14/06/2012).

Scher, A. P., Medeiros, A. B. de & Minussi, R. D. (s/data). *Estrutura Argumental em Morfologia Distribuída*. Documento com 16 páginas, não numeradas. [On-line], disponível em:
http://www.academia.edu/4226939/Estrutura_Argumental_em_Morfologia_Distribuida
(acedido em 14/11/2013).

Siddiqi, D. (2009). *Syntax within the Word. Economy, allomorphy, and argument selection in distributed morphology*, *Linguistik aktuell/Linguistics Today*: JB.

Silva, F. (2001). Entre a gramática tradicional e a gramática de valências. In Actas do Colóquio *A Linguística na Formação de Professores de Português*. Porto: Centro de Linguística da Universidade do Porto. 83-105.

Silva, H. M. F. da (2009). Verbos-suporte ou expressões lexicalizadas? *SOLETRAS*, Ano IX, nº 17. Supl. São Gonçalo: UERJ. 175-182. [On-line], disponível em <http://www.filologia.org.br/soletras/17sup/15.pdf> (acedido em 13/11/2013).

Silva, M. (2010) *As construções com objeto cognato em Português: análise baseada no uso de um desencontro sintático-semântico e sua modelagem formal pela gramática das construções*, tese de doutoramento [On-line], disponível em http://www.btdt.ufjf.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=820 (acedido em 20/05/2012).

Silva, M. (2010a) *As construções com objeto cognato em Português: análise e esboço de modelagem sociocognitiva*. [On-line], disponível em <http://marcelolopesdasilva.com.br/index.php/textosdoautor.html> (acedido em 20/05/2012).

Sportiche, D. (1988). A Theory of Floating Quantifiers and its Corollaries for Constituent Structure. *Linguistic Inquiry*, 19. 425-449.

Stowell, T. (1991). Determiners in NP and DP. In D. Bouchard and K. Leffel (eds.). *Views on Phrase Structure*. Kluwer Academic Publishers. 37-56

Tenny, C. (1994). *Aspectual Roles and the Syntax-Semantics Interface*. Dordrech/Boston/London: Kluwer Academic Publishers.

Tesnière, L. (1959 [1969]). *Éléments de Syntaxe Structurale*. Paris: Klincksieck.

Uriagereka, J. (2002). Doubling and Possession. In B. Gerlach & J. Grijzenhout (ed.), *Clitics in Phonology, Morphology and Syntax*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 405-431.

Vale, O. (2001). Expressões Cristalizadas do Português do Brasil: uma proposta de tipologia. Dissertação de Doutorado. Vol. I. Brasil - Araraquara: edição de autor.

Vendler, Z. (1967). *Linguistics and Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press.

Vilela, M. (1986). *Gramática de Valências: apresentação e esboço de aplicação à língua portuguesa*. Coimbra: Almedina.

Vilela, M. (1992). *Gramática de valências: teoria e aplicação*. Coimbra: Almedina.

Villalva, A. (2003). Formação de palavras: a composição. In Mateus et al. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho. 969-983.

Wechsler, S. (2008). «Dualist Syntax», comunicação apresentada à *HPSG08 Conference*, NICT, Keihanna.

Wehrli, E. (1986). On some properties of french clitic *Se*. In H. Borer (ed.) *The Syntax of Pronominal Clitics*. San Francisco: Academic Press. 263-283.

Zubizarreta, M. L. (1987). *Levels of Representation in the lexicon and in Syntax*. Dordrecht: Foris.

Wunderlich, D. (1997). Cause and the structure of verbs. *Linguistic Inquiry*, v. 28, n. 1. 27-68.

Wunderlich, D. (2009). Lexical Decomposition. In W. Hinzen, et al. (Eds.) *The Oxford handbook of compositionality*. Oxford: Oxford University Press.

Anexos

Anexo I - Classificações sintática e semântica dos verbos do *corpus*

Código	Verbo	Classificação sintática (c/ base em Cunha & Cintra, 1984; Mateus <i>et al.</i>, 2003)	Classificação semântica (c/base em Höche, 2009)	Par V – N
1	acenar	intransitivo (inergativo)	V execução	acenar – aceno
2	ajudar	transitivo direto	V atitude	ajudar – ajuda
3	almoçar	alternância trans/intrans	V ingestão	almoçar – almoço
4	amanhecer	intransitivo (impessoal)	V meteorológico	amanhecer – manhã
5	anexar	transitivo direto	V execução	anexar – anexo
6	anoitecer	intransitivo (impessoal)	V meteorológico	anoitecer – noite
87	aparecer	intransitivo (inacusativo)	V movimento	aparecer – aparecimento
7	apresentar	transitivo direto	V execução	apresentar – apresentação
8	beber	alternância trans/intrans	V ingestão	beber – bebida
9	beijar	transitivo direto	V atitude	beijar – beijo
10	berrar	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal/reação corporal	berrar – berro
11	bocejar	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal/reação corporal	bocejar – bocejo
12	brilhar	intransitivo (inacusativo)	V mudança de estado	brilhar – brilho
13	cair	intransitivo (inacusativo)	V de movimento	cair – queda
14	caminhar	intransitivo (inergativo)	V de movimento	caminhar – caminho
15	cantar	alternância trans/intrans	V execução/performance	cantar – cantiga/canção/canto
16	chegar	intransitivo (inacusativo)	V movimento	chegar – chegada
17	cheirar	transitivo direto	V de percepção	cheirar – cheiro
18	chorar	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal/reação corporal	chorar – choro
19	chover	intransitivo (impessoal)	V estado meteorológico	chover – chuva
20	chutar	transitivo direto	V de movimento	chutar – chute/chuto
21	comer	alternância trans/intrans	V ingestão	comer – comida
22	comprar	transitivo direto/ditransitivo	V execução	comprar – compra
23	construir	transitivo direto	V criação/ atividade resultativa	construir – construção
24	copiar	transitivo direto	V criação/ atividade resultativa	copiar – cópia
25	correr	alternância trans/intrans	V de movimento	correr – corrida
89	cortar	transitivo direto	V execução	cortar – corte
91	cuspir	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal /reação corporal	cuspir – cuspe
26	dançar	alternância trans/intrans	V execução/performance	dançar – dança
27	dar	transitivo/ditransitivo	V transferência de posse	dar – dádiva
28	decidir	transitivo direto	V atitude	decidir – decisão
88	desaparecer	intransitivo (inacusativo)	V movimento	desaparecer – desaparecimento
81	descer	alternância trans/intrans	V de movimento	descer – descida

29	desenhar	transitivo direto	V criação/ atividade resultativa	desenhar – desenho
95	desejar	transitivo direto	V atitude	desejar – desejo
30	dispensar	transitivo direto	V atitude	dispensar – dispensa
94	dizer	transitivo ditransitivo	V comunicação verbal	dizer – dito
31	dobrar	transitivo direto	V execução	dobrar – dobra
32	dormir	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal/reação corporal	dormir – dormida/ sono
96	encher	transitivo direto	V execução	encher – enchimento
33	encomendar	transitivo direto	V execução	encomendar – encomenda
102	entardecer	intransitivo (impessoal)	V meteorológico	entardecer – tarde
34	entrar	intransitivo (inacusativo)	V movimento	entrar – entrada
97	escolher	transitivo direto	V atitude	escolher – escolha
82	escrever	alternância trans/intrans	V execução	escrever – escrita
35	espirrar	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal/reação corporal	espirrar – espirro
83	existir	intransitivo (inacusativo)	V de existência	existir – existência
36	falar	alternância trans/intrans	V comunicação verbal	falar – fala
37	fazer	transitivo direto	V criação/atividade resultativa	fazer–feito
38	filmar	transitivo direto	V criação/atividade resultativa	filmar – filme
98	fingir	alternância trans/intrans	V atitude	fingir – fingimento
39	florir	intransitivo (inacusativo)	V mudança de estado	florir – flor
40	gravar	transitivo direto	V criação/atividade resultativa	gravar – gravação
41	gritar	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal/reação corporal V comunicação verbal	gritar – grito
42	inventar	transitivo direto	V criação/ atividade resultativa	inventar – invento
86	ir	transitivo indireto intransitivo (inacusativo)	V de movimento	ir – ida
43	jantar	alternância trans/intrans	V ingestão	jantar – jantar
44	jogar	alternância trans/intrans	V execução	jogar – jogo
45	lanchar	alternância trans/intrans	V ingestão	lanchar – lanche
46	ler	alternância trans/intrans	V cognitivo	ler – leitura/lida
47	mentir	transitivo indireto	V atitude	mentir – mentira
101	misturar	transitivo direto	V execução	misturar – mistura
48	morder	transitivo direto	V execução	morder – mordida/mordedela
49	morrer	intransitivo (inacusativo)	V mudança de estado	morrer – morte
50	nascer	intransitivo (inacusativo)	V mudança de estado	nascer – nascimento
51	nevar	intransitivo (impessoal)	V estado meteorológico	nevar – neve
52	oferecer	transitivo/ditransitivo	V transferência de posse	oferecer – oferta
53	operar	transitivo direto	V execução	operar – operação
54	orar	intransitivo (inergativo)	V comunicação verbal	orar – oração
55	parir	alternância trans/intrans	V criação/atividade resultativa	parir – parto

Regência, transitividade e intransitividade: noções e critérios
Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE

56	partir	transitivo indireto intransitivo (inacusativo)	V movimento	partir – partida
57	passar	intransitivo (inacusativo)	V de movimento	passar – passeio
58	pensar	intransitivo (inergativo)	V cognitivo	pensar - pensamento
59	perder	transitivo direto	V mudança de estado	perder – perda
60	picar	alternância trans/intrans	V execução	picar – picada
61	produzir	transitivo direto	V criação/ atividade resultativa	produzir – produto
62	publicar	transitivo direto	V criação/ atividade resultativa	publicar – publicação
63	relampejar	intransitivo (impessoal)	V estado meteorológico	relampejar – relâmpago
64	respirar	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal/reação corporal	respirar – respiração
65	rezar	alternância trans/intrans	V comunicação verbal	rezar – reza
66	rir	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal/reação corporal	rir – riso
67	roncar	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal /reação corporal	roncar – ronco
68	sair	intransitivo (inacusativo)	V de movimento	sair – saída
69	saltar	alternância trans/intrans	V de movimento	saltar – salto
90	sangrar	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal /reação corporal	sangrar – sangue
70	semear	transitivo direto	V criação/atividade resultativa	semear – semente
103	sofrer	intransitivo (inergativo)	V sentimento	sofrer - sofrimento
100	sonhar	intransitivo (inergativo)	V cognitivo	sonhar – sonho
71	sorrir	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal /reação corporal	sorrir – sorriso
93	suar	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal /reação corporal	suar – suor
84	subir	alternância trans/intrans	V de movimento	subir – subida
85	surgir	intransitivo (inacusativo)	V movimento	surgir – surgimento
72	suspirar	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal /reação corporal	suspirar – suspiro
73	trabalhar	alternância trans/intrans	V execução	trabalhar – trabalho
99	tocar	transitivo direto	V de percepção V execução	tocar – toque
74	tossir	intransitivo (inergativo)	V comunicação não verbal /reação corporal	tossir – tosse
75	trovejar	intransitivo (impessoal)	V meteorológico	trovejar – trovão
76	vencer	alternância trans/intrans	V de mudança de estado	vencer – vitória
77	ver	transitivo direto	V de percepção	ver – visão
80	vir	transitivo indireto intransitivo (inacusativo)	V movimento	vir – vinda
78	viver	alternância trans/intrans	V de existência	viver – vida
79	voar	intransitivo (inacusativo)	V de movimento	voar – voo
92	vomitir	alternância trans/intrans	V comunicação não verbal /reação corporal	vomitir – vômito

Anexo II – Lista total das construções

Nº const.	Código Verbo	Verbo cog	Construção
1	1	acenar	Olhou para mim e acanou um aceno de paz, com projeto de sorriso nos lábios. (http://bolido540.blogspot.pt/2013/05/moliere.html 03/07/2013)
2			Ele acanou um aceno desconsiderado. (pt.scribd.com/doc/.../Cathryn-Fox-Pleasure-Games-02-Prazer-Prolongad... 03/07/2013)
3			Já no fim da descida, sorri, no que ela respondeu com outro sorriso, então meio que instintivamente acenei , um aceno meio fuleiro... (http://extestemunhasdejeova.net/forum/viewtopic.php?f=15&t=13226 22/07/2013)
4			De repente ele viu-a e acanou um aceno de amigo. Mas não era amizade que sentia por ele. — Marina? Algum problema? (http://pt.scribd.com/doc/23617584/Sabrina-1315-Lynda-Simmons-Paixao-perigosa 22/07/2013)
5	2	ajudar	Muito obrigado! Garanto-lhe que o seu conselho me ajudou uma ajuda ! Meu maior medo é que o pássaro escapar de mim, e eu quero saber muito antes disso. (http://falcoaria.com/forum/viewtopic.php?f=7&t=68516&start=0 09/07/2013)
6			3
7	Nas mãos sábias e bem-ensinadas de Yoshio-san, que conseguiu apreender o que o mestre Takashi Yoshitake quis que aprendesse, almocei um almoço de sashimi perfeito. (http://www.publico.pt/opiniao/jornal/o-aya-de-volta-23653680 19/07/2013)		
8	Almocei um almoço muito bom e brinquei com os outros meninos. Agora vou fazer os meus deveres e vou para a caminha depois da minha da minha mãe me contar uma história. (http://littlebench.blogs.sapo.pt/arquivo/221431.html 19/07/2013)		
9	Depois deste passeio de sonho, fomos de Hummer (atenção... não andamos em qualquer coisinha! Ehehe) até ao cimo de um “monte” (que aqui não são muito altos) onde almoçámos um almoço de reis. (http://natsoph.blogspot.pt/2005/06/minha-aventura-africana.html 19/07/2013)		
10			Fomos as portas do palácio...e voltamos para trás, pois o Papá J tinha de ir ao atelier... almoçamos um almoço muito British: MacDonald’s (enganei vos)...que nada tem a ver connosco... (http://olhostristes-kikas.blogspot.pt/2011/02/2-dia-em-londres.html 19/07/2013)
11			Almoçámos um almoço bem delicioso e na parte da tarde, foi a vez dos alunos de 1º e 3º ano disputarem o campeonato, os alunos de 1º ano, o jogo do SEMÁFORO e os de 3º ano o jogo do OURI e os outros alunos de 2º e 4º anos irem realizar actividades físicas. (http://eb1povoa-da-atalaia.blogs.sapo.pt/2010/06/ 19/07/2013)
875			E foi assim que no dia seguinte o Pedro almoçou um rolo de carne delicioso e eu almocei courgette grelhada (a bem.. Salmão com molho de agrião. (http://www.mytaste.pt/p/almoçou.html 23/09/2013)
12	4	amanhecer	Hoje amanheceu uma manha cinza, meio cabalística como todo dia 13 (http://anapaulagarcia.wordpress.com/category/mistico/ 03/07/2013)

13			Amanheceu uma manhã bastante agradável: o mar não está assim muito agitado e o céu não muito encoberto. (http://www.odisseiasnomares.com/2012/09/naufrago-22-dia-canoa-esteve-ha-pouco.html 03/07/2013)
14			Amanheceu uma manhã fria. Tão fria que me arrepiaria a pele naquela neblina da estrada. Mas eu estava quente. O sentimento aquecia ... (http://ultimocanto.wordpress.com/2012/07/05/o-comeco/ 03/07/2013)
15			Hoje amanheceu uma manhã nublada, está bom para estudar, porque não está quente como os outros dias. Eu gosto de temperatura assim, ... (http://olharacreano.blogspot.pt/2011_09_01_archive.html 03/07/2013)
16			Amanheceu uma manhã gelada e ornada de lindos raios luminosos do Sol a se derramar por entre as copas das árvores, se infiltrar pelos vãos de seus galhos ... (http://www.sulit.com.ph/index.php/classifieds+directory+multiply+redirect/q/journal/item/10/multiplyShop/search 03/07/2013)
17			Domingo amanheceu uma manhã lindíssima de sol com temperatura baixa. (http://coisasqueeu gosto.com/2013/04/15/a-semana-2/ 03/07/2013)
18			Amanheceu uma manhã tropical. Eu não podia estranhar, mas achei esquisito. (http://mandirocha.blogspot.pt/2012/01/amanheceu-uma-manha-tropical.html 03/07/2013)
19			Hoje amanheceu uma manhã gelada e fria, mas as rosas estão lindas (http://artdebonecar.blogspot.pt/2013/05/hoje-amanheceu-uma-manha-gelada-e-fria.html 03/07/2013)
21			Quando amanheceu a manhã cinzenta da terça-feira seguinte, nas estantes de uma certa livraria localizada junto à Avenida Liberdade, ... (http://confissoes-isa.blogspot.pt/ 03/07/2013)
22	5	anexar	Quanto a este item, o setor responsável ao encaminhar os Anexos por entidades, por uma lapso, não anexou o Anexo TC-13 da Câmara Municipal. (www.tce.ro.gov.br:8080/rt/RT_01171_2011_16_1.doc 06/07/2013)
23			Como anexar um anexo do EXCEL link e ver as pessoas que nao tem o MS office? (http://www.accelerated-ideas.com/perguntas-e-respostas/microsoft-office/como-anexar-anexo-excel-link-pessoas-office-432196-spage.aspx 04/07/2013)
24			Quando anexar vários anexos de ficheiro utilizando o OCX MSMAPI32 e chamar o método Send, recebe a seguinte mensagem de erro: Código de exceção IDispatch OLE 0 do MAPIMessages: ocorreu falha não especificada ... (http://support.microsoft.com/kb/181899/pt 04/07/2013)
883			Se você anexou um arquivo Microsoft Office Word ou Excel no Smartsheet, existe uma opção adicional para Abrir como Google Doc. (http://pt.smartsheet.com/help-categories/anexos 22/09/2013)
25	6	anoitecer	Anoiteceu . Uma noite eterna que te cega. (alpendredalua.blogspot.com/2013/06/poema-anoiteceu-por-sonia-m.html 09/07/2013)
819			não anoiteceu uma noite muito boa: lua brilhante num céu com raras nuvens, dúvidas, vontade de chorar, de se esconder e mais dor e mais responsabilidades que faço questão de deixar para amanhã. (http://omeureversoemprosa.blogspot.pt/2005/06/amanheceu-um-dia-de-morte-cinza-dor-no.html#! 2005/06/amanheceu-um-dia-de-morte-cinza-dor-no.html 17/09/2013)
820			Anoiteceu , uma noite de Verão. (http://recadosdeparis.blogspot.pt/2013_05_01_archive.html 17/09/2013)

27	7	apresentar	Ao contrário do que esperava, o Henning Fisher não apresentou uma apresentação específica sobre usabilidade, mas a apresentação “Stop Designing Products (and start designing experiences)”. (http://blog.lisbonlab.com/2008/05/sapo-unplugged-08-aveiro/ 05/07/2013)
29			O Sr. Engenheiro apresentação uma apresentação em Power Point sobre a loja do Cidadão do Porto (http://www.epg.pt/site/images_upload/ficheiros/2_jornalEPG.pdf 05/07/2013)
30			Outro orador foi Dom Francisco Grimaldi o juiz OJM que apresentou uma apresentação sobre a hereditariedade e transmissão do canário de cor. (http://armmoreira.blogspot.pt/2010_03_01_archive.html 05/07/2013)
31			A informação aos sócios há muito que vem de longe, e nunca nenhum presidente deste clube que me lembre alguma vez apresentou uma apresentação clara das contas. (http://www.forumscp.com/index.php?topic=13882.440 05/07/2013)
32			Ela iniciou a aula na área do Conhecimento do Mundo com o tema “Os castelos” e para isso apresentou uma apresentação em PowerPoint (http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/4356/1/SoniaGomes.pdf 05/07/013)
33			desenvolvimento curricular, em que ele apresentou uma apresentação sobre o 1º ciclo, sobre as dificuldades, em que ele faz uma observação que eu também (http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/18778/1/Maria%20Julieta%20Guimar%C3%A3es%20Ferreira.pdf 05/07/2013)
34			18 anos, jovem do Porto apresentou uma apresentação sobre comunicação. (http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/18 anos, jovem do Porto apresentou uma apresentação sobre comunicação.5686/1/ulfpie039803_tm.pdf 05/07/2013)
35			Por término, apresentou uma apresentação de powerpoint esquematizando todos os constituintes da Banda Desenhada. (http://comum.rcaap.pt/bitstream/123456789/2470/1/Relatorio%20Estagio%20Sofia%20Barreiros.pdf 05/07/2013)
871			O professor Nuno Grande apresentou uma conferência denominada “A Arquitetura Portuguesa: Universalismo Crítico”, onde expôs a sua visão. (www.ulp.pt/pt/category/1-noticias-boletim-informativo.html?download... 23/09/2013)
36	8	beber	Em Portugal, o álcool é desconhecido de 20 a 39,9% da população e em países como a Índia, Vietname, Argélia ou Etiópia ou em países com populações maioritariamente muçulmanas, deparamo-nos com o maior número de pessoas que nunca bebeu uma bebida alcoólica. (http://noticias.universia.pt/vida-universitaria/noticia/2011/03/02/795488/portugueses-os-menos-bbados-do-mundo.html 18/07/2013)
37			Este jovem bebeu demais e depois foi conduzir e a polícia apanhou-o, então os entrevistados estavam a fazer perguntas o que ele tinha bebido ele dizia que bebeu uma bebida , muito engraçado. (http://www.jacaesta.com/jovem-e-detido-por-policia-apos-conduzir-bebado/ 18/07/2013)
38			Contaram-lhe em segredo, que bebeu uma bebida com um sabor estranho a saudade, não resistiu e foi embora... (http://janelamagicanapre.blogspot.pt/2012/03/era-uma-vez-no-jardim-do-palacio-do.html 18/07/2013)

Regência, transitividade e intransitividade: noções e critérios
Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE

39		Mas foi um dia mau para o papá..... bebeu uma bebida fresca, estava a transpirar e estava na digestão deu-lhe uma paragem de digestão e passou o resto do dia a vomitar, cheio de diarreias.....estava branco!!!! (http://familiateixeira.blogs.sapo.pt/104870.html 18/07/2013)
40		(...) bebeu uma bebida alcoólica sem os seus pais saberem. (http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4393/1/Actas_Galaico_2005_IAVID.pdf 18/07/2013)
41		O Chefe Wiggum diz-lhe que recebeu uma chamada por distúrbios familiares no número 742, Evergreen Terrace, e Moe diz-lhe que ele bebeu uma bebida que apagava a memória das últimas 24 horas da vida de uma pessoa para se ver livre de algo horrível que tinha feito no dia anterior. (http://fox.canais-fox.pt/series/os-simpson/episodios/eternal-moonshine-of-the-simpson-mind 18/07/2013)
42		A minha mãe nunca bebeu uma bebida alcoolica e o meu pai bebia muito moderadamente. (http://filhosdenisa.blogspot.pt/2010/01/falando-serio-comos-filhos-denisa.html 18/07/2013)
43		Bebemos o cafézinho da praxe, com excepção do Agnelo que bebeu uma bebida fresca e por ali nos mantivemos algum tempo na conversa, pois ainda era cedo. (http://ac-trilhoseaventuras.blogspot.pt/2007/08/descida-s-ribeiras-dos-maxiais.html 18/07/2013)
44		Ela bebeu uma bebida alcoólica com os amigos. (http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/456/1/18156_ulfl063638_TM.pdf 18/07/2013)
45		Já alguma vez bebeu uma bebida a mais? Que não foi uma boa ideia. (http://search.conduit.com/?ctid=CT3242335&octid=CT3242335&SearchSource=11&CUI=UN73675846843980252&SSPV=&Lay=1&UM=false&fq=http%3A%2F%2Fwww.lojasexo.com%2Festimulantes%2Findex_2.html%3Ford_pqlista%3Dab_A&SAT=SAT_ID 18/07/2013)
46		O Manuel está com cara de quem bebeu uma bebida bem forte. (http://www.atitude-surf.com/modules.php?name=Forums&file=viewtopic&t=3065&postdays=0&postorder=asc&start=25 18/07/2013)
47		Acresce que não existiam fatores externos (nomeadamente o consumo de álcool em excesso) que justificassem (como o sr. perito referiu) a manutenção prolongada de uma situação de descontrolo (o próprio arguido não confirmou tal consumo em excesso, referindo até que apenas bebeu uma bebida no bar, não chegando a beber uma segunda que pedira). (http://www.dgsi.pt/jtre.nsf/134973db04f39bf2802579bf005f080b/b67ad1b1ee089cf080257b1700522ea6?OpenDocument 18/07/2013)
48		Alguma vez bebeu uma bebida alcoólica. Não. Sim. (http://www.portaldasauade.pt/NR/rdonlyres/7C16334B-223A-4D8F-B65A-03914533A83D/0/i005965.pdf 18/07/2013)
49		Um amigo meu padre contou-me que uma vez estava num bar com outras pessoas e bebeu uma bebida qualquer forte. (http://www.paroquias.org/forum/read.php?1,9270,page=76 18/07/2013)
50		Uma vez bebi uma bebida que veio dos 'Americas' (da base das Lajes) que até encarcolava os pêlos do cu...a alcunha da bebida era JP-8 (http://ainanas.com/must-see/as-bebidas-mais-potentes-do-mundo/ 18/07/2013)
51		Claramente, bebi uma bebida a mais e estou profundamente embaraçada com as coisas que disse. (http://lifestyle.publico.pt/noticias/319268_reese-excedeu-se-e-acabou-na-esquadra 18/07/2013)

52		Podem não acreditar mas a única vez que bebi uma bebida com GRAU em 2011 foi uma mini que o Caped me pagou no Tróia - S Torpes. (http://www.fixedgearportugal.com/a-minha-fixie/projectos/730/?PHPSESSID=30uc0a3a66v0vsjfl1i2ot9lf2;wap2 18/07/2013)
53		Bebi uma bebida fresca, delíciei-me. Vesti calções e em tronco nu andei por jardins sombrios. Senti o sol numa tarde de inverno. (http://jornaldascortes.com/index.php?option=com_content&task=view&id=3004&Itemid=41 18/07/2013)
54		Na minha aula de inglês, bebi uma bebida chamada root beer, eu primeiro cheirei e gostei do cheiro, cheirava a caramelo, provei, mas não gostei, tinha muito gás, deitei fora e fui logo lavar a boca. É por isso que eu não gosto de root beer. (http://www.colegiosaofilipe.pt/noticias-2/root-beer-2 18/07/2013)
55		Mas pronto, gostos à parte, eu bebi uma bebida gelada quando fui ao Starbucks... e gostei. (http://sixdegreesofseparation.blogspot.pt/2010/11/starbucks-experience.html 18/07/2013)
56		Mas pronto, gostos à parte, eu bebi uma bebida gelada quando fui ao Starbucks... e gostei. (http://sixdegreesofseparation.blogspot.pt/2010/11/starbucks-experience.html 18/07/2013)
57		DROGADA? Como...? Eu só bebi uma bebida ... Duas, nem isso... – tentava argumentar quando à parvoíce que ele estava a dizer, se me tivesse drogado saberia que o tinha feito. (http://agentes_92_th.blogs.sapo.pt/2011/09/ 18/07/2013)
58		Bebi cerveja russa (boa); bebi uma bebida típica chamada Kvas que terá alguma semelhança de gosto com cervejas especiais do género Trapiste, mas nem sei bem o que continha de facto... sabia a alcoól e do bom! (http://correio-mor.blogspot.pt/2007/06/s-petersburg-2.html 18/07/2013)
59		Pelo menos já posso dizer que já bebi uma bebida energética na vida, mais uma skill para o CV :devil lol (http://www.rea.pt/forum/index.php?topic=21135.4540;wap2 18/07/2013)
60		Não jantei, só bebi uma bebida , não estava cheio ,mas estava-se bem. (http://sabonetecorderosa.blogspot.pt/2012/01/shaker-restaurant-bar.html 18/07/2013)
61		Escrevi isto à tarde, mas agora já estou um pouco melhor da gripe, o meu patrão deu-me umas trufas de grand marnier (lol) e bebi uma bebida super boa preparada com carinho que me ajudou um bocadinho. (http://odiabovestepradaenostambem.blogs.sapo.pt/tag/flamenco+chic 18/07/2013)
62		Eu estava lá e apenas bebi uma bebida bem isotónica chamada "powerade" para juniors. (http://trilhosemfim.blogs.sapo.pt/98109.html 18/07/2013)
63		Ana Costa confirmou que tem sempre essa preocupação: "Só bebi uma bebida , logo no início da noite, já a pensar que ia ter de conduzir". (http://www.diretorialcool.pt/comunicacao/Paginas/default.aspx?IdRegisto=1&IdNoticia=254 18/07/2013)
64		Nunca na minha vida bebi uma bebida alcóolica, nunca fumei um cigarro, e, graças a deus, ainda sou virgem. (http://forum.tribos.com.pt/showthread.php?53560-Promiscuidade/page6 18/07/2013)

Regência, transitividade e intransitividade: noções e critérios
Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE

65		No final da tarde bebi uma bebida de chocolate e à hora de jantar estava muito fraca e cheia de fome. (http://dietalev.wordpress.com/ 18/07/2013)
66		Aqui bebi uma bebida recuperadora que me caiu muito bem! (http://www.forumbtt.net/showthread.php?32764-Rescaldo-SRP160-4%AA-Ultramaratona-BTT-9-Abril-2011/page5 18/07/2013)
67		Num dos abastecimentos bebi uma bebida de cor vermelha. Deste monte até Condeixa o percurso é quase sempre em descida. (http://www.omundodacorrida.com/phpBB2/showthread.php?6064-V-Trail-de-Con%C3%ADmbri-ga-Terras-de-Sic%C3%B3-23-Fevereiro-2014/page71 18/07/2013)
68		Boas, depois bebi uma bebida especialidade da Madeira, PONCHA, e então é que foi aquecer. Vou no mesmo voo da EQUIPA, é só ALEGRIA ... (http://fcp.blogs.sapo.pt/596761.html 18/07/2013)
69		Finalmente consigo levantar-me e vejo toda a minha roupa espalhada pelo quarto... mas como e que é possível eu não me lembrar se só bebi uma bebida ? (http://joana_olhos_azuis.blogs.sapo.pt/tag/fic 18/07/2013)
70		Que bebedeira ! Tem idade para ser minha filha! Do tipo, bebi uma bebida com gás, sem álcool e comi um crepe de after eight. (http://para-que-lado.blogs.sapo.pt/190947.html 18/07/2013)
71		há quem goste, há quem não goste. como tudo. dou-te um exemplo: há quem goste do bufete fase, há quem não goste. são gostos e opções. as do verso só acho que por vezes vêm muito picantes, pra te obrigarem a beber. já as comi no verão e suei como um porco, mas só bebi uma bebida ! (http://forum.autohoje.com/off-topic/13279-roteiro-das-francesinhas-44-print.html 18/07/2013)
72		Temos de andar sempre a retocar os lábios cada vez que damos um beijo ou bebemos uma bebida e limpamos a boca, porque senão o fizemos sujeitamos a borrar a maquiagem toda e ficar com uma aparência desleixada e não é isso que queremos. (http://www.cabelosbonitos.org/baton-de-fixacao-longa/ 18/07/2013)
73		Visitamos Senso Jii, um templo budista e para finalizar o dia, bebemos uma bebida , observando os homens de negócio japoneses na sua “after office happy hour”. (http://www.rtp.pt/programa/tv/p27289/e3 18/07/2013)
74		"Quando bebemos uma bebida açucarada, consumimos uma grande quantidade de calorias, mas apesar disso, não ficamos saceados. (http://www.zenemotion.pt/bebidas-acucaradas-podem-ser-mortais/#.Uehnjo1J7RY 18/07/2013)
75		Primeiro bebemos uma bebida (um sumo), depois veio ao palco falar o presidente da Junta e depois foi um senhor cantar ao palco. (http://www.eb1-moinhos-lordelo.rcts.pt/trab06_07.htm 18/07/2013)
76		No final bebemos uma bebida fresca no café escondinho. (http://atnatureza.blogspot.pt/2011_05_01_archive.html 18/07/2013)
77		Como não somos de passar mal, bebemos uma bebida cada e comemos uma única “sandoka” da febra da porca durante os dez dias (http://kouzaselouzas.blogspot.pt/2011/08/feira-simbolica-medieval.html 18/07/2013)
78		Cruzar a Aldeia de Bogas de Cima, seria sempre a arfar, não fosse a paragem no café local, onde bebemos uma bebida fresca e eu matei o bichinho cafeínico, com uma malguinha do dito cujo. (http://ac-trilhoaseaventuras.blogspot.pt/2010_08_01_archive.html 18/07/2013)

79			Quando vierem ao Algarve parem em S. Marcos da Serra que nós bebemos uma bebida fresquinha. (http://www.forumbt.net/showthread.php?23802-1%AA-Meia-Maratona-Mini-Maratona-Casa-do-Benfica-Reguengos-Monsaraz/page4 18/07/2013)
80			O menino, bebeu a bebida magica que a gaivota lhe deu e com a ajuda do golfinho foi ter com a menina ao fundo do mar. (A Menina do Mar)
81			Bebeu a bebida num instante, e depois perguntou ao empregado onde era a casa de banho, e seguiu o caminho que ele lhe tinha indicado. (http://runlikethewind.blogs.sapo.pt/177452.html 18/07/2013)
82			O objectivo é ficar embriagada o mais rapidamente sem ficar com hálito de quem bebeu a bebida . (http://www.contra-ataque.com/forum/index.php?showtopic=30576 18/07/2013)
83			Levantou-se, bebeu a bebida toda de um trago e estendeu a mão para a Selena. (http://sakura-andreia.blogs.sapo.pt/2012/09/ 18/07/2013)
84			<i>par=ext1348879-soc-92b-1:</i> Ele bebeu uma bebida que lhe foi oferecida e chegou a rir, como se nada tivesse acontecido . (22/07/2013)
849			<i>par=ext1238529-nd-95b-1:</i> Como não bebo bebidas alcoólicas, socorro-me do Ice Tea de limão para matar a sede no Verão (rima e é verdade). (22/07/2013)
850			<i>par=ext1240578-pol-95b-1:</i> Bebeu vinho verde, dançou, experimentou os carrinhos de choque e andou de avião. (22/07/2013)
851			<i>par=ext1241793-clt-96b-2:</i> Na plataforma, dez figurantes naturais de Miranda do Douro esperam as suas cenas, enquanto comem talhadas de melão e bebem refrigerantes . (22/07/2013)
85	9	beijar	Aproximei-me dela puxei-a pela a cintura e beije um beijo com uma mistura de sentimentos ,amor carinho paixão sedução ela entregou-se ao beijo enfiou as suas mãos debaixo das minhas tranças e acariciou o meu pescoço (http://billzinha03.blogs.sapo.pt/13699.html 18/07/2013)
86			Vi que estava a ser sincero comigo e apenas o beije . Um beijo calmo, com paixão e também com desejo. (https://pt-pt.facebook.com/1dportugal/timeline?filter=3 18/07/2013)
87	10	berrar	Ela berrou um berro de horror. (Até a borboleta se assustou, e balançou suas belas asas em protesto.) Tinha uma fobia aguda de borboletas (http://alinebei.wordpress.com/2012/02/17/para-ela-tudo-dava-certo-sempre/ 09/07/2013)
88			Mesmo sem forças o suficiente para gritarem berrou um berro acho que uma coisa assim: - Die erdi! Die erdi! Quando se aproximaram da tal terra e novamente ... (http://jonliw.comunidades.net/ 09/07/2013)
89			Quando caiu, ele berrou o berro mais medonho do mundo: é agora que o capeta me chama! (http://pt.scribd.com/doc/24019021/FEBRE-VERDE 09/07/2013)
90	11	bocejar	Ele bocejou um bocejo falso, e fingiu que caía no sono. (Sophie Renwick, http://pt.scribd.com/doc/113565057/5/Capitulo-5 20/07/2013)
91	12	brilhar	Tiveram outras pedras que não vou nomear, pois ainda não as nomeei e teve a pedra da Lua que brilhou um brilho muito suave e me fez lembrar que as pedras as vezes não tem nome nem cor mas podem nos levar pra um país distante, místico, leve, brilhante e feliz. (http://miragemnocaminho.blogspot.pt/2012_07_01_archive.html 09/07/2013)

92	13	cair	Tinha chegado há pouco mais de 24 horas a Lloret del Mar e estava na varanda antes da hora do jantar, quando caiu – uma queda accidental, garantem à agência Lusa fonte policial e um funcionário do hotel. (http://rr.sapo.pt/informacao_detalhe.aspx?fid=25&did=55909 09/07/2013)	
93			Caiu uma queda de dois ou três metros, com todo o peso do corpo sobre o pé direito e foi levada ao hospital de ambulância. (http://meninamalouca.blogspot.pt/2008/07/as-aventuras-do-meu-p-direito-um-ano-se.html 09/07/2013)	
94			A dias o meu nenuco mais novo (que e um traquinas do pior), caiu , uma queda pequenina, so ficou com um vermelhito na testa, que passou logo, e mordeu o labio... (http://demaeparamae.pt/forum/deixar-respirardesmaiar 09/07/2013)	
95			A professora de espanhol foi experimentar andar de motorizada e caiu uma queda . (http://miguelpingas.blogspot.pt/2010_10_01_archive.html 09/07/2013)	
96			Durante os treinos para o skate big air dos X Games, Bob caiu uma queda que chocou todos os presentes. (http://lifesskaters.blogspot.pt/2012_06_01_archive.html 09/07/2013)	
97			Hi, o Pardal caiu uma queda (http://www.estuna.com/Oscars.php?IdElemento=35&Sid=d66fe25998da89e6500d..18/07/2013)	
98			... só que o meu marido agora caiu uma queda na nossa quinta em Belmonte e ia-se matando, mas já passou... (http://oscosteletas.blogspot.pt/2008/04/conversa-com-costeleta.html 18/07/2013)	
99			Santa Teresa de Jesus/ Caiu uma queda no chão/Santa Teresa de Jesus/ Caiu uma queda no chão/Os fieis que a levantaram/Todos com o chapéu na mão/Os fieis que a levantaram/Todos com um chapéu na mão (repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/.../TESE_M_CARVALHINHO.pdf 18/07/2013)	
100		14	caminhar	Julgo que estamos a caminhar por um caminho perigoso na ideia de que todos temos de ser igualmente pobres. (http://www.agenciafinanceira.iol.pt/economia/economia-crescimento-producao-austeridade-vitor-bento-agencia-financeira/1321758-1730.html , 27/02/2012)
101				O percurso: Vai caminhar por um caminho de terra batida que sobe intensamente até encontrar um cruzamento, aqui segue pelo caminho à sua esquerda, mais ... (http://zonapedonal.com/index.php/component/user/SLIDES/index.php?option=com_fireboard&Itemid=53&func=view&catid=11&id=67 , 27/02/2012)
102			Não perca esta excelente oportunidade de férias Peru, onde irá caminhar um caminho antigo que faz parte de um sistema de antiga estrada através das... (http://pt.hicow.com/cusco/machu-picchu/inca-sistema-vi%C3%A1rio-439109.html , 27/02/2012)	
103			A Bíblia revela-nos ao longo da história que nem sempre o caminho de Deus é o caminho mais ... E todos eles caminharam o caminho que Deus lhes deu.”(http://www.igrejanovavida.net/index.php?option=com_content&view=article&id=66&Itemid=58 , 27/02/2012)	

104		... pequena barreira...passaram por uma antiga mina de cobre.... caminharam por um caminho estreito e escondido...depois...estavam junto de ...” (http://blogs.sapo.pt/noauth.bml?journal=cjkaulitz , 27/02/2012)
105		Caminharam, caminharam , por veredas e caminhos . (www.lendarium.org/narrative/a-lenda-da-gardunha/ 27/02/2012)
106		Caminhei por caminhos inexistentes á tua procura, mas nunca te encontrei, agora choro porque nunca te ter encontrado. (http://frasesmalcontadas.blogs.sapo.pt/9564.html , 27/02/2012)
107		Andamos caminhando lado a lado como vêm estes dois saindo do tribunal mas caminhamos caminhos diferentes. (Estórias ao Acaso: Noite Fria (XXII, de João Paulo Videira, http://mailsparaaminhairma.blogspot.com/2009/12/estorias-ao-acaso-noite-fria-xxii.html , 27/02/2012)
108		Sem talvez conhecer a filosofia de Husserl, caminhou um caminho tautológico de "reduções sucessivas" ,passando da árvore ao traço da ... (jccsp50.blogspot.com/2011/03/angelo-de-sousa.html Em cache, 06/07/2012)
109		Sente a solidão profunda de quem caminhou um caminho sozinho e não encontrou o que procurava. Só um beco sem saída. Só o desengano. (mailsparaaminhairma.blogspot.com/.../estorias-ao-acaso-noite-fria-xx... 06/07/2012)
110		Se alguém caminhou por um caminho pedregoso, foi José. Ele foi mimado pelo pai, odiado pelos irmãos, vendido como escravo, falsamente acusado, ... (www.iqc.pt/index2.php?option=com_content&do_pdf 06/07/2012)
111		Caminhei um caminho desviado. Andei nas encostas incertas. Percorri prados distantes. Sabia que algo procurava. Sem saber o quê. Hoje sei ... (gsmagestosos.blogs.sapo.pt/2007/11/?page=8 Em cache, 06/07/2012)
112		Caminhei por um caminho bem espinhoso e, com a minha grande fé, e persistência, consegui superar a ausência e ficar só com a saudade. Essa, será eterna e ... (vidadequalidade.org/a-vida-e-dura-mas-nos-somos-mais-ainda-nao-a... 06/07/2012)
113		Em grande parte das vezes sinto que o chão que piso me foge, não é meu e que caminhei por um caminho que agora está errado...parece ... umsoprodemim.blogs.sapo.pt/2009/12/03/ , 06/07/2012)
114		Eu nunca caminhei por um caminho certinho e sem pedras, cheio de relva e flores coloridas, caminhei algumas vezes por esses caminhos, ... anad-azulaolonge.blogspot.com/2008_12_01_archive.html 06/06/2012)
115		Ontem caminhei por um caminho feito de pedras de uma nova calçada aonde gostei de estar. Postado por Miudaaa às Domingo, Agosto 27, ... (miudaaa.blogspot.com/2006/08/caminhar.html Em cache, 06/07/2012)
116	15	cantar Uma vez, havia um grande grupo de italianos ao pé de mim, eu disse-lhe e Amália cantou uma cantiga italiana para ser amável com eles. (www.portaldofado.net/content/view/2343/343/ (04/07/2012)
117		O anjo apareceu de novo e cantou uma cantiga que falava de um menino nascido num estábulo e que tinha apenas uma fralda a envolvê-lo. A estrela, saindo ... (escolovar.org/conto_lista_babushka.htm (04/07/2012)

Regência, transitividade e intransitividade: noções e critérios
Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE

118		nos sacos, foi estendendo peça por peça na areia e, acompanhada pela música do mar, pelo ir e vir das ondas, cantou uma cantiga , tentando fazer-se ouvir: ... (www.raizonline.net/centoevinteeito/vinteedois.htm (04/07/2012))
119		<i>par=ext1469228-clt-93b-1</i> : R. -- Penso que a mulher esteve confinada durante séculos a um determinado papel e, da mesma forma, ao nível da expressão musical, a certas formas de canto: a mulher na Córsega cantava cantigas de embalar, cantos eleitorais, participava na vida dos campos, cantava os mortos, e era esse o registo que lhe era atribuído. (13/07/2013)
120		Boas, Quem foi o músico bastante conhecido que cantou uma canção com um muçulmano contra a intolerância das religiões? Obrigado desde já (http://forum.autohoje.com/off-topic/98705-musico-que-cantou-uma-cancao-com-um-muculumano-contraintolerancia-das-religoes.html 10/07/2013)
121		Um dia você cantou uma canção de amor a Jesus com todo seu coração. (https://www.facebook.com/PROJETOCULTURAFJU/posts/466031776810581 10/07/2013)
122		Lá ela cantou uma canção , "a mais bela canção jamais criada em palavras e a mais triste que o mundo um dia ouvira", e nela ela colocou todo o sofrimento dos elfos e o pesar dos homens, das duas famílias criadas por Iluvatar para habitar em Arda. (https://pt.wikipedia.org/wiki/L%C3%BAtkien_Tin%C3%BAviel 10/07/2013)
123		Fabiana cantou uma canção do filme Pequena Sereia e em seguida preparou uma surpresa para os jurados. Veja! (http://www.youtube.com/watch?v=cD_ynKQrt2Q 10/07/2013)
124		Depois apareceu a torneira Pingona que deitava sempre água pelo nariz, porque estava avariada e também cantou uma canção . (Carlos) (http://www.eb1-porto-salvo-n3.rcts.pt/alunos/jornal/jornal_04/teatro1.htm 10/07/2013)
125		A menina que a mãe abraçou cantou uma canção . (http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/430/37/19799_ulfl030789_alunos_exercicio_para_ligar_frases.pdf 10/07/2013)
126		E em meio a esta desolação, Renato cantou uma canção que é ao mesmo tempo uma volta à sua juventude e uma despedida. (http://tuliovillaca.wordpress.com/2011/06/14/duas-despedidas-e-um-campo-de-morangos/ 10/07/2013)
127		Rui Andrade - Cada concorrente cantou uma canção do seu repertório próprio, na sua língua, e no meu caso cantei "Amor a Preto e Branco" escolhido pela produção do festival. (http://escportugal2.blogspot.pt/2013/06/entrevista-rui-andrade-fala-ao-esc.html 10/07/2013)
128		A senhora cantou uma canção de amor. (http://www.manualescolar2.0.sebenta.pt/fotos/editor2/entrepalavras8/cel_17_20.pdf 10/07/2013)
129		A menina cantou uma canção de Jennifer Hudson mais precisamente o tema «One night only». (http://www.superfixe.pt/autor/super/page/4/ 10/07/2013)

130		De seguida Miguel Freitas Moura, de Anadia, cantou uma canção de José Cid, “Anita Não é Bonita”. (http://elessaonoticia.blogspot.pt/2009/04/uma-cancao-para-ti-o-novo-grupo.html 10/07/2013)
131		A jovem cantou uma canção inédita durante uma apresentação ao vivo. (http://brit-spears-star.blogspot.pt/2013/07/carly-rose-sonenclar-apresenta-cancao.html 10/07/2013)
132		Quando viu a aranha gostou muito dela e cantou uma canção para ela de amor e eles a partir daí ficaram namorados. (http://escolas.madeira-edu.pt/eb1perseca/Turmas/tabid/11770/Default.aspx 10/07/2013)
133		Depois chamou uma pessoa que vive com ele lá em casa, pensei que fosse o filho, mas não, era a sua filha adolescente que cantou uma canção em conjunto com o pai e pela voz, já deu para ver que tem capacidade para seguir as pisadas do pai e do irmão. (http://sentaqui.blogs.sapo.pt/109574.html 10/07/2013)
134		Lúcio Antunes cantou uma canção popular de Cabo Verde na conferência de imprensa que se seguiu ao apuramento aos quartos. (http://jornaldosdesportos.sapo.ao/29/0/lucio_canta_em_conferencia 10/07/2013)
135		A turma do 3ºB fez uma linda coreografia e cantou uma canção em conjunto com o 4ºB. (http://condesdalousaaazevedo.blogspot.pt/2012/12/festa-de-natal-na-condes-da-lousa.html 10/07/2013)
136		Cantou uma canção "dias da semana", que aludia: ao dia que estávamos, o que se faz e como se deve comportar na sala de aula. (http://j-i-vilacovadalixa.blogspot.pt/ 10/07/2013)
137		A turma MO1 apresentou um teatro, uma dramatização, declamou uma poesia e cantou uma canção . (http://departamento1ceb-am.blogspot.pt/ 10/07/2013)
138		Cantou uma canção de Gloria Estefan, Thalía disse que sempre será um clássico. (http://thaliaportugal.blogs.sapo.pt/2012/09/?page=4 10/07/2013)
139		No final, a equipa Streetfootballworld cantou uma canção tradicional africana dedicada aos seus adversários – é uma excelente forma de terminar um fantástico campeonato de futebol. (http://www.sony.pt/hub/twilight-football/3 10/07/2013)
140		Também cantou uma canção popular do folclore português, um "vira" do Minho e até mesmo uma canção em espanhol com um ar de tango, para acabar com uma bela versão do fado tradicional "Pechicha" com a letra da "Velha Mouraria". (http://www.portaldofado.net/#/content/view/2631/67/ 10/07/2013)
141		Thalía cantou uma canção que ela compôs (como a de Siempre hay cariño) e canta um fragmento dele em Português. (http://thaliaportugal.blogs.sapo.pt/2012/09/?page=4 10/07/2013)
142		Após o ofertório, que foi acompanhado por mais um lindo hino com o instrumental do louvor, Daniel Almeida cantou uma canção de sua autoria chamada 'Compromisso', e então o Pr. José Edson subiu ao púlpito para ministrar a palavra. (http://renovoblog.blogspot.pt/2013/01/serie-resolucoes-2013-eu-resolvo-ser.html 10/07/2013)

143		Alguma vez cantou uma canção de embalar para tranquilizar um bebé que chorava ou cantou a canção do alfabeto a uma criança que o estava a aprender? (http://www.meloteca.com/cursos/artigo-musicoterapia-para-criancas-e-familias-saudaveis.pdf 10/07/2013)
144		Ainda, entre a apresentação de "Love Game" e "Telephone", Gaga cantou uma canção do espetáculo Cabaret. (http://www.rdtgaga.com/2012/09/btwball-principais-fatos-do-primeiro.html 10/07/2013)
145		Fomos ainda contemplados com a intervenção do António do 3ºE que nos deliciou com a sua atuação, bem como a Joana do 4ºI que cantou uma canção da sua autoria. (http://obloguinhodemonidim.blogspot.pt/2013/06/encerramento-do-ano-letivo-peddy-paper.html 10/07/2013)
146		No outro dia, eu li, num sonho, que uma estrela se dirigiu aos olhos de Perricholi e cantou uma canção de memória e coração, por Viracocha-canção. (Jacob Pinheiro Goldberg - 1991 – America; books.google.pt/books?id=e2fOXBBRPeQC 10/07/2013)
147		[João Santos] Cantou uma canção de um dos meus artistas preferidos: Lado Lunar, de Rui Veloso. (http://quinto-canal.com/2012/07/idolos-em-analise-6a-gala-1072012/ 10/07/2013)
148		Depois os Teletubbies cantaram canções sobre os seus brinquedos preferidos, mas Po cantou uma canção sobre uma nuvem. (http://www.dvdpt.com/t/teletubbies_brincam_com_musica.php 10/07/2013)
246		Depois os Teletubbies cantaram canções sobre os seus brinquedos preferidos, mas Po cantou uma canção sobre uma nuvem. (http://www.dvdpt.com/t/teletubbies_brincam_com_musica.php 10/07/2013)
149		Vasco Duarte foi dos poucos concorrentes que cantou uma canção portuguesa. (http://www.atelevisao.com/rubricas/a-voz-de-portugal-em-analise/a-voz-de-portugal-em-analise-3a-semana/ 10/07/2013)
150		Esta participação foi espectacular pois todos tinham vontade de dizer algum e quem não tinha cantou uma canção . (http://www.colegiolauravicunha.com/festa_dos_avos.htm 10/07/2013)
151		a turma reuniu-se na sala de convívio onde o Grão Mestre contou (desta vez) uma História da Terra e cantou uma Canção do Mar. (www.confrariabacalhauilhavo.org > Notícias 10/07/2013)
152		Ouvi dizer que ela cantou uma canção boa, eu ouvi dizer que ela tinha um estilo. (http://sonhosolitario.blogs.sapo.pt/2008/12/ 10/07/2013)
153		Depois, cada turma da nossa escola cantou uma canção . Nós cantámos "Ah, ah, ah minha castanhinha". (http://turminhafabulosa.blogs.sapo.pt/5738.html 10/07/2013)
154		Além de cantar seu repertório básico, o músico – provocador como sempre – cantou uma canção composta na cadeia, em que ele falava que foi preso e vai ser julgado, mas, pelo menos, não havia subornado a polícia. (http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/quando-a-palavra-ferre-mais-que-a-lanca-entrevista-a-azagaia 10/07/2013)

155		Sérgio Godinho cantou canções de autores que o acompanharam ao longo da sua vida como por exemplo, Elvis Presley, Chico Buarque, Jacques Brel ou ainda o tão querido Zeca Afonso no tema “Os Vampiros” porque como disse Sérgio Godinho “esta canção continua terrivelmente actual”. (http://www.mysound-mag.com/2013/06/sergio-godinho-centro-cultural-de-belem.html 10/07/2013)
156		Foi a primeira vez que cantou canções inéditas. (http://vazavento.no.sapo.pt/vz_artistas_n_terra_01_historia.html 10/07/2013)
157		Maria Albertina cantou canções regionais na revista «Viva a folia!», no Teatro Ginmásio, em Fevereiro de 1933 e em Julho desse mesmo ano filmou pela primeira vez, cantando no filme «Canção de Lisboa» o tema «Fado dos beijos quentes», obtendo um enorme sucesso. (http://www.museudofado.pt/personalidades/detalhes.php?id=334 10/07/2013)
158		O percurso foi seguido pelo Rancho Folclórico do Porto, que cantou canções oitocentistas, trajando à época, e terminando com a “Maria da Fonte” no auditório do ISCET. (http://cedofeitaviva.com/?author=2&paged=3 10/07/2013)
159		Ela cantou várias canções em vários idiomas: neerlandês, francês e inglês. Liliane tornou-se nessa época um sucesso e cantava sob o nome Liliane. (https://pt.wikipedia.org/wiki/Liliane_Saint-Pierre 10/07/2013)
160		E o público gostou, cantou as canções do seu lugar... Os olhares de admiração daqueles que nasceram e querem viver em Miragaia, pelo menos até que um dia um grande clube de futebol os leve dali... quem sabe? (http://www.oportoencanta.com/2012/10/do-moderno-ao-tradicional-facil.html 10/07/2013)
161		A aluna Marina Martins, do 8ºB, tocou e cantou as canções "Não sou o único" dos Xutos e Pontapés e "Vejam bem", de Zeca Afonso. (bibliosttau.blogspot.com/2009/06/encontro-com-iva-delgado.html 10/07/2013)
162		Desta vez foi a INÊS L. que cantou a canção e desenhou estes dois peixinhos. [aparecia junto do desenho e da música] (http://pequenos-jornalistas.blogs.sapo.pt/tag/can%C3%A7%C3%A3o 10/07/2013)
163		Após cada aluno receber o seu diploma, o grupo cantou a canção Cá na Escola. Foi muito bonito! (www.madeira-edu.pt/dre/tabid/2922/ctl/Read/mid/5117/.../Default.aspx 10/07/2013)
164		No ano seguinte, junto à banda Queen, escreveu e cantou a canção “Under Pressure” e em seguida atingiu novo pico comercial com o álbum Let’s Dance (1983), que rendeu sucessos com a canção homônima e o fez cativar nova audiência. [fala-se de David Bowie. (http://pplware.sapo.pt/multimedia-2/musica/pplware-classics-58/ 10/07/2013)
165		Cada grupo, cantou as suas canções e no final houve uma “Glória” cantada em coro pelo conjunto das cinco escolas. (http://zildacardoso.blogs.sapo.pt/145249.html 10/07/2013)
166		[José Cid] Cantou as suas canções mais conhecidas e ofereceu em estreia temas do seu próximo trabalho que, segundo disse, sairá lá para Outubro. (http://hardmusica.pt/noticia_detalhe.php?cd_noticia=2713 10/07/2013)
168		<i>par=ext272172-ctt-92a-1</i> : «Acabei por achar mais dificuldades em cantar as canções mais `down` do que as alegres. ” (08/07/2013)

Regência, transitividade e intransitividade: noções e critérios
Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE

169		<i>par=ext1186873-des-93a-2: «Vou tentar cantar a canção do bandido ao João Alves», ironizava, no final da sessão. (08/07/2013)</i>
170		<i>par=ext518617-clt-95a-1: Ao segundo álbum a solo pós-Eurythmics, Annie Lennox decide cantar canções alheias. (08/07/2013)</i>
171		<i>par=ext120568-clt-97a-1: Cesária Évora -- Conheci e sempre cantei músicas dele. (08/07/2013)</i>
172		<i>par=ext1504229-clt-92a-2: Os concertos terão a duração de duas horas, durante as quais Bethânia (com 27 anos de carreira e 29 álbuns publicados) cantará sete temas do último disco, e outras canções mais conhecidas. (08/07/2013)</i>
173		<i>par=ext1394053-clt-96a-1: Comovido, o poeta recorda um espectáculo comemorativo dos 20 anos do 25 de Abril, realizado em Paris no Théâtre Gérard Philippe, onde António Bernardino cantou canções de Coimbra acompanhado ainda por António Portugal. (08/07/2013)</i>
174		<i>par=ext2443-pol-92a-1: Foi agradável, por vezes mesmo comovente, ver Luís Madureira cantar canções românticas, à volta da meia-noite, no Frágil de há uns anos atrás. (08/07/2013)</i>
175		<i>par=ext7434-nd-93b-1: O que se seguiu foi um jantar de fundadoras da IF, onde voltei a encontrar pessoas que já não via há muito e que, quase todas, fazem coisas interessantes -- mas muito mais invisíveis do que as que faziam nessa data já longínqua em que tínhamos cantado canções portuguesas e espanholas (ah, sim, a «Grândola» e «Los quatro generales» eram património comum) em tranquilos autocarros holandeses. (08/07/2013)</i>
176		<i>par=ext10297-nd-91a-1: Serve-se dela para cantar canções doces, nunca agressivas, que às vezes tocam ao de leve no firmamento estético da tal Suzanne, como é nitidamente o caso de «Hot Pork Sandwiches». (08/07/2013)</i>
177		<i>par=ext39719-clt-93b-2: «Cantava canções como «Wheel of Fortune» e fingia que era Kay Starr». (11/07/2013)</i>
178		<i>par=ext67449-pol-93a-2: Estudantes tocavam guitarras e cantavam canções (...) (11/07/2013)</i>
179		<i>par=ext104219-pol-92b-1: No regresso do trabalho, os ustachas não pararam de me bater até chegarmos ao campo, exigindo-me que cantasse canções húngaras." (11/07/2013)</i>
180		<i>par=ext116621-clt-94b-1: Não tem nada a ver com o velho cantor que toda a vida cantou canções tradicionais. (11/07/2013)</i>
181		<i>par=ext125258-nd-93b-1: O patrão aparece de vez em quando e canta duas canções, coisa que mantém o local apinhado de fãs esperançosos e que, se forem muito entusiastas, podem comprar uma réplica de um fato de Prince na loja do clube, por três mil dólares cerca de 500 contos. (11/07/2013)</i>
182		<i>par=ext139964-clt-92a-1: As comédias musicais são diferentes, porque os actores só cantam canções distintas, em certos momentos, e não num recitativo musical contínuo. (09/07/2013)</i>
183		<i>par=ext143391-soc-93a-2: No Sabatini, entram cantores e cantam canções das suas terras, árias de ópera e músicas românticas. (09/07/2013)</i>
184		<i>par=ext143611-clt-92b-1: Nessa medida, no início de 1968, Parker assumiu uma solução de compromisso, concordando com a NBC na produção de um programa especial de Natal desse ano, em que Elvis apareceria para dar as boas festas e cantar 26 canções alusivas da quadra. (09/07/2013)</i>

185		<i>par=ext147001-soc-94a-4:</i> Exibiram cravos e cartazes e cantaram canções de José Afonso. (10/07/2013)
186		<i>par=ext147547-pol-92b-2:</i> «À meia-noite ou à uma da manhã, obrigavam-nos a levantar e a cantar canções chetnik nacionalistas sérvias. (10/07/2013)
187		<i>par=ext153532-des-96b-2:</i> Eis senão quando alguns dos voluntários das forças armadas, bombeiros e Cruz Vermelha que ajudam na organização no «court» nº 1, começaram acantar canções populares e a orientar sessões de ginástica no meio das bancadas apelando à cooperação do público que, já conhecedor, aderiu imediatamente. (11/07/2013)
188		<i>par=ext154933-pol-93b-2:</i> Oita, geminada com Aveiro, lá continuará a ter o seu grupo coral cantando canções portuguesas, as duas árvores plantadas por Mário Soares e Maria Barroso serão «tratadas da melhor forma e com o maior carinho» e, no fim, quem sabe, voltará a comer-se, como desta vez sucedeu, um lanche de... pão-de-ló. (09/07/2013)
189		<i>par=ext156751-nd-93b-2:</i> Mas, se, na altura, vestíamos camisolas às riscas, era porque cantávamos canções que o justificavam. (14/07/2013)
190		<i>par=ext162237-clt-93b-2:</i> McCartney cedeu e começou a cantar canções dos Beatles em concertos. (09/07/2013)
191		<i>par=ext172776-clt-93a-2:</i> Perante 60 mil espectadores, os cantores Eddy Mitchell, Sylvie Vartan e David Hallyday, homenagearam «Johnny» num espectáculo de quatro horas durante o qual o artista cantou 50 canções fazendo uma retrospectiva de quase 30 anos de carreira. (14/07/2013)
192		<i>par=ext173893-pol-92a-1:</i> Os «chetniks» utilizam métodos muito simples para prevenir qualquer eventual acção dos defensores: conservam mulheres e crianças como reféns e, se os soldados bósnios -- os Lírios Dourados -- se atrevem a atravessar a linha defensiva, eles limitam-se a carregar os seus camiões com os reféns e a passear-se em torno de Dobrinja, disparando para o ar e cantando canções nacionalistas. (11/07/2013)
193		<i>par=ext169273-clt-soc-94a-2:</i> Os programas da série Kap 'n Karaoke envolvem o uso interactivo de som (e, por isso, a primeira edição traz um microfone) , podendo a criança cantar canções familiares -- pelo menos, no universo norte-americano -- graças a uma interface especificamente concebida para o efeito. (12/07/2013)
194		<i>par=ext177261-clt-94b-1:</i> Por exemplo, fizemos um espectáculo de comemoração do nosso décimo aniversário em que, na primeira parte, cantámos canções de embalar. (14/07/2013)
195		<i>par=ext186308-clt-93b-1:</i> Comecei por cantar canções «seculares» e não sagradas. (08/07/2013)
196		<i>par=ext190297-nd-91b-2:</i> Tocava-lhe músicas russas e ela cantava canções russas. (14/07/2013)
198		<i>par=ext214907-pol-92b-1:</i> Zacarias Cconocc Huayhua canta canções de pesar à sua mulher que reconheceu». (11/07/2013)
199		<i>par=ext2443-pol-92a-1:</i> Foi agradável, por vezes mesmo comovente, ver Luís Madureira cantar canções românticas, à volta da meia-noite, no Frágil de há uns anos atrás. (12/07/2013)
200		<i>par=ext10297-nd-91a-1:</i> Serve-se dela para cantar canções doces, nunca agressivas, que às vezes tocam ao de leve no firmamento estético da tal Suzanne, como é nitidamente o caso de «Hot Pork Sandwiches». (14/07/2013)

202		<i>par=ext153532-des-96b-2:</i> Eis senão quando alguns dos voluntários das forças armadas, bombeiros e Cruz Vermelha que ajudam na organização no «court» nº 1, começaram cantar canções populares e a orientar sessões de ginástica no meio das bancadas apelando à cooperação do público que, já conhecedor, aderiu imediatamente. (13/07/2013)
203		<i>par=ext162237-clt-93b-2:</i> McCartney cedeu e começou a cantar canções dos Beatles em concertos. (14/07/2013)
205		<i>par=ext186308-clt-93b-1:</i> Comecei por cantar canções «seculares» e não sagradas. (08/07/2013)
206		<i>par=ext241034-clt-94b-2:</i> Mas, com dúvidas ou sem elas, o facto é que os estudantes voltaram a pegar nas violas, bandolins, cavaquinhos, contrabaixos, acordeões, pandeiretas e decidiram-se a cantar canções intemporais, de farra, alegria e alguma brejeirice. (11/07/2013)
207		<i>par=ext264739-pol-97b-1:</i> Desde as sete da manhã, grupos de meninas com fardas de colégios percorrem as ruas a cantar canções patrióticas. (14/07/2013)
208		<i>par=ext489712-soc-97b-1:</i> Depois do jantar, portugueses e polacos voltaram para o pátio do castelo, um local destinado à realização de espectáculos culturais e, de braços dados, começaram a cantar canções dos dois países, por entre aplausos dos turistas que se encontravam no local. (15/07/2013)
209		<i>par=ext495790-soc-92a-1:</i> E uma vez tive uma participação de um oficial superior chamando-me subversivo por estar a cantar canções do José Afonso adaptadas à guerra da Guiné. (14/07/2013)
210		<i>par=ext518617-clt-95a-1:</i> Ao segundo álbum a solo pós-Eurythmics, Annie Lennox decide cantar canções alheias. (08/07/2013)
211		<i>par=ext549131-clt-95b-2:</i> E comecei a cantar canções que estavam proibidas no Estado espanhol." (08/07/2013)
212		<i>par=ext831214-nd-94a-1:</i> E, assim, os funcionários indonésios que se reúnem no New Ressende Inn à noite, para cantar canções sentimentais acompanhadas por uma enorme televisão «karaoke» confundem a rudeza e a brutalidade de que dão provas com uma patriótica firmeza de intenções. (08/07/2013)
213		<i>par=ext864472-clt-93a-3:</i> Com a mulher o eterno derrotista aprendeu a cantar canções de amor. (09/07/2013)
214		<i>par=ext864809-clt-93b-3:</i> «É fácil cantar canções de desamor porque todas as mulheres já foram abandonadas e magoadas uma vez na vida», disse. (08/07/2013)
215		<i>par=ext881875-nd-94b-2:</i> Pela primeira vez, via-se Bing Crosby, Tony Bennett ou Doris Day a cantar canções de Hank Williams, enquanto Hank e Roy Acuff apareciam como convidados especiais na TV. (08/07/2013)
216		<i>par=ext1000960-nd-95b-2:</i> Pode ser «pimba», cantar canções de mau gosto ou usar roupas pouco adequadas, mas faz tudo com uma sinceridade evidente. (09/07/2013)

217		<i>par=ext1041534-clt-92b-2:</i> Muitos deles são catastróficos: são meia dúzia de pessoas a tentar mascarar uma energia que já não têm, a cantar canções que já não sentem. (09/07/2013)
218		<i>par=ext1125003-nd-91b-1:</i> Foi Edith Piaf que me ensinou a cantar canções eternas», confessou mais tarde. (09/07/2013)
219		<i>par=ext1150532-soc-95a-4:</i> Para receberem salários, trabalhadores rurais quase ou totalmente analfabetos frequentaram cursos de formação profissional, um dos quais, sobre a psicologia do sucesso, os obrigava a cantar canções dos Delfins, a fazer teatro, a meditar sobre os seus sentimentos e emoções e a estudar geometria. (11/07/2013)
220		<i>par=ext1252038-clt-93b-1:</i> Portanto, se Paul Simon já não sofre, se as suas canções são mais evocativas do que nunca, porque é que ele anda a cantar canções antigas dos Simon and Garfunkel? (11/07/2013)
221		<i>par=ext1252552-pol-98b-1:</i> «A Igreja não é só cantar canções tristes e rezar. (13/07/2013)
222		<i>par=ext1255304-soc-92a-1:</i> E uma vez tive uma participação de um oficial superior chamando-me subversivo por estar a cantar canções do José Afonso adaptadas à guerra da Guiné. (11/07/2013)
223		<i>par=ext1303239-clt-97a-1:</i> Ou seja, ao lado de canções emblemáticas -- «Não posso deixar de cantar canções que as pessoas reconhecem facilmente» -- como «Engrenagem» e «Eh companheiro» do álbum «Margem de Certa Maneira»(...). (11/07/2013)
224		<i>par=ext1331413-clt-95b-2:</i> «Quando eu era pequeno tínhamos por costume cantar canções natalícias em coro. (09/07/2013)
225		<i>par=ext1367443-clt-93a-4:</i> A sala do teatro S. Luiz encheu-se de silêncio para escutar a sua voz grave cantar canções de amor e desencanto. (11/07/2013)
226		<i>par=ext1414440-soc-95b-3:</i> Vem de Phoenix, Arizona, o índio americano que a partir de hoje vai estar, em Serralves, à disposição dos grupos escolares que o quiserem ouvir a tocar flauta, a cantar canções tradicionais da cultura ameríndia ou a falar sobre aspectos da vida das tribos. (09/07/2013)
227		<i>par=ext1416372-clt-94b-1:</i> Depois desta incursão no «outro lado», já distante de alguns anos, Mathilde resolveu cantar canções de outras latitudes e sensibilidades musicais e dar-lhes o brilho da sua própria personalidade. (09/07/2013)
228		<i>par=ext1429116-soc-97b-1:</i> Mas o mais provável é que os alunos façam as visitas às faculdades de gatos e que passeiem pela cidade pintados, com cartões ao peito de «identification ab reles animalescus» e em fila indiana a cantar canções com letras pouco dignificantes. (10/07/2013)
229		<i>par=ext1480463-nd-92b-2:</i> O que tinha mais dom de palavra espraçou-se numa longa arenga sobre a modernidade no escutismo e sobre a utilização do raio laser ou dos satélites de telecomunicações como complementos que não negavam usos tradicionais como cantar canções tirolesas traduzidas para catalão (no caso do escutismo catalão) e escalar as montanhas sagradas ou mágicas, é o mesmo, que cada país tem. (09/07/2013)

230		<i>par=ext1495887-clt-93a-3</i> : Começou nas baladas da tradição inglesa «a capella», passeou pelo jazz e divertiu-se a vestir blusões de cabedal e a cantar canções dos Velvet Underground, com os Oyster Band. (15/07/2013)
231		<i>par=ext1515239-clt-95a-2</i> : -- vestido de negro, a cantar canções de outro tempo, o dele. (15/07/2013)
232		<i>par=ext1552042-soc-95a-1</i> : Os 36 jovens que aparecerão a cantar canções portuguesas conhecidas nas seis sessões do concurso foram escolhidos de um lote inacreditável de 800. (10/07/2013)
233		<i>par=ext116621-clt-94b-1</i> : Não tem nada a ver com o velho cantor que toda a vida cantou canções tradicionais. (10/07/2013)
234		<i>par=ext942462-clt-94a-1</i> : Cobain cantou canções de auto-interrogação, de não compromisso e o público cantou com eles, a maior parte provavelmente sem perceber sequer o que estava a cantar, mas -- acredita-se-Y com uma ligação forte com tudo o que eles representam: a revolta, o não conformismo, a procura da alienação do dia-a-dia cinzento. (13/07/2013)
235		<i>par=ext1235344-soc-98b-2</i> : Este ano, à falta de melhor, cantou canções várias ao microfone da RTP2. (15/07/2013)
236		<i>par=ext1394053-clt-96a-1</i> : Comovido, o poeta recorda um espectáculo comemorativo dos 20 anos do 25 de Abril, realizado em Paris no Théâtre Gérard Philippe, onde António Bernardino cantou canções de Coimbra acompanhado ainda por António Portugal. (13/07/2013)
238		<i>par=ext214907-pol-92b-1</i> : Zacarias Conoc Huayhua canta canções de pesar à sua mulher que reconheceu». (13/07/2013)
239		<i>par=ext438533-pol-94b-1</i> : A multidão vagueia, monta tendas de campismo, acomoda-se nas bancadas, canta canções revolucionárias e grita: (14/07/2013)
240		<i>par=ext465993-com-98a-1</i> : Mais conhecido pelo seu papel no filme «O Último Imperador» (onde interpreta o imperador), Lone estava a fazer uma «tournée» para promover o seu novo CD, onde canta canções em mandarim. (15/07/2013)
241		<i>par=ext665606-clt-93b-2</i> : Quando canta canções de «alerta», como o «Estupidez», «Chuva dissolvente» ou o recente «Direito ao deserto» (mais conhecida por «Carneirada mole»), sente que a audiência presta atenção ao conteúdo? (15/07/2013)
242		<i>par=ext719290-clt-94b-2</i> : Mesmo quando canta canções de outros, como Leonard Cohen, Tom Waits ou Nick Lowe, Cash canta-as como se fossem suas. (11/07/2013)
243		<i>par=ext1048982-clt-95a-4</i> : Agora canta canções inglesas num cabaré manhoso na Rue Cujas -- ` Roses of Picardy ' e ` Love, Here is My Heart'. (11/07/2013)
244		<i>par=ext1402844-clt-95b-1</i> : Para os mais novos, Edwyn Collins será um tristão gorducho com pinta de «rocker» retardado, que canta canções pop de um agradável sentimentalismo. (11/07/2013)
245		<i>par=ext72531-nd-91b-2</i> : De cada vez que regressa, canta uma canção sobre as namoradas do bairro, as primeiras noites em liberdade, os sarilhos na vizinhança ou as inconsequentes rebeldias adolescentes. (09/07/2013)

247		<i>par=ext295246-clt-96b-2:</i> Uma menina de 13 anos vai tocar um «pasodoble» em acordeão e um menino vindo do Luxemburgo canta uma canção em francês, «Bonsoir Michel, bonsoir». (09/07/2013)
248		<i>par=ext346095-clt-95b-2:</i> «Take me back where I belong», começou Max, o bombo e o prato de choque colados à voz, como quem canta uma canção de trabalho, que é sempre um verso atravessado pela sabedoria da dor, as baquetas trabalhando as fronteiras das peles, o pedal do bombo e o prato de choque sempre, como frases-pulmão de Max (de «Speak, brother, speak» a «The drum also waltzes»), suor e sangue correndo pela música. (19/07/2013)
249		<i>par=ext521424-clt-93a-2:</i> E há uma cena tocante, filmada em tempo real, em que António Victorino d'Almeida está ao piano e Léotard canta uma canção que ele próprio compôs. (09/07/2013)
250		<i>par=ext912924-clt-96b-1:</i> Numa noite de tempestade, Arturo, em fuga, esconde-se num bosque vizinho ao castelo onde Elvira canta uma canção que ele lhe ensinou. (11/07/2013)
251		<i>par=ext953056-clt-92a-1:</i> Nunca canta uma canção da mesma maneira, modifica-a, aproximando-se de um conceito de jazz, seguindo as pisadas de dois dos seus influenciadores: Tommy Dorsey, de quem reteve o som «cool», liso, e Bing Crosby, pai de todos. (07/07/2013)
252		<i>par=ext1436761-clt-95b-4:</i> Chama-se Iran Costa e canta uma canção . (09/07/2013)
253		<i>par=ext34234-clt-92a-1:</i> Nas «Ondas do mar de Vigo», o produtor foi Júlio Pereira e o Fausto cantou uma canção de parceria comigo. (13/07/2013)
254		<i>par=ext168519-clt-92b-2:</i> O insólito da noite aconteceria quando, sem ser previamente apresentado, surgiu no palco um jovem vestido de negro que cantou uma canção africana, «Mãe negra», e um poema de Ary dos Santos. (10/07/2013)
255		<i>par=ext228013-clt-94b-1:</i> (O rei Nat Cole cantou uma canção de Hub, «Tell Me All About Yourself», e Eden usou-lhe outra, «No One Ever Tells You», para baptismo da sua estreia na Concord). (15/07/2013)
256		<i>par=ext395399-clt-94a-1:</i> Peter Bogdanovich não tirara os olhos do palco e baixara a cabeça quando a ex-mulher cantou uma canção em que dizia qualquer coisa como isto: (09/07/2013)
257		<i>par=ext452021-nd-91a-3:</i> Alinharam-nas no relvado e uma delas cantou uma canção . (09/07/2013)
258		<i>par=ext1154514-clt-93a-1:</i> Em coro, com o corpo ainda em câmara ardente, os presentes cantaram uma canção dos Açores, o arquipélago onde Natália Correia nasceu em 1923, na ilha de São Miguel. (13/07/2013)
259		<i>par=ext230138-clt-96a-1:</i> R. -- Em relação à Carla, escolhi-a porque ela no teste cantou a canção que canta no filme, «I Can Hardly Believe I ' m Real». (14/07/2013)
260		Puxou ar até ficar todo roxo e cantou um canto que jamais cantara, de tão forte. (http://eueascorujas.blogspot.pt/2013/02/boa-tarde-galera-hoje-vou-postar-um.html) (09/07/2013)
261		Realmente, o passarinho em vôo obediente desceu sobre a mão do menino e cantou um canto doce e mavioso (www.facebook.com/doutorpedropaulofilho/posts/381348985273315) (10/07/2013)

262			Qual nada, ele cantou um canto bem desajeitado, na árvore de onde caíra. Estava salvo e pronto pra alçar voos. (http://soniaepaulo.blogspot.pt/2012_12_30_archive.html 10/07/2013)
263			Apenas um homem canta um canto gregoriano, seguido pelo arranjo de sintetizadores e teclados. (http://consultoriadorock.blogspot.pt/2011/06/little-respect-enigma-mcmxc-d-1990.html 10/07/2013)
264			<i>par=ext1171861-clt-94b-1</i> : Quando se está, por exemplo, a cantar um canto polifónico, essa cumplicidade tem mesmo que existir. (13/07/2013)
749			Toni cantou um fado bem português, de Coimbra, a Balada da Despedida, para os iranianos. (http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/sport/desporto/toni-canta-fado-no-irao 23/08/2013)
829			Foi com Casimiro Ramos, seu acompanhante á guitarra no Clube Olímpia, que Alfredo Marceneiro cantou um fado com versos de Carlos Conde, criando mais um estilo inédito. Nasceu mais uma das suas sensacionais músicas — "Fado Bailarico". (http://patriarca-do-fado.blogs.sapo.pt/9343.html 19/09/2013)
847			<i>par=ext1167486-clt-92b-1</i> : Logo em miúdo comecei a cantar cantiguinhas e a ter melodias na cabeça . (24/09/2013)
848			<i>par=ext1209010-soc-96b-1</i> : Depois de ter participado nas Jornadas de Música Antiga da Gulbenkian, Paul Hillier vai até Óbidos cantar cantigas da corte de D. Dinis, de Martin Codax e Jaufre Rudel. (24/09/2013)
266	17	cheirar	embora os campos agrícolas da zona sejam estrumados com alguma regularidade (o que com vento norte pode ser muito desagradável para muita gente, experiência própria), naquele local o que existe é uma pecuária de porcos, sendo o que se cheirou um cheiro permanente a "resíduo" de porco... (http://vaicorrerlonge.blogspot.pt/2013/05/trilho-das-lampas.html 09/07/2013)
267			A menina que se chamava Gabriela cheirou um cheiro desagradável, mas o menino cheirou um cheiro agradável. (http://finalistasdo4ano.blogspot.pt/2008/01/texto-dos-contrrios.html 09/07/2013)
268			Curiosamente, quando regressava a casa depois de um longo passeio o meu nariz cheirou um cheiro que lembrou de quando era pequena (http://umapalavradita.wordpress.com/category/aquele-eu-escondido/page/4/ 09/07/2013)
269			O predador, aproximou-se, encostou o nariz á sua pelagem e cheirou... um cheiro profundo ele inalou e a sua vontade ao mesmo tempo se exasperou... não era aquela peça de carne que ele queria, pois o bicho saudável foge ao primeiro impulso ao avistar o predador... (http://pingoxixo.blogspot.pt/2007_04_01_archive.html 09/07/2013)
270			Então, cheirou o cheiro das suas vestes, e abençoou-o, e disse: Eis que o cheiro do meu filho é como o cheiro do campo, que o SENHOR abençoou. (http://www.bibliadocetico.net/gn/27.html 09/07/2013)
271			Nunca cheirei um cheiro tão bom. A textura da ganga ficou mais resolvida. (http://contra-a-corrente.blogspot.pt/2010_05_01_archive.html 22/07/2013)

272	18	chorar	“A meio, parou, engasgou-se, chorou um choro silencioso e foi o primeiro-ministro Mario Monti quem veio em sua ajuda, terminando o raciocínio.” (http://silviabaptista.pt/2011/12/27/02/2012)
273			“Então, sentou-se na erva macia e chorou, um choro longo e desconsolado.” (http://just-lazy-cat.blogs.sapo.pt/53869.html , 27/02/2012)
274			Nyankosem teve medo e chorou . Um choro lancinante. Nada nem ninguém a ouviu, julgou ela na altura. (Pequenos Milagres – NyanKosem, de João Paulo Videira, http://mailsparaaminhairma.blogspot.com/2012/01/pequenos-milagres-nyankosem.html , 27/02/2012)
275			Ando de rastos, só me apetece chorar, aliás estou a escrever isto e a chorar porque a Lara está a chorar com um choro que mete tanta pena! (http://www.google.pt/search?hl=pt-PT&as_q=&as_epq=chorar+com+um+choro&as_oq=&as_eq=&as_nlo=&as_nhi=&lr=lang_pt&cr=countryPT&as_qdr=all&as_sitesearch=&as_occt=any&safe=images&as_filetype=&as_rights , 04/07/2012)
276			A praça chorou um choro convulsivo que alastrou até ao mar próximo. (www.auniaio.com/noticias/ver.php?id=27853 , 04/07/2012)
277			Desde que acordou (ficou a dormir quando lá a deixámos) até que chegámos, chorou um choro tão sentido que até a minha mãe ficou arrepiada. (http://foruns.pinkblue.com/archive/index.php/t-76473.html , 04/07/2012)
278			Entrou-me pelo quarto já muito vermelha, pensei que do calor ou do peso-pesado do acordeão, desconforme a ela, tão magra. Sentou-se, baixou a cabeça e chorou um choro longo. Não precisei de perguntar; li nos seus olhos roxos de azuis e vermelhos ter desistido de resistir ao outro rapaz. (http://quatrocaminhos.blogspot.pt/2008_04_01_archive.html , 04/07/2012)
279			A rapariga ajoelhou-se e chorou, chorou um choro tão forte que se podia escutar o mais longe possível. (seeunaogostasedeti.blogs.sapo.pt/2011/04/ , 04/07/2012)
280			Fiquei muito sensibilizado qdo Madonna ao Dizer que vê tanta alegria nos olhos de deste publico... não se conteve e chorou um choro , sentido, de saudade por esta tournee ter terminado e ter recebido tanto amor por parte do publico de Portugal... (http://madonna.blogs.sapo.pt/29193.html?.isPopup=true&page=3 , 04/07/2012)
281			Chorou e chorou . Um choro tão sincero e comovido que quase lhe serviu de defesa. Não sei se o choro era de indignação ou de medo. (http://luis-eg.blogspot.pt/2010_12_01_archive.html , 04/07/2012)
282			“Esteja descansada que a sua bebé já chorou . Um choro muito fraquinho, mas temos gente.” (<i>repositorio.eseff.pt/bitstream/.../TM-ESEPF_SaraRibeiro_anexos.pdf...</i> , 04/07/2012)
283			... mts miminhos e passou logo, mas chorou com um choro mm de dor, acho que só tinha ouvido este choro qd ele nasceu, mm de desespero... (http://demaeparamae.pt/forum/bebes-agostosetembro-2011?page=51 , 04/07/2012)
284			Ando de rastos, só me apetece chorar, aliás estou a escrever isto e a chorar porque a Lara está a chorar com um choro que mete tanta pena! (foruns.pinkblue.com , 04/07/2012)

285		Tirando a cena em que a mãe abandona o bebé e o deixa a chorar com um choro verdadeiro de bebé em desespero, gostei mesmo muito. (<i>o-meuladolunar.blogspot.com/2011_06_01_archive.html</i> , 04/07/2012)
286		Entrava em pânico e começava a chorar com um choro de partir o coração, então depois de algumas tentativas desisti e construí um cestinho (http://thoseunbarrenleaves.blogspot.pt/ , 04/07/2012)
287		Chorou e chorou . Um choro tão sincero e comovido que quase lhe serviu de defesa. (http://blog-sem-juizo.blogspot.pt/2010/12/o-choro-e-o-choro-de-katia.html 22/07/2013)
288		A mãe chorou um choro manso. Soledade, menina agora inteira de luz, foi perdendo a força do corpo pequeno, devagar. (http://cecedilhaetc.wordpress.com/category/azulao-de-cabeca/ 22/07/2013)
289		Enquanto lembrava de alguns momentos memoráveis com a amiga, Gaspar não conseguiu conter as lágrimas e chorou um choro baixinho. (http://www.irinnews.org/report/81148/angola-o-legado-de-uma-activista 22/07/2013)
290		Calado e sem nome, chorou um choro rangido de desespero, de solidão. (http://ficcoesdoespirito.blogspot.pt/ 22/07/2013)
291		<i>par=ext2255-nd-91b-2</i> : Os títeres, sem alma nem coração (excluo os comunistas de rosto humano que acreditaram na ideologia) , da ditadura comunista ora choram lágrimas de crocodilo, e quais ratos preparam-se para abandonar o barco naufragado, procurando talvez a bóia de salvação dum qualquer partido que tenha a desfaçatez de os admitir nas próprias fileiras! (15/07/2013)
292		<i>par=ext118862-soc-92a-1</i> : Também os colegas de Luís e Carlos sofreram o seu drama, chorando lágrimas de revolta e de solidariedade. (13/07/2013)
293		<i>par=ext126749-des-97a-1</i> : Era muito bonito, porque se choravam lágrimas de alegria, mas quem pegasse nelas e as atirasse ao ar via que se transformavam no céu em pequeninas estrelas brilhantes. (15/07/2013)
294		<i>par=ext154096-soc-95b-3</i> : Um laboratório de análises biológicas arruinou impiedosamente as esperanças da família Coumans, no sul da Holanda: a estatueta da Virgem Maria não chora lágrimas de sangue mas de cola, informou a imprensa holandesa. (15/07/2013)
295		<i>par=ext154096-soc-95b-3</i> : Há alguns dias, muitas dezenas de crentes e curiosos, mas sobretudo uma multidão de jornalistas e de fotógrafos, deslocaram-se para Brunssum, perto da fronteira germano-holandesa, para ver uma estátua de Nossa Senhora de Fátima, colocada por cima da porta da casa dos Coumans, chorar lágrimas de «sangue», a exemplo do que acontecerá com a Madona italiana de Civitavecchia. (15/07/2013)
296		<i>par=ext158886-soc-95a-2</i> : 4. Por favor, prezado promotor, não chore lágrimas de crocodilo e não faça demagogia. (10/07/2013)
297		<i>par=ext176049-des-94a-1</i> : Ricardo vira costas ao jogo, enfia a cabeça entre as mãos, chora lágrimas de desespero. (10/07/2013)
298		<i>par=ext179879-clt-94a-3</i> : «Eu mal me represento a mim mesmo, quanto mais a uma geração inteira! " e aqui indigna-se com aqueles que lambem as feridas que, condescendentemente, choram ideais traídos e que consideram que «até o Optalidon já não é o mesmo». (11/07/2013)

299		<i>par=ext205180-soc-93a-1</i> : E acrescenta que «são estes mesmos autarcas, que receberam uma cidade viva, que amanhã chorarão lágrimas de crocodilo pela cidade moribunda, da qual foram os algozes, os carrascos e os coveiros. (15/07/2013)
300		<i>par=ext232236-nd-95b-2</i> : Quando no Porto um período crítico de prédios a ruir sem impulsão é o pão nosso de cada dia, barrado com morte e moribundismo, ao som das sirenes de ambulâncias e carros de bombeiros, sobressai sempre a voz dos vereadores da cultura, dos destroços e dos prazeres, entre o alarido do povo coberto de entulho à procura de respirar vida, outros de olhar vidrado em sossego de morte cerebral e involuntária eutanásia, e o resto da canalha pobre meio enterrada, gemendo e chorando dor pelo pouco que tinham e em nada ficou, aceitando dos vizinhos ajuda de solidariedade raivosa sem minguagem de cheta, a puxarem a lua para cobrir as crianças. (17/07/2013)
301		<i>par=ext286291-nd-98b-2</i> : Não é possível que os mesmos que pretendem que toda a vida cultural se submeta a puros critérios de mercado venham agora chorar lágrimas de crocodilo americano perante as cruas realidades do mercado de jogadores ou dos negócios do Mundial. (17/07/2013)
302		<i>par=ext294664-pol-92a-2</i> : 2. Detesto o novo-riquismo de alguns «estrangeirados» que por sistema comparam Portugal aos outros países apenas para chorarem lágrimas de crocodilo sobre o chamado atraso nacional. (07/07/2013)
303		<i>par=ext324380-soc-92a-2</i> : Anteontem, à hora do almoço, dezenas de crianças da Escola Primária n.º 1 de Queluz, no bairro do Monte Abraão, choravam baba e ranho no refeitório. (17/07/2013)
304		<i>par=ext371196-pol-98a-1</i> : Desde logo, reconhecer como base que a democracia implica debate, troca de opiniões e controvérsia, devendo afastar do seu horizonte o insulto, a calúnia e as pretensas cabalas como a de Oleiros, em que a imagem de Nossa Senhora chorava sangue por causa do aborto. (11/07/2013)
305		<i>par=ext436664-clt-98a-1</i> : A bonequinha de «Perfect Blue» chora lágrimas amargas enquanto os peixinhos coloridos vão morrendo no aquário do seu quarto. (08/07/2013)
306		<i>par=ext548679-nd-95a-2</i> : Não se pode estar à espera de acontecimentos ainda mais graves e, depois, chorar lágrimas de crocodilo!! (08/07/2013)
307		<i>par=ext554791-nd-95a-1</i> : Como é possível exterminar a minha profissão, velhinha de 500 anos, e depois chorar lágrimas de crocodilo porque fogem ao pagamento do Iva milhões de contos por mês? (11/07/2013)
308		<i>par=ext572753-opi-97b-1</i> : morrem, ou as Cornucópias morrem, você apressa-se a chorar lágrimas de ocasião, você só pede que os poetas morram para glorificá-los, e até lhe dão uns repentes, põe a Maria João Pires no top, e acha que isso lhe chega, lhe perdoa a indiferença com que vê gente a procurar produzir boa informação, a traduzir boa literatura, a lançar novos criadores, e você marimbando-se. (08/07/2013)
309		<i>par=ext574972-des-92b-1</i> : E o multimilionário Courier chorou lágrimas de verdade. (08/07/2013)
310		<i>par=ext625939-soc-98a-2</i> : «Nessa altura, dizia que chorava lágrimas de água. (11/07/2013)

311			<i>par=ext636275-soc-97b-1</i> : Em 1995, uma imagem em Civitavecchia começou a chorar lágrimas de sangue. (08/07/2013)
312			<i>par=ext679373-nd-97b-1</i> : Bélgica chora crime sem castigo (11/07/2013)
313			<i>par=ext759721-eco-95b-1</i> : Catroga bem pode chorar lágrimas amargas. (11/07/2013)
314			<i>par=ext760980-soc-98a-4</i> : Há mais de uma semana que uma imagem, também de N. S. de Fátima, « chora lágrimas de sangue». (18/07/2013)
315			<i>par=ext796153-des-96b-2</i> : 4. Meu caro primeiro-ministro, o Jorge Pereira é assim como o António da mercearia da minha rua, que durante a semana leva os pacotes de leite, os quilos de batata, a fruta, etc., a casa das pessoas e, ao fim-de-semana, assume em pleno as suas vestes de atleta em diversas provas de corrida, as quais, por nunca serem promovidas e organizadas por aqueles clubes desportivos que suspendem a formação dos jovens, chorando lágrimas de crocodilo (o que é positivo pois assinala a preservação desta espécie animal) , tem lugar por esse país fora nos dias de «descanso» semanal. (08/07/2013)
316			<i>par=ext800559-clt-92a-1</i> : Parecem gente que assentou arraiais por uns dias e ficou uma vida, sempre a chorar penas e desabaços, sempre a esperar novas ilusões». (03/07/2013)
317			<i>par=ext818174-nd-91b-2</i> : E continua: "... chorei lágrimas amargas como um filho pode chorar por uma mãe. (11/07/2013)
318			<i>par=ext938819-soc-94b-1</i> : Mas não soubemos o nome das crianças envolvidas no crime, não as vimos nem vimos imagens do local do crime, nem manchas de sangue, nem vimos vizinhos a falarem sobre o carácter das crianças, nem entrevistas com os pais da Silje a chorar baba e ranho, nem os pais das crianças assassinas a desculparem os filhos. (10/07/2013)
319			<i>par=ext942898-clt-92a-2</i> : Sabe que quando desaparecer, não terá seguidores, mas este homem que «é o último da raça» não chora lágrimas de crocodilo por uma profissão em extinção ou pelos cinemas que desapareceram. (08/07/2013)
320			<i>par=ext945050-soc-94a-1</i> : Eu é que sou homem e não choro mas a minha sócia, coitadinha, desfez um maço de lenço de papéis a chorar baba e ranho. (13/07/2013)
321			<i>par=ext960866-nd-95a-1</i> : «É ridículo dizer que a causa do povo de Timor foi prejudicada ou foi beliscada, quando há políticos que hoje choram lágrimas de crocodilo sobre Timor e que tiveram graves responsabilidades." (11/07/2013)
322			<i>par=ext1023751-clt-97b-1</i> : A responsabilidade é vossa, mas depois não venham chorar lágrimas de crocodilo por vivermos num país com um quarto de analfabetos, metade da população com apenas o ensino obrigatório e onde a cultura se resume a ver televisão e a ouvir o Quim Barreiros. (06/07/2013)
852			<i>par=ext126749-des-97a-1</i> : Era muito bonito, porque se choravam lágrimas de alegria, mas quem pegasse nelas e as atirasse ao ar via que se transformavam no céu em pequeninas estrelas brilhantes. (15/07/2013)
323	19	chover	Chovia uma chuva que não me molhava. Exemplo da Web, disponível em http://foradabolha.blogspot.com/2008_12_01_archive.html (27/02/2012).
324			Chovia uma chuva que Deus mandava... http://avisaoaos30.blogspot.com/2011/03/minha-sexta-by-lya.html (27/02/2012)

325		Chovia uma chuva de dar dó. http://www.google.pt/search?gl=pt&pz=1&cf=all&ned=pt-PT_pt&hl=pt-PT&tbn=nws&as_epq=chovia%20uma%20chuva%20de&as_occt=any&as_qdr=a&authuser=0 (27/02/2012)
326		Chovia uma chuva de gotas pesadas. http://desmondier.blogspot.com/2010/06/chuva.html (27/02/2012)
327		Quando hoje acordei, ainda fazia escuro (Embora a manhã já estivesse avançada). Chovia . Chovia uma triste chuva de resignação. Como contraste e consolo http://www.google.pt/webhp?hl=pt-PT&tab=nw&q=%22chovia%20uma%20chuva%20de%22#sclient=psy-ab&hl=pt-PT&site=webhp&source=hp&q=%22chovia+uma+chuva+do%22&pbx=1&oq=%22chovia+uma+chuva+do%22&aq=f&aql=&aql=&gs_sm=3&gs_upl=406714791101534912101010101136122511.11210&bav=on.2,or.r_gc.r_pw.,cf.osb&fp=984e4023a9195c00&biw=1024&bih=671 (27/02/2012)
328		Hoje Chovia a Chuva que não Chove. (Manuel Alegre)
329		Chovia . Uma chuva miudinha, enervante. (Lenda de Santa Iria Da Ribeira De Santarém, SANTARÉM, disponível em http://www.lendarium.org/narrative/lenda-do-cristo-de-monte-iraz/ (27/02/2012)
330		Chovia . Uma chuva certa, vertical, contínua. (http://alfagemesantarem.wordpress.com/tag/papelaria-silva/ 27/02/2012)
331		Chovia agora mansamente, uma chuva gelada, levando uma cidade onde se cruzavam o fausto, a vaidade, o ter tudo, os embrulhos enfeitados das prendas, ... http://web.educom.pt/pr1305/natal_histor01.htm (27/02/2012)
332		Tinha nevado toda a noite, e agora chovia , uma chuva rala e fria! (http://clubearlivre.org/taxonomy/term/111 27/02/2012)
334		Chovia uma chuva miudinha e persistente. http://outra_alma.blogs.sapo.pt/2713.html (27/02/2012)
335		O acidente ocorreu num momento em que chovia granizo e a visibilidade era reduzida. (http://sol.sapo.pt/inicio/Sociedade/Interior.aspx?content_id=34518 , 27/02/2012)
853		<i>par=ext1136173-pol-95b-4: Chove chuva</i> (06/07/2013)
867		Sinto que fui enganado e tenho a certeza que se isto acontecesse numa prova de organização local choviam raios e coriscos (...) (http://www.forumbtt.net/showthread.php?27355-Maratona-das-Selec%E7%F5es-30-de-Outubro/page2 17/09/2013)
868		Caro que, actualmente, choverão raios e coriscos , face à mudança e haverá choro e ranger de dentes.... (http://blasfemias.net/2008/09/03/o-tempo-da-facilidade-acabou/ 17/09/2013)
869		Eu moro nos algarves e aqui chove raios e coriscos e tá fffffrrrrriioooooo, nã se vê nem sol nem calorinho!!!! (http://palpitesetal.com/20257.html 18/08/2013)
870		Choveram raios e coriscos quando o Presidente da Câmara Municipal de Pombal encetou o processo de construção do Pavilhão [...]. (http://farpaspombalinas.blogspot.pt/2009/06/colégio-joao-de-barros.html 17/09/2013)
336	21	comer Cão arrepende-se de comer comida do amigo gato (Video visto 2944 vezes). Cão arrepende-se de comer comida do amigo gato ! Incrível. Se o video não ... (www.grandelata.com/site/videosderir/index.aspx?p=43 01-03-2012)

337		No pequeno – almoço as pessoas devem comer um pão e beber leite. No almoço devem comer comida saudável e beber água. No lanche devem comer pão (www.eb23-diogo-bernardes.rcts.pt/Clubes/.../alimentacao.pdf 01-03-2012)
338		Nesta altura, muitos bebés estão prontos para começarem a comer comida com a mão. O bebé deve estar sentado direito, ser capaz de agarrar na comida com ... (www.alimentacaosaudavel.org/Alimentacao-Saudavel-Bebe-04.html 01-03-2012)
339		Os melhores locais para comer comida típica são em Buenos Aires e no centro e norte do país. Na Patagónia e Terra do Fogo, os restaurantes ... (www.tempodeviajar.com/.../comida_e_alimentacao_na_argentina.ht... 01-03-2012)
340		Como comer Comida Japonesa com Pauzinhos (http://sorisomail.com/sortido/162052.html 01-03-2012)
341		Por exemplo, as comidas densas e pesadas podem-nos fazer sentir pesados e densos enquanto que comer comida leve e vibrante faz-nos sentir leves e ... (www.tonysamara.org/lang_pt/nutritionPT.htm 01-03-2012)
342		Ola meninas queria fazer 1 pergunta alguem me sabe dizer se a gente comer comida estragada na gravidez se pode prejudicar o bebe? (http://demaeparamae.pt/forum/comida-estragada-gravidez 01-03-2012)
343		A minha gata é mto insistente pra comer comida da gente! ... qd ela ficar maior, se tornar impossível...e subir no fogão pra roubar a comida...rs ... (http://gatos.pwup.com/topic55.aspx 01-03-2012)
344		Restos de refeições e comida de lata estragam-se facilmente, principalmente no Verão por causa do calor. Mais vale ir habituando o seu gato a comer comida ... (http://miaus.tripod.com/ferias.htm 01-03-2012)
345		Comer comida picante pode acelerar o seu metabolismo e ajudá-lo a ... Falso. A comida picante não faz qualquer diferença significativa no seu metabolismo. (www.alli.pt/How-food-works/How-to-eat-healthy/ 01-03-2012)
346		Juntamente com a ração seca, os gatos devem comer comida enlatada, mas não só. Ocasionalmente, podem dar ao vosso gato outros alimentos como carne, ... (http://anossavida.pt/artigos/12-dicas-alimentacao-para-gatos 01-03-2012)
347		nos alimenta, em nome da saúde, no seu sentido mais lato. Ora aqui segue um resumo das principais ideias do autor: O conselho “ comer comida ” não é assim ... (www.ceifa-ambiente.net/.../Em%20Defesa%20do%20Alimento%20 01-03-2012)
348		Mas pelo que entendi da vossa conversa eles já podem comer comida mais parecida com a nossa? Fiquei preocupada. Podem-me ajudar? (http://foruns.pinkblue.com/archive/index.php/t-87300.html 01/03/2012)
349		Depois há ainda o que eu chamo a infantilização da comida. ... jovens saírem de casa muito cedo e cedo deixarem de comer comida normal. (http://blog.scheeko.org/2011/12/fast-slow-food/ 01-03-2012)
350		<i>par=ext861939-soc-96b-2:</i> «Se os reclusos não gostam, o problema não é nosso; se estão habituados a comer comidas especiais, não faço ideia... ” (06/07/2013)

351			<i>par=ext868804-clt-94a-1</i> : Temos casas com «design» e comemos comida micro-ondulada . (06/07/2013)
352			<i>par=ext1047041-clt-soc-91b-1</i> : Depois, «tiveram de comer comida para cão e uma sopa feita com os restos do pequeno-almoço de veteranos, mergulhados em vinho», contou ao Público Luzia Godinho, da Associação de Estudantes. (06/07/2013)
353			<i>par=ext1056877-soc-98b-1</i> : Numa tenda comprida repleta de mesas, bebem cervejas-mini Sagres, umas atrás das outras, comem melão e preparam na chapa as febras do touro cuja cabeça jaz, inútil, amarrada a um dos postes que sustenta o estendal. (12/07/2013)
854			<i>par=ext196549-pol-92b-2</i> : Vestem roupa francesa, comem comida italiana, conduzem carros japoneses. (12/07/2013)
855			<i>par=ext217405-soc-92a-1</i> : Os zairenses comem comida de cão enlatada, para poupar, para dar o salto até ao «nicolô» -- França, Bélgica ou Holanda. (12/07/2013)
856			<i>par=ext239041-clt-93a-1</i> : Não te preocupes, respondi-lhe, o Salman come qualquer coisa, já fica bastante satisfeito por poder sair e comer comida de jeito. (12/07/2013)
857			<i>par=ext570921-clt-97b-2</i> : Ela já é uma «sábia» que pratica ioga, está a aprender a tocar tambores, come comida saudável e faz uma longa caminhada todos os dias para manter a forma. (12/07/2013)
877			Ela almoçou num restaurante no centro comercial e comeu um cozido à portuguesa. (http://pt.textoeditores.com/aprenderportugues/pdf/aprender_portugues1_solucoes.pdf 23/09/2013)
355	24	copiar	Greg Land conseguiu a proeza de copiar descaradamente a pose do Hugh Jackman para a capa de uma revista e depois copiou a cópia (http://www.mbbforum.com/mbb/showthread.php?12549-T%D3PICO-OFFICIAL-Greg-Land-e-outros-deseenhistas-impstones... 09/07/2013)
356			Ele cita a fonte original, é necessário citar também de quem ele copiou a cópia ? E isso é só a ponta do iceberg. (http://macacosdigitando.blogspot.pt/2011/01/linha-tenue-propriedade.html 09/07/2013)
357	25	correr	Em 2005, D'Ambrosio correu uma corrida na classe Light da Formula 3000 Italiana (https://pt.wikipedia.org/wiki/Jérôme_d'Ambrosio 03/07/2013)
358			Alexa correu uma corrida hoje dia 28 de Junho de 2009. Ela nao estava na frente no começo mas correu mais rapido e passou todas as outras meninas cruzando a linha final em primeiro lugar. (http://www.youtube.com/watch?v=tkrQGeF7uS4 03/07/2013)
359			Perguntas do tipo, essa corrida só é destinada a atletas, amadores ou quem nunca correu uma corrida também poderia participar (https://www.facebook.com/CorridaMacao200Anos?filter=2 03/07/2013)

360			A impressão que ficou é de que o pupilo de Ron Dennis correu uma corrida diferente da dos demais. (log.fl.girlsonline.com/2008/09/14/monza-consagra-talento-de-vettel/03/07/2013)
361			Mark Webber – 8.5: Largou muito bem e correu uma corrida estratégica primorosa. Mas não foi o mais rápido na pista, portanto mereceu não vencer. Merecia vencer na base da honra, mas não no mérito próprio. Mesmo assim, excelente hoje. (http://na-prancheta.com/notas-do-gp-da-malasia-bianchi-lidera-ranking-de-pilotos/ 03/07/2013)
362			Outra coisa é que Senna era muito determinado qdo era pequeno, corria de kart ainda, Senna correu uma corrida que ele rodou d+ !!! (www.orkut.com › ... › Outros › Eu odeio quem odeia o Senna › Fórum: 03/07/2013)
363	26	dançar	“Olga Portero de Sevilha (SSE) nos "obrigou" a dançar uma dança típica da sua cidade... mas para nós foi difícil[...]” (www.linguee.pt/inglesportugues/traducao/a+typical+dance.html 27/02/2012)
364			“Ele diz coisas como “Traga o melhor de si porque hoje vamos dançar uma dança furiosa” (http://brit-spears.org/2011/06/marc-malkin-foi-ao-ensaio-e-conta-o-que-aconteceu/ (27/02/2012)
365			“Apesar de não serem fãs de k-pop até podem não se importar de dançar uma dança ou outra, é uma questão de lhes perguntares” (http://shinee.forumpramim.com/t559-grupo-de-danca/ 27/02/2012)
366			“Vou dançar uma dança que não tem definição.” (www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=998813 , 27/02/2012)
367			Em linguagem corporal inequívoca convidou-o a dançar uma dança que parecia de morte, de vida e de sexo. (http://parlapier.com/2011/09/27/cuentos-madrilenos-3/ 27/02/2012)
368			Brincar ao casamento, a par e passo, ler o mesmo livro juntos, dançar uma dança de evasão na orla do desejo, permanecer dentro de círculos... (http://comunidade.sol.pt/blogs/chantal/default.aspx 27/02/2012)
369			A partir de 2004, e com Gregor Seyffert na direcção da companhia de Dessau, Sandra dançou papéis como a “Princesa Aurora”, em “A Bela Adormecida” (na versão de Yan Linkens), a “Rosa”, em “O Pequeno Príncipe” e “Renée de Montreil”, em “O Marquês de Sade” (ambos assinados por Gregor Seyffert). http://www.revistadanca.com/node/184 , 25/04/2012)
370			Fardados e armados, dançam a coreografia que está a fazer sucesso. www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/MundoInsolito/Interior.aspx?...id... (25/04/2012)
371			Há outra lenda fascinante sobre como Shiva dançou a sua primeira dança de sempre em Chimdabaram. http://fundacaomaitreya.com/imprime_artigo.php?ida=564 (25/04/2012)
372			Dançamos a dança da vida no palco do tempo, teatro de Deus. “Árvore santa dos sonhos, os frutos da mente são meus e são teus(.....).” http://www.citador.pt/textos/ninguem-sabe-coisa-alguma-philip-roth (25/04/2012)
374			<i>par=ext2156-soc-97a-2: e dança dança . (20/06/2013)</i>

375			Então foi necessário que Hefesto abrisse a cabeça do seu pai e dela saiu Atena, já armada, e dançou uma dança armada terrível, dança que era repetida nas Panatenaias, o grande festival ateniense e sua honra. (Miguel, http://www.portuskale.org/temenos/temenoi/atena.html 23/07/2013)
858			<i>par=ext706240-nd-93b-1</i> : Mas o caricato da situação é que, depois do «trabalhinho» feito (o soldado fartava-se de fazer entender que, para ele, aquilo era fácil e corriqueiro) e da liberdade «recuperada», o infeliz e ingénuo povo saía dos escombros e, entre poças de sangue, casas destruídas e pedaços de corpos dos seus entes queridos, dava vivas ao quase sagrado «amigo» americano e dançava danças de roda em sua volta, como crianças inocentes, puras e completamente ignorantes . (20/06/2013)
874			Após uma "batalha" na pista de dança, Toy foi o último convidado especial da noite e dançou um tango com as dançarinas Guilena e Tatiana. (http://www.novagente.pt/7c1120a/mod_artigos_obj_moda.aspx?sid=e9732e26-609b-4c57-abcc-b0be69d4389b&cntx=mKy2mUhEb%2FeZrdiNR9qG6UmvHVJ%2FipPjHX0sv1KLsTdlunEWvBPhjWjZT9NsL3JP 23/09/2013)
376	28	decidir	por essa altura estive envolvido num projecto para o tratamento das águas residuais da cidade de Lisboa. a proposta que foi apresentada com esta possibilidade não mereceu de quem decidiu uma decisão positiva. (http://novaenergia.pt/forum/viewtopic.php?p=27582 03/07/2013)
377			Após uma falha tentativa anterior da Apple foi dada uma segunda chance e conseguiu proibir o Galaxy Tab 10,1 em os EUA. Juiz Koh concedeu pedido da Apple liminar, alegando que as semelhanças de design entre o Galaxy Tab 10.1 eo iPad são "virtualmente indistinguíveis", assim, a Apple estaria irremediavelmente prejudicados por outros 10,1 vendas, o tribunal decidiu uma decisão em favor do fabricante iPad e proibido o Tab 10,1 indefinidamente em os EUA. (http://realset.od.ua/galaxy-tab-101-banned-judge-apple-complaint/ 03/07/2013)
378	29	desenhar	Afinal é possível lucrar sem mesmo haver bónus em jogo? Demorei uma eternidade a explicar-lhe até que lhe desenhei um desenho :muito feliz: :muito feliz: Ele agora quer também entrar e fazer uma "sociedade" ... (http://forum.metododineiro.pt/index.php?topic=30265.5;imode 19/07/2013)
379			pah...eu desenhei um desenho todo fófe! mas não dava para ver assim como dá os vossos e irritei-me e destrui aquilo tudo!! (http://s3.zetaboards.com/Caserna/topic/40389/1/ 19/07/2013)
380			estes desenhos trouxeram- me recordações dos tempos em que eu era seu aluno e que desenhei um desenho desses sou o pedro bjos. (http://isabelpreto.blogspot.pt/2009/11/familia-de-palavras.html 19/07/2013)
381			em pikena tb desenhei um desenho da sailor moon é pena ter deitado fora ... amei todos os desenhos *-* sao tao KRIDUHS *-* (http://sm-portugal.coolbb.net/t5114-desenhos-de-sailor-moon-quando-eramos-piquenitos 19/07/2013)

382		bem pa fazer aquilo da mais trabalho k tu pensas foi com cola d pintor mas nao desenhei em cima e dp recortei 1º desenhei o desenho na moto e dp com muita paciencia ia cortando mini pedaços e moldando o desenho pa pintar foi assim k saiu isso.... (instruções para tatuagem...) (http://www.minimotoportugal.com/forum/index.php?topic=1006.5;wap2 19/07/2013)
383		A galeria é minha e fui eu que desenhei o desenho , mas não me dê muito mérito porque a ideia não é totalmente minha, mas sim do famoso Mark Ryden... (http://z15.invisionfree.com/MundoMarillier/index.php?showtopic=542&st=30 19/07/2013)
384		Agora repara: podes desenhar qualquer desenho sem tirares o teu lápis do papel se houver dois nós ímpares ou menos. anterior continuar. (http://www.prof2000.pt/users/sancho2/paginas_pessoais/grupos_trabalho/passatempos_matematica/O%20desafio%20do%20gnomo%202.htm 19/07/2013)
385		Através de Autocad o movimento é analisado considerando a posição que foi recebida do GPS. Durante esse período de tempo, o botão de gravação é capaz de registar a posição em Autocad e desenhar qualquer desenho por nós definido. (http://lynxengineers.com/static/BathymetricWorkPresentationPT-ENG.pdf 19/07/2013)
386		Será que quem desenhou o desenho tinha competência para tal? O melhor é mandar para o TC averiguar!!! (http://orequerimentoeidiota.blogspot.pt/2007/12/como-justificar-pouca-actualizao-deste.html 19/07/2013)
387		Bem não sei se perceberam o titulo mas eu já explico, este desenho não é oficial da Bee Girl mas o desenhador é o que desenhou o desenho ... (http://cammietoysoandloves.blogspot.pt/2011/12/nao-e-oficial-mas-e-oficial.html 19/07/2013)
388		O Mike desenhou o desenho da capa do Hybrid Theory (http://crazyforlp.blogs.sapo.pt/arquivo/360170.html 19/07/2013)
389		Quem desenhou este desenho tem mesmo muito talento! (http://twilightportugal.blogs.sapo.pt/6543189.html 19/07/2013)
390		A Sara desenhou este desenho para mim. Lindo como todos os seus desenhos! (http://amanhecer64.blogs.sapo.pt/2009/11/ 19/07/2013)
391		... em vez de assinatura um desenho, pode ser? yeah, sure... you liked? E desenhou um desenho com raios/ondas: fantasmas, extraterrestres, ... (http://amontanhamagica.blogspot.pt/2012/03/o-concerto-de-thurston-moore-foi-cereja.html 19/07/2013)
392		A aluna Sara desenhou um desenho para o seguranet e ganhou a nossa votação como sabem, mas não foi só isso que aconteceu de bom! (http://estudarbrincando.webnode.pt/ 19/07/2013)
393		Os trabalhos do senhor são de uma inspiração brutal, e ele foi super simpático e deixou-me ficar com a sua apresentação de ppt da masterclass, por isso tenho todas as imagens que ele apresentou. Yaaa! Ainda me desenhou um desenho num dos meus diários gráficos. (http://www.linkinparkpt.com/forum/viewtopic.php?f=15&t=78&start=8700 19/07/2013)
394		Ele desenhou um desenho e o sapo pintou-o. (http://www.linkinparkpt.com/forum/viewtopic.php?f=15&t=78&start=8700 19/07/2013)

395			Quando desenhamos um desenho (passe a redundância) estamos a copiar uma solução já encontrada por outro. (http://diario-grafico.blogspot.pt/2010_03_01_archive.html 19/07/2013)
396			Desenhámos este desenho porque queremos alertar todos os meninos para não poluírem o ambiente,. e para fazerem a reciclagem em casa e na escola. (www.eb1-lagarinhos.rcts.pt/gv11_12_t1.ppt 19/07/2013)
859			<i>par=ext1348032-clt-96b-1</i> : Vic Burnham desenha figurinos para nova peça do S. João (20/08/2013)
873			Como Desenhar Um Grafite Na Parede Com O Photoshop. (http://por7ugal.com/termo/desenhar-letras-de-grafite 23/09/2013)
397	30	dispensar	... estava dispensado de abrir concursos internacionais para dar oportunidade a empresas nacionais - mas o governo dispensou a dispensa . (http://conversasdexaxa4.blogspot.pt/2009/01/na-rdio-na-televiso-na-imprensa-todos.html 19/07/2013)
398	31	dobrar	Celeste sorriu e dobrou uma dobra de sua saia. (http://pt.scribd.com/doc/35678449/De3Christina-Dodd-The-Governess-Brides-04-Em-Meus-Sonhos-in-My-Wildest-Dreams-World 03/07/2013)
399			Com as ferramentas Desdobrar e Dobrar, é possível planificar e dobrar uma dobra , mais de uma ou todas as dobras de uma peça de chapa metálica (help.solidworks.com/.../HIDD_FEAT_SM_FOLD_UP_DOWN.htm?...P 03/07/2013)
400			Finalmente, dobrar uma dobra sobre a outra ficando apenas um canudo achatado sobre a bancada de trabalho. (http://ideiasdebaixodotelhado.blogspot.pt/2012/12/mini-palmiers.html 03/07/2013)
401			Dobrar uma dobra de seis polegadas para o lado direito do avental e costurar no lugar. Isso realizará a fivela de couro sobre o kilt concluído. (http://www.atkinsdietplus.com/como-fazer-uma-saia-kilt.html 03/07/2013)
880			Quem já dobrou um origami sabe o que é esperar, contemplar o diagrama, esperar a compreensão chegar e só então dobrar (...) (http://meditacaocriativa.blogspot.pt/2007_09_01_archive.html 22/09/2013)
403	32	dormir	“A dormir o sono das coisas” (é um titulo de uma notícia http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=649668 27/02/2012)
404			Dormiram um sono profundo. Passado algumas horas, apareceram lá os outros amigos, levados pelo marinheiro amigo e finalmente voltaram a juntar-se. www.eb1-praia.rcts.pt/4a_spo.php (23/03/2012)
405			Depois de ter comido a última maçã que apanhou, dormiu um sono profundo. www.eb1-fagilde.rcts.pt/actividades.htm (23/03/2012)
406			Naquela noite a criança dormiu o sono dos anjos de tão cansada e encantada por ouvir as peripécias do avô e viajar com ele nos anos através das fotos. (www.escriartes.com/forum/index.php?topic=6373.0;wap2 (23/03/2012)
407			Perece nos meus braços, dorme esse sono feroz...ou antes...aconchega-te na tua noite...fica em fim envolta nesse manto...é ele a quem <i>para-a-sara.weblog.com.pt/arquivo/112738.html</i> 23/03/2012)

408		O Tomás não dormiu muito bem de noite, não chora mas não dorme aquele sono descansado. De vez em quando lá vinha um dorzita e ele.. (http://foruns.pinkblue.com/showthread.php?113205-*****Estrelinhas-das-Mam%E3s-de-Dezembro-2008*****/page318 , 23/03/2012)
409		Dorme o teu sono , coração liberto, Dorme na mão de Deus eternamente! (Antero de Quental).
410		Dorme, dorme o teu sono tão profundo. O teu Pedro te embala, nesse Amor que há-de ter sempre o nome de Maior! Que há-de ser novo - «Até ao fim do mundo (ines-de-castro.webnode.com.pt/poemas%20-%20inês%20de%20castro/, 23/03/2012)
411		Não me lembro da última vez em que comi com apetite ou dormi um sono descansado (www.anadiaspsicologia.com/depressao.htm, 09/07/2012)
412		Caí na cama e dormi um sono muito profundo, era tão profundo que me sentia sendo puxada para baixo. (portugalparanormal.com/index.php?topic=2054.0;wap2, 09/07/2012)
413		Levanto-me e descubro que ainda tenho cólicas, mas ao menos dormi um sono reparador de 3 horas. (irracional.blogs.sapo.pt/2010/10/, 09/07/2012)
414		"sou tão crescido...vou ser bebé outra vez?" " dormi um sono assimmmmmm grande como a uhfia". (odiariodeumaeducadora.blogspot.com/2009/10/frases-do-dia.html, 09/07/2012)
415		Esta noite dormi um sono só, profundo, e nem me levantei para ver águas! Quando de manhã ouço as notícias e ouvi "sismo faz tremer Portugal" (blog.nunocosta.eu/.../sismo-de-magnitude-60-faz-tremer.ht..., 08/07/2012)
416		Acordei, ja era muito tarde,deitei-me e dormi um sono descansado,mas triste por ter faltado ao jantar.Acordei cedo,vesti-me,procurei as chaves do carro,nos ... (forum.economico.pt/?topic=12697.20;wap2, 09/07/ 2012)
417		Voltei a deitar-me e dormi um sono muito mais tranquilo! :-). (lunaticat.blogs.sapo.pt/2010/03/Em cache, 09/07/2012)
418		E então, somente por puro gozo, pensando que seria uma pena um caixão tão bom ficar vazio, deitei-me nele e dormi um sono calmo e sem sonhos (sosmetalradio-show.com/cronicas/Em cache, 09/07/2012) (crónica)
419		Deitei-me cansado, dormi um sono leve e levantei-me com mais sono...O sono que me falta à noite tenho-o de manhã, mesmo estando há dois ... (osabordapalavra.blogspot.com/2007/12/insnias-at-quando.html, 09/07/2012)
420		Levantei-me cedo pela manha... dormi um sono pesado... retemperador... pelo que acordei com a chamada "pica toda", como a minha mãe (osmeusidealismos.blogspot.com/2011/01/o-doce-sabor-do-frio.html, 08/07/2012)
421		Mais, depois voltei a deitar-me e dormi um " sono de bebé" maravilhoso!! (www.infocruzeiros.com/.../22677-msc-splendida-saida-de-barcelona-..., 09/07/2012)
422		Kink911. 28th July 2009, 23:19. eu chego a acordas 2 vezes a noite nunca dormi um sono direito desde que me conheço ... bodybuilding-pt.com/forum/archive/index.php?t-11241.html, 09/07/2012)

423		Por acaso dormi um sono agradável, um pouco encalorado, não pela ansiedade de chegar a de manhã mas porque a residência onde vivo ... paremasmaquinas.blogs.sapo.pt/813.html, 09/07/2012)
424		Dormi, um sono leve e, voltei a acordar com o ruído dos canados do leite a serem carregados na camioneta e, vozes que faziam por falar ... (aminhatrassadoferreira.blogspot.com/.../conversas-diversas-o-sonh..., 09/07/2012)
425		Entrei, deitei o meu paletó na cama e pendurei-me no cabide onde dormi um sono . Sonhei que estava acordado, acordei para ver se estava a ... (maria_tita5287.blogs.sapo.pt/378.html 09/07/2012)
426		Reservaram-nos um hotel no centro da cidade, com nome americano. Registamo-nos com um funcionário de aparência oriental. Dormi um sono agitado. (www.escritartes.com/forum/index.php?topic=13810.0;wap2, 09/07/2012)
427		Dormi um sono isento de imagens e de sons. Vivo aquela calma agoirenta e silenciosa dos condenados. Nada me resta, a não ser esperar ... (omeuentendimento.blogs.sapo.pt/71480.html, 09/07/2012)
428		Não dormi um sono confortável, nem isso me seria possível. Tive visões daquele pôr-do-sol, vi-a novamente... Mas desta vez não fui covarde, ... tokiohotelfanfic.blogs.sapo.pt/20711.htmlEm cache, 08/07/2012)
429		Síndrome de Princesa continua... Ela: Mãe, hoje dormi um sono profundo na escola. Eu: !?!?! No comments: ... (diademae.blogspot.com/2009_02_01_archive.htmlEm cache, 09/07/2012)
430		E adormeci, dormi um sono longo e repousante, o sono dos valentes que voltam quando já ninguém os espera. Sei que o dia seguinte foi o ... os-olhos-da-alma.blogspot.com/2007_08_01_archive.html 09/07/2012)
431		A prova provada de que não dormi um sono ferrado é que me lembro do que sonhei. Quase nunca acontece. E enfim... podia isto não dar azo ... (poraquipasseimesmoeu.blogspot.com/2012/04/das-noites.html 09/07/2012)
432		Olha, isto para te dizer que para mim foi como se não tivesse feito absolutamente nada, para mim apenas dormi um sono . espero ter ajudado ... (foruns.pinkblue.com 09/07/2012)
434		Já há muito tempo que não passava uma noite tão má, deitei-me às onze e só das seis às dez da matina é que dormi um sono seguido. (i-love muuu.blogs.sapo.pt/2008/10/?page=2 09/07/2012)
435		Dormi um sono tranquilo e prolongado, talvez por saber que pouco depois poderia ouvir a voz dele mais uma vez, ou simplesmente porque o ... iario_da_margarida.blogs.sapo.pt/2007/11/, 09/07/2012)
436		A deste filme, no defunto Quarteto, em que dormi um sono por vezes profundo e roncado forte, intermitente a cada cotovelada tua, a que ... (cine-australopitecus.blogspot.com/.../sessoes-extraordinarias-13.html 09/07/2012)
437		E á noite, quando me deitei antes da meia noite dormi um sono santo até ao dia seguinte. Mas que desperdicio de dia!! O que vale é que ouvi ... (abatalha-cancrodamama.blogspot.com/2010/.../2-quimio-round-28.h... 09/07/2012)

439		Dormi um sono perfeito durante a noite e quando acordei não queria acreditar, para mim não passava de ... (www.etleagues.com/viewthread.php?fid=110&tid=7905... 09/07/2012)
440		Não dormi um sono descansado. Sonhei a noite toda. Tive sonhos esquisitos com caras conhecidas e acordei sem perceber se tinham sido só sonhos ou se ... (www.cara-de-sonsa.com/?author=2&paged=73 09/07/2012)
441		tomei um banho e dormi um sono com minha pipoca.. tentei esquecer que minha menstruação já estava atrasada... e no mesmo dia antes de ... (demaeparamae.pt 09/07/2012)
442		Venho aqui informar que estive estacionada juntinho à AS da margem norte, que dormi um sono bem descansado de 6F para sabado. (www.campingcarportugal.com/forum/viewtopic.php?t=3498 09/07/2012)
443		Bebi o meu leitinho e dormi um sono , direitinho até às 7:30, quando a mamã me acordou para ir para a minha escolinha. Mas eu tinha tanto ... (acvargues.blogs.sapo.pt/2009/04/09/07/2012)
444		E á noite, quando me deitei antes da meia noite dormi um sono santo até ao dia seguinte. Mas que desperdicio de dia!! O que vale é que ouvi ... (abatalha-cancrodamama.blogspot.com/2010_08_01_archive.html 09/07/2012)
445		... fico doído e quero arrancar tudo, então ficam me agradando e logo em seguida eu dormi um sono bem gostoso, engordei 20 gramas...agora ... (esperadorafaelmartinsdecampos.webnode.pt/news/dia-e-noite/ 09/07/2012)
446		Voltei a deitar-me e dormi um sono muito mais tranquilo! :-) (lunaticat.blogs.sapo.pt/2010/03/27/ 09/07/2012)
447		Dormi um sono fantástico ao ver isto..... :P ... (forumenfermagem.org/forum/index.php?topic=3827.45 09/07/2012)
448		Gostei muito de linda martini, murdering tripping blues (sao muito bons fdx), battles, mogwai (dormi um sono parecia que estava nas estrelas) e o grande omar. www.paredesdecoura.com/foruns/index.php?topic=8147.50;wap2 09/07/2012)
449		Dormi um sono leve com uma sensacao estranha, por ter uma rede de mosquitos por cima de mim, que nao estou habituada. Na realidade ... (oteucaminho.blogspot.com/.../diario-viagem-india-14-de-novembro-... 09/07/2012)
450		Já há muito tempo que não passava uma noite tão má, deitei-me às onze e só das seis às dez da matina é que dormi um sono seguido. (i-love-muuu.blogs.sapo.pt/106633.html 09/07/2012)
451		Síndrome de Princesa continua... Ela: Mãe, hoje dormi um sono profundo na escola. Eu: !?!?!?! (diademaeblogspot.com/2009/02/sindrome-de-princesa-continua.html 09/07/2012)
452		Dormi um sono profundo, embora dormir em um local onde havia um Demônio não fosse sensato. A noite fluiu despercebida. (blogseve.blogs.sapo.pt/170329.html?page=2 09/07/2012)

454		Dormi um sono reconfortante e decidi voltar para vos responder. Ci - que gemido sexy - vê lá se te ouvem... Sónia - oh se apetece! (nanny-seila.blogspot.com/2007/01/lua.html 09/07/2012)
455		Depois... dormi um sono descansado e acordei bem disposta, já toda "fechadinha" (sem estar naquelas posições horríveis a que temos que ... www.apfertilidade.org/phpBB2/viewtopic.php?p=226436&sid... 09/07/2012)
456		Às 17h30 levei a epidural, dormi um sono , :) , e só acordei por volta das 18h15 qd senti os puxos, o meu filho nasceu às 19h45. (foruns.pinkblue.com › ... › 09/07/2012)
457		Depois voltei para Vale de Lençóis e foi dormir mais uma hora e meia, até às 8.00, e que bem que dormi, um sono profundo e ininterrupto. (clickportugal.blogspot.com/2007/06/conversa-com-os-amigos.html 09/07/2012)
458		Dormi um sono isento de imagens e de sons. Vivo aquela calma agoirenta e silenciosa dos condenados. Nada me resta, a não ser esperar ... (omeuentendimento.blogs.sapo.pt/2007/10/?page=2 09/07/2012)
459		Deitei-me cansado, dormi um sono leve e levantei-me com mais sono...O sono que me falta à noite tenho-o de manhã, mesmo estando há dois ... (osabordapalavra.blogspot.com/2007_12_01_archive.html 09/07/2012)
460		Entretanto dps de almoçar e como o cliente so abria ás 14h aproveitei dormi um sono com nenhum carro ligeiro ao meu lado melhor menos ... (www.vilarformoso.com › ... › 09/07/2012)
461		Dormi um sono gostoso e tive o mesmo sonho, no mesmo lugar. Eu estava surrando as crianças e perguntava quem tinha pegado meu colar, ... (eternamentefilhosdedeus.blogs.sapo.pt/2593.html 09/07/2012)
462		Por acaso dormi um sono agradável, um pouco encalorado, não pela ansiedade de chegar a de manhã mas porque a residência onde vivo ... (paremasmaquinas.blogs.sapo.pt/2009/02/?page=2 09/07/2012)
463		E, apesar de tudo, ainda dormi um sono , não muito longo, mas suficientemente repousante. Dia 7 - Pela manhã, levando comigo mais de ... (carlosilva-guine.i9tc.com/site/index.php?option... 09/07/2012)
464		Dormi um sono entre sonhos lentos, longos e profundos me deparando ao acordar leve, e solta no mundo. Meu verão foi tão intenso com ribombos de trovões e ... (poesinel_niel.blogtok.com/menu/6/9467/lusopoemas/pag/77/ 09/07/2012)
465		... pa casa e entao foi e via sempre e via o meu pradinho a bater na minha madrinha e eu comecei a e depois dormi um sono bem descansado ... (austroblic.blogs.sapo.pt/ 09/07/2012)
466		Dormi um sono perfeito durante a noite e quando acordei não queria acreditar, para mim não passava de um sonho... Ao chegar ao msn, ... (www.etleagues.com › 09/07/2012)
467		... mais nenhum respirar ondulante me desconcertava, onde mais nenhum calor corporal me perturbava e dormi um sono solto até ao outro dia ... (void.weblog.com.pt/arquivo/149254.html 09/07/2012)
468		... ainda tive forças para acender a lareira, ligar o aquecimento no quarto e, com o adjutório dum saco de água quente, dormi um sono de justo. (o-renascer.blogspot.com/2011/09/dia-de-namorados.html 09/07/2012)

469		Dormi um sono profundo, sem sonhos, mas quando acordei, pensei logo em ti, onde estavas e o que fazias! Não vou negar a tua falta, ... (martaadream.blogs.sapo.pt/2004/10/25/09/07/2012)
470		Mas Ja dormi um sono e estou sobrio, por isso estou em condições que os políticos andam todos atras de tachos. O amor a camisola nem no ... (kouzaselouzas.blogspot.com/2011/.../frenesim-eleitoral-em-canedo.ht.. 09/07/2012)
471		A deste filme, no defunto Quarteto, em que dormi um sono por vezes profundo e roncado forte, intermitente a cada cotovelada tua, a que ... (cine-australopitecus.blogspot.com/2010_11_01_archive.html 09/07/2012)
472		E eu gosto muito de dormir, e durmo, sempre dormi , um sono tranquilo. Aprendi que, quem está sujeito a uma visibilidade pública como a que ... (joaosoares.pt/blog/arre-chica-que-e-de-mais/ 09/07/2012)
473		Dormi um sono profundo, sem sonhos, mas quando acordei, pensei logo em ti, onde estavas e o que fazias! Não vou negar a tua falta, ... (martaadream.blogs.sapo.pt/51733.html 09/07/2012)
474		Bebi o leitinho todo (250ml) e adormeci novamente e dormi um sono tão sossegado, tão tranquilo que até custou aos papás pegarem em mim ... (aprincesamaria.blogspot.com/.../ha-mesmo-quem-goste-de-frio-e-chu... 09/07/2012)
475		Recolhido à tenda, após o início do festim destes insectos voadores, dormi um sono tão repousante que já o sol ia alto quando me decidi a ... (www.forumtransalp.com/t2577p15-mais-um-que-foi-aos-picosmas-s... 09/07/2012)
476		Dormi um sono fantástico e só me levantei para jantar sopinha. Só de pensar que teria de vir hoje para este ambiente ainda ficava pior. (avidatodososdias.blogspot.com/.../mais-uma-semana-desta-vez-bem-... 09/07/2012)
477		Vergonha de jogo, até dava para dormir, só não dormi um sono , porque paguei bilhete. Não pode ser assim, tem que haver mais futebol. (www.radiovizela.pt/index.php?news=7096 09/07/2012)
478		Levantei-me cedo pela manha... dormi um sono pesado... retemperador... pelo que acordei com a chamada “pica toda”, como a minha mãe... (osmeusidealismos.blogspot.com/2011_01_01_archive.html 09/07/2012)
479		Não dormi um sono descansado. Sonhei a noite toda. Tive sonhos esquisitos com caras conhecidas e acordei sem perceber se tinham sido só sonhos ou se ... (www.cara-de-sonsa.com/?paged=124 09/07/2012)
480		Parto normal, fantástico, entrei na Maternidade com 6 cm de dilatação, praticamente sem dores, levei epidural e até dormi um sono antes da ... (foruns.pinkblue.com > ... > 09/07/2012)
481		Entre, deitei o meu paletó na cama e pendurei-me no cabide onde dormi um sono . Sonhei que estava acordado, acordei para ver se estava a dormir. (pt-pt.hi5.com/friend/p31533631--Jamaicas—html 09/07/2012)

482			Nela eu dormi um sono sossegado, o mais calmo daquelas últimas horas. No outro dia, a dona da casa me explicou: — Vou lhe mandar, com ... (deficienciavisual14.com.sapo.pt/r-Cego_Aderaldo.htm 09/07/2012)
483			Ela dormiu até o dia seguinte e quando despertou disse: " dormi um sono profundo!". Concordei e fiquei tomando conta dela por três dias ainda... Já pensaram ... (www.programamomentoscomjesus.com/Testemunhos/.../ex_freira.ht... 09/07/2012)
484			Dormi , um sono leve e, voltei a acordar com o ruído dos canados do leite a serem carregados na camioneta e, vozes que faziam por falar ... (aminhatravessadoferreira.blogspot.com/2009_04_01_archive.html 09/07/2012)
485			Mas nessa noite, a primeira em casa, o meu marido ficou a tomar conta do bebe, eu dormi um sono em condições, e ao outro dia estava muito ... (demaeparamae.pt > 09/07/2012)
487			Rezei logo outro terço pela sua alma e dormi um sono descansado. Domingo de manhãzinha, fui logo para Roma, para a primeira missa pelo ... (senzapagare.blogspot.com/2005_06_01_archive.html 09/07/2012)
488			Descansei imenso. Dormi um sono bem gostoso nesta tarde linda. Depois dei um passeio com minha família, fazendo as compras do costume, ... (sadangel.weblog.com.pt/arquivo/002036.html 09/07/2012)
864			Cerca de 30 minutos depois calou-se e pumba dormiu o sono dos justos. Não houve menino até às quatro. (http://paracucaginguba.blogspot.pt/2012_02_01_archive.html 20/09/2013)
865			E hoje não fui acordada pelo meu mini-tufão que dormiu o sono dos justos até às 8 e meia da matina! Nem acredito! (http://asnovenomeublogue.clix.pt/2013/06/as-minhas-manhas-e-gestao-do-tempo.html 20/09/2013)
866			dormiu o sono dos justos/ sem nunca ter acordado/ encontrou o sonho/repousou os demónios/...eis o engano! (http://arevistaentre.blogspot.pt/2011/02/dormiu-o-sono-dos-justos-sem-nunca-ter.html 20/09/2013)
489	33	encomendar	Já alguém recebeu o telem vindo do site europeu? Ou quem já encomendou a encomenda foi expedida quando? (http://forum.zwame.pt/showthread.php?t=746423&page=9 17/07/2013)
490			Este recado é para quem te encomendou a " encomenda " que veio numa altura despropositada e fora da realidade actual e futura. (http://relvado.sapo.pt/arquivo/primeira-pagina/eriksson-inglaterra-esta-melhor-que-no-euro-2004 17/07/2013)
881			Sporting quer relvado sintético em Alvalade e Costinha já encomendou um tapete que combina riscas e quadrados. (http://inimigo.publico.pt/Noticia/Detail/1460317 22/09/2013)
492	35	espirrar	E a Margarida teve uma ideia, tirou uma pena da asa dela e meteu-a no nariz da girafa, ela teve comichão no nariz e espirrou , um espirro tão grande que começou a chover. http://jornalinhos.wikispaces.com/file/view/Pintarolas+48.pdf 03/04/2012)

493			Alérgico a todos os gatos. Espirrei um espirro enérgico. E foi pêlo pra todos os lados! (http://umgatoazul.blogspot.pt/ 22/07/2013)
494			espirrar <i>oleo</i> . Mensagem por miguel1981 » sábado jun 12, 2010 6:19 pm. hoje na auto estrada o meu pajero 2.8 espirrou o oleo todo pelo tubo de respiro www.patrolaventura.com/forum/viewtopic.php?f=9&t=20439 03/04/2012)
496	36	falar	Pareceu-me que falava uma língua trazida de outro mundo. (www.prof2000.pt/users/anamartins/flup/lpo/aula1.html 27/04/2012)
497			Esses gregos eram residentes de outros países onde se falava a língua grega. www.estudosbiblicosadventistas.com/.../Historia-da-Redencao---Capit... 27/04/2012)
498			O nome mais falado para futuro presidente do Sporting, o advogado Rogério Alves, fala uma fala inimitável. Singular. Única. http://gazeladeviseu.pse-engineering.pt/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=1&Itemid=57&limitstart=31430 (27/04/2012)
731			Cada província, cada cidade, vila e até mesmo cada um fala um dialeto próprio. (http://cultura-pt-blog.blogspot.pt/2011/01/aprenda-falar-basic-chinas-mandarim.html 31/07/2013)
732			Nascidas em Corps, onde residem as respectivas famílias, não se conhecem pôrem, dadas as prolongadas ausências da pastora. Ambos falam o dialeto local, e só conhecem algumas palavras do francês. Nem escola, nem catecismo. (http://medjugorje.no.sapo.pt/outras0.htm 31/07/2013)
733			Porque se fala dialecto leonês em terra de miranda? (http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/leones_miranda.pdf 31/07/2013)
734			Em Zurique fala-se um dialecto suíço-alemão próprio e, no restante território suíço de expressão alemã, podem ouvir-se diversos outros dialectos de suíço-alemão (http://www.neu-in-zuerich.ch/pt/1/2 31/07/2013)
500	37	fazer	A Nike em 2006 fez um feito para concorrer com suas rivais Adidas, Mizuno e Asics: lançou o Nike+ para concorrer com o Adidas 1.1. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Nike_Inc . 24/07/2013)
501			Carlos Queiroz já fez um feito pelo futebol Português jovem k não será esquecido nunca, portanto um bem haja para si Senhor Queiroz (http://www.abola.pt/nnh/comentarios.aspx?id=409753 24/07/2013)
502			Há muito, muito tempo atrás um homem de origem portuguesa chamado José de Sousa Mendes fez um feito histórico ao realizar uma invenção que permitiu salvar milhares de vidas. (http://historianove.no.sapo.pt/c.tesouro_alunos/aristides/ctesouro_martinsfilipe/index.htm 24/07/2013)
503			

504	41	gritar	A pessoa gritou palavras de protesto e abanou um cravo vermelho, antes de ser retirada das galerias. (http://www.publico.pt/Pol%C3%ADtica/gritos-de-protesto-antes-do-discurso-de-jaime-gama-no-parlamento_1292145 25/04/2012 5/04/2012)
505			Quando acabava uma soma de silêncios,/gritava o resultado, não gritava um grito . Jorge de Sena, In Perseguição, 1942 (http://casadospoetas.blogs.sapo.pt/48399.html , 25/04/2012)
506			A sua voz fende o frio silêncio: - Então Silka gritou o nome do seu marido. Gritou-o em dor e em loucura (...) E depois soltou um grito tão agudo e tão doloroso[...] (www.ipv.pt/millennium/millennium25/25_21.htm 25/04/2012)
507			gritava um grito em cada porta que abria não sabia para onde ir a mulher correu para mim tentei me escapular seria o fim? Foi então que percebi. A mulher ... (acordas.weebly.com/accedilordinhas.html 25/04/2012)
508			tempo antigo / Gritava um grito contrito contrito / Um grito aflito aflito contrito / Os grandes castigos / Dos tempos antigos / Abrigos abrigos / Os perigos os perigos ... (repositorium.sdum.uminho.pt/.../Manuscrito_Curvelo_ed_Diacritica_... 25/04/2012)
509			Anularhihihi. Ai os thundercats :D O que eu brincava a fazer de conta que era um deles. Pegava numa espada e parece que gritava um grito de guerra qualquer. :lol: (www.companhiadosanimais.pt/pets/viewtopic.php?f=19&t... 25/04/2012)
861			<i>par=ext277940-clt-92b-2</i> : Num murmúrio ele exclama perante alguma visão interior, gritou duas vezes, um grito que não era mais do que um suspiro: o horror! (09/07/2013)
510	44	jogar	Quando e que o Porto jogou um jogo em que o arbitro foi imparcial? Já sei, no jogo em que ficou Benfica 12-2 FC Porto nas Antas. (https://www.facebook.com/benficallovers/posts/530399020339692 23/07/2013)
511			Pouco antes de jogar seus primeiros jogos com o Alverca, ele foi emprestado durante o inverno no lado do Lourinhanense, para ganhar alguma experiência, há muito pouca informação com esse clube, mas sabemos que ele jogou um jogo da Taça de Portugal com o clube de Lourinhã. (http://pt.wikipedia.org/wiki/Emanuel_de_Jesus_Bonfim_Evaristo 23/07/2013)
512			Tipo eu joguei um jogo e ele não foi adicionado aos meus rankings... (fabiofull, http://alvanista.com/fabiofull/posts/2276870-tipo-eu-joguei-um-jogo-e-ele-nao-foi-adicionado-aos-meus-rankings 23/07/2013)
513			Olá, tenho 13 anos e eu e as minhas amigas jogamos o jogo do copo e deu a palavra pavimento. (http://blog-espirtismo.blogspot.pt/2009/01/o-jogo-do-copo-perguntas-e-respostas.html 23/07/2013)
514			Olá tenho 13 anos. As minhas amigas e eu " jogamos " o jogo do copo, foi muito esquisito nós estávamos a jogar normalmente mas não aconteceu nada até irmos jogar para de baixo do sótão, foi esquisito porque foi como se o espirito estivesse a chamar-nos a atenção para aquele sítio, através de uma lampada. 8anónimo (http://blog-espirtismo.blogspot.pt/2009/01/o-jogo-do-copo-perguntas-e-respostas.html 23/07/2013)

Regência, transitividade e intransitividade: noções e critérios
Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE

515			olá tenho 10 anos e chamo me barbara eu queria jogar esse jogo mas pode me acontecer alguma coisa de mal por eu ser uma criança??? (anónimo, http://blog-espiritismo.blogspot.pt/2009/01/o-jogo-do-copo-perguntas-e-respostas.html 23/07/2013)
878			O ponto de encontro para todos os participantes foi a Escola Secundária da Boa Nova, de onde partiu o desfile (...), tendo como destino o Complexo da Bateria, onde depois se jogou uma partida de futebol entre todos os mascarados. (http://www.imprensaregional.com.pt/jornal_de_matosinhos/index.php?info=YTozOntzOjU6Im9wY2FvIjtzOjExOjEub3RpY2lhX2xlcjI7czoxMDoiaWRfcm90aWNpYSI7czo0OjZMzZlztzOjk6ImlkX3NIY2NhbyI7Tjt9 23/09/2013)
516	45	lanchar	eu lanchei uma coisa k nao devia ter lanchado, mas hoje foi o dia das asneiras... lanchei um lanche misto e leite com chocolate! (http://www.forum-bebes.com/sala-de-convivio/para-o-meu-lanche/ 23/07/2013)
517			Ja lanchei , um lanche e um leite achocolatado, o lanche é que já tinha menos farinha :o (Bninho, http://www.gsmin.com/forum/archive/index.php/t-5744-p-10.html 23/07/2013)
518			conheci uma pessoa Xtrordinária, com um espírito muito à frente, divertida, bem disposta lanchámos um lanche assim pró ajantarado! (http://linguadagata.blogs.sapo.pt/48999.html?.isPopup=true 23/07/2013)
519			Lanchamos o lanche que trouxemos de casa e estivemos parados na estação de serviço mais ou menos 15 minutos. (João, http://uifdhtjftchn.blogspot.pt/2011/01/de-estudo-lisboa-partimos-de-colos-as.html 23/07/2013)
520			Lá, nós lanchámos o lanche da manhã. (gena, http://profeugeniapinho.blogspot.pt/2012/06/o-nosso-passeio.html 23/07/2013)
521			Chegámos lá e lanchámos o lanche da manhã. (http://blogdasala3.blogspot.pt/2010_06_01_archive.html 23/07/2013)
522			Passei a tarde por casa, lanchei o lanche habitual e depois fui jantar aos meus sogros... era bom o jantar, mas não me lembro o que foi... (http://estranhalucidez.blogspot.pt/2012/09/balanco-do-fim-de-semana-e-as-pessoas.html 23/07/2013)
523	46	ler	Houve comunhão da plquena sobrinha, ela estava linda, foi a personalidade da festa: cantou dois solos, leu uma leitura e o agradecimento principal no final. (http://blogencantoserecantos.blogspot.pt/2011/06/do-feriado.html 16/07/2013)
524			Fizemos uma mesa redonda em volta de um quadrado composto por duas mesas cá fora na varanda, depois a Daniela, leu uma leitura sobre o Pentecostes, e como estávamos no mês de Maria, rezamos uma Avé Maria. (http://8mais.blogspot.pt/2009/06/catequese-14-reflexao.html 16/07/2013)
525			Antes porém, no interior do cemitério, o grupo de jovens leu uma leitura da bíblia alusiva à ressurreição de Cristo, rezaram pelas almas dos mortos ali sepultados e entoaram cânticos. (http://frutodanoticia.wordpress.com/2007/06/14/festa-da-aleluia-em-cem-soldos/ 16/07/2013)

526		A Silvia a cantar A Mónica a cantar O Magno a ler uma leitura A Júlia canta o salmo como já é hábito O Luís também leu uma leitura !!! (http://jovensemovimento.no.sapo.pt/Inter.htm 16/07/2013)
528		"Para quem ainda não leu... uma leitura recomendada com a colaboração da Passos Caninos, a revista Cães e Lobos do Centro Canino de Vale de Lobos, coordenada por Sílvio Pereira." by Passos Caninos (https://www.facebook.com/amizades.improvaveis/posts/366596083424454 16/07/2013)
529		Fraga leu uma leitura . (http://tasatoa.blogspot.pt/2009/04/sabado-santo.html 16/07/2013)
530		D. Isabel leu uma das leituras . (http://tasatoa.blogspot.pt/2009/04/sabado-santo.html 16/07/2013)
531		A missa foi só para nós, e o mano leu uma leitura , claro que me emocionei! (http://thousandrosesandfourchildren.blogspot.pt/2007/04/o-dia-do-baptizado.html 16/07/2013)
532		...da lenda a gente desenhou só depois que leu uma leitura . Desenhei porque eu imaginei. ...imaginar e desenhar da imaginação, ta criando uma imagem. (https://www.google.pt/#q=%22leu+uma+leitura%22&tbs=lr:lang_1pt&source=Int&lr=lang_pt&sa=X&ei=kGHIUZyhKqPX7AbX6YGACQ&ved=0CBUQpwUoATgK&bav=on.2,or.r_cp.r_qf.&fp=852e3f62314c6c4f&biw=1366&bih=635fae.ufpel.edu.br/paulofreire/textos/GT%2001/GT1-2.do 16/07/2013)
533		Santana leu uma leitura , falava que Jesus passou uma noite falando com Deus, porque muitas vezes nós ao dormir não lembramos nem ao menos de agradecer a Deus pelo dia que passou. (http://luvesp.blogspot.pt/p/arquivos-de-atas-em-2002-do-luvesp.html 16/07/2013)
534		À semelhança das eliminatórias, a final do concurso decorreu em duas provas. Primeiro, o aluno leu a leitura preparada, com um texto da sua escolha e de seguida a leitura "surpresa", que lhe foi entregue no momento. (http://www.bibliotecas.cm-arganil.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=1966%3Afinal-do-concurso-de-leitura-qle-melhor-quem-le-maisq&catid=3%3Aarquivo-noticias&Itemid=585 16/07/2013)
535		A filha mais velha de da princesa Stéphanie leu a leitura do livro de Tobias, enquanto a filha mais velha da princesa Carolina leu a Carta de São João. (http://caras.sapo.pt/famosos/2011/07/02/pauline-ducruet-e-charlotte-casiraghi-foram-escolhidas-para-as-leituras-durante-o-casamento-de-alberto-e-charlene-video#ixzz2ZDvz9JHM 16/07/2013)
536		Foi um pai que nos leu a leitura bíblica: Mt 1, 18-25 (http://catequesepon.te.blogspot.pt/2013/03/catequese-1-ano.html 16/07/2013)
537		Depois dos ensaios de terça-feira, esta foi a primeira vez que se leu a leitura da Paixão e assim o Evangelho ter tido de ser dividido em 2 devido à limitação de tempo do Youtube. (http://catequeseadobadela.blogspot.pt/2010/03/domingo-de-ramos.html 16/07/2013)

538		Isto era precisamente aquilo que dizia a leitura q eu li e q a Ana e o Gaio não gostavam xp que não devemos julgar, até pq os outros tb o fazem em relação a nós...E achei mesmo "coisa do Espírito Santo" ter-me calhado a mim ler essa leitura , já que eu sou perita em julgar sem saber...(http://agapecapuchinhos.blogspot.pt/2013/04/verdade-e-justica.html 16/07/2013)
539		Como professor, eu já sabia que haveria um longo caminho pela frente até poder ler essa leitura de conteúdo bem abstrato no original. (https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=546957655314376&id=148220908521388&from_feed=1&_rdr 16/07/2013)
540		Eu tinha acordado muito bem disposta e comecei a estudar, estudei Estudo do Meio, fiz Matemática e li uma leitura do meu livro de Língua Portuguesa (http://www.eb1-regadas.rcts.pt/trabalhos.htm 16/07/2013)
541		Não diabolizo nada, muito escrevi a favor de MFL, mas não hipoteco a minha liberdade de análise. Li uma leitura que ela fez. (http://fnv-lathebiasas.blogspot.pt/2012/01/desmoralizacao-da-sociedade-coberto-da.html 16/07/2013)
542		Li a leitura recomendada e chego à conclusão de que houve, certamente lapso na composição: o texto de Tiago Mendes não é leitura recomendada mas leitura requeutada. (http://aartedafuga.blogspot.pt/2007/03/leitura-recomendada.html 16/07/2013)
543		Num dos Evangelhos da semana passada, Cristo apresentava-me de um modo sucinto o "Poder da oração" (Mt. 7, 7-11). Li a leitura , voltei a ler e meditei nas suas palavras, como é normal...(http://espontaneasintimidades.blogspot.pt/2010/03/palavras-inquietas.html 16/07/2013)
544		Como não existem acasos e sim fundamentos... li a leitura da solenidade num dia que tinha certeza que não ia à missa. (http://oracaopura.blogspot.pt/2008/06/existem-momentos-divinos.html 16/07/2013)
545		Sentada lá bem no alto, onde sabia que ninguém me encontraria, com o telemóvel em casa, num fim de tarde com o rio a correr lá em baixo, pensei ter encontrado o local ideal para a minha paragem. E parei... Li a leitura , as pistas, e reflecti...(http://jr-damaia.blogspot.pt/2006/11/ameno-nos.html 16/07/2013)
546		Volto a publicar esta fotografia, de que gosto particularmente, por duas razões: primeiro, porque esta semana de férias está, já à partida, marcada por acontecimentos importantes e felizes, mas também dúvidas inquietantes que me fazem ficar radicalmente ausente do blog (e até do país); segundo porque li esta leitura na sequência do breve mas intenso diálogo com a Cristina Martins a propósito da morte do seu pai, e gosto particularmente desta passagem do Livro do Eclesiastes. (http://laurindaalves.blogs.sapo.pt/2010/08/?page=2 16/07/2013)
547		Li esta leitura que explicava assim:“Deus tem um fio que liga a cada um de nós, e, sempre que nós pecamos, esse fio é cortado (o pecado é estarmos afastados de uma relação autêntica com Deus), mas Deus dá um nó para nos ligar a Ele novamente. (http://grupoddd.blogspot.pt/2011/10/reino-de-deus.html 16/07/2013)
548		li esta leitura o fim de semana passado, e gostei muito :) (http://dentinhodeleao.blogspot.pt/2010/01/caminhos.html 16/07/2013)

549			Quando li esta leitura recordei várias pessoas a quem, ao longo minha vida, tenho acompanhado, apoiado e de alguma forma ajudado a combater o seu sofrimento. E fiquei contente! Que bom poder colaborar com o próprio Deus! (http://www.verbumdei.org/index.php?option=com_content&view=article&id=401:e-tu-queres-colaborar-o-teu-papel-e-insubstituivel&catid=47:diarias&Itemid=125 16/07/2013)
550			Antes de vir ler blogs, também li essa " leitura diária". Pequeno, simples e directo. Eu leio na versão actual. (http://cantodojo.blogspot.pt/2011/10/sossego-da-alma.html 16/07/2013)
872			Eu tenho um amigo que recentemente leu um romance que narra uma série de histórias sobre Jesus que não estão na Bíblia. (http://www.iqc.pt/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=31&Itemid=21&limitstart=624 23/09/2013)
551	47	mentir	"Ou Durão Barroso mentiu a mentira dos outros, ou mentiu sobre provas que não viu", afirmou. (http://www.publico.pt/politica/noticia/louca-acusa-durao-de-mentir-aos-portugueses-no-processo-do-iraque-1166049 17/07/2013)
552			É aqui que começa o paradoxo que não espanta os politólogos: o primeiro-ministro mentiu , uma mentira injustificável, mas o voto é na estabilidade governativa. (http://www.brigadatransito.com/t3085p35-face-oculta 17/07/2013)
553			Dscobri k ele me mentiuuma mentira simples,k n magoa ningum,mas foi uma mentira... (http://anitah_angel.blogs.sapo.pt/331.html 17/07/2013)
554			eu não minto, tu mentes, ele mente, nós mentimos ... a mentira ! (http://nemtaoperua.com/tag/reflexao/ 17/07/2013)
555			Na verdade, há vezes que mentimos uma mentira pequena e uma mentira enorme para nos proteger, para chamar atenção ou para defender alguém. (http://miserable-grief-eats.blogspot.pt/2012/11/pensamos.html 17/07/2013)
556			Quando por exemplo mentimos uma mentira sempre nos levará a outra. (http://perfildecampeao.webnode.pt/estudos/transforma%C3%A7%C3%A3o%20de%20impacto/ 17/07/2013)
557	49	morrer	Negá-lo, seria morrer de uma morte pior. http://gritabemalto.blogs.sapo.pt/70158.html (27/02/2012)
558			Há milhentas maneiras de morrer . De uma morte santa, antecipando a beatitude. (www.etc.pt/VP/ler_seccao2de39-2.html?diranter352*33%7C10 , 27/02/2012)
559			“O outro, um rapazinho cujo o nome não me lembro, e envergonho-me por isso, estava deitado numa cama, magro, a vomitar o pouco que tinha comido, e os pais diziam desesperados que não conseguiam sair, nem para Israel nem para o Egipto e que o filho precisava urgentemente de tratamento caso contrário iria acabar por morrer de uma morte dolorosa.” (Cenas do quotidiano no Inferno, http://aventar.eu/2010/07/27/cenas-do-quotidiano-no-inferno/ , 27/02/2012)
560			“Ignore tudo isso e concentre-se no que importa: vamos morrer de uma morte atroz!” (http://inepcia.com/2009/05/04/guia-de-panico-para-melhor-enfrentar-a-gripe/ , 27/02/2012)

561			O maior desejo era ver este monstro morrer de uma morte bem sofrida e muito muito muito lenta.” (http://cm.viatecla.pt/detalhe/noticias/exclusivo-cm/matou-filha-depois-de-a-abracar?nPagina=4 , 27/02/2012)
562			Recordo meu pai na altura ter dito, assim é que eu gostava um dia de morrer , de uma morte rápida sem dor nem sofrimento. (www.recordar-te.com/paiquerido53/biografia.html Em cache, 27/02/2012)
563			“Mas morreu de uma morte santa. Morreu feliz: crente na fatalidade visionária dos destinos que mudam ao comando de uma voz, ao alcance ...” (http://perfil.weblog.com.pt/arquivo/2006/04/cronica_de_uma.html , 27/02/2012)
564			“Uma tristeza. Paz à alma do indivíduo que morreu de uma morte extremamente estúpida, provavelmente, completamente evitável.” (http://blitz.aceiou.pt/gen.pl?p=storiesajax&op=getcomments&fokey=bz.stories/14111 , 27/02/2012)
565	50	nascer	Neste momento, especificamente para ajudá-lo a migrar dados e produtos da indústria de serviços nasceu no nascimento , por exemplo, é realmente low-end NAS dispositivo de armazenamento externo. (http://www.tekbar.net/pt/market-demand/enterprise-class-technology-will-change-the.html 19/07/2013)
566			Nasci de um parto caseiro numa casa sem um único electro ou gasodoméstico, mesmo sem água canalizada ou energia eléctrica. (http://ccabanita.no.sapo.pt/casas.html 18/07/2013)
567			Nasci de um parto complicado. Devido talvez ao traumatismo craniano provocado pelos ferros (fórceps), método pelo qual fui tirado pelo Dr. Renato Pantaleão, ...(http://ccabanita.no.sapo.pt/casas.html 18/07/2013)
568			Nasceu num parto de cesariana e a mãe foi fertilizada por inseminação. (http://www.clicland.com/index.php/news/main/index/102 18/07/2013)
569			Foi concebido no útero de uma guitarra eléctrica, nasceu num parto de três acordes em "blues" mas logo correu para o gira-discos. ... (http://anos80.no.sapo.pt/freak.htm 18/07/2013)
570			O trabalho de parto encontrava-se em fase adiantada, e foi já com a ajuda dos elementos do INEM que a criança nasceu num parto normal, revelando uma aparência saudável. (http://www.averdade.com.pt/index.php?info=YTozOntzOjU6Im9wY2FvLjtzOjExOjEub3Rpb3R5Y2lhX2xlcjI7czoxMDoiaWRfY290aWVpYSI7czoyOilyMyI7czo5OjZlZm9zZWVjYW8iO3M6MToiMii7fQ== 18/07/2013)
571			Acabaram-se os segredos! O “bebé” da fábrica de Palmela nasceu num “ parto ” que teve por palco o Salão Internacional Automóvel de Genebra. (http://www.osetubalense.pt/index.asp?idEdicao=&id=5943&idSeccao=1934&Action=noticia 18/07/2013)
572	51	nevar	E, nesse momento, começa a nevar ... uma neve perfeitinha, que deixa o céu e o chão brancos, que tudo cobre a sua passagem, impoe-se a paisagem, traz um silencioso majestoso. (http://vidaemasterdao.blogspot.pt/2007/02/o-regresso.html 16/07/2013)

573			vai caindo um belo aguaceiro, ja dura desde as 2h da tarde, na Torre esta nevar , uma neve fina mas cai desde a manha.???? (http://www.meteopt.com/forum/seguimento-meteorologico/seguimento-interior-norte-centro-fevereiro-2013-a-6961-31.html 16/07/2013)
574			Neva uma neve vermelha, Uma neve que tudo leva E feito lava tudo queima (http://pastebin.com/jptPt1jC16/07/2013)
575			Início da madrugada, neva uma neve perene, em grandes farrapos, que não subsistirá. (http://ancorasenefelibatass.wordpress.com/2012/04/17/estados-de-alma/ 16/07/2013)
576			Que frio... no pico da serra, neva uma neve tão branca como a nuvem mais branca que alguma vez se viu, cai de mansinho desvanecendo-se numa única gota na palma da mão, um odor tão subtil no ar que só relembra pureza, sabe a água a que mais podia saber naquela imensidão gelada, ao longe ladra um cão da serra... (http://olhares.sapo.pt/folhas-de-outono-foto2304576.html 16/07/2013)
577			Para começar o perfume está contido numa lindíssima embalagem, frágil e sedutora, em que uma figura feminina vestida de preto surge numa redoma, sobre a qual neva uma neve dourada. (http://pt.livra.com/item/fragile-de-jean-paul-gaultier/8649016/ 16/07/2013)
578			agora neva uma neve molhada - raspas de gelo que não enfeitam mas esfriam. nem saí de casa hoje. nem sei se vou. aproveitar pra arrancar ... (http://pescandoospedacos.blogspot.pt/2010/03/estou-aqui-ha-quase-3-semanas.html 16/07/2013)
579			Ontem nevou no meu jardim. Nevou uma neve feita de folhas secas que cobriram o chão e os carros e os escorregas e os jardins, sem deixar nada do lado de fora do manto amarelo escuro. (Al Berto, http://acurvadasletras.blogspot.pt/2009/12/ontem-nevou-no-meu-jardim.html 16/07/2013)
580			E ontem ficou tudo branco, durante cerca de 10 minutos, mas não quero saber! Nevou , uma neve especial, mas nevou ! (http://omeio.blogspot.pt/2006/02/ontem-nevou-no-porto.html 16/07/2013)
581	52	oferecer	A coca-cola ofereceu uma oferta de selo sobre um tema . Eu sequi toda a norma e nao recebi o tema. http://productforums.google.com/forum/#!topic/orkut-pt/PpX-XyjCQxI 03/07/2013)
582	53	operar	Hoje, alguém de que gosto muito operou , uma operação bem simples mas, toda operação é uma operação né? (http://www.fotolog.com/dvmaster/15503879/ 17/07/2013)
583			Soares Franco e posteriormente José Eduardo Bettencout em 2011, operaram uma operação para equilibrar as contas do Sporting, transformando passivo financeiro em capital Próprio, na operação VMOC. (http://www.forumscp.com/index.php?topic=51560.0 17/07/2013)
584			Franchising de indústria é o contrato por meio do qual o franqueado implanta e opera uma operação industrial, seguindo as especificações do franqueador. (http://www.ebah.pt/content/ABAAABRGYAH/1000-perguntas-respostas-direito-comercial?part=33 17/07/2013)

585		<p>“E memória cultural não significa passadismo — há nela, como reconhece F. Catroga, uma profunda força projectiva; por ela se opera “uma operação de resgate”. (in: Leão et al. (2010). Cidadania e Paideia na Grecia Antiga. Coimbra: Universidade de Coimbra; Faculdade de Letras, 168, https://bdigital.sib.uc.pt/jspui/bitstream/123456789/33/1/cidadania_e_paideia.pdf 17/07/2013)</p>
586		<p>ScratchGames.com opera uma operação completamente transparente a fim de assegurar o mais alto nível de jogos justos. (http://pt.scratchgames.com/About/Fair-Gaming 17/07/2013)</p>
587		<p>Quanto à forma (baseia-se no ato pelo qual se transfere a titularidade da ação): a) nominativas. Circulam mediante registro no livro próprio da sociedade emissora (o livro Transferência de Ações Nominativas). Isto é, somente com o lançamento no respectivo livro é que se opera a operação de transferência dessas ações... (http://www.ebah.pt/content/ABAAABROUAE/resumao-comercial?part=10 17/07/2013)</p>
876		<p>O cantor Zé Ramalho operou o coração após ser internado no Hospital. (http://waatpp.pt/people/anjios/ramalho/ 23/09/2013)</p>
588	54	<p>orar</p> <p>Boa TARde!! Que possamos orar como Elias orou.. uma oração direta, que alcançou o Senhor, pois Ele estava no centro da vontade do Pai.. (https://www.facebook.com/permalink.php?id=260940010644606&story_fbid=503755293029742 17/07/2013)</p>
589		<p>Então por que não pedir um? Foi isso que ele fez. Orou uma oração bem simples, por sinal, e fez 4 pedidos diretos e obteve uma resposta que mudou pra sempre a sua vida e de toda a sua descendência. (http://www.iapp12.com/devocional/?m=20091009 17/07/2013)</p>
590		<p>Ana apenas orou uma oração que vinha do fundo de uma alma quebrantada, e Deus, que exalta os humilhados, ouviu todas as palavras, com ... (http://lairtoncruzjr.blogspot.pt/2011/11/vao-se-sonhos-nas-asas-da-descrenca_11.html 17/07/2013)</p>
591		<p>Ele sabia que quando Salomão dedicou aquele templo, Salomão orou uma oração, e ele disse: “Senhor, se Teu povo estiver em problema em qualquer lugar e olhar em direção a este santo lugar, e orar, então ouvirá do céu.” (http://www.luzdoentardecer.org/altar-da-familia-211112/ 17/07/2013)</p>
592		<p>Com as poucas forças que ainda lhe restavam, a irmã orou uma oração que só as mães fazem: olhos cheios de água, palavras pronunciadas apenas dentro do coração, aliás, um coração quebrantado e humilhado. (http://mulheresdefemagali.blogspot.pt/2012/12/umamensagem-no-bolso-deus-dirige-os.html 17/07/2013)</p>
593		<p>Orou uma Oração Instantânea’ – o Irmão André, da Missão Portas Abertas, teria chamado esta oração de 'oração telegrama'. (http://socio sustainability.blogspot.pt/2011_01_01_archive.html 17/07/2013)</p>
594		<p>Esquecer do poder da oração: Elias não orou uma oração de petição para Deus mudar, mas ele falou: “Deus me mata”. (http://blogministerioreinandomcristo.blogspot.pt/2011/10/culto-da-vitoria-051011-ministracao.html 17/07/2013)</p>

595	55	parir	Não estou com medo nenhum – diz a mulher que pariu o parto mais extraordinário da história. Ela, Karerina, foi parida pelo escritor Leon Tolstói ...(https://www.facebook.com/tomze?directed_target_id=0&rf=10405430629906318/07/2013)
596			Hoje fazem 19 anos que pari , um parto normal, sem ponto, tranquilo, menos estressante que o da Nossa Sra, que pariu num estábulo com menos de 15 anos, sendo perseguida pelo Estado. (http://amapagupatsycazumba.blogspot.pt/2013/05/hoje-e-dia-de-maria.html18/07/2013)
597	58	pensar	És um humanista :) Com pó de estrela, pois. Acho que li isto em qualquer lado. Ou pensei o pensamento da Lady. Ó pá não sei. Prontos. (http://murcon.blogspot.pt/2009/04/como-teria-sido.html18/07/2013)
598			Pensei um pensamento teu. Às vezes temos de ousar ouvir-nos e fazer o que sentimos, sem necessidade de desculpas (http://mais-de-mim.blogspot.pt/2012/05/as-vezes.html18/07/2013)
599			Mas logo pensei este pensamento não me leva a lado nenhum, então comecei a planear novos passos. (http://www.apfertilidade.org/phpBB2/viewtopic.php?p=618970&sid=5f9e8768c36917465c3308217f30bd3318/07/2013)
600			Já pensei aquele pensamento vezes demais... Chegou a hora de o deixar partir. Preparei uma mala cheia de receios. Dobrei a vergonha ao meio para ainda caber na mala de viagem. (http://forum.inovanet.pt/post2846.html18/07/2013)
601			Todavia pensou o " pensamento " que a lista do PSD era a melhor... transformando, assim, o "nick" escolhido numa notável, impressionante e soberba ironia (http://weblog.aventar.eu/mocho.weblog.com.pt/arquivo/208884.html18/07/2013)
602			... sobre os joelhos e sobre as palmas das mãos, e ainda sem entender o que viria a seguir, pensou — um pensamento capaz de assombrar (http://oqueeojantar.blogs.sapo.pt/299364.html18/07/2013)
603			... além dos seus actos - pensou . Um pensamento grande de mais para as suas pequenas forças. Havia uma desproporção entre o peso do colosso moribundo ... (http://cvc.instituto-camoes.pt/index.php?option=com_docman&task=cat_view&gid=901&Itemid=6918/07/2013)
604			... jamais pensou um pensamento por si; tudo o que faz é transmitir laboriosamente aos seus alunos os preconceitos académicos que lhe foram transmitidos por sua vez a si, agarrados dogmaticamente a meia dúzia de livros que constituem o seu parco horizonte mental. (http://www.bazul.org/index.php?topic=51847.0;imode18/07/2013)
605			O que é que eu faço à minha vida!?", pensou . Um pensamento que gritou na sua cabeça. (http://historias_moniqitajb.blogs.sapo.pt/2010/06/?page=318/07/2013)
606			Voltando ao tema do pensar, a verdade é que só pensamos o pensamento , se assim se pode dizer, porque isso que pensamos não é um princípio, uma ideia, ou mesmo, um dado da intuição. (http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/764.pdf18/07/2013)

607			Sempre pensámos o pensamento dos outros até encontrar o nosso e, depois, alguém gostar e pensar pensar o pensamento alheio depois do nosso estar consolidado e estranhamente perguntarem-nos que pensamentos temos – o pensamento alheio anda de boa em boca (http://aventar.eu/2012/11/16/a-pessoa-que-somos/ 18/07/2013)
608			... o pensamento anterior ao nosso, mas pensamos o pensamento do nosso tempo e é com esse que temos acesso aos tempos precedentes. (http://donnemoinchance.blogspot.pt/2010/09/pascal-quignard.html 18/07/2013)
609	59	perder	Aliás, eu já perdi a perda de mandato de Luís Gomes e não disse nada à comunicação social, mas já o devia ter feito... (http://www.regiao-sul.pt/print.php?refnoticia=18856 18/07/2013)
610			... perdeu a perda de posse de bola, quer tenha finalizado com remate ou tenha perdido a posse de bola por desarme, falta técnica, etc. (http://www.fpp.pt/ficheiros/pdf/dtn/plano/DocumentosApoio/25.pdf 18/07/2013)
611	62	publicar	Após publicar a publicação na Web, poderá visualizar o texto alternativo quando mantiver o ponteiro sobre a imagem. (http://office.microsoft.com/pt-pt/publisher-help/a-imagem-nao-tem-texto-alternativo-HP010147613.aspx 17/07/2013)
612			A hiperligação ainda vai funcionar e a imagem será apresentada quando publicar a publicação para a Web e carregar o ficheiro de imagem para o servidor. (office.microsoft.com/.../resolucao-de-problemas-relacionados-com-hiper.. 17/07/2013)
613			Ainda bem que passaram a publicar a publicação , porque era difícil de encontrar! (http://belenensesvoleibol.blogspot.pt/2009/01/classificacao-nacional-a1.html 17/07/2013)
614			Será que O Público pode publicar a publicação dessas 600 páginas para consultarmos? (http://www.publico.pt/economia/noticia/europeus-chegam-a-acordo-sobre-regras-para-a-capitalizacao-dos-bancos-1544478 17/07/2013)
615			Além de fazer publicar a publicação principal o INE efetuou a sua promoção apresentando um pequeno resumo de 11 páginas sobre os “Indicadores Sociais”. (http://economiafinancas.com/2012/indicadores-sociais-2012-o-mais-recente-e-completo-retrato-do-pais/ 17/07/2013)
616			Quando publicar uma publicação para a Web, o Office Publisher 2007 cria ficheiros HTML filtrados, que será propagados para a Web mais rapidamente do que ficheiros HTML não filtrados. (http://office.microsoft.com/pt-pt/publisher-help/preparar-publicar-e-actualizar-o-web-site-do-publisher-HA010094760.aspx 17/07/2013)
723	81	descer	Jovem desce vertiginosamente uma descida na Califórnia em skate Freebord!! (http://www.geralforum.com/board/954/529932/jovem-desce-vertiginosamente-uma-descida-na-california-em-skate-freebord.html 29/07/2013)
724			Referia além do valor elevado, um peso excessivo (em torno dos 500 grm) e perguntava a necessidade de tal coisa, quando antes de descermos (descidas muito técnicas) parávamos sempre para colocar as joelheiras, não me fazendo impressão nenhuma demorar mais um ou dois minutos para descer o banco e não estando limitado aos 75mm que o Gravity Dropper fazia! (http://www.forumbtt.net/showthread.php?11617-ENDURO-Espig%F5es-retr%E1cteis 29/07/2013)

725			Após cerca de 500m, assim que começa a descer (uma descida acentuada), vá com atenção pois terá que virar à direita onde vir uma placa grande vermelha que diz RINO, oficina de automóveis; (http://www.petemotions.com/contactos.asp 29/07/2013)
726	84	subir	Subimos aquela longa subida que dá para os nossos trilhos maravilha e a primeira paragem para descansar as pernitais. (http://bttransmissao.blogs.sapo.pt/11023.html 29/07/2013)
727			Basicamente, a prova é muito simples... um individuo mete-se em cima da moto, e tem que subir uma subida em cima dela! Fácil? Nem por isso, por isso se chama impossível. (http://www.forumtransalp.com/t3578-subida-impossivel-dias-5-e-6-nov-2011 29/07/2013)
729	23	construir	Como faço para construir várias construções de uma vez. Já tenho dois escritórios de construção e demora muito para começar a construir. (http://www.gamevicio.com/i/topicos/162/162364-varias-construcoes-de-uma-vez/index.html 29/07/2013)
730	27	dar	As universidades privadas na América têm um Alvará de Utilidade Pública e não pagam impostos ao governo. Desta maneira os seus graduados quando fazem fortunas acabam por dar dádivas grandes à sua Alma Mater em vez do mesmo dinheiro ter que ser pago em forma de taxas ao Governo Americano. Infelizmente em Portugal isto não acontece porque até há pouco tempo só existiam universidades estatais. (http://www.dightonrock.com/auniversidadedeharvardeamaisrica.htm 31/07/2013)
737	38	filmar	O ator francês Gérard Depardieu, que obteve a nacionalidade russa em janeiro, vai filmar dois filmes na Chechénia e pagará os seus impostos na Rússia, anunciaram hoje responsáveis russos. (http://noticias.pt.msn.com/ator-franc%C3%AAs-g%C3%A9rard-depardieu-vai-filmar-dois-filmes-na-chech%C3%A9nia-1 31/07/2013)
861			<i>par=ext336560-nd-94b-2:</i> Uma quarta-feira à noite soubemos que o famoso Bluebird Cafe, onde River Phoenix filmou parte do último filme da sua breve carreira, comemorava o 12º aniversário. (05/07/2013)
738	43	jantar	O Restaurante do clube de vela onde jantámos um belíssimo jantar e um moliceiro restaurado. (http://search.yahoo.com/search;_ylt=A0oG7mmLj_pR8hgA7WVXNy0A?p=jantamos+um+jantar&fr=yfp-t-600&fr2=sb-top&pstart=1&b=31 01/08/2013)
884			Cheguei a casa ainda antes do senhor marido. Ele jantou um bife com arroz que tinha sobrado do dia anterior e pronto. (http://notsofast.blogs.sapo.pt/34355.html 2/09/2013)
739	61	produzir	Para Cateora e Graham (1996) e Viana e Hortinha (2005), o franchising é uma forma específica de licenciamento em que o franchisador licencia franchisados para comercializarem ou produzirem um produto /serviço em determinado território, segundo o modelo de negócio criado pelo franchisador. (http://www.fep.up.pt/docentes/cbrito/Tese%20Manuela%20Dias.pdf 01/08/2013)

Regência, transitividade e intransitividade: noções e critérios
Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE

740			Produzir ciência não é o mesmo que produzir pão ou leite. É errado partir de pressupostos economicistas de que, com x milhares de contos e y especialistas, ao fim de um determinado tempo se produz um novo produto z. (http://nautilus.fis.uc.pt/personal/vieira/rarroja.htm 01/08/2013)
741			Os Polímeros de Especialidade da Solvay (polímeros fluorados e polímeros de alto desempenho para a engenharia) produzem Mais Produtos com Mais Desempenho, mais do qualquer outra produtora de polímeros no mundo. (http://www.solvay.pt/PT/produtos/home.aspx 01/08/2013)
742			Com o crescimento veio o reconhecimento de que a Buff and Shine produzem produtos apreciados por sua qualidade e durabilidade, com esta reputação permitiu crescer em todo o mundo. (http://www.specialeautomotive.com/1.html 01/08/2013)
743			De acordo com uma notícia do Korea Times, a LG e a Google formaram uma parceria para produzir novos produtos , que incluem um novo smartphone e um televisor OLED. (http://pcguia.sapo.pt/2013/05/06/lg-e-google-formam-nova-parceria-para-produzir-novos-produtos/ 01/08/2013)
882			O professor Mark Post da Universidade de Maastricht produziu um hamburger a partir de células estaminais de vaca. (http://noticias.pt.msn.com/imagens/produ%C3%A7%C3%A3o-do-primeiro-hamburger-a-partir-de-c%C3%A9lulas-estaminais-de-vaca 22/09/2013)
744	70	semear	Na maioria das regiões é necessário semear as sementes de tomates no interior ou em viveiro. (http://kokopelli-seed-foundation.com/actu/new_news.cgi?id_news=116 01/08/2013)
745			Como semear sementes em fita? (http://perguntas.sapo.pt/pergunta/1420/como-semear-sementes-em-fita 01/08/2013)
746			Semear as sementes , depois colocar em cima terra adubada, quando as sementes germinarem e as plantinhas tiverem com 5 ou 6 folhinhas, transplantar para local definitivo. (http://laurihorto.blogspot.pt/2010/04/vamos-plantar.html 01/08/2013)
747			Depois semearam algumas sementes de coentros indianos e plantaram Aloé-vera e Lúcia-lima. (http://www.flickr.com/photos/350org/5075659162/ 01/08/2013)
748			Era uma vez um casal de velhotes que tinham uma horta. Certo dia, na horta, semearam sementes de nabos. (http://cresceraler2.blogspot.pt/2008/02/o-nabo-gigante.html 01/08/2013)
879			este ano a minha avó não semeou tomates :(ai... que tristeza!! tudo acaba... (http://www.petiscos.com/smf/index.php?topic=1201.75;wap2 22/09/2013)
750	93	suar	Na meia final, na catedral de Wembley, frente á Inglaterra, Portugal perdeu 2-1 num jogo em que os portugueses, como diria Simões, " suaram o suor que já não tinham para suar". (http://www.planetadofutebol.com/artigos/eusebio-a-pantera-negra 31/08/2013)

751	95	desejar	O melhor exemplo pode ser o amor (compaixão pelo próximo, companheirismo, amizade, amor familiar, amor apaixonado, etc.) envolvendo, como toda a acção humana, esquemas inconscientes e de desejo, trata-se de uma emoção/acção em que a determinada altura o ser se entrega totalmente com uma expectativa de retorno indefinida, mas que é incondicional e sobretudo especular: ao dar-se, o ser deseja o desejo do outro, deseja sentir que o outro o deseja com a mesma (ou equiparável) intensidade. (http://www.apagina.pt/?aba=7&cat=163&doc=12063&mid=2 31/08/2013)
752	16	chegar	Aqui é um blog “então ele chegou , uma chegada demorada, e muito aguardada.” (http://capitulina.blogspot.pt/2007/04/finalmente.html , 19/06/2013)
754	92	vomit	A minha cadela foi esterilizada está manhã. E esta tarde vomitou um vômito amarelo.. é normal? (http://arcadenoe.sapo.pt/forum/viewtopic.php?p=1716200 15/09/2013)
768	100	sonhar	O sonho do Pai Natal. O Pai Natal sonhou um sonho lindo, tão lindo que não queria acordar. (http://www.eb1-alice-vieira.rcts.pt/natal_historia2.htm 13/09/2013)
769			Levei-o comigo/ Sonhou um sonho / Da cor do meu/ Deitados no leito da lua/ Na frescura, que tremor... (http://natura.di.uminho.pt/~jj/musica/html/neladeiras-sonhoAzul.html 13/09/2013)
770			E então este sonhador chorou:e então / ela rapidamente sonhou um sonho de primavera — onde tu e eu estamos a florescer. E. E. Cummings, in "livrodepoemas" . Tradução de Cecília Rego Pinheiro (http://www.citador.pt/poemas/o-primeiro-de-todos-os-meus-sonhos-edward-estlin-cummings 13/09/2013)
771			um pesadelo também pode ter sonhos que o levam a dançar desvairado ao som azul da pastilha que que o aliena de uma realidade pesada de vida complicada. quem sabe se na esquina do desejo sonhou um sonho de pesadelo que o levou de volta ao que não quis sonhar vir a ser... (http://euclaudio.clix.pt/2007/05/venha-o-sonho-e-escolha-ou-ser-diabo.html 13/09/2013)
772			Gostava que dissesse “Aqui jaz uma mulher que sonhou um sonho impossível e lutou por ele sem descanso”. (http://loopings.blogspot.pt/2008/06/na-minha-idade.html 13/09/2013)
773			À noite sonhou, um sonho muito bonito e, quando acordou, estava muito feliz. (http://forada-estante.blogspot.pt/ 13/9/2013)
774			Eu sonhei um sonho num tempo que já se foi/ Quando esperanças eram grandes e valia a pena viver/ Eu sonhei que o amor nunca morreria/ Eu sonhei que Deus seria misericordioso (publicado por Luiz Paulo Pina, http://luizpaulopina.blogs.sapo.pt/113487.html 15/09/2013)
775			Sonhei um sonho tão lindo que ao despertar sorrindo pensei em te revelar. (http://anittabaroc.blogs.sapo.pt/191279.html 15/09/2013)
776			Sonhei um sonho de amor, Vi em teu peito um abrigo, Nele sequei meu fulgor... . Senti a pele macia, Sob a dureza dos cumes, Senti que todo eu ardia (http://plectro.blogs.sapo.pt/351646.html 15/09/2013)
777			E, até sonhei . Um sonho parvo que me deixou a rir às gargalhadas. Sonhei que estava com um grupo de pessoas, das quais não me recordo ... (http://eusinha.blogs.sapo.pt/tag/sonho 15/09/2013)

778		Sonhei um sonho dourado. Feliz...pura magia... Príncipe, feito por ela.. De um grande reino encantado! (http://sonhando3.no.sapo.pt/sonho189.html 15/09/2013) literário
779		Sonhei um sonho que não devia ter sonhado. (http://nortealentejano.blogspot.pt/2007/10/sonho-de-nossa-senhora-verso-de.html 16/09/2013)
780		Sonhei um sonho e ele não aconteceu. Ou aconteceu ao contrário. Ou seguii por caminhos que não esperava. E o que aconteceu ao sonho? (http://milrazes.blogs.sapo.pt/2012/10/19/16/09/2013)
781		Numa noite de inverno sonhei Um sonho de amor sem sentido Nesse sonho a visão de uma mulher Que dá a volta á cabeça, que faz parar o ... (http://frasesepoemas.blogs.sapo.pt/73328.html 16/09/2013)
782		" sonhei um sonho pequenino muito maior do que a minha cabeça. e do que a tua. e do que a minha." com Célia Torres, Danuta Gomolinska, José Cunha, Júlia ... (http://www.dozeaocubo.com/2012_08_01_archive.html 16/09/2013)
783		Antes da madrugada sonhei um sonho que me deixou angustiado e que vou tentar ordenar. (http://talvezpensar.bloguepessoal.com/368895/Os-Conjurados-II-1985/ 16/09/2013)
784		Sonhei um sonho deveras estranho. (http://sum-coisasdavidia.blogspot.pt/2010/11/dias.html 16/09/2013)
785		Que fazeis aqui?/ - Eu nem durmo nem rezo:/ Esta noite sonhei um sonho ./Cruel Sonho!... (património oral, http://www.clul.ul.pt/equipa/mgomes/corpus/MG-JC-61.html 16/09/2013)
786		sonhei um sonho tão bom: sonhei assim: na vida nós somos todos artistas numa peça de teatro absurdo escrita por um Deus absurdo. (Vera Vouga, http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/2793.pdf 16/09/2013)
787		Sonhei um sonho de uma tarde de Outono. (http://blog-espiritismo.blogspot.pt/2012/10/sonho-de-uma-tarde-de-outono-conclusao.html 16/09/2013)
788		E sonhei ...um sonho tranquilo sobre o que se estava a passar. Acordei já no quarto acompanhada por uma enfermeira. (http://alutaporumsonho.blogspot.pt/2008/03/o-dia-da-puno.html 16/09/2013)
789		Sonhei um sonho lindo em nuvens alvas, com mãe e cria a banharem-se em águas tranquilas de um azul forjado nos céus. (http://www.animaisfotos.com/hipopotamopigmeu-fotomundoanimal-wiki/ 16/09/2013)
790		Eu sonhei um sonho , e agora, o que é que faço com ele? Eu, ou comentava isto, ou não comentava. (http://aspirinab.com/visitas-antigas/jose-do-carmo-francisco/palavras-em-jogo-02/ 16/09/2013)
791		... em Janeiro.....mas sobretudo e isto sim realmente importante é que ontem sonhei, sonhei um sonho que me não sai da cabeça... (http://pedromoraiscardoso.wordpress.com/page/19/ 16/09/2013)
792		"Esta noite sonhei, sonhei um sonho tao terno e profundo,que estava num campo , tao lindo cheio de flores.mas tao bem que senti, olhei para ... (http://estrelinhasdoceu.blogspot.pt/2009/02/avo-tu-deste-me-uma-estrela-cintilante.html 16/09/2013)

793		Mas esta noite, singularmente, sonhei um sonho particular, no qual penso. (http://umamulhernaochora.blogspot.pt/2011_02_01_archive.html 16/07/2013)
794		Sonhei o sonho mais feliz. Sonhei que atravesssei montanhas para te ver. (http://becoseruelas.blogs.sapo.pt/tag/sonho+amor 16/09/2013)
795		Homens afogados flutuavam no pátio. Quando sonhei o sonho pela primeira vez, ainda na Água Cinzen- ta, não lhes conhecia os rostos, mas agora conheço. (http://recursos.wook.pt/recurso?&id=214227 16/09/2013)
796		Moisés foi outro sonhador que sonhou o sonho extremamente difícil de ver o seu povo ser libertado da escravidão dos egípcios. Deus haveria de prepará-lo e ... (http://homemhojeonline.org/espero-ser-util/79-sem-categoria/117-sonhos-interrompidos 16/09/2013)
797		Qualquer que seja o futuro da nação arco-íris, Madiba será lembrado como aquele que sonhou o sonho e tornou, para todos, o sonho realidade. Jorge Portugal ... (http://portaldalideranca.sapo.pt/arquivo/destaque/testemunho-dos-lideres-sobre-nelson-mandela 16/09/2013)
798		Tudo isso agradeço á iurd,ao Senhor Bispo Macedo,porque um dia,ele sonhou o SONHO de DEUS,e como ABRAÃO,não negou seu ISAC.OBRIGADA IURD... (http://iurd.pt/35-anos-de-lutas-e-vitorias/comment-page-18/ 16/09/2013)
799		Mas há uma hora morta sugestivamente encantadora, hora de noite morta, ao luar, junto ao Castelo, a hora da evocação, e do passado, da História e da Lenda, dos castros citanienses e de S. Mamede, a hora do Herói e do Monge, de guerreiros e trovadores, quando a vida agrícola e industrial dorme de cansaço, e as velhas pedras se animam, as velhas pedras daquele ninho soberbo, onde se concebeu e sonhou o sonho de Portugal. (Eduardo Almeida, 1933, http://araduca.blogspot.pt/2008/01/as-trs-horas-de-guimares-por-eduardo-de.html 16/09/2013)
800		Pierre de Coubertin sonhou o sonho dos poetas: um mundo de paz, de beleza, de alegria, de felicidade! (http://www.revistarecreate.net/IMG/pdf/R13.IL.Motrocidade_humana._A_praxis_do_possivel._Sidirley_de_Jesus_Barreto.pdf 16/09/2013)
801		Alguém sonhou este sonho , mas este sonho sobe aos palcos. Como se põe muita gente a dar carne outra vez ao sonho de outro? (http://www.teatro-cornucopia.pt/htmls/conteudos/EEIVEpAkAyAeQeqUvq.shtml 16/09/2013)
802		Um candengue algures em Angola sonhou este sonho : Angola a vencer o Mali, no jogo inaugural. Golo de Gilberto. Sonho é sonho, mas ... (http://www.publico.pt/noticia/primeiroministro-angolano-reunese-com-dirigente-do-futebol-africano-apos-atentado-em-cabinda-1416976 16/09/2013)
803		Estamos profundamente gratos ao Dr. Carlos Vargas, porque foi ele quem sonhou este Sonho , quem deu o primeiro passo para que tudo... (http://www.imprensaregional.com.pt/terra_ruiva/index.php?info=YTozOntzOjU6Im9wY2FvIjtzOjExOjIub3RpbY2lhX2xlcil7czoxMDoiaWRfbm90aWNpYSI7czozOjI3NTUuI03M6OToiaWRfc2VjY2FvIjtzOjI3NTUuI03M6OT 16/09/2013)

804		Abraão creu, sonhou os sonhos de Deus e assim aconteceu. Façamos o mesmo em 2013. (www.iprp.pt/noticias2.php?cod=48 16/09/2013)
805		Sonhou os sonhos errados e foi esse o seu legado. Por outro lado, diga-se, ser poeta ao lado de Luís Vaz de Camões deveria ser hercúlea obra mesmo. (http://portograal.no.comunidades.net/index.php?pagina=1682429784 16/09/2013)
806		José sonhou os sonhos de Deus e foi vencedor, sonhe os sonhos de Deus e será um vencedor! (http://comunidadepovolivre.webnode.pt/news/a-trajetoria-de-um-sonhador/ 16/09/2013)
807		Antes de se levantar, afirma: “não fiz outra coisa na vida senão sonhar. Só que só sonhei os sonhos dos outros. Que tristeza!”. (www.acabra.net/artigos/a-mitologia-coimbr-de-eduardo-loureno 16/09/2013)
808		Aos meus filhos e a todos quantos sonharam os sonhos de um amanhã ainda hoje sonhado. (http://josemurtalourenco.blogs.sapo.pt/31791.html 16/09/2013)
809		Os três Reis do Oriente sonharam um sonho profundo,. 2 sonharam que era nado o supremo Rei do Mundo. (http://ww3.fl.ul.pt/unidades/centros/ctp/lusitana/rlus_ns/rlns08/rlns08_p105.pdf 16/09/2013)
810		Milhares que sonharam o sonho de serem radicalmente significativos no mundo. Fazendo alguma coisa. Deixando a sua vida, sacrificando qualquer coisa. (https://pt-facebook.com/pages/Mundo-cristão/122403204585897?... 16/09/2013)
811		Aqui tanto os chamados de esquerda como os de direita sonharam o sonho escandinavo ou comunista de dar tudo a toda a gente ... (http://m.expresso.sapo.pt/opiniao/artigo/820573/ 16/09/2013)
812		Como disse Joaquim Avó, nós é que nos sentimos honrados por ter aceite este convite e com isso nos emprestar um pouco do seu prestígio e assim podermos chamar de novo os sócios FUNDADORES que sonharam este SONHO se afastaram e conseguir novos SÓCIOS e JOVENS, GENTE empreendedora e empenhada... (http://www.joraga.net/maia/pags/maia_pag_01_apresenta.htm 16/09/2013)
813		Hoje, somos uma referência no mundo do entretenimento. Obrigado a todos que sonharam esse sonho comigo! Roberto Medina. (http://rockinrio.com/rio/blog/a-grande-festa-de-todas-as-tribos-por-roberto-medina/ 16/09/2013)
814		Como é bom sonhar sonhos lindos, nas horas de boas lembranças, no tempo de ser feliz, em momentos de alegria, quando nem mesmo a saudade pode .. (https://pt-facebook.com/permalink.php?story_fbid...id... 16/09/2013)
816		Parecia evidente de que estivera a sonhar um sonho alheio. (http://inverno-em-lisboa.blogspot.pt/2012/11/uma-vida-e-um-sonho.html 16/09/2013)

817			No começo da peça ela chama as suas aias para com ela sonhar um sonho em que imaginam um profeta que sonha com um deus - nós ... (www.musica.gulbenkian.pt/cgi.../wnp_db_dynamic_record.pl?dn... 16/09/2013)
818			Esta noite tenho de sonhar um sonho mais longo. (https://looking4good.wordpress.com/category/p-s-rege/ 16/09/2013)
862			<i>par=ext261727-clt-92b-1</i> : Eu sonho palavras e vozes que depois faço interpretar» . (05/07/2013)
821	99	tocar	“É o princípio, é começar a perceber e a desprendermo-nos daquilo que já sabemos. Por exemplo, o João [Lencastre] é muito bom baterista, mas o que quero é que descubra coisas novas no instrumento, que se veja à rasca para tocar , um toque qualquer que nunca foi buscar. (http://jornalmetro.blogs.sapo.pt/40900.html 17/09/2013)
822			Flor promete tocar um toque /mais do que a queda de um perfume suave, /e isso significava que florescendo termina em pássaro /vão por causa de sua morte está sendo iniciado. (https://www.facebook.com/academiabailacomigo/posts/300308680075524 17/09/2013)
823			Espreguicei-me ainda deitada na cama, e ouvi um telemóvel a tocar . Um toque de alerta de mensagem. (http://adictedtofancs.blogs.sapo.pt/2013/01/29/ 17/09/2013)
824			JOGO Características (Edição completa):- mais de 160 níveis; - dois modos de jogo: Story e Seleção de Camadas; - história cativante e aventureiro; - hilariou gráficos cartoon; - níveis de replay para obter resultados; - para todas as idades; - bom exercício lógico-matemático; - tocar um toque intuitivo (https://itunes.apple.com/pt/app/chocolatewars-flippolite/id373106545?mt=8 17/09/2013)
825			Eu lembro-me bem: nada era tão angustiante como ouvir a meio da noite, no silêncio e na escuridão da noite, a sirene dos bombeiros a tocar , um toque arrastado, insistente. (http://escritosdodouro.blogspot.pt/2011/10/leonardo-o-bombeiro.html 17/09/2013)
826			E sei que naquele momento lhe devia ter estendido a mão e perguntado se lhe podia tocar . Um toque apenas. (http://paixoesdeadollescente.blogs.sapo.pt/2010/06/14/ 17/09/2013)
827			No fundo, o que faço é pedir ao sineiro que toque cada um dos toques que sabe. (http://www.uminho.pt/Newsletters/HTMLExt/39/website/conteudo_780.html 17/09/2013)
828			Depois, ainda há o facto de haver formas diferentes de tocar o <i>mesmo</i> toque em igrejas diferentes, por isso faço a classificação por igreja e freguesia. (http://www.uminho.pt/Newsletters/HTMLExt/39/website/conteudo_780.html 17/09/2013)
830	103	sofrer	O verdadeiro significado real da Páscoa é a ressurreição daquele que deu a vida por nós, que sofreu um sofrimento que era nosso Jesus. (http://pt.toluna.com/opinions/1216006/Qual-verdadeiro-significado-Pascoa.htm 24/09/2013)

Regência, transitividade e intransitividade: noções e critérios
Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE

831		Ao ser atingida pelo referido golpe na perna, desferido pelo arguido B.... a ... sofreu um sofrimento que lhe causou dores e desconforto. (http://www.dgsi.pt/jtrc.nsf/8fe0e606d8f56b22802576c0005637dc/577c0c57f2d2ef6880257a240032b476?OpenDocument 24/09/2013)
832		Menos não seria de esperar se quiser conquistar uma mulher que já muito sofreu . Um sofrimento , inesperadamente, repartido pelos dois. (http://aolerolivro.blogspot.pt/2009_05_01_archive.html 24/09/2013)
833		Não, o Douro guarda, o Douro diz nos seus redemoinhos que não esquece, que quer estar sempre connosco, que quer partilhar tudo o que partilhamos com ele. Sinto que o Douro sofre um sofrimento doce, é qualquer coisa de imperceptível, parece aquele sabor que fica na boca quando se bebe um "porto" de verdade, um "porto" que viajou de rabelo no seu leito! (http://caminheirosdemerda.blogs.sapo.pt/18834.html 24/09/2013)
834		Depois da cena inútil da caneta pousada sobre a mesa/ em que a mão sente que sofre um sofrimento / que não é de ninguém/ um milagre acende o gesto que se perde na distância de um "lá" que ninguém olha./maravilhosa palavra com que saio do poema. (Rosa Alice Branco, http://portugalpoetico.blogspot.pt/2009/08/mao-feliz.html 24/09/2013)
835		A pedido de várias famílias, sendo que acabou por ser apenas uma, uma família... mas uma família que sofre um sofrimento mudo, amordaçada pela canga cega do fado triste, dilacerada por esse assassino silencioso e pernicioso e folicoloso (!?) que é o álcool... e a quem mando um beijinho bem repenicado (!), segue infra o tão famoso [bocejo demorado] artigo de opinião do Mário Crespo que o não seria se tivesse sido (publicado) - digo eu. (http://laquadilha.blogspot.pt/2010/02/pedido-de-varias-uma-foi-so-uma.html 24/09/2013)
836		A Esmeralda tinha pai e a juíza descobriu-lhe outro. Que ela não quer e que lhe querem impingir. É pequenina e sofre um sofrimento que nem os adultos merecem. Porque a justiça é cega, estúpida e não gosta de crianças. (http://www.barlavento.pt/index.php/noticia?id=23364 24/09/2013)
837		E para a doce e terna Maria aqui vai o meu sentir tão idêntico e verdadeiro. "Só quem sofre um sofrimento assim poderá entender" (http://euaosbocados.blogspot.pt/2008/04/se-querem-entender-o-tipo-de-pessoa-que.html 24/09/2013)
838		Kem vive na solidão sofre ... Um sofrimento , longe e destruidor!! K mts x deixa marcas tão profundas, k transforma as pessoas!!! (http://olhares.sapo.pt/-aberto-ate-de-madrugada-foto685801.html 24/09/2013)
839		Quando a dor já não se aguenta na alma, o corpo sofre esse sofrimento . Ferido, cortado, dorido. Talvez a dor física atenua o aperto cá dentro. (http://ameninalamparina.blogspot.pt/2011/07/dos-lugares.html 24/09/2013)

840			Basicamente, existem três tipos de sofrimento nas áreas do Purgatório. Um deles é físico, e pode ser tão intenso como o fogo do inferno. Essa é a área mais baixa. Junto com este fogo físico está o sentimento de desolação e solidão extrema. Quando a alma avança para o próximo nível, não sofre esse sofrimento fisicamente mas um abandono emocional, e junto com isso, o sofrimento espiritual de estar separada de Deus. (http://emtudoavontadedeus.blogs.sapo.pt/tag/c%C3%A9u 24/09/2013)
841			Tive muitas paixões, já sofri aquele sofrimento bom da adolescência. (http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/musica/alexandre-pires-povo-quer-alegria-amor-e-beijo-na-boca 24/09/2013)
842			E, de repente, eu começo a sofrer um sofrimento que não é meu, é do menino. Fico fora de mim. Estou no corpo do menino. Sofro com ele. (http://terrear.blogspot.pt/search?q=sofrer+um+sofrimento 24/09/2013)
843			Mas se o amor nos traz momentos únicos de felicidade, também nos pode fazer sofrer . Um sofrimento que se instala no coração como um hóspede indesejado. (Amar depois de Amar-te, Fátima Lopes, http://www.esferadoslivros.pt/livros.php?id_li=%2028 24/09/2013)
844			Sofrer de amor é só sofrer , um sofrimento interior, aniquilante. Amar é antes empolgação, a arte de viver a dois na maior harmonia. (http://comunidade.sol.pt/blogs/vaniaxsantos/default.aspx 24/09/2013)
845			... ninguém está preparado para perder uma pessoa que ama mas sei que tens de ir... estás a sofrer... um sofrimento sem medida... eu sei... (http://lagrimatua.blogs.sapo.pt/2007/06/ 24/09/2013)
846			Muitos deles, estão, contudo, a sofrer . Um sofrimento real e profundo. (http://static.publico.pt/pesoemedia/noticia.aspx?id=1569672&idCanal=5482 24/09/2013)
617	64	respirar	Quando a sua respiração o alcança desta maneira, está a respirar a respiração da alma. Quando fizer este exercício vai sentir-se fabuloso! (http://a_bruxinha_diz.blogs.sapo.pt/31883.html 18/07/2013)
618			A lei não tem nenhum olho, a lei não tem nenhuma mão, a lei é nada - nada mas um pedaço de papel, até que a opinião pública respire a respiração da vida na letra inoperante. (http://www.zazzle.pt/macaulay_a_lei_ao_tem_nenhum_olho_que_as_maos_sa_caneca-168911633131760962 18/07/2013)
619			E a doçura chegava a ela, bem no centro de seu coração. E eu passei a respirar a respiração dela; e ela, a minha... (http://osuivosdaloba.blogs.sapo.pt/40181.html?view=1335541 18/07/2013)
620			Ressou em cada poro de seu corpo, como se fosse um dos trovões que tinham rugido no céu no dia anterior. Respirou . Uma respiração tranquila e profunda. (http://www.fanfiction.net/s/8531852/13/The-secret-passion-of-Severus-Snape 18/07/2013)
621			... respirou uma respiração colorida, colando ao vidro o reflexo enganoso (veja agora) daquilo que eu queria... (http://dentrodoentre.blogspot.pt/2003_11_01_archive.html 18/07/2013)
622	65	rezar	Rezei uma reza miudinha. Nas minhas mãos um rosário de ervilhas unidas por um fio de azeite. Deve ser assim que tu rezas, se é que rezas, pois não sei... (http://diariodalaira.wordpress.com/author/dicunhagil/page/12/ 18/07/2013)

Regência, transitividade e intransitividade: noções e critérios
Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE

623			Ali, rezei uma reza ; acolá, queimei os meus dedos no canto da cama que ali havia suspeitei que a noite demoraria a passar pedi paz e a paz não veio (http://furiadomar.blogspot.pt/2005_07_01_archive.html 18/07/2013)
624	66	rir	Termina contudo por animar-se e rir o riso largo de homem satisfeito com a vida, ao fim do jantar, após o café, acesos os charutos, faltando apenas os licores e os conhaques, os digestivos. (http://memoriasfuturass.blogspot.pt/2011/09/tereza-batista-candada-de-guerra.html 18/07/2013)
625			Olhos que não vejo, mas sinto Sabe como ninguém mais Atravessar as fronteiras do impossível ler a alma, rir o riso Chorar o pranto (http://palcoprincipal.sapo.pt/bandasMain/jorge_marante/video/JEGE3SKpKKo 18/07/2013)
626			Queres ir lá para fora acabar de rir o riso ? (http://www.exames.org/index.php/index.php?option=com_jfusion&Itemid=56&jfile=viewtopic.php&f=229&t=9996&start=960 18/07/2013)
627			Ser jovem é rir o riso da criança. e deixar qualquer pensamento fluir,. é saber que na estação do tempo,. quem chegou tem que partir. (http://matriz2006.blogs.sapo.pt/1077840.html 18/07/2013)
628			Correste, correste, a rir um riso histérico e nervoso, com receio que eu te alcançasse e desejosa, ao mesmo tempo, que te faltassem as forças... (http://guardadonaarca.no.sapo.pt/erotikus_ma_non_troppo.htm 18/07/2013)
629			O dia esteve frio e o vento gelado atirava a água em todas as direcções, parecendo rir um riso escarminho e demoníaco. (http://wwwdeprofundis.blogspot.pt/2009/07/do-tempo.html 18/07/2013)
630			Usava calções de Janeiro a Dezembro e nunca o vi que não fosse a rir . Um riso largo, que lhe ocupava a cara toda e uma forma muito peculiar ... (http://encontrogeracoesbnm.blogspot.pt/2013/02/o-canhao_12.html 18/07/2013)
631			Gostei de a ouvir rir . Um riso redondo e melódico, bom de ouvir. Há risos que me irritam, principalmente os que lembram carros estrangulados ... (http://www.blogclubedeleitores.com/2013/06/que-uma-aranha-faz-muita-companhia_17.html 18/07/2013)
632			E Manuel António Pina torna a rir , um riso de desconcertar. (http://www.jn.pt/Domingo/Interior.aspx?content_id=1386829 18/07/2013)
633			Fernando Pessoa pensou alguns instantes, depois largou a rir , um riso seco, tossicado, nada bom de ouvir,. Ai esta terra, ai esta gente... (http://leiturapartilhada.blogspot.pt/2008/09/mensagem-o-olhar-divertido-de-saramago.html 18/07/2013)
634			A rir um riso que dói. Se despedissem. Como um girassol semi-aberto, semi-fechado. Com um até logo... até amanhã... até sempre... (http://www.reflexosonline.com/reflexos.php?num_foto=159296 18/07/2013)
635			E desatou a rir ... um riso sanguíneo. De pantera. Depois, Surgiu novo fantasma hercúleo, extraordinário, Maior que os outros dois. (http://rendadebirras.blogspot.pt/2011/07/fantasmas.html 18/07/2013)

636			Mais uma vez renato, e sem qq tipo de escárnio, mal intenção, ironia ou sarcasmo, um teu comentário fez-me rir um " riso inteligente". (http://ideiainteligente.blogspot.pt/2010/01/peta.html 18/07/2013)
637			Mau como as cobras, a rir um riso torto, devastador". Não era bem assim, mas adiante. (http://www.noticiasdevilareal.com/noticias/index.php?action=getDetalle&id=3792 18/07/2013)
638			... dois ou três a rir um riso que morre depressa – e sempre aquele cheiro, aquele cheiro, aquele cheiro que não se confunde com mais nada. (http://www.maisopiniao.com/ja-nao-ha-nada-clara-pinto-correia/18/07/2013)
639			Mau como as cobras, a rir um riso torto, devastador. Era uma época em que os escritores me fascinavam porque os olhava como mesas de espíritas, capazes de comunicarem com outra dimensão. Uma espécie de demiurgos, de feiticeiros. (http://www.truca.pt/raposa_textos/palavras_135_lobo_antunes.html 18/07/2013)
640			O teu miúdo é mesmo um espectáculo, sempre a rir aquele riso malandro que te faz esquecer todos os maus momentos. (http://aervilha.blogspot.pt/2005/08/mr-smiles.html 18/07/2013)
641			Mas o Destino ri aquele riso inexorável, fulminante, que rasga uma árvore de alto a baixo! (http://novaaguia.blogspot.pt/2009/07/nao-me-batas-que-eu-sou-deus.html 18/07/2013)
642	68	sair	Não há dúvida: o melhor caminho para Portugal vai ser sair a saída da Moeda Única e seguidamente da UE. (http://www.publico.pt/economia/noticia/ue-quer-rever-orcamentos-nacionais-antes-da-aprovacao-1432556 18/07/2013)
643			Do modem tem de sair a saída Ethernet directa ao router e não ao PC! Porque se em percebi tens a Ethernet do modem ligada ao PC... (http://forum.aquapc.com/archive/index.php/t-93512.html 18/07/2013)
644			Desde 0 informações até sair a saída do realm ao cumulo da ironia (ou estupidez) de colocar apenas 3 PvP realms a migrar para um suposto ... (http://eu.battle.net/wow/pt/forum/topic/3144506482 18/07/2013)
645			... desde já, porque ali vai sair a saída nascente desde Mafra. (http://www.cm-mafra.pt/files/autarquia/actasassembleia2004/5_2004.pdf 18/07/2013)
646			Ligar o monitor ao portátil é bastante fácil se tiver saída VGA (deve sair uma saída azul ou preta de 15 pinos) Praticamente todos têm, é só ligar o cabo da saída ... (http://forum.apostaganha.pt/index.php?topic=38552.5;wap2 18/07/2013)
647			... pois imagina que eu estou á espera que passes, e afinal vais sair uma saída antes da minha entrada, fiquei á espera... (http://forum.autohoje.com/forum-geral/31864-como-circular-numa-rotunda-quem-tem-prioridade-34.html 18/07/2013)
648			Chegado à 2a circular ele lembra-se de sair uma saída antes daquela que tinhamos combinado, trava a fundo e para no meio da 2º circular. (http://www.fzportugal.com/index.php?topic=1390.0 18/07/2013)

649			Sai a saída leste da estação de Kanazawa e leste a pé na rua Higashi Odori por 3 minutos para Castelo Inn Kanazawa. A casa de hóspedes é no interior do castelo Inn Kanazawa. (http://www.travelaholics.com.pt/hot%C3%A9is/jap%C3%A3o/kanazawa/castle-inn-kanazawa/a37385/ 18/07/2013)
650			Para mim sai a saída foi pelos areões via Lardosa e alto da Lousa, treinando um pouco as subidas o parão que aí vem. O ponto de encontro seria pela manhã. Horas, essas nem sabia nem interessava. (http://pintoinfante.blogspot.pt/2011/04/era-5-numa-5-feira-de-7-de-maio-de-2011.html 18/07/2013)
651	69	saltar	... falhei no arranque mas depois amarrei-me com toda força e coragem até ao fim, tive pa cair mais uma vez, saltei o salto duplo, a mota caiu ... (https://www.google.pt/#q=%22saltei+o+salto%22&rlz=1C2SVEE_enPT426&source=Int&bs=ctr:countryPT&cr=countryPT&sa=X&psj=1&ei=WKHmUc7YIci47AbHj4CYCA&ved=0CBQQpwUoAQ&bav=on.2,or.r_cp_r_qf.&bvm=bv.49405654%2Cd.ZWU%2Cpv.xjs.s.en_US.QXiTEk6XjhM.O&fp=35e42e1fa81a8c45&biw=1366&bih=635 17/07/2013)
652			Tomás Machado Leite sim sim Tiago Jordão sabes que quando eu saltei este salto foi com a minha bike!!!! (https://www.facebook.com/pages/Maus-Caminhos-Team-downhill-Belas/136841226394863?hc_location=timeline 17/07/2013)
653			O brise anda maluco que saltou o salto do pisoão assim como que se aquilo não fosse nada, desde já os meus parabéns... (http://gangdamoreira.blogs.sapo.pt/6375.html?thread=23527 17/07/2013)
654			Mais uma vez, como em tantas outras situações, as linhas ideológicas não permitem surpresas: Blasfémias, Atlântico, Abrupto e 31 da Armada votam em Mike Powell, lembrando, com o grafismo habitual, que foi ele quem saltou o salto mais comprido até hoje... (http://atlantico.blogs.sapo.pt/1866819.html 17/07/2013)
655			Azar para Ellen Whitaker (Equimax Ocolado), que inexplicavelmente saltou o salto errado terminou eliminada no G.P. (http://www.equisport.pt/pt/noticias/franceses-dominaram-o-grande-premio-do-olympia 17/07/2013)
830	103	sofrer	O verdadeiro significado real da Páscoa é a ressurreição daquele que deu a vida por nós, que sofreu um sofrimento que era nosso Jesus. (http://pt.toluna.com/opinions/1216006/Qual-verdadeiro-significado-Pascoa.htm 24/09/2013)
831			Ao ser atingida pelo referido golpe na perna, desferido pelo arguido B... a ... sofreu um sofrimento que lhe causou dores e desconforto. (http://www.dgsi.pt/jtrc.nsf/8fe0e606d8f56b22802576c0005637dc/577c0c57f2d2ef6880257a240032b476?OpenDocument 24/09/2013)
832			Menos não seria de esperar se quisesse conquistar uma mulher que já muito sofreu . Um sofrimento , inesperadamente, repartido pelos dois. (http://aolerolivro.blogspot.pt/2009_05_01_archive.html 24/09/2013)
833			Não, o Douro guarda, o Douro diz nos seus redemoinhos que não esquece, que quer estar sempre connosco, que quer partilhar tudo o que partilhamos com ele. Sinto que o Douro sofre um sofrimento doce, é qualquer coisa de imperceptível, parece aquele sabor que fica na boca quando se bebe um "porto" de verdade, um "porto" que viajou de rabelo no seu leito! (http://caminheirosdemerda.blogs.sapo.pt/18834.html 24/09/2013)

834		Depois da cena inútil da caneta pousada sobre a mesa/ em que a mão sente que sofre um sofrimento / que não é de ninguém/ um milagre acende o gesto que se perde na distância de um "lá" que ninguém olha,/maravilhosa palavra com que saio do poema. (Rosa Alice Branco, http://portugalpoetico.blogspot.pt/2009/08/mao-feliz.html 24/09/2013)
835		A pedido de várias famílias, sendo que acabou por ser apenas uma, uma família... mas uma família que sofre um sofrimento mudo, amordaçada pela canga cega do fado triste, dilacerada por esse assassino silencioso e pernicioso e folicoloso (!?) que é o álcool... e a quem mando um beijinho bem repenicado (!), segue infra o tão famoso [bocejo demorado] artigo de opinião do Mário Crespo que o não seria se tivesse sido (publicado) - digo eu. (http://laquadriha.blogspot.pt/2010/02/pedido-de-varias-uma-foi-so-uma.html 24/09/2013)
836		A Esmeralda tinha pai e a juíza descobriu-lhe outro. Que ela não quer e que lhe querem impingir. É pequenina e sofre um sofrimento que nem os adultos merecem. Porque a justiça é cega, estúpida e não gosta de crianças. (http://www.barlavento.pt/index.php/noticia?id=23364 24/09/2013)
837		E para a doce e terna Maria aqui vai o meu sentir tão idêntico e verdadeiro. "Só quem sofre um sofrimento assim poderá entender"..... (http://euaosbocados.blogspot.pt/2008/04/se-querem-entender-o-tipo-de-pessoa-que.html 24/09/2013)
838		Kem vive na solidão sofre ... Um sofrimento , longe e destruidor!! K mts x deixa marcas tão profundas, k transforma as pessoas!!! (http://olhares.sapo.pt/-aberto-ate-de-madrugada-foto685801.html 24/09/2013)
839		Quando a dor já não se aguenta na alma, o corpo sofre esse sofrimento . Ferido, cortado, dorido. Talvez a dor física atenua o aperto cá dentro. (http://ameninalamparina.blogspot.pt/2011/07/dos-lugares.html 24/09/2013)
840		Basicamente, existem três tipos de sofrimento nas áreas do Purgatório. Um deles é físico, e pode ser tão intenso como o fogo do inferno. Essa é a área mais baixa. Junto com este fogo físico está o sentimento de desolação e solidão extrema. Quando a alma avança para o próximo nível, não sofre esse sofrimento fisicamente mas um abandono emocional, e junto com isso, o sofrimento espiritual de estar separada de Deus. (http://emtudoavontadedeus.blogs.sapo.pt/tag/c%C3%A9u 24/09/2013)
841		Tive muitas paixões, já sofri aquele sofrimento bom da adolescência. (http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/musica/alexandre-pires-povo-quer-alegria-amor-e-beijo-na-boca 24/09/2013)
842		E, de repente, eu começo a sofrer um sofrimento que não é meu, é do menino. Fico fora de mim. Estou no corpo do menino. Sofro com ele. (http://terrear.blogspot.pt/search?q=sofrer+um+sofrimento 24/09/2013)
843		Mas se o amor nos traz momentos únicos de felicidade, também nos pode fazer sofrer . Um sofrimento que se instala no coração como um hóspede indesejado. (Amar depois de Amar-te, Fátima Lopes, http://www.esferadoslivros.pt/livros.php?id_li=%2028 24/09/2013)
844		Sofrer de amor é só sofrer , um sofrimento interior, aniquilante. Amar é antes empolgação, a arte de viver a dois na maior harmonia. (http://comunidade.sol.pt/blogs/vaniaxsantos/default.aspx 24/09/2013)
845		... ninguém está preparado para perder uma pessoa que ama mas sei que tens de ir... estás a sofrer ... um sofrimento sem medida... eu sei... (http://lagrimatua.blogs.sapo.pt/2007/06/ 24/09/2013)

846			Muitos deles, estão, contudo, a sofrer . Um sofrimento real e profundo. (http://static.publico.pt/pesoamedida/noticia.aspx?id=1569672&idCanal=548224/09/2013)
656	71	sorrir	... pois são Portugueses como todos nós e apesar das dificuldades e de serem "Diferentes" conseguem sorrir com um sorriso puro, inocente e ... (http://mondimtv.blogspot.pt/2011/09/ser-especial.html 26/04/2012)
657			Fazia-o sorrir com um sorriso aberto. (www.asa.pt/s_leitura/leitura_download/o-deus-pequenas-coisas.pdf 26/04/2012)
658			Foi a vez dele sorrir . Um sorriso confuso. (www.lendarium.org/narrative/lenda-das-amendoeiras-em-flor-4/ 26/04/2012)
659			Todos os dias ele ficava parado no fim dessa estradinha a sorrir um sorriso congelado e a apanhar neve na cabeça. (http://www.pegarinhos.com.pt/news/o-homem-da-bola-de-vidro-cortada-ao-meio/ 26/04/2012)
660			... aqueles 5 "putos" sem qualquer experiência de estúdio a tentar gravar 2 canções e sorria um sorriso muito terno, muito "pai". (www.museudoboom.com.br/single-005.html 26/04/2012)
661			«A felicidade de rever a mãe e o irmão foi grande, claro, mas nem por isso se me permitiu descanso, ou comida, ou um banho que não tomava completo e quente há mais de três anos. Sorriu um sorriso largo e depois caminhou de novo para a porta.» (David Machado, "Deixem Falar as Pedras", D. Quixote, Março 2011, p.111)
662	72	suspirar	Já provavelmente sentindo o açúcar a nadar-lhe pelas veias, o padre Antonino deixou-se cair para trás, suspirou um suspiro ensonado de satisfação pecaminosa e coçou a barriga. (http://adolescente-pseudo-tudo.blogspot.sapo.pt/tag/jesus 16/07/2013)
663			Ele suspirou um suspiro profundo e cheio de significado e disse: - Feliz ano novo, mulher da minha vida! (http://clubedospoetasmortos.blogspot.sapo.pt/4671.html 16/07/2013)
664			Ela fechou os olhos e suspirou , um suspiro quase imperceptível. As luzes de Oia continuavam por acender, um capricho seu, mas isso agora ... (http://www.pnetliteratura.pt/default.asp 16/07/2013)
665			Sentou-se ao lado dele e colocou uma mascara em latex de um tipo com um farfalhado bigode e suspirou um suspiro nostálgico... (http://www.euromilhoes.com/forum/comunidade-euromilhoes-com/2980-teoria-da-conspira%E7%E3o-13.html 17/07/2013)
666			Eu posso sentir, posso sentir os meus nervos se regozijando, minha penugem se arrepiando, e meus lábios a suspirar o suspiro do leite e da beleza que me tocam, profundamente, o espírito. (http://corvocorreio.blogspot.pt/2012/07/the-living-sculptures-of-permberley.html 17/07/2013)
667			Ó minha mãe, nós, que moramos numa estrela órfã - acabamos de suspirar o suspiro dos que foram atirados para a morte - quantas vezes cede sob os teus passos e areia e te deixa sozinha (http://luz-clepsidra.blogspot.pt/2013/04/em-segredo.html 17/07/2013)

668			As nuvens estão escuras e a aglutinação de inércia força-me a suspirar o suspiro da desesperança cravada de esperança... (http://dantesempiterno.blogspot.pt/2008/04/poesia-feita-unicamente-de-furtos-e.html?zx=a833decbf60c48e 17/07/2013)
669			Suspirar o suspiro dos apaixonados, anestesiados, que pensam que estão sonhando (http://pensoideias.blogspot.pt/2010_03_01_archive.html 17/07/2013)
670			Suspirei o suspiro dos amantes e deixei-me embalar pelo canto daquele rouxinol como se fora eu a sua amada. (http://contosversosereversos.blogspot.pt/ 17/07/2013)
671			Hoje eu vi aquele arco-íris no céu da minha cidade. E suspirei um suspiro sem fim (http://sitedepoesias.com/poesias/80412 17/07/2013)
672			Eu suspirei um suspiro muito suave. (http://cantinhoglaucia.blogspot.pt/2011/06/querido-jake13.html 17/07/2013)
673			Beijei seus cílios e suspirei um suspiro sem fôlego de ar engolido pra dentro do peito. (http://medzamatisse.blogspot.pt/2009/05/lostanatomia.html 17/07/2013)
674			Suspirei . Um suspiro de contentamento, de descontração. Um daqueles suspiros que se costumam libertar depois de um banho quente, num dia de inverno ... (http://sm-portugal.coolbb.net/t5049p260-angelical 17/07/2013)
675			Ela suspirou profundamente aquele suspiro que ele sabia significar: «Odeio que descalces os sapatos na cozinha» (http://revistas.ulusofona.pt/index.php/babilonia/article/view/1925 17/07/2013)
676			Acendeu outro cigarro e suspirou , um suspiro escondido, quase arrependido... (http://onelaststand.blogs.sapo.pt/17/07/2013)
677			<i>par=ext74576-nd-95b-2</i> : O homem sorri um sorriso amplíssimo: (05/07/2013)
678			<i>par=ext243865-pol-98b-2</i> : Quando lhe perguntamos se gostava de voltar atrás no tempo, fica espantada, abana a cabeça, sorri um sorriso de dentes de ouro, que é um sorriso tão comum na Rússia pobre como o pão escuro na mesa, e responde: (05/07/2013)
679	73	trabalhar	Desculpe-me a correcção, mas Luíz Pacheco trabalhou! Um trabalho intelectual. Optou por uma criatividade que neste país é muito mal paga. (http://blasfemias.net/2008/09/26/re-re-da-manipulacao/ 17/07/2013)
680			A maternidade é um trabalho de tempo integral. Quem tem ou teve seus próprios filhos pode atestar isso. Muitas mulheres com crianças gastam seu dinheiro e tempo em seus filhos, e neste dia e idade, a maioria das mães trabalha um trabalho fora de casa para sustentar a família. (http://www.eltorreon.com/trabalho-solteiros-ou-casados-maes-podem-voltar-para-escola-atraves-do-programa-de-bolsas-do-obama.html 23/07/2013)
681			Uma pessoa, que trabalha um trabalho agitado, pode encontrar-se incapaz de lidar com o estresse no trabalho. (http://centrodeartigos.com/saude/artigo-827.html 23/07/2013)
682			Se uma pessoa trabalha um trabalho muito estressante, é provável que eles vão desenvolver hipertensão. (http://textozone.com/bemestar/saude-artigos-1519.html 23/07/2013)

	74	tossir	O médico disse-me: 'Parece que você tossiu o seu cancro . Parabéns! Eu estava incrédula, um ataque de tosse salvou-me a vida", confessou ao jornal "Mirror". (www.jn.pt/PaginaInicial/Mundo/MundoInsolito/Interior.aspx?...id... 03/04/2012)
683			
684			Por quê? O Sr. Hopkinson tossiu , uma tosse seca. — Não teve nenhum... digamos, desentendimento com sua tia, Sr. Ridgeway? — murmurou. (www.forumfantastik.net/forum/threads/128500-Romances.../page549 03/04/2012)
685			Tossiu uma tosse engasgada e comprida pelo que pareceu uma hora, e tomou um gole de uma bebida impossível de identificar. (http://aperteoalt.blogspot.pt/2009/08/senha_10.html 23/07/2013)
686			O homem ao seu lado tossiu , uma tosse ruidosa, pesada, doente e ele foi arrancado de seus devaneios. (http://forgottengroup.blogspot.pt/2009/07/extincao-1-gritos-afonos_08.html 23/07/2013)
755			Quando lhe perguntei como ia a sua terrível doença, no final da conversa, ele disse-me: "Silêncio Absoluto o doutor deu-me uma semana de repouso" e aí tossiu uma tosse "cagalhoeira" (como se dizia na terra da minha avó) e enrrouqueceu durante 10 segundos... (http://criticomusical.blogspot.pt/2010_02_01_archive.html 15/09/2013)
756			Ele então tossiu . Uma tosse rouca e áspera que fez o seu peito estremecer. Will e Horace trocaram olhares tris- tes. Perceberam que Glendyss não ia viver muito. (ftp://81.193.246.194/cbver/EBOOKS_PT-BR/PDF/Ponte%20em%20Chamas%20-%20John%20Flanagan.pdf 15/09/2013)
757			... diagnosticado asma. o que eu gostava de lhe perguntar era: quando elas sem mais nem menos mesmo a dormir começam a tossir uma tosse seca e seguida ... (http://www.paraquenaolhefalteoar.com/faq.php?secl=1 15/09/2013)
758			Pois é... esta noite não dormi. Literalmente. O Miguel teve toda, toda a noite a tossir ! Uma tosse seca, da garganta, sem especturação, apenas ranhoca. (http://foruns.pinkblue.com/archive/index.php/t-54235.html 15/09/2013)
759			A Mafalda esteve 2 horas a tossir , uma tosse que assobia e dói só de ouvir. Foi um adormecer atribulado, e com uma ponta de febre. (http://osdiasuteis.blogs.sapo.pt/2006/02/05/ 15/09/2013)
760			Esta noite a minha filha esteve sempre a tossir ...uma tosse seca, irritativa e que doi, só de ouvir. O que é que aí vem agora? Nunca mais chega ... (http://osdiasuteis.blogs.sapo.pt/2005/03/10/ 15/09/2013)
761			Espero que tenham passado uma noite melhor do que a nossa... O Calvin passou a noite a tossir (uma tosse horrível, seca) e vomitou... (http://arcadenoe.sapo.pt/forum/viewtopic.php?p=181291 15/09/2013)
762			Eu estou em casa, pelo menos hj e amanhã c a Laura q está doentinha Triste , passou a noite toda de sabado p domingo a tossir , uma tosse seca q n parava. (http://demaeparamae.pt/forum/cantinho-amor-eterno-comeco-sonho?page=5 15/09/2013)

763			... que se formou em filosofia e defendia teorias bem próximas de Epicuro, que andava a tossir uma tosse cavada que o deixava quase sem ar. (http://constantinogvacas.blogspot.pt/2012_12_01_archive.html 15/09/2013)
764			Eu tive um professor de estatística que não conseguia passar 2 minutos sem tossir uma tosse seca. Mesmo antes da aula e logo a seguir à aula, lá estava ele no vício da chucha. (http://www.forum-maximus.net/viewtopic.php?f=37&t=3457265&start=30 15/09/2013)
765			Tossi , uma tosse amarga, uma tosse dolorosa. Percebi que aquilo tudo era muito triste e resolvi parar de pensar, passei a mão pelo rosto, tapei a vista, respirei ... (http://www.tumblr.com/explore 15/09/2013)
766			E tossi, último tiro do último cartucho do cobói solitário: tossi a tosse dos asmáticos, recuperei uma voz fraca de falar. – Tou melhor, obrigado ... (http://www.pnetliteratura.pt/15/09/2013)
767			O meu amigo chegou á janella, e tossiu a tosse especial dos namorados de 1826, que era uma tosse secca, como a do ultimo periodo da ... (Camilo Castelo Branco, Cenas da Foz, Porto, Casa de Cruz Coutinho Editor, 1857. http://oqueeuandei.blogspot.pt/2011/10/janela-de-camilo.html 15/09/2013)
687	75	trovejar	De repente, começou a trovejar . Trovões de medo, de escuro, piores do que toda a tristeza e angústia que ela, sem saber porquê, sentia. (http://pequeno-almoco.blogspot.pt/2009/01/love-im-searching-for.html 17/07/2013)
688	76	vencer	Eric venceu uma vitória decisiva na batalha que aconteceu na planície de Fyris, perto da Antiga Uppsala (in <i>os Viking história de uma fascinante civilização</i> de Johannes Brondsed, editora Hemus, tradução para português de Mercedes Frigolla e Claudete Agua de Melo)
689			Na Liga Europa nesta temporada, o Inter nunca venceu uma vitória em casa, com um recorde de dois empates e uma derrota (www.goltvaovivo.net/assistir-inter-v-partizan-ao-vivo-15h00-europa-lea... 03/07/2013)
690			Alguns meses atrás, após a morte de seu marido, Cristina Fernández de Kirchner venceu uma vitória eleitoral esmagadora garante mais quatro anos no cargo. http://textozone.com/conteudo/artigo-7011.html 03/07/2013)
691			O PAIGC (Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde) venceu uma vitória esmagadora nestas eleições com 67 dos 100 assentos do Parlamento. http://www.portalangop.co.ao/motix/pt_pt/noticias/africa/2008/10/48/adverte-contra-tentativa-golpe-Estado,981297ea-05e0-40b1-9a4f-7326a88999f7.html 03/07/2013)
692	77	ver	Mergulhei no futuro, tão longe quanto os olhos humanos conseguem ver; vi a visão do mundo, e toda a maravilha que podia ser. Alfred Lord Tennyson (http://www.eb1-cedoes.rcts.pt/trbs/sistema%20solar.pdf 17/07/2013)

Regência, transitividade e intransitividade: noções e critérios
Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE

693			também eu em um dia cheguei a casa e comecei a ver espuma de sofás por todo o corredor, quando me aproximei da sala vi a visão do inferno... (http://arcadenoe.sapo.pt/forum/viewtopic.php?p=289036 17/07/2013)
694			Para ser sincero nunca vi uma visão à posteriori. Isso não são passos de uma evolução estudada e planificada, é uma sucessão de factos reais (a veracidade de uns, ou a importância de outros não está provada). (http://serbenfiquista.com/forum/index.php?topic=22376.545;wa 17/07/2013)
695			Não vi uma visão estratégica sobre o que fazer no futuro. E é disso, mais do que tudo, que precisamos. (http://www.cousasliberaes.com/2011/10/indignados.html 17/07/2013)
696			... comecei a explorar a ilha fui entrando no meio da selva até que bati em um tipo de montanha, para ver melhor como era a ilha, quando subi no topo da montanha eu vi uma visão linda: A ilha era uma enorme floresta... (http://onepiece-rpg.forumeiros.com.pt/t76-silver-naufragado 17/07/2013)
697			...quando senti um toque do lado de fora, olhei para trás e vi uma visão preocupante... um Kart voando na minha direcção (http://just4fun.no.sapo.pt/rep-batalha05-02-2005.htm 17/07/2013)
698	78	viver	Vivi a vida que tinha de viver. O rock'n'roll cumpre-se no fio da navalha. (http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/outros/domingo/ze-pedro-vivi-uma-vida-de-rocker-e-sobrevivi 17/07/2013)
699			Não é necessário viver uma vida de excessos para ser um rocker, mas eu vivi e sobrevivi., Zé Pedro (http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/outros/domingo/ze-pedro-vivi-uma-vida-de-rocker-e-sobrevivi 17/07/2013)
700			Saio do carro exausto e sonâmbulo. Vivi a vida inteira. (http://multipessoa.net/labirinto/bernardo-soares/18 17/07/2013)
701			Aos 74 anos já vivi uma vida cheia de tudo: de bom e de mau”, Simone de Oliveira (http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/lazer/tv--media/aos-74-anos-ja-vivi-uma-vida-cheia-de-tudo-de-bom-e-de-mau-com-video 17/07/2013)
702			No fundo vivi uma vida que não era nem minha nem para mim. Mais tarde acabei por descobrir isso. (http://virginiasoares.blogs.sapo.pt/5241.html 17/07/2013)
703			Durante anos vivi uma vida cheia de "sonhos", pensando que a vida era viver e deixar viver (http://www.aportugal.org/index.php?option=com_content&task=view&id=205&Itemid=14417/07/2013)
704			«Já vivi esta vida uma vez. Não seria interessante fazer o mesmo de novo. Preferiria viver uma vida completamente diferente», disse Nobuko . (http://mulher_dos_7oficios.blogs.sapo.pt/2012/06/?page=2 17/07/2013)

705			Entre mim e a vida houve sempre vidros foscos: não soube deles pela vista, nem pelo tacto; nem a vivi essa vida ou esse plano, fui o devaneio do que quis ser, o meu sonho começou na minha vontade, o meu propósito foi sempre a primeira ficção do que nunca fui., Bernardo Soares (http://arquivopessoa.net/textos/1576 17/07/2013)
706			Eu vivi essa vida , esse tempo. Esse tempo foi antontem., Joel Neto, (http://www.joelneto.com/289485.html 17/07/2013)
707			Em Lx vivi aquela vida de trabalho-casa, casa-trabalho, sempre a pensar nas férias e na namorada q só via ao fim de semana em Estremoz. (https://www.google.pt/#cr=countryPT&tbs=ctr:countryPT&scient=psy-ab&q=%22vivi+aquela+vida%22&oq=%22vivi+aquela+vida%22&gs_l=serp.3...77951.79846.1.82302.6.6.0.0.0.0.174.685.3j3.6.0...0.0..1c.1.20.serp.63uNsh3EHrg&psj=1&bav=on.2,or.r_cp.r_qf.&fp=35e42e1fa81a8c45&biw=1366&bih=635&bvm=pv.xjs.s.en_US.QXiTEk6XjhM.O17/07/2013)
708			É melhor não entrar nessa, pois ninguém compreende o que foi aquela vida tanto no muceque como no asfalto, bem como na sanzala como no chamado "mato", porque quem não viveu aquela vida pensa logo que são "estórias da carochinha". (http://casadeluanda.blogspot.pt/2008/10/quem-partiu-em-1975-e-nunca-mais-voltou.html 17/07/2013)
709			num livro escrito pela pessoa que viveu aquela vida marada, acabou por tornar-se bom porque entendem-se muitas cenas apenas no fim. (http://casadeluanda.blogspot.pt/2008/10/quem-partiu-em-1975-e-nunca-mais-voltou.html 17/07/2013)
710			Mais uma gravura que nos mostra o muito que eu pessoalmente admiro ,ou não fosse eu um dos muitos pescadores que viveu esta vida ... (http://caxinas-a-freguesia.blogs.sapo.pt/262621.html 17/07/2013)
711			O meu filho mais velho está em Economia, viveu esta vida aventureira, também, a saltar de sítio para sítio, foi um excelente jogador ... (http://anabelamotaribeiro.pt/2013/05/12/ 17/07/2013)
712			Jornalista de outros tempos, viveu esta vida com a paixão única de quem escolheu percorrer os caminhos de uma vocação. (http://www.conversasdabola.com/2012/11/jorge-jesus-nao-tem-duvidas-mas-vai.html 17/07/2013)
713			Nós já não conhecemos boémios em Lisboa, já não vivemos aquela vida de boémia artística de que ainda falam alguns actores... (http://liceu-aristotelico.blogspot.pt/2011/10/uma-mensagem-de-ociosidade-e-abundancia.html 17/07/2013)
714	79	voar	Um piloto com o nome de Carolyn Casico voou um vôo charter para Turk Island. (http://curiosidadesocultas.blogspot.pt/2012/02/o-triangulo-das-bermudas_22.html 05/07/2013)
715			O tempo voou um voo maravilhoso e hoje eu e @EstherKtenas fazemos um ano de casados! (https://twitter.com/andersonsom 05/07/2013)
716			Está na hora....o nosso "estagiário eterno" criou asas e voou ...um voo longo, para outras paragens, qual ave migratória à procura do calor. (http://darlings-dar.blogspot.pt/2007_09_01_archive.html 05/07/2013)
717			E o pássaro voou , voou um voo cego em plena escuridão, como se a noite fosse dia, como se o sol brilhasse em sua plenitude (http://kiluafox.tumblr.com/ 05/07/2013)

Regência, transitividade e intransitividade: noções e critérios
Uma abordagem sintática dos verbos com objetos cognatos em PE

718		A ave voou , um voou de liberdade, harmonioso, suas asas em um ritmo admirável e eu fechei minha janela (http://inconsequenciascasuais.wordpress.com/2011/05/21/do-lado-de-dentro/05/07/2013)
719		Uma garça branca e suja voou um voou preguiçoso. (http://omirantenoticias.blogspot.pt/2012/06/princesa-de-interlagos.html 05/07/2013)
720		E voou um voou estranho, sem o bater de asas, sem sequer abri-las, passou por mim flutuando. (http://blogdoding.blogspot.pt/2011/12/o-natal.html 05/07/2013)
721		O treinador voou um grande voou . (In Jornal <i>A bola</i> , 13 de maio de 2013)